

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

Reginaldo Ramos de Britto

Revermemorar Imagens e Aparições de Um Corpo Negro: travessias de um professor de matemática. Ou, como conjurar a Educação Financeira Capitalista?

Juiz de Fora
2025

Reginaldo Ramos de Britto

Revermemorar Imagens e Aparições de Um Corpo Negro: travessias de um professor de matemática. Ou, como conjurar a Educação Financeira Capitalista?

Tese ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientador/a: Dra. Sônia Maria Clareto

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Britto, Reginaldo Ramos de .

Reveremorar Imagens e Aparições de Um Corpo Negro: travessias de um professor de matemática. Ou, como conjurar a Educação Financeira Capitalista? / Reginaldo Ramos de Britto. -- 2025.

290 p. : il.

Orientador: Sônia Maria Clareto

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Reveremoração . 2. Corpo negro. 3. Sala de aula de matemática. 4. Educação antirracista. 5. Educação Matemática Crítica. I. Clareto, Sônia Maria , orient. II. Título.

Reginaldo Ramos de Britto

Reveremorar Imagens e Aparições de um Corpo Negro: travessias de um professor de matemática. Ou, como conjurar a Educação Financeira Capitalista?

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 17 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sônia Maria Clareto - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Giovani Cammarota Gomes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Tarcísio Moreira Mendes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Renato Nogueira dos Santos Junior
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dr. Vanísio Luiz da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso

Juiz de Fora, 03/07/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria Clareto, Professor(a)**, em 07/07/2025, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tarcisio Moreira Mendes, Usuário Externo**, em 10/07/2025, às 10:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovani Cammarota Gomes, Professor(a)**, em 10/07/2025, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanisio Luiz da Silva, Usuário Externo**, em 28/07/2025, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RENATO NOGUEIRA DOS SANTOS JUNIOR, Usuário Externo**, em 06/08/2025, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2481887** e o código CRC **D0ECAC2B**.

Dedico este trabalho ao meu pai, Ary, e à minha mãe, Nair; aos meus avós e ancestrais, cuja trajetória moldou a minha; às minhas filhas, Nairara e Rafalea, as quais são minha maior inspiração; à minha esposa, Cristiane, companheira incansável; e à minha neta, Isis, símbolo do futuro e da esperança. Expresso também minha gratidão aos meus queridos irmãos e irmãs, que sempre estiveram ao meu lado, e a todos os alunos que fizeram parte da minha jornada como professor de matemática, pois cada ensinamento compartilhado foi, para mim, um aprendizado.

O sentir é a comunicação original com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o modo de presença na totalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não é si mesmo por derivação ou, progressivamente, por etapas. Ele é de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outros, na atualidade do mundo. O sentir é a correspondência a essa presença [...]. Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. Ele é o mundo. (Boulaga, apud Sodré, 2021,p.106)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão à minha família, aos meus pais, à minha orientadora, à banca examinadora, aos colegas e amigos do Travessia Grupo de Pesquisa, à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e à cidade de Juiz de Fora. Muito obrigado a todos que contribuíram para esta jornada.

RESUMO

Resumo é sempre uma força de poder pretensiosa e panóptica, que intenta por controle uma diversidade, uma multiplicidade de ideias, desejos, sentidos, afetos, escritas, conceitos, procedimentos e, sobretudo neste trabalho, de memórias. Parece, então, dizer de uma narrativa linear, hierarquizada e controlada. Sobre o resumo se impõe a vontade que ele dê conta. Certamente estas proposições se relacionam a algumas das adjetivações possíveis afetas ao que se tem por resumo, mas talvez estas não sejam as únicas. E, seja como for, segue aqui o esforço de meu resumo: desde o mestrado (2012) quando me ocupei em realizar Análise Crítica de Discursos sobre os documentos das Estratégias Nacionais de Educação Financeira (OCDE), me coloquei na tarefa de construir uma proposta para tratar nas minhas salas de aula de matemática, que fosse crítica do capitalismo e da financeirização. Desejava constituir uma estratégia pedagógica que se traduzisse a partir de um experimento em economia solidária: uma Educação Financeira Crítica e Solidária. Mas, sendo um corpo negro professor de matemática, ao mesmo tempo, em que se ocupava com a crítica e o combate a um modo de produção capitalista, tornava-se negro. Foi, então, inevitável que o contexto das relações raciais ou de uma educação para as relações étnico-raciais, confluísse junto ao campo de interesse de meus estudos críticos sobre o capitalismo. Chegamos, assim, a uma das ideias centrais desta tese: o capitalismo e o racismo são postos em movimento por duas metodologias: a da esteira e a do espelho. Os corpos negros são transformados e tomados por mercadorias, desde o empreendimento colonial. Elas, as metodologias, operam pela produção da inferioridade (a partir de instituições): a primeira se dedica a manter os corpos negros como as mercadorias mais baratas dos mercados; e a segunda, ocupa-se em reificar narrativas, algumas delas religiosas (cristãs), de sua, social e ideologicamente construída, inferioridade. Esta tese é, ao mesmo tempo, narrativa e elaboração rizomática, sobre a trajetória e as experimentações com um Grupo de Pesquisas Sociais (GPS), com alunos na educação básica: um modo de combate ao racismo e aos efeitos do capitalismo. É assim que esta tese se dedica, na verdade, confluuiu-se, a elaboração da ideia de que: corpos negros são contra-mercadorias; que se produzem

potentes como obras de arte, adquirem uma aura (a moldura); circulam, gerando espaços de bens e trocas simbólicas, e valorizam-se como imagens e corpos. Esta foi a estratégia para estranhar ao modo de produção capitalista (ao mesmo tempo, em que combate o racismo) elaborada pelos encontros, afetos produzidos e trocados, que se realizaram ao longo da trajetória de Abana, este corpo negro professor de matemática. E aqui, a revememoração é assim a mais importante operação deste contra-mercado capitalista (espaços de bens e trocas simbólicas da trajetória de Abana. Se inspira por um desarraigamento aos imperativos do método e do cálculo próprios de uma aula de matemática, que opera por uma incerta tradição. É modo de reverenciar a ancestralidade de Abana. Desde o corpo negro pequeno apneico, até o corpo negro professor de matemática.

Palavras-chave: Corpo negro. Revememoração. Educação antirracista. Educação matemática crítica. Sala de aula de matemática.

ABSTRACT

A summary is always a pretentious and panoptic force of power that seeks to control a diversity, a multiplicity of ideas, desires, meanings, affections, writings, concepts, procedures, and, above all in this work, memories. It seems, therefore, to convey a linear, hierarchical, and controlled narrative. The summary is imposed with the expectation that it will account for everything. Certainly, these propositions relate to some possible adjectives associated with what is considered a summary, but perhaps they are not the only ones. And, in any case, here follows the effort of my summary:

Since my master's degree (2012), when I was engaged in Critical Discourse Analysis of documents from the National Strategies for Financial Education (OECD), I took on the task of constructing a proposal for addressing financial education in my mathematics classrooms in a way that critically examined capitalism and financialization. I sought to develop a pedagogical strategy derived from an experiment in solidarity economy: a Critical and Solidarity Financial Education. However, being a Black body and a mathematics teacher, while engaged in criticism and opposition to the capitalist mode of production, I became Black. It was, therefore, inevitable that the context of racial relations or an education for ethnic-racial relations converged with my critical studies on capitalism.

Thus, we arrive at one of the central ideas of this thesis: capitalism and racism are driven by two methodologies—the treadmill and the mirror. Black bodies have been transformed into commodities since colonial enterprises. These methodologies operate in the production of inferiority through institutions: the first focuses on maintaining Black bodies as the cheapest commodities in the markets, while the second works to reify narratives—some of them religious (Christian)—of their socially and ideologically constructed inferiority.

This thesis is simultaneously a narrative and a rhizomatic elaboration on the trajectory and experiments with a Social Research Group (GPS) composed of basic education students—a strategy to combat racism and the effects of capitalism. Thus, this thesis

dedicates itself, or rather converges, to the development of the idea that black bodies are counter-commodities. They are produced as powerful works of art, acquire an aura (the frame), circulate, generate spaces for goods and symbolic exchanges, and gain value as images and bodies.

This was the strategy for unsettling the capitalist mode of production (while also combating racism), developed through encounters, affections produced and exchanged along the trajectory of Abana, this Black mathematics teacher. Here, rememoration becomes the most significant operation of this counter-market capitalist space—spaces for goods and symbolic exchanges along Abana's trajectory. It is inspired by a detachment from the imperatives of method and calculation typical of mathematics lessons, which operate through an uncertain tradition. It is a way of honoring Abana's ancestry—from the small, apneic Black body to the Black mathematics teacher.

Keywords: Black body. Rememoration. Anti-racist education. Critical mathematics education. Mathematics classroom.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSM	Circunscrição do Serviço Militar
EBTS	Espaço de Bens e Trocas Simbólicas
GPS	Grupo de Pesquisas Sociais
MBTS	Mercado de Bens e Trocas Simbólicas
MPC	Modo de Produção Capitalista
MR	Modo de Regulação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
RA	Regime de Acumulação
TG	Tiro de Guerra
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNESP	Universidade Estadual Paulista



“Ki Òrisá ya’ nà ‘re ko ni o.”

Enegrecimento e Imagens Autoreverse
Ou, como se pode conjurar a Educação
Financeira Capitalista?

Aparições, Imagens e Enegrecimento
Jequitibá

“Que Òrìsà crie para nós uma boa obra de arte.”¹ (Beniste,2021, p.53)

Etnomatemática e Educação Matemática Crítica



¹Em atravessamentos múltiplos, vou compor com a intertextualidade, nas linguagens escritas e imagéticas, sentidos com experimentações nos “limítrofes”, no ensaio da arte (escrita enegrecida) sendo **vida**, potência de vida. A palavra **Òjìjì** é Iorubá e significa **sombra**. Ela compõe no **intertexto** com as **imagens** que ali estão. Nesta **fundamentação da imagem**, há matemática; um modo **de vida (potência)** de uma comunidade tradicional quilombola; pesquisadores (as), alunos da educação básica de um grupo de pesquisa; há a potência de vida representada pela sombra e a mão do turmeiro. A figura no turmeiro, no contexto da comunidade da Colônia do paiol (Bias Forte MG), é aquele responsável pela contratação de trabalhadores, para o serviço de capina em áreas da região, mas também em São Paulo e Rio de Janeiro. **Fundamentação da imagem**: o que vejo, ao olhar, tanto o físico a compor encenar-se na imagem, quanto ao que ela dá a pensar, memória e imaginação. Ao longo da minha trajetória como professor de matemática na educação básica, na experimentação com os *Cenários para Investigação* em Educação Matemática, no **Grupo de Pesquisas Sociais** (GPS), nos experimentos chamados de **Mídia e Racismo**, compunha o que penso hoje ser a fundamentação da imagem (em sua aparição) chamando, então, de **entorno** da foto. Já naquelas experimentações estava bastante lúcida a incapacidade, nossa de dizer o que se vê, no contexto da foto, embora eu já recorresse à linguística para definir o **entorno**, por uma qualificação aproximada aos dos *Contextos linguísticos*, em que pese seu poder imperativo a prescrever-nos “como devermos ver determinada situação (Van Dijk). Eu compunha então a ideia de **entorno**, reconhecendo-o como um processo que se institui dentro de uma relação de alteridade entre o poder e a intencionalidade prescritiva de quem produziu a foto (tratava de fotos veiculadas em jornais e revistas) e o poder discricionário, astúcias certeunianas, de quem lê o “texto” de uma imagem.

Pretensão afásica de sentido, na produção de um enunciado, assim como o autor, é natimorta, nos faz lembrar Foucault. **Aparição** por sua vez não é algo da dimensão da imagem em si, (é um processo subjetivo de produção de sentido) não existe tal coisa como imagem em si. A **Aparição** se dá não apenas ao sabor do olhar. Porque o olhar pode muitas vezes representar apenas o processo primeiro, nem necessário nem suficiente (para brincar com a matemática) porque pode acontecer sem o auxílio, mecânico, da visão. Uma tékné. É que ao olhá-la se revisita e então ela, imagem, se encena, insinua, desconfia, desvela, reverte.... Talvez assim se possa dizer, de imagem **Autoreverse** e **aparição** serem duas dimensões de um mesmo processo que é **revememorar**, uma mistura de reverência e o ato de lembrar, um culto ao passado, aos antepassados.

Encarnação **E**conomia

Palavras **I**magens de ordem

A Escola **P**retextato que não tive

O ipê branco **E**ugenia Sabe **M**atemática

Dentro

Òjìjì **E**rosões de
Democracia **S**ignificante

Falta de **A**r **S**uicídio

Afinidade eletiva **D**iscurso sobre o **colonialismo**

Estratégias

èémí

Ilha deserta **C**enas **e**m **s**ombras

Colonialidade

Um oceano nos **s**epara

Legitimação

Memórias que me habitam

Formações
Discursivas

Já nos **matam** até mesmo **no útero**

História da **Matemática Negra** Africana

A Ordem do **Espaço** discurso

Medidas Matemática de Democracia

Táticas

Expertise

Super Homem

Exú e o mercado capitalista, conjurado

Fanon psicanálise negra

Acontecimento

**Ainda há tempo, um oceano nos
separa ...**

O Jequitibá **Enegrecimento** Quilombo da Serra

Interpretise Mídia e **Racismo**

Os **Ardis** das Imagens

Grupo de Pesquisas Sociais

Falta uma **As palavras e as coisas** Mulher negra

Rizoma Quilombo São José da Serra

Modelagem Social na **Sala de Aula** de Matemática

Grau de **visibilidade**

Cartas são sempre reveladoras

Potência do Falso

Colônia **LUGAR** do Paiol **ESPÇO**

Imagens Autoreverse

— Não prefiro que me xinguem

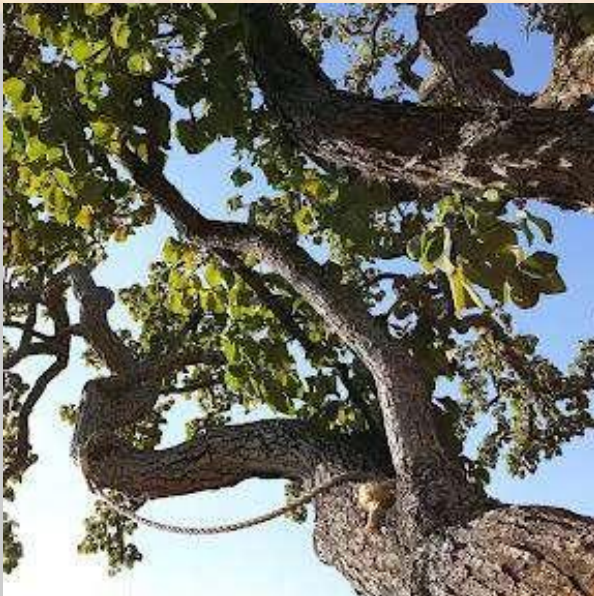
Cartografia

Não me deixam respirar

Peles negras dogmáticas **máscaras brancas**

Mercadoria Comodificação

Tentar alargar ao máximo esse movimento do pensar e da escrita ou de pensar/escrita. **Autoreverse**



**Enegrecimento e
imagens autoreverses,
relembrar.**

Parábola 1^a: “Toda árvore dá frutos. Quando deixa, pelos frutos, de alimentar ao corpo ou a um corpo mesmo assim, ainda pode produzir frutos que alimentam a escrita e a poesia a *Êmí* e ao *Ókan*” (05/01/2022) (17:48) Quarta-feira.

A pequezeira (Rizoma)

O pequi é um fruto típico do cerrado brasileiro. Seu nome científico é *Caryocar* e vem do Tupi, significando “**pele espinhenta**”. Eu aprendi desde muito cedo quando criança, lá em Bauru, no interior de São Paulo, o porquê do seu significado quando morde uma destas frutas. Minha mãe fazia licor de pequi e vez por outra ele era cozido junto com arroz. Embora seja típica do Cerrado, lá em Bauru, praticamente no quintal de casa, tinha e ainda está lá, uma destas árvores. Esta aqui em cima, na imagem. **Pele espinhenta**.... Que **corpo** pode se cobrir por uma pele com espinhos? Qual seria o sentido? **Impedir** o toque, **o afeto** a aproximação? **Ressentimento**? Seriam **frutos proibidos**? Talvez comê-los mesmo, fosse um ato de coragem? Ou mesmo um reconhecimento do seu valor, para alimentar a um corpo? Mas há uma **técnica** para comer pequis. Eu aprendi. Você deve apenas “arranhá-los” com os dentes e chupa-los. Não deve machucar a pele, apenas o suficiente para comê-los. Kant sabe bem disso, de técnica de ferir a pele sem que ela apodreça.

Os espinhos poderiam ser uma barreira criada, pela árvore, para afastar as pessoas, pois se sabendo um fruto que não se pode comer, isto talvez as afastasse. Ou poderia ser um recurso biológico de sobrevivência da espécie? **Não importa, não mais!** Há muito tempo não tenho encontro com um destes, embora elas permaneçam alimentado meu imaginário.

Mas devo dizer por fim que, esta técnica permite que nos livremos do “perigo” dos espinhos. E os pequis, assim, impõem um ritmo próprio a quem queira devorá-los. **Domesticam** a gula! Permitem experimentar com o sabor enquanto isso. Ter a pele espinhenta, proibida, enegrecida Mas que impõem um ritmo à vida, que é o seu próprio. É disso que se trata. Corpo Negro.

Imagem Autoreverse

Eu **trepei**³ nesta árvore muitas vezes durante a infância e sempre que **retorno** a Bauru, vou visitá-la. Ela já está **estéril**, embora **fértil** quanto ao que me pode provocar, e

²Sobre o sentido e emprego destas palavras: Na cultura Iorubá, **òkàn** se relaciona a uma “**dimensão espiritual** do ser” (Frias, 2019, p.106), a **consciência** e o **coração** físico também. *O intelecto, a emoção, a palavra e a ação do indivíduo devem caminhar no mesmo rumo, de modo sincrônico, e òkàn sintetiza tal noção.* (Idem) *Êmí* designa o pronome pessoal “eu”, o **ser espiritual** que habita ará. Também significa **vida, fôlego, espírito, alma, ser e sopro**: é o **princípio vital**, relacionado à **respiração**, mas não reduzido a ela. Por ocasião da morte se diz que *Êmí* se foi. (Idem).

³Não como uma “**macaca preta de carvão**...” Boneca (Avatar) Emília de Monteiro Lobato. Utilizei esta palavra para, no mais alto estilo contra significante, produzir uma “**imagem Autoreverse**” o duplo positivo da

talvez também a outros, (não) produz mais frutos. É uma testemunha de parte de meu passado, sonhos, confidente (eu converso com ela), temores talvez. Costumo dizer que minha relação com o - meu - passado, - e estou falando primeiro do sujeito -, sobretudo em Bauru, é muito intensa, digamos assim.

Com muita frequência eu tenho **sonhos** com uma das primeiras casas em que moramos lá. Desta casa me lembro de quase tudo, mas em especial, do **chão** do quintal. Ele **está** muito presente, **nas minhas memórias**... talvez porque fosse o lugar em que eu mais gostasse de passar (viver) o tempo brincando, **sozinho, imaginando**. Eu morei lá em Bauru, até os meus 16 anos, mais ou menos.

Deste período tenho **memórias** e inculcações, como as que todo mundo deve ter. Lembro que tinha **pesadelos** com muita frequência. Isto talvez ocorresse entre os 6 e 12 anos de idade. Sonhava com a tela de uma TV fora do ar, (**sentia falta de ar com muita frequência- sinto falta de ar com muita frequência-**) ao mesmo tempo em que escutava muitos **trovões**, acordava **chorando**. Também era **sonâmbulo**⁴... A **psiquiatria contemporânea diz que sofro de pânico**. É assim que ela justifica as minhas súbitas dores no peito e falta de ar. Eu tendo a acreditar, mas acho que isso tem a ver com sensibilidade, compaixão, dor da vida, ancestralidade.

Nos segredos da escrita todo gradiente irá mapear as imagens autoreverses.

Terra Sonâmbula (Mia Couto) Moçambicano - **Enegrecimento**

*“Se dizia daquela terra que era sonâmbula. **Porque** enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando **despertavam**, os habitantes **olhavam o novo rosto da paisagem** e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela **fantasia do sonho**. (Crença dos habitantes de Matimati)”*

Rostidades. Eu ainda Sou Sonâmbulo!!!

Ser sonâmbulo... isto era um problema quando criança, porque havia o risco de que eu saísse andando pelas ruas a fora durante a noite. Mas eu quero pensar sobre “ser

imagem dogmática produzida, por sua vez, pela literatura infantil de Monteiro Lobato no livro no Histórias de Tia Nastácia.

⁴Vou ter com o Romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, para pensar com imagens Autoreverse, esta parte da minha trajetória. Pensar com meu Avatar, como Lobato com Emília, farei par com Muidinga e Kindzu.

Pensei em 05/01/2022 ...que provocado pela ideia do **quase-conceito** de Derrida, que **imagens auto reverses** podem funcionar como um **conceito errante**, como potência de vontade e que neste sentido **são sonâmbulas**, se deslocam não apenas enquanto durmo (também quando me afasto do texto) e talvez principalmente quando as visito. Mas aqui não tranco a porta, não há o que temer.

Sobre o quase-conceito, apresento nota retirada do texto: DARDEAU, Denise. Jacques Derrida: da linguagem à escritura, da escritura como transbordamento. **Revista Ensaios Filosóficos**, v. 3, p. 52-64, 2011.É a que segue:

“Derrida usa o termo “quase-conceito” no intuito de mostrar a impossibilidade de o pensamento se organizar em torno de conceitos fechados em si mesmos, homogêneos e universais, abalando, portanto, a própria lógica do pensamento metafísico.”

sonâmbulo”. É um estado de consciência, que se localiza em algum lugar entre o estar acordado e estar efetivamente dormindo. E desse modo os sonhos têm um papel provavelmente importante no sonambulismo. Se sonha sonâmbulo, no “entre” e de alguma forma são eles (os sonhos) quem provocam as andanças do sonâmbulo. Ele, **corpo sonâmbulo, encena o sonho**, num ensaio da vida.

Dormir é afastar-se de.... As imagens dormem! Seu despertar é a *Aparição*. Cada Aparição é singular. E uma mesma imagem possui o poder de realizar-se em Aparições quase infinitas. Elas só não superam o eterno esquecimento. O que seria o Eterno Esquecimento? - Talvez a morte definitiva do corpo da imagem e a perda de sua capacidade de encenar-se. Definitivamente, uma perda da aura.

Quando escrevemos, estamos junto a um segundo corpo, imersos ...num lugar de onde saímos apenas se tragados por uma provocação do fora. Talvez algum dia a tecnologia dê conta de reproduzir a encenação da imagem *ad eterno*. Mas talvez precisemos pensar sobre isso, considerando a questão do caráter da imagem, neste caso.

A *Aparição* é, ao mesmo tempo, um evento, uma instituição, uma artimanha, além de rebelde e afeita ao nomadismo. Fugidia..., anti-panóptica além de um procedimento de conjuração de estado.

A *Aparição*, desde a encenação, está ligada a vida humana de modo que cada imagem tem a capacidade de se ligar por afeto a um incerto número de corpos vidas. Essa afetação pode ser produzida pela relação corpo-vida-imagem e ou pela dupla imagem, mundo e vida.

A tecnologia pode tornar “imortal” uma imagem, mas numa “vida” material apenas em espectro, pois sua capacidade de afetação morre. Mas a tecnologia pode produzir uma espécie de “ressuscitação” do afeto. Uma espécie de vida após a morte da imagem. Mas que se reproduz por desejos incertos. Em outros corpos vidas que se afetam por reminiscências próprias, não aquelas do nascimento (aparição inicial) da imagem.

Sobre como lidar com fotos

A moldura é uma espécie de coroação que marca como num ritual de passagem, a nova vida -encenação- da imagem. Emoldurar é um processo de mudança do status da imagem da foto; é reconhecer o seu valor para além do tempo espaço de nascimento da imagem e, por conseguinte, de vida carnal do corpo da imagem. A imagem que recebe a moldura, atingiu reconhecimento dentre os corpos vidas de sua encenação maior: vida do corpo da imagem.

A artificialidade da vida da imagem, produzida e reencarnada *ad eterno*, pela tecnologia é tal sorte que num certo tempo a imagem perde seu poder de encenar-se em afeto, passando a um status, mesmo se emoldurada, de um objeto **amórfeto**,⁵ senão por verossimilhança que possa inspirar a outro corpo vida. A ancestralidade cumpre o papel de amalgama em verossimilhança tanto aos corpos negros quanto a suas imagens. Verossimilhança da imagem e, de alguma forma, da afetação.

A **moldura** por sua vez, que é uma diplomação da imagem, carrega uma questão interessante. Não é o único meio de produzir afetos, de veicular a troca de afetos entre as imagens e os corpos vida. Pode-se em alguma afetação trata-las como um meio significante, de produzir, reproduzir, consumir imagens, num mercado de sentidos e desejos. Apenas o mais tradicional. A imagem pode estar desgastada e guardada num lugar em que tem espaço como memória e que inspirava sua potencial rivalidade ao equivalente universal de trocas: o dinheiro. Possuiria aí algo como uma moldura áurica? Me perguntava então sobre: o porquê do dinheiro e das fotos que nos são mais valiosas, em termos de seus afetos, serem – sob certa tradição cultural – guardadas no mesmo lugar?

O dinheiro, eu pensava tentando responder-me, teria um certo sentido de ter de estar sempre ao alcance da mão, imprescindível que é para as trocas necessárias para a manutenção das condições de vida, materiais, do corpo. Mas e as imagens em fotos guardadas dentro da carteira? - Pela homóloga desrazão de se constituírem como alimento necessário, que permite a circulação de afetos e, portanto, também mantém vivo o corpo, que rememora.

Eu, se bem me lembro, quando acordava pela manhã depois de ter passado por um episódio de sonambulismo, não lembrava nada sobre ter encenado um sonho caminhado e falado durante a noite. O **esquecimento então**, talvez seja então um artifício do corpo envergonhado da cena.

Me parece que o sonho tem duas dimensões (eu vou usar este termo e acho que essa caracterização dos sonhos se deve aos estudos de Freud) uma *latente* onde estão os desejos inconscientes e outra *manifesta*, aquela da qual seríamos capazes de lembrar. Mas então seria possível dizer que o **corpo sonâmbulo** não tenha a dimensão *manifesta*, do sonho? Porque o sonâmbulo, geralmente, não se lembra. Seus sonhos se elaboram apenas na dimensão dos desejos inconscientes? Se assim for creio que o **corpo sonâmbulo** controla os desejos *latentes* porque **os encena**. Ele é o diretor da cena, uma vez que não se prende a um, roteiro arquetípico “consciente” e controladamente produzido.

O “*manifesto*”, para o sonâmbulo se faz no **percurso do sonho**, mas por uma performance. Corpo **sonâmbulo** é libertário de si.

Corpo enegrecido é corpo sonâmbulo. Um corpo que experimenta não se render ao desejo panóptico e latente do esquecimento de sua ancestralidade. Um esquecimento inaugurado pelo batismo cristão e vivenciado como um corpo mercadoria. Ele se produz diasporicamente em versão manifesta, que se compõe pela sua performance, mas que comporta outra dimensão dentro de si, que se não se rende ao estado latente, ao insistir em revememorar sua ancestralidade.

Sonhei hoje (este trecho não fazia parte do texto até então) com uma morada que tenho na zona rural, na roça, como dizemos. Eu estava lá só, ou mais ou menos só. Havia muitos cachorros correndo, eu estava dentro de casa e pela janela percebi que o senhor Agostinho, vinha ao encontro da janela, ainda um pouco distante do lado de fora da cerca de arame farpado. Ocorre que, quando eu saí (ou me aproximei da janela, ainda do lado de dentro da casa) para atendê-lo, Agostinho – de mesmo nome do pai da *patrística*⁶ - já estava apenas há uns dois metros de mim e passara pela cerca como se ela não estivesse lá. Não disse quase nada, mesmo me dizendo muito sem utilizar o recurso das palavras. De modo que as únicas palavras, linguagem, passíveis de comunicação aqui neste texto foram “estes cachorros!!”. Disse isto ao mesmo tempo em que olhava para o fundo da propriedade, de onde tinha vindo. Nada mais, e sua participação ao menos nesta fase *manifesta*, da qual me lembro, terminou aí. Agostinho não é um personagem fictício, foi um senhor negro que já viveu, quando carnado, aqui no bairro onde resido e onde se localiza a Escola onde iniciei minha carreira como professor de matemática e onde (depois de 32 anos) encerrei. Agostinho tinha uma carroça, e um cavalo chamado “Barão”. Ele já faleceu há alguns anos.

Eu tenho uma intuição sobre este sonho, pois nos últimos tempos tenho utilizado este texto tese para um “retorno” à minha ancestralidade, recente e afastada nos tempos. Ontem eu colhia fotos e imagens de meus avós, maternos. Meu Avô, em alguma medida lembra as feições de Agostinho. Também tinha uma charrete e um cavalo ou dois. O cavalo que eu mais conheci chamava-se “Estrelo”. Meu avô me levava para andar de charrete e também para andar sobre o “Estrelo”. Quando chagávamos a algum lugar de destino, ele dizia: “todo bicho para fora”. Era hora de descer. **Eu desço aqui.**

⁶ Filosofia dos Padres da Igreja Católica nos primeiros séculos da era cristã e que tem como um de seus expoentes (talvez o maior) Santo Agostinho (354-430). Nasceu em Tagaste, região então chamada de Numídia no norte da África e onde hoje se localiza a Argélia.

Sonâmbulo, eu acordava por exemplo e levantava para colocar água para meu cachorrinho que não estava lá. Eu encenava... acompanhado provavelmente por minha mãe que, como uma guardiã *Ìsan* do meu sono, cuidadosamente me guiava, tentando sutilmente me fazer voltar para cama e, ao mesmo tempo, temendo me acordar. Havia uma crença de que não faria bem acordar subitamente a um sonâmbulo. Interromper a performance antes do seu final, seria o equivalente a matar a cena, o ensaio da vida, ou o corpo sonâmbulo que sonha.

O cuidado com o sonho. Há um ar de religiosidade nisto, guardar o sonho do sonâmbulo que não está dormindo nem está acordado.

Os *Égùn* são “*os ancestrais que tomam formas corporais...*” (Caputo, 2012, p. 144). Tal como num terreiro de culto aos *Égùn* (*os mortos*), eu aprendi mais tarde, eles são guiados e seus movimentos e caminhadas são “controlados” por um *Òjè* ou *Amùisan*, que no culto tem a função de guiar os *Égùn*, utilizando uma *Ìsan*, uma vara de 1,6m feita de “biriba uma árvore encontrada na Bahia.” (Caputo, 2012, p. 148) podendo também “*ser feita de pau-ferro.*” Os *Amùisan* devem impedir que “a roupa dos *Égùn* encostasse nos vivos durante as cerimônias”(p.147), algo como impedir que o corpo sonâmbulo *Égùn* seja interrompido. O “toque”, o despertar é temido, “podendo até matar”.

Mas como disse, acho que Freud já fez isto: pensar sobre o “funcionamento” dos sonhos e da mente, mas o fez ocupado de um corpo vitoriano que nada tem a ver com o corpo negro ancestral desta experimentação da escrita. O que não torna o modo de pensar, de Abana, desautorizado.

Mas não, o que se pode pensar precisa estar sempre acompanhando do que se pode como potência de vida e, por enquanto, tendo a acreditar que não há um limite para isso.

Corpo Sonâmbulo: Não se está dormindo porque se movimenta, fala e gesticula; mas também não está acordado porque não se sabe assim e, portanto, continua em movimentações e falas e gestos, aparentemente desconexos, ao menos com relação ao que aqueles que estão a sua volta conseguem enxergar, perceber. É uma encenação do sonho!

Quero viver um sonho do corpo sonâmbulo enegrecido! Ele está para além do fenótipo marcado por *Èmí*. Este é o grande segredo.

No entanto, mesmo um modo de lidar, **especialidade do colonizador de corpos negros** que se desenvolveu sobremaneira no presente, consegue até mesmo ferir a alma: adoecimento. Mas não consegue matá-la, apenas ao corpo...

O problema é que qualquer que seja o critério objetivo e no campo das ciências humanas e sociais, ele incide sobre uma “realidade” subjetiva. De modo que o critério objetivo a depender da realidade a que ele se projeta, só poderia mesmo produzir um tipo de

resultado, então, esperado. E como desejo e expectativa se confundem, sobretudo, quando plasmados pelo gosto saboroso do poder, a Ciência dificilmente consegue se livrar do julgo. A menos que seja possível existir uma moral da moral. O ser humano é um projeto essencialmente subjetivo, portanto há sempre um “gap” entre o que se quer observar e o que “aparece”, no exame pretensamente “objetivo”. O que se produz então seria um *espectro* do que se quer e deseja alcançar. E, talvez, a saída seja mesmo não esperar mais do que espectros, não depositar expectativa, não idealizar. Mas isso por vezes me parece embeber-se por um ideal assemelhadamente *estoico* e, assim, mais uma vez, voltamos ao ponto de partida de um desejo. O que Deleuze poderia dizer sobre isto?

Um dos pioneiros em **eliminar corpos negros** pela alma do “racismo científico” Gobineau (1816-1882), personagem já bastante discutido, mas que trago aqui pela ótica de Aimé Cesáire (1913-2008), “*costumava dizer que “só existe história branca”*”⁷, creio que no seu “*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*” (1855). E Caillois⁸(1913-1978), ainda segundo Cesáire, considerava só existir “*etnografia branca*”. Há a possibilidade de que Gobineau e Caillois, tenham aprendido isto com Hegel (1770-1831), naquela coisa de insistir que a África não tinha história. Gobineau esteve pelo Brasil em 1869, numa missão diplomática e teria ficado “*horrorizado*” com a feiura do povo que via. A mesma que Lobato certa vez manifestara a seu amigo Godofredo Rangel, sobre as feiuras das gentes que fluíam para os subúrbios do Rio de Janeiro pela avenida Floriano Peixoto pela qual passavam todos os tipos menos o “normal”.

Batista Lacerda, em suas “conclusões” sobre a questão das “raças” no Brasil, é direto em dizer que:

*“L’importation, sur une vaste échelle, de la race noire au Brésil, a exercé une **influence néfaste** sur le progrès de ce pays; eile a retarde pour longtemps son développement matériel, et rendu difficile l’emploi de ses immenses richesses naturelles. Le caractère de la populations’est ressenti des **défauts** et des **vices** de la race **inférieure** importée (Lacerda, 1911, p.p. 29-30).”*⁹

Influência **nefasta**, **vício**, **atraso**, raça inferior... são os males trazidos para o Brasil pelo povo negro, na percepção, não apenas de Lacerda.

⁷Aimée Cesáire, p. 68 *Discurso sobre o colonialismo*.

⁸ Reproduzo aqui a nota no texto de Aimée Cesáire, *Discurso sobre o Colonialismo*, feita pelos organizadores da edição aqui considerada. (p. 65). Nota: Escritor, sociólogo e crítico literário, Roger Caillois (1913-1978), crítico da obra de Lévi-Strauss (1908-2009), em particular o livro *Raça e História*, lançado em 1955.

⁹ PREMIER CONGRÈS UNIVERSEL DES RACES. 26 29 Juillet 1911, LONDRES/ SUR LES METIS AU BR ÈSIL. Disponível em : <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/35>

É assim que passo a compor este texto tese não apenas como uma **etnografia negra**, só por vingança, mas como uma **autoetnografia**. Uma **rebeldia de um corpo negro sonâmbulo**, desta feita, o de Abana.

Talvez seja mesmo um encontro com algo que pode ser chamado de liberdade, parecido com uma encenação, num palco. No palco sonâmbulo são permitidas estas heresias. Na verdade, é Éxù quem permite a isto tudo. Tudo é movimento das encruzilhadas, pelos palcos. Desde o palco cadafalso colonial, palco pelourinho, palco da escola, palco do sonho sonâmbulo até om palco desta tese, de performance de Abana.

Como há o receio das pessoas que estão a volta, de acordar ao sonâmbulo, então há uma espécie de reconhecimento da legitimidade daquele estado. E de um cuidado, dispensado então ao sono sonâmbulo.

Por algum tempo meus pais tinham que **trancar a porta** de saída de casa. Lembro que por conta destes e outros episódios (meus sonhos eram e continuam povoados por *EGUNS*¹⁰), com alguma frequência eu era levado até a casa da "vó" para ser benzido. E me lembro também de ir algumas vezes acompanhando minha mãe (Nair) a um centro espírita¹¹, que ficava próximo de casa. Muito tradicional, existe até hoje. Também está muito "vivo" na minha memória, o que tenho carregado como a primeira experiência de ordem espiritual. Lembrança, sempre frágil, no que se pode chamar de uma espécie de arqueologia de minha trajetória espiritual. Eu assisti o que à distância, (no tempo e ao sabor dos afetos da memória) foi a incorporação espiritual de minha Avó materna que havia falecido, através do corpo de minha mãe. Eu não sabia exatamente quando isto tinha ocorrido e (e não soube exatamente o que ocorreu) recentemente conversando com uma de minhas irmãs (Sônia) ela me disse o seguinte:

*Do Centro eu lembro, a minha mãe, ela que fazia prece de Cáritas, toda abertura ela que fazia essa oração e parece que até hoje eu lembro dela fazendo essa prece, me dá até arrepios [...] em dezembro de 1976, nós íamos viajar e minha mãe durante a preparação da festa recebeu o espírito de minha avó... dizendo que estava bem e não era **para** ficarmos tristes e que estava olhando por todos nós... (transcrição da fala de Sônia)*

<https://drive.google.com/file/d/114UvOZgQo7BwrGf3U45uQb7F6uw3w53B/view?usp=sharing>

¹⁰No Candomblé os *Eguns* são espíritos de mortos que nos acompanham. Com muita frequência sonho com mortos, meus mortos! Nós todos temos, ou teremos com o passar dos anos.

¹¹ Já vivia a experiência do sincretismo sem saber do que se tratava.

Este processo de reexame, por um afastamento e refutação da crença na autossuficiência da razão (e do cálculo), como processo exclusivo de conhecimento e do saber¹², e uma certa aproximação à religiosidade de matriz africana, no processo de enegrecimento do **sujeito**, professor-pesquisador (matemática) e da própria prática em sala de aula: chamo de *Autoreverse*, *Imagens Autoreverses*, processo de produção (processo de elaboração) de imagens auto reverse. Então quando volto¹³, para pensar com a escrita, revisito, desconfio, olho, assisto e assisto de novo, vou compondo outras narrativas e cenários, produzindo (elaborando) outros sabores.

Num exame das práticas do dia-dia que articulam esta experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinações: uma por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao estar-aí de um morto, lei de um “**lugar**” (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, no Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo); a outra, por operações que, atribuídas a uma pedra, a **uma árvore** ou a um ser humano, especificam “**espaços**” pela ação de sujeitos históricos... (Certeau, 2008, p. 203)

Dirá Michel Certeau que “*o espaço é o lugar praticado*” (p. 202). É por reconhecer a potência do olhar que reconhece a importância dessa relação de alteridade entre “lugar” e “espaço”, que estou compondo com a ideia de *Imagens Autoreverse*. Experimentação num Espaço.

Aqueles episódios: de sair andando sonâmbulo, ter pesadelos, sentir falta de ar e ter experimentado meu primeiro encontro com a espiritualidade talvez tenham transcorrido entre meus 6 e 12 anos de idade. Difícil saber a esta altura. E expressam-se como afetos resultantes de um confronto que, desde muito cedo, fui acostumado: ter nascido um corpo negro diaspórico que experimentou a força de forja das instituições de correção, racionalidade do método e de branqueamento: A Instituição Militar e a Instituição Escola.

Mas é neste mesmo *Lugar*, ou por estes *Lugares*, pelas fissuras, que se inspiraram outros *Espaços*. (**Porviroscópio**¹⁴)

É assim que Eu, Abana, começo experimentando com as **primeiras imagens** dessa escrita. **Rostidades?**

¹² Um mito capitalista e um pecado original, sobretudo rentista.

¹³ Aperto a tecla do Autoreverse.

¹⁴Na parte da tese platô *O Ipê branco sabe matemática?* em que eu experimento com a ideia de Cartas, faço menção às Cartas como “lentes” e me lembrei aqui do **Porviroscópio**, um termo utilizado por Monteiro Lobato num Romance “**O presidente Negro...**”. Pelo Porviroscópio ele enxerga um futuro, romanceado, de superação da raça branca e muitas outras histórias. Eu vejo outras coisas, paisagens e imagens, corpos negros e suas imagens potentes. Ver Monteiro Lobato, 2019: O Presidente Negro.

O **rosto** é o ícone próprio ao **regime significante**, a **reterritorialização** interior ao sistema. O significante se reterritorializa no **rosto**. É o **rosto** que dá a **substância** do **significante**, é ele que faz interpretar, e que muda, que muda de traços, quando a interpretação fornece novamente significante à sua substância. Veja, ele mudou de rosto. **O significante é sempre rostificado**. A rostidade reina materialmente sobre todo esse conjunto de **significâncias e de interpretações** (os psicólogos escreveram bastante acerca das relações do bebê com o rosto da mãe; os sociólogos, acerca do papel do rosto nos *mass-media* ou na publicidade). O deus-déspota nunca escondeu seu rosto, ao contrário: criou para si um e mesmo vários. (Deleuze e Guattari, MP(II), p.144)

Imagens autoreverses diz-se de contra significância e, portanto, a máscara branca não pode mais esconder o rosto preto, no enegrecimento. Outro regime se avizinha então, se insinua: “*Desterritorializações noturnas que transpõem os limites do sistema significante.*” (Deleuze e Guattari, 1995, p.144). Ou por hora e desejo, de um dado regime significante. Corpo do supliciado? Corpo do excluído? Corpo anunciado em devir.

Encarnadas nas linhas de fugas “*que o regime significante não pode suportar, isto é, uma desterritorialização absoluta que esse regime deve bloquear ou que só pode determinar de forma negativa...*” (Deleuze e Guattari, 1995, p.145) desencarnam-se em imagens de pretos e pretas potentes.

São meus **avós maternos**. Eu revisito-as, reverencio meus ancestrais, e peço licença!

Minha **avó materna**, nasceu em **1908**, e meu **avô** **1906** o que significa que há uma chance **considerável de que seus pais**, meus bisavôs, tenham experimentado, diretamente, a **Escravidão**.

Mas a **vida para pretos** está definitivamente marcada pelo interdito. Não há como retroceder em **busca de sua ancestralidade**, num interesse genealógico. Toda tentativa dessa natureza para todo *corpoufrodiaspórico* termina no porão de um navio colonial, num corpo mercadoria **lançado ao fundo do mar**. Ou definitivamente tem marcada seu ponto final, num porto colonial, **num batismo cristão**. Isto é muito significativo porque denota o quão ainda estamos aproximados desse **genocídio**.

Um verdadeiro **genocídio**, que não é reconhecido como tal, por ter vitimado um tipo de corpo cuja morte por mais severa que seja e brutal do ponto de vista do número de vidas e corpos ceifados (ou de qualquer outra perspectiva que se queira olhar a questão) parece, ainda não sensibilizar o mundo, sobretudo ocidental. Tratava-se (trata-se) de um tipo de gentes que o colonizador de ontem (ainda opressor no presente, estruturalmente e institucionalmente) se acostumou a tomar por descartáveis. Considera-se que o holocausto judeu foi um genocídio, e

de fato o foi, mas minimizam ou se calam sobre os assassinatos produzidos pela empresa colonialista. Tanto quanto sobre a eliminação cotidiano de corpos negros.

Luís Felipe de Alencastro apresenta o que se pode chamar de “matemática dessa perversão”¹⁵. Está num livro, *A Escravidão do Brasil*, produzido por Jaime Pinsky.

No texto de Alencastro, segundo Pinsky:

40% dos negros morriam nos primeiros seis meses subsequentes ao seu apresamento, a caminho do litoral. Doze (12%) por cento dos sobreviventes, morriam durante o mês em que ficavam nos portos, aguardando o transporte. Durante a travessia morriam nove por cento (9%) dos que embarcavam e metade dos que chegavam morriam durante os quatro primeiros anos no Brasil (1997, p. 28).

Num cálculo rápido no mesmo texto, e aplicando essa, **matemática do genocídio africano**, de um total de 8 milhões e 300 mil “negros apresados” sobreviveriam cerca de 2 milhões. O holocausto Judeu produziu os mesmos 6 milhões de vítimas. Se considerarmos ainda o fato de que o fardo do racismo e do antissemitismo produzam pesos desiguais, em seus efeitos, a negros e judeus, então não é preciso muito mais para considerarmos o **holocausto perpetuado do povo negro**, silenciado na afazia ocidental em reconhece-lo, de fato.

Camburão arrasta pelas ruas, da cidade maravilhosa, corpo-mulher negra no Brasil de hoje. Um corpo-negro homem é assassinado pelo Exército na cidade maravilhosa. São 257 disparos de fuzil e pistola. Porque?

A **árvore do esquecimento** talvez tenha produzidos mais efeitos ao colonizador.

A disposição e “consumo”, para falar do capitalismo, dos corpos negros mercadorias, sempre representaram um modo encarnado que se pode “perceber”, mesmo sendo míope aos flagelos anunciados, por “cantigas antigas”¹⁶:

*“Preta bonita é veneno
Mata tudo que é vivente;*

¹⁵ Talvez eu tenha utilizado esta expressão, provocado pela memória de um livro sobre e intitulado, “*A perversão Matemática*” (Arnaud- Aron Upinsky) cujo autor aliás tem nome assemelhado ao do livro sobre a Escravidão no Brasil, Jaime Pinsky. Mas isto é apenas uma curiosidade.

¹⁶ Segundo Pinsky (1997, p.44) fora José Alípio Goulart que “recolheu” essas “duas quadrinhas populares...”

500000

Fugio no dia 18 de outubro do anno passado da freguezia do Taboleiro do Pomba, a escrava de nome Custodia, crioula, um pouco fula, alta, magra, pés finos e compridos, com signal de pèga em uma das pernas, semblante um pouco carrancudo quando está seria, porém muito regateira; tem nas costas um grande signal de queimadura, falta de dentes e de idade de trinta e quatro annos mais ou menos, sabe lavar, engomar e costurar, e já foi uma vez fugida ao Luiz de Fôra e foi capturada no Chapeo de Uvas e agora já foi vista mais de uma vez no districto do Piauí onde tem irmãos e padrasto e desconfia-se estar por alli homiziada quem apprehender e trouxer ao seu Sr. abaixo assignado receberá a gratificação ueiua. Protesta-se com todo o rigor da lei a quem a acoutar.

Taboleiro do Pomba, 12 de janeiro de 1876.

*Embriaga a criatura,
Tira a vergonha da gente”.*
*Mulata é doce de coco,
Não sem come sem canela.
Camarada de bom gosto,
Não pode passar sem ela”.*

Quando minha Avó tinha por volta de seus 3 anos de idade, Batista Lacerda, antropólogo e diretor do Museu Nacional, estava no *Congresso Internacional de Raças* realizado na Inglaterra (Londres) em 1911. Segundo a percepção de Lacerda “...a raça negra envenenou a nascente das atuais regenerações, enervou o corpo social, aviltou o caráter dos mestiços, rebaixou o nível dos brancos”. Eu sempre me coloco na posição de fazer lembrar, por exemplo, aos adversários dos programas de *Ações afirmativas* que aqui, com Batista Lacerda, mas também com muitos outros, como Oliveira Viana, está (estava) presente a enunciação do estado

brasileiro sobre o povo negro. Não era apenas a figura de um particular a produzir estas excrecências, era o Estado brasileiro.

Lembrei-me de outro adágio com a mesma violência. Se não me engano está no “polêmico” *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freire, como descritivo do tratamento dado ao corpo da mulher negra no contexto da Colônia (?) considerando que “branca era para casar, preta para trabalhar e mulata para fuder”.

Já que o citei, deixe-me contar que **Oliveira Viana** produziu um trabalho intitulado *Populações Meridionais no Brasil*¹⁷, do qual eu recorto (e esta é sempre uma operação de produção de sentido e sempre advirto a todo interessado que procure, sempre que possível, o

¹⁷Hoje com fácil acesso a quem se interessar por se tratar de obra em domínio público podendo ser acessada, por exemplo, a partir dos sistemas de obras do Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1108> Acesso em 22/02/2022.

texto original) mas, das muitas enunciações feitas por Oliveira Viana eu destaco a sua percepção de que “[...] há negros absolutamente **indomesticáveis e incivilizáveis**, de instintos **selvagens**, de **mentalidade rudimentar, incapazes de qualquer melhoria ou ascensão.**” (Viana, 1922, p.169). Trata-se de um texto escrito em sua primeira edição em 1922 é sempre importante lembrar. Mas assim como Lacerda, Oliveira Viana também representou a voz de uma nação, aliás, republicana.

Também produziu versões que, se destacadas, parecem conter elogios como a que segue em que ressalta as “qualidades” de algumas etnias, nas quais encontrava: “...*inteligência superior, capacidade progressiva, talentos artísticos, temperamento dócil, generoso e obediente: é o caso dos “egbas”, dos “iorubas”, dos “minas”. Outras há ainda de negros inteligentíssimos, vivazes, sagazes, ardilosos, mas de caráter pouco sólido, como os “angolas”, por exemplo.*” (p. 170). Mas ao que parece, todas estas acepções positivas eram apenas consideradas exatamente na medida em que se perspectivam produtivas ao caldeamento com o branco. Nesse sentido, em outro texto, este do Censo Demográfico de 1920 destaco que de “*um cruzamento feliz de um **typo superior de negro** ou de índio com um branco bem-dotado de eugenismo póde produzir um mulato ou um mameluco superior, se porventura, pelo jogo das influencias hereditárias, **preponderar** nesse cruzado o **eugenismo do typo branco.**” (Oliveira Viana, 1922, pp. 329-330)¹⁸.*

Narrava ainda que:

Os quilombolas esses bandidos abundam [...] acoitam-se, de tocaia às tropas e aos viajores, temerosos salteadores negros. [...]. Contra esses malfeitores, os potendados coloniais arremetem as suas hordas de valentes, debelando-os. É o caso de Bartolomeu Bueno do Prado, que destrói, por ordem de Gomes Freire, o terrível quilombo do rio das Mortes: “Bueno desempenhou tanto o conceito que se formou no seu valor e disciplina de guerra contra os índios e pretos fugidos, que, depois de organizar a sua força e atacar o quilombo, voltou em poucos meses, apresentando **3.900 pares de orelhas dos negros** que destruiu. (Oliveira Viana, p.330, 1922)

E segue considerando, desta vez sobre os indígenas brasileiros, que:

Durante todo o período colonial, os esforços feitos pelas auctoridades administrativas para eleva-los socialmente resultam absolutamente ineficazes: tanto ao norte, como ao sul, elles se mostram, por exemplo, **absolutamente incapazes de se tornarem proprietários de terra (I). Esta grande ambição da vida civil**, que, como vimos, domina tão imperiosamente, na sociedade colonial, o espirito do homem branco, não exerce a menor reacção sobre a mentalidade do aborígene mais ou menos civilizado.” (Oliveira Viana, 1922, p. 328-329)

¹⁸Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6446.pdf>

A propriedade de terras como uma grande ambição da vida civil, nós sabemos bem sobre isso. Não ao acaso, se pode reeditar aqui a voz que tem se levantado como representante dos grandes proprietários de terras, latifundiários aqui no Brasil, nos últimos 4 anos, principalmente e que ocupava, então, a presidência da RES-PÚBLICA, que não escondia seu desprezo pelos povos tradicionais e à ancestralidade africana, ou seu direito a terras, manifestando abertamente, ainda como candidato, que se “*chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro para ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou o para quilombola.*”¹⁹

Discursava o atual presidente da república no Clube Hebraica, da comunidade judaica em São Paulo, em abril de 2017, considerando ainda que ao visitar um quilombo o “*afrodescendente mais leve lá pesava umas sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles.*”²⁰

Ao que parece, uma certa esquizofrenia liberal das elites brasileiras teria finalmente encontrado o seu “*Luís Bonaparte*”. Alguém capaz de realizar o trabalho sujo necessário para que a exploração continue em seu curso sem impedimentos.

Marx certa vez disse que a *transmutação das ideias raramente se faz sem danos*, mas creio que no caso aqui é exatamente a sua perfeita adequação, de um contexto a outro, ou a transmutação de uma certa percepção do século XIX na França revolucionária, para o Brasil do século XXI, que representa essencialmente o dano. Pois lá, como aqui, muitos já consideraram esta comparação e eu apenas faço coro, “as circunstâncias e condições ... possibilitaram a um personagem medíocre e grotesco” (um escroque), “desempenhar um papel de herói”²¹. Mito!

A **medida civilizatória**, produzida pelo colonizador, dos Indígenas brasileiros estaria *pari passu* relacionada ao grau de seu apetite e desejo pela propriedade de terras. Um parâmetro essencialmente capitalista para tratar de uma cultura que mantém outro tipo de relação com a terra. Não se vende a Mãe.

Francis Galton (1822-1911) foi o antropólogo, primo de Charles Darwin, que estabeleceu o conceito de *eugenia*. Uma pseudociência que pretendia mais do que qualificar, garantir a existência de boas e melhores gerações de humanos. Um fenômeno que, como sabemos, produziu efeitos no Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX.

¹⁹ Disponível em: [Bolsonaro: "Quilombola não serve nem para procriar" - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/foco/imprensa/2017/04/17/09/2024). Acesso, pela última vez em: 17/09/2024.

²⁰ Então Deputado, candidato à presidência e depois eleito, Jair Messias Bolsonaro.

²¹ Marx, Karl. O 18 Brumário e cartas a Kugelman 7s. ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2012.

Aqui, em 1929, ocorreu o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. O que torna este período crucial para compreendermos como se estabeleceram as relações étnicas em terras brasileiras.

João Batista de Lacerda (1846-1915), Nina Rodrigues (1862-1906) e tantos outros viveram e escreveram suas obras ajudando a compor uma fatia do que se convencionou chamar-se de pensamento social brasileiro, sobretudo quanto ao ideário de constituir uma nação republicana, à imagem (**dogma**) do europeu, entre o final do século XIX e o início do século XX. Fenômeno conhecido como *Ideologia do branqueamento* que vai deste mesmo início até as primeiras décadas do século XX. Se tomarmos por referência o que nos diz Thomas Skidmore, a tese do branqueamento vigoraria até 1914. Mas não é possível identificar, aliás pela sua própria natureza, quando uma determinada orientação ideológica, inicia-se, desenvolve-se e chega a termo. Ou mesmo se ela exista. O que se pode fazer, é passar a nomeá-las também a partir de outras denominações porque ao longo do tempo ela tende a se encorpar. No caso da *Ideologia do branqueamento* seu nascimento junto ao **racismo**, como um modo de existência ou de regulação, seguramente está entre nós até os dias de hoje, reificada, incorporada no interior de instituições como a Escola, infelizmente, e a televisão, para citar dois *lugares* “certeunianos” de sua encenação panóptica.

Minha mãe e meu pai nasceram em 1931 e 1932 respectivamente, o que significa que quando tinham 6 e 5 anos de idade Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde no Governo de Getúlio Vargas, escrevia uma carta, manifestando o seu desejo, e das elites brancas brasileiras, de que o “homem do futuro” fosse o avesso do que a, vida em potência, de meus avós, se insinuava. Capanema indagava como deveria ser o brasileiro do futuro. “*Como será o corpo do homem brasileiro, do futuro homem brasileiro, não do homem vulgar ou inferior, mas do melhor exemplar da raça? Qual será sua altura? O seu volume? A sua cor? Como será a sua cabeça? A forma do seu rosto? A sua fisionomia?*”²²(Capanema apud D’Ávila, 2006, p. 47).

Estas questões representam parte das **preocupações** do **Estado** brasileiro, materializadas nas palavras do, então, ministro da **Educação e Saúde** no governo Vargas em 1938, Gustavo **Capanema**. Elas são **reveladoras** de coisas ditas e não ditas sobre as **relações raciais**, coisas que nos parecem ainda presentes contemporaneamente, ainda que invisibilizados por um mito: O da democracia racial brasileira. Discursos como estes fazem parte do conjunto de ações, preocupações e aspirações do Estado brasileiro, de modo

²²Carta de Gustavo Capanema a Oliveira Viana, **30 de agosto de 1937**. Diploma de Brancura. D’Ávila, Jerry. (2006, p.47)

explícito, durante os 40 ou 50 primeiros anos do período republicano: constituir uma nação e um povo a imagem e semelhança do “*melhor exemplar da raça*”: o branco europeu.

Nos conta Jerry D’Ávila, num livro intitulado *Diploma de Brancura*, que este trecho fora parte de carta escrita por Capanema dirigida a “*um grupo de antropólogos e intelectuais nacionalistas*” que teriam a tarefa então de se debruçar sobre o “modelo ideal” de homem a compor a nação brasileira do futuro. Na carta, Capanema, narra D’Ávila (2006, p.47), “*havia encomendado uma estátua do ‘Homem brasileiro’*” que deveria ser exposta, ornamentando a entrada do prédio do Ministério da Educação e Saúde. O tinha encomendado a um escultor, Celso Antônio. Ocorre que, depois de pronta, a escultura pareceu representar tudo aquilo que o Estado brasileiro e Capanema como ministro da Educação e Saúde, queriam deixar para trás, uma figura “*racialmente degenerada em vez de viril e ariana, como ele imaginava que viriam a ser os brasileiros.*” (D’Ávila, 2006, p. 47).



Figura 1: Foto da criança premiada como “Bebê eugênico”. Segundo D’Ávila, era “ilustração do trabalho ‘A influência da educação sanitária na redução da mortalidade infantil’ apresentado no Congresso de 1929 por Maria Antonieta de Castro (Arquivo de Antropologia Física, Museu Nacional/UFRJ. Foto: Adenir F. Carvalho)”. Esta legenda, assim como a foto, é reprodução das informações que estão no livro *Diploma de Brancura*, escrito por Jerry D’Ávila.

Estes discursos de Capanema não foram produções isoladas, compondo na verdade este fenômeno bem datado nos estudos historiográficos e denominado *ideologia do branqueamento*, descrito pela tese “*aceita pela maior parte da elite nacional entre 1889 e 1914 [...] se baseava no pressuposto da superioridade branca*” (p. 110-111). Celso Antônio teria produzido a figura de um caboclo, justificando que ao olhar para o Brasil, era aquilo que ele via. Neste período se encontram dois esforços reunidos em ações comuns: estruturar um sistema de ensino como condição civilizatória e de progresso da nação e “produzir”, neste mesmo sentido, um povo com perfil europeu, espelhado como futuro da nação.

Quando minha mãe e meu pai estavam chegando a este mundo, o médico Renato Kehl já planejava aqui no Brasil o *Congresso Brasileiro de Eugenia* que se realizou no Rio de

Janeiro em 1929. Eles não se pareciam com o padrão desejado pelas elites daquele, e de qualquer outro, período de nossa história como nação. Eram, somos, corpos não desejados.

Meus avós já acumulavam idade o suficiente, neste período, para saberem o que o futuro reservava como perspectivas para meus pais (seus filhos): o peso de carregar a marca da pele do não ser.

Eu não conheci os pais de meu pai. Ele viveu boa parte de sua vida, adotado ao que parece (não há muita certeza sobre isto), na cidade do Rio de Janeiro, junto a outros dois irmãos dos quais se separou muito cedo, perdeu contato e nunca mais os encontrou. Sem parentes, pai, mãe, irmãos, família. Em sua certidão consta apenas o nome de minha avó materna, Rosa Marcelino. Posso dizer que mais que sobreviveu, venceu, seguindo um caminho que não era aquele habitualmente trilhado para corpos como o dele (como nossos corpos). Tornou-se o chefe da instituição militar mais importante daquela cidade onde morávamos, no interior de São Paulo.

Ainda que aquela unidade militar fizesse parte de um projeto maior, autoritário sobre tudo nos anos da Ditadura, o fato é que muito das relações que se estabeleceram naquele *Lugar/Espaço*, lugar praticado a despeito do poder (autoritário) e *estratégico*, não se produziram pelos mesmos sabores. Permitiram fugas, “*astúcias dos ‘mais fracos’*” diria Michel Certeau. Por pequenas fissuras talvez as cavando, um negro assumiu uma posição de “prestígio”, claro mantida sobre o poder representativo da instituição e da farda que usava. Sem a proteção do *Lugar/Espaço* ou fora dele e sem a roupagem couraça, apenas mais um negro.

Seja como for, há sempre frutos e novas árvores quando, amadurecidos, eles caem ao chão. E o vento, sempre ele, pode permitir o semear em outros lugares, que praticados, transforma-se em *Espaços*, num processo de desterritorialização e desterritorialização contínuo. Razão pela qual, escrevo. A instituição foi um *Lugar/Espaço*, lugar praticado de experimentação. Não um espaço revolucionário. Não poderia ser.

Isto tudo ao menos, garantiu à esposa e aos seus filhos, uma vida com maior proteção tanto econômica quanto no que respeita ao **racismo** que tinha de lidar com a dificuldade de atingir os filhos(as) do chefe de uma Instituição Militar, em tempos de Ditadura. Mas isto é claro, não impediu que ele (racismo) se manifestasse em várias aparições como relatei. Mas certamente em um grau que acumula duas posições: tanto representando a hipocrisia das relações raciais no Brasil, uma herança do mito da democracia racial, quanto limitada ou filtrado por aquilo que o aparato de poder, permitia. Mas ele veio mesmo assim!

Ser negro em diáspora. O passado apagado, a linhagem, aquilo que mais representa a forma de sua identidade que é a ligação com sua ancestralidade, se vê interrompida com a chegada dos primeiros homens e mulheres, e crianças, escravizados ao Brasil. A *árvore do esquecimento*, era muito mais do que um rito de passagem para uma existência diferente, uma quase não existência, como mercadoria. Mas em verdade ela anunciava o que se avizinhava aos que partiam nos porões dos navios portugueses.

Não me é permitido recuar muito no tempo, no experimento de pensar, também com imagens o meu enegrecimento. Elas não podem ser encontradas. E esta impossibilidade diz respeito a uma operação de apagamento e esquecimento, para que pudesse se inaugurar uma outra, não, existência. Essa reflexão retrospectiva esbarra sempre em algum porto.

Meus avós paternos, não conheci. Apenas o nome de minha avó consta na certidão de nascimento de meu pai. Diz-se que seu pai (meu avô) seria um marinheiro austríaco de um navio que certa feita atracara no Rio de Janeiro. Mas sendo meu pai um negro retinto, esta tese parece-me não perdurar como possibilidade. Ao mesmo tempo, não há nenhum registro fotográfico de minha avó paterna. Dela, há apenas um nome e um imaginário sobre como ela seria. Mas não se sabe, nunca se saberá. E isto não é dito sem dor e um nó na garganta. Até mesmo os nomes, de “família” nos são insuspeitos. Não chegaram corpos negros vindos de África, de nomes Maria ou José. Há uma identidade apagada. O batismo cristão tratava então de promover todo o resto do esquecimento iniciado com as voltas entorno da árvore, na partida. Minha mãe teve mais sorte, cresceu junto ao pai, mãe e mais sete irmãos e irmãs.

Elaborar o texto provocado por, e junto a imagens autoreverses de minha ancestralidade trata-se de um esforço que é ao mesmo tempo exorcismo e parto, memoração e reverência. A ideia de *imagens Autoreverse* se estrutura por um movimento duplo que envolve tanto o registro gráfico da foto (quando a imagem é foto), quanto ao que se produz, ou quanto o que produz ou ainda quanto, ao que me afeta (ou ao que se afeta), ao olhar e visitar a imagem. Alguém pode chamar isto de recordação ou memória, eu estou chamando de imagem Autoreverse. É fugidio porque não se pretende a um conceito. **Experimentação.**



Abana, que ainda não havia nascido na escrita desta tese, é o primeiro da esquerda para a direita na imagem. Nela também estão, um de meus (seis) irmãos e irmãs, meu pai, um colega de trabalho, padrinho desse meu irmão, com uma de suas filhas, ao colo. O registro desta imagem é em Bauru, no salão de instrução de uma **unidade militar**²³ onde meu pai era Sargento à época. Na cena há calma, há doces, há tristeza, meu olhar. Coloco tristeza no olhar? O que mais há? O que você vê nesta imagem? Há elementos para pensar, sempre há, mas chamo atenção para alguns que o “leitor” talvez não tenha como saber. Há uma menina, filha de mãe japonesa e pai brasileiro (baiano), e três afro-brasileiros; há um *lugar/espço* de uma instituição militar, e esta imagem se produz em sua primeira *aparição* (quando foi capturada pela técnica²⁴) num tempo histórico cronológico, dos primeiros anos da década de 1970. Na metade do processo da Ditadura Militar.

“Marcha soldado cabeça de papel, se não marcha direito vai preso para o quartel. O quartel pegou fogo a polícia deu sinal, acode, acode, acode a bandeira nacional”²⁵

148. O período que concentrou maior número de crimes promovidos nas dependências do DOI-CODI do II Exército foi entre 1971 e 1974, com 55 vítimas, entre mortos e desaparecidos políticos. Durante a maior parte desse período, o órgão foi comandado pelo coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, que atuou no DOI de 29 de setembro de 1970 a 23 de janeiro de 1974. As arbitrariedades das ações realizadas pelo DOI-CODI/II Exército atingiam também os familiares de militantes, que não apenas ficavam sem informações sobre os parentes presos, como também sofriam medidas sem nenhum amparo legal.

²³ Representam uma espécie de escola militar conhecida como Tiro de Guerra. Não há muitos destes, hoje em dia.

²⁴ Sobre fotos, se pode dizer da existência de um procedimento inicial, uma aparição inicial quando da captura da imagem ou da cena, por um artifício técnico qualquer que seja embora no contexto em exame tenha ocorrido por intermédio de uma câmera fotográfica. A revelação da foto inaugura o parto da imagem capturada pela câmera na maternidade-estúdio.

²⁵ Não encontrei muitas e seguras informações a respeito desta cantiga muito antiga com a qual muitas crianças se envolviam em brincadeiras embora as temáticas envolvidas pela letra da música não sejam exatamente aquelas que se inspiram infantis, sendo mesmo um artifício de subjetivação nacionalista, militar. Inspira-me como afeita ao programa de uma disciplina antiga (Educação Moral e Cívica) criada no contexto da Ditadura Militar (1964-1985), editada pelo Decreto nº 869 de 12 de setembro de 1969. Previa, em termos de suas finalidades (Art.2º) “a) a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus”; “b) a preservação, fortalecimento e a projeção de valores espirituais e éticos da nacionalidade.”; [...] d) o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua história”. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.da.camara.deputados.camara.leg.br). Acesso em 19/09/2024.

Me lembrei hoje dessa cantiga que minha mãe cantava e que embalavam meu sono e meu imaginário, mas com ternura embora se prestasse ao proselitismo patriótico militar nos anos de Ditadura. Preferi escolher a ternura da mãe como afeto distintivo deste contexto. Numa operação de produção de sentido que a escrita, o tempo e a memória me permitem.

Definitivamente o aparato as instituições e os aparelhos não têm o poder absoluto de controlar o que podemos ser, pensar e dizer em potências de nossas vidas. Eu vivi um contexto que insinuava e, mais do que isso, prescrevia outros caminhos.

Havia uma certa tradição na minha família de que sempre em idade de prestar o serviço militar, os meninos, estivessem eles em qualquer lugar em Minas Gerais, São Paulo ou Rio de Janeiro (que são os estados por onde a família está esparramada) deveriam se dirigir para a cidade matriz (vou chamar assim) Três Corações MG onde, ainda há a primeira Escola de Formação de Sargentos do Brasil (ESA)²⁷. O mais novo de meus irmãos serve lá nesta instituição tendo seguido a carreira de meu pai. Outro irmão, também lá permaneceu por 9(nove) anos. Muitos primos, e hoje alguns sobrinhos, também passaram por aquela instituição. Sempre fixando moradia na casa (da Família) onde meus avós viveram.

Eu tornei-me professor e entendi então, que com o tempo tornava-me também negro. Há algum sentimento que acompanha esta trajetória que me impele a traduzi-la, ao mesmo tempo, em termos de força e suavidade. E o que é escrita revememorada ...? Eu acabo, nesta revisão, de pensar sobre a similaridade entre o que escrevi acima “*força e suavidade*”, de ser remetido em lembrança a um lema do Exército: “*braço forte, mão amiga*”. Uma subjetividade militar encarnada? Seja como for, acho que me tornei um professor que talvez tenha acumulado, carregado para a prática, um pouco desta relação. É difícil produzir um julgamento, qualquer que seja, estando no tempo presente da coisa julgada ou do

²⁶ Trata-se de trecho retirado do documento: Relatório Volume I - Comissão Nacional da Verdade. disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 06/01/2022. “A Casa da Morte, em Petrópolis (RJ), foi um dos principais centros clandestinos utilizados pelo regime militar para a prática de graves violações de direitos humanos: detenção ilegal e arbitrária, tortura, execução e desaparecimento forçado.” (p. 532) O centro clandestino situava-se na rua Arthur Barbosa, no 668, em Petrópolis. (p. 535).

²⁷ Conforme o Ministério da Defesa, “Criada em agosto de 1945, logo após o fim da II Guerra Mundial, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) é o estabelecimento de ensino do Exército Brasileiro destinado à formação de sargentos de carreira das armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações. Ocupando, inicialmente, a sede da extinta Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro, a instituição foi transferida em 1950 para a cidade de Três Corações, no Sul de Minas.” Disponível em: [Escola de Sargentos das Armas \(EsSA\) — Ministério da Defesa \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 19/09/2024.

acontecimento, mais difícil ainda quando a sentença e o ocorrido se separam pela distância do tempo. Espaço tempo.

Heccidade conquanto afeito, como corpo negro, às multiplicidades. Um corpo que não se produz inocente da força sujeitante traduzida pela sentença: ser corpo negro numa sociedade racista. O enegrecimento tem a ver com *Heccidades*, “acontecimentos cuja individuação não passa por uma forma e não se faz por um sujeito.” (DELEUZE; GUATTARI, apud Monteiro, 2019, p.527). Enegrecimento tem a ver com heccidades.

A linguagem se torna então, um procedimento que pode tanto tornar impermeável, quanto poroso aos afetos, ao corpo que dela se serve. A escrita, como linguagem, termina então cumprindo um papel terapêutico. Para Abana (que ainda não nasceu) uma autoetnografia ocupacional, uma clínica *fanoniana*. “Escrever é um devir” (Deleuze e Guattari, 2012b, p. 21), assim como enegrecer.

Frantz Fanon (1925-1961). É um corpo negro, importante autor, filósofo, psicanalista, militante político engajado na luta contra o colonialismo, nascido na ilha de Martinica. Sobre sua vida e obra, muito já se produziu. E, portanto, venho ater-me ao que dele me afeta. Produziu dentre outras importantes reflexões e estudos, duas obras talvez sejam as mais conhecidas, uma delas “*Les damnés de La terre*” (1961), publicada postumamente. “*Peau noire maques blancs*” (1952). A primeira, citada, fora escrita durante o tempo em que Fanon se tratava de uma leucemia. Este último (1952) era sua tese de doutorado em psiquiatria, recusada. Ele concluiria o estudo de doutorado com outro trabalho, em 1951. Estas informações, estão no volume do livro *Peles negras, máscaras brancas* (2008), num prefácio feito por *Lewis R. Gordon*.

Mas devo começar com o próprio Fanon talvez tentando dizer, junto a ele que “*não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida*”. (Fanon ,2008, p.25)

Fanon nos lembra que, segundo Nietzsche, “*a infelicidade do homem é ter sido criança*”. (Nietzsche Apud Fanon, 2008, p. 28). Não sei dizer exatamente onde se encontra minha tristeza. Desconfio que ela se relacione de alguma forma ao sofrimento e à experiência do “não ser” vivenciado pelo corpo negro, desde um corpo pequeno apneico até o corpo negro professor, que se põe a firmar-se como vontade de vida desde o nascimento. Uma espécie de confirmação da constatação de Fanon de que “diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a encaminhar.”? Nem revanche nem tão pouco me posto diante do

branco, não preciso dirigir-lhe a palavra. Dirijo-me ao espelho produzido por ele para inspirar-lhe, fazendo-o refletir-me como imagem.

Sei também que a infância tem um papel importante nisto (na produção da tristeza) e neste ponto eu concordaria com Nietzsche e Fanon, mas ela também é capaz de proporcionar paz e felicidade, no passado, mas também no presente **revememorado**. Além disso, quando se avança no tempo cronológico de nossa vida, o corpo negro vai assumindo papéis cada vez mais dramáticos a encenar. É o que me revelam as artimanhas do sonho sonâmbulo. Mas sofrimento, se instala e assola a todo tempo de modo que chega o momento em que a encenação do corpo sonâmbulo não dá mais conta, de promover a catarse do sofrimento. Talvez aqui já se insinue o professor que virá e a prática pedagógica que, também, se encenará, performará, enegrecida.

Talvez seja este o momento em que a cena precisa insinuar-se em outros palcos, além dos sonhos sonâmbulos. Penso então que esta escrita enegrecida releva alguns destes palcos, *Espaços, Rizomas e linha de fugas* construídas ao longo e minha trajetória. Mas como considera mesmo Fanon que “**todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo**” (Fanon, 2008, p. 29), então a produção, aparição encenação de imagens neste texto tese, servem para este propósito.

É assim que retorno, no exame das potencialidades das imagens, ao passado. Ao meu passado, ancestralidade. Algo como um recurso metodológico, para aquele que sentir necessidade de ver neste texto tal referência. A *revememoração* é uma estratégia metodológica para refrear o sofrimento e se opor ao poder da metodologia do espelho do aparelho dirá então, Abana.

Tardo-enegrecimento. Talvez sugira uma questão: como alguém poderia mesmo atrasar-se para o seu enegrecimento?

Mas como movimento de vida talvez se deva apenas tomar-se por enegrecimento. Considerei este termo, em alguma parte do texto tese, tentando argumentar sobre o fato do processo de tomada de consciência sobre o desafio de ser corpo negro num país racista, como o Brasil, ocorrer em tempos diferentes daqueles orientados pela cronologia dos anos de existência do corpo. E de estar relacionado não apenas ao reconhecimento de uma condição assimétrica social e de poder vivenciada em termos raciais, mas de alguma forma, de se embeber-se num processo de reconexão ao encoberto por uma episteme branqueada.

Mas o “quartel” de fato pegou fogo certa vez. Na verdade, a casa onde morávamos, dentro do Tiro de Guerra. Meus pais haviam saído. Eu acho que tinham ido ao Cinema. Era noite e meu irmão mais velho fora procurar uma roupa sua, num baú ou caixote, muito grande

eu me lembro, onde colocávamos as roupas para serem passadas. Eu imagino que deveria ser uma daquelas caixas em que se transportam materiais miliares que era então reaproveitada para guardar as roupas outras coisas. Como era um lugar escuro ou tinha faltado energia naquele dia, meu irmão utilizou uma vela que, num descuido caiu dentro do caixote de roupas. Na verdade, ou noutra verdade, minha irmã me conta que:

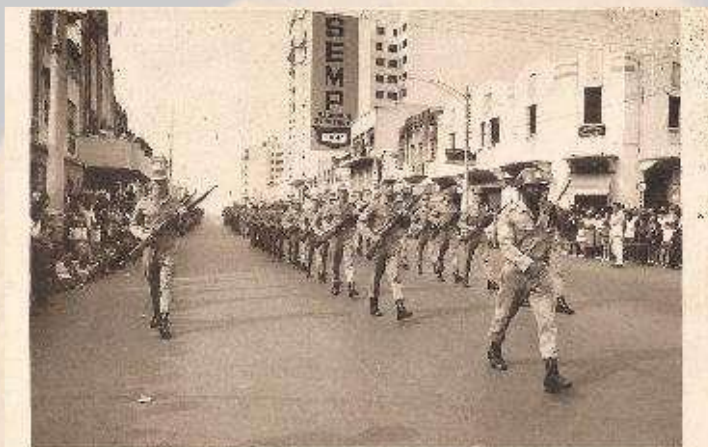
*Era véspera de Natal, dois ou três dias antes, nós viríamos para Três corações, e o pai e a mãe saíram, foram ao centro da cidade. Nós ficamos em casa. Era noite e o comercio estava aberto. Meu irmão mais velho foi sair e na garagem tinha um caixote grande onde a mãe colocava roupa que recolhia do varal, e colocava lá dentro. Foi na primeira casa que moramos. Daí o meu irmão **mais velho**, foi procurar roupa, lá estava sem lâmpada, toda garagem estava escura, ele riscou um fósforo pegou o que queria e saiu, só que ele sem perceber jogou o fósforo dentro do caixote. E me recordo que eu estava lá na frente da casa, o **mais novo** estava no berço e de lá onde eu estava eu ouvia uns barulhos como se alguém estava batendo ou fazendo alguns estalos. Daí quando eu chego à porta de sala, passando por um corredorzinho pequeno... tem a copa e a cozinha quase que conjugada. E quando eu chego na porta dessa copa eu vejo pela janela da cozinha um clarão. Não me lembro se abria janela ou a porta... eu só sei que já estava aquela chama imensa e um soldado pulando o muro para dentro de casa entrou na cozinha, ajudou tirar todo mundo, tiramos o mais novo do berço saímos para a rua, o Sgto. Everaldo apareceu e um senhor que passava por ali de carro em frente de casa, pegou o extintor e começou a apagar o fogo. O restante, não me recordo, ficamos na rua em frente à casa, o Sgto. Everaldo andando de um lado a outro, todo agitado.”²⁸*

E já que falamos de *cantigas* e *Instituições (Aparelhos Ideológicos do Estado)*, minha irmã mais velha lembrou-se de outra música, muito significativa. Essa que embalava não os sonhos, mas os estudos. Na Escola Estadual Prof. Silvério São João, o “sino” de entrada, saída e de recreio era a música “O Guarani” de Carlos Gomes. Opera que talvez acenasse para a formação do povo brasileiro e faz menção ao romance, homônimo, de José de Alencar.

O “**Tiro de Guerra**” é a denominação que têm as “Escolas” militares onde os jovens (do sexo masculino) “prestam serviço militar obrigatório” ao completarem 18 anos de idade. As primeiras fotos neste texto foram todas tiradas “naquela” instituição, onde também morávamos. Existiam quatro casas disponíveis para as “famílias militares”. É uma iniciativa de facilitar ou minimizar os transtornos causados pelas constantes “transferências” dos

²⁸ Arquivo pessoal do autor: transcrição de áudio.

militares, e suas famílias, para diversas partes do país. Uma estratégia organizacional desta instituição.



Noutro “Sete de Setembro”, na mesma avenida da foto anterior, mas a julgar pelo uniforme que meu pai utiliza (é isto que mobilizo para aproximar a data) creio que entre o final da década de 1960 e início da década de 1970.²⁹

As duas fotos seguintes são de um campo, “Estande” de treinamento, localizada, próxima a área rural de Bauru, pelo menos há época em que tivemos, relações – de moradia e trabalho – com a cidade, entre os anos 1964-1980.

Hoje eu “revisitei” com o recurso do sistema de mapas no Google, a área em que se localizava este campo, para ver como ela está e já



não se pode dizer que faz parte a zona da rural da cidade, o que aliás condiz com o nome como é conhecida, “cidade sem limites”. Temo, no entanto, que o aspecto positivo da sua constante expansão contraste com outro fenômeno em igual expansão no país hoje: o racismo. Que encontrou numa dada orientação política

autoritária e fascista, um ambiente fértil à sua reprodução.

²⁹ Embora o crédito na foto acima remeta a uma avenida na cidade de Bauru-SP, uma de minhas irmãs recentemente me informou que na verdade trata-se da cidade de Marília-SP, onde nasci. O que aproxima a data de modo mais ajustado, ao ano de 1965.

Eu experimentaria isso anos mais tarde em Bauru, como relatarei ainda nesta escrita, em um de meus retornos à cidade, já formado professor de matemática, numa ocasião em que ministraria uma oficina na Unesp Bauru, num Congresso Brasileiro de Educação. Mas isto é algo que irei explorar na parte do texto em que meu enegrecimento também se expande, encontrando um ambiente fértil na prática pedagógica.

Estive naquele local, de treinamento militar, algumas vezes acompanhado sempre de meu pai e em situações em que ele precisava cumprir pequenas tarefas, eu imagino. Nunca em meio ao trabalho ou no curso de alguma operação de treinamento. Ele estava sempre à “paisana” (um disfarce?), como se diz na linguagem militar e acompanhado, se bem me



lembro, de um ou outro sargento, companheiro de trabalho. A foto seguinte é também de uma operação de treinamento e “exercícios” militares na região de Pirajuí-SP em 1976, talvez, que a julgar pelo número de oficiais e sargentos, envolveu provavelmente outras instituições militares além do TG de Bauru-SP. Chama a atenção

o fato de o oficial de maior patente ser também um homem negro: o que está de óculos escuros e com uniforme diferente dos demais, ao lado de meu pai.



Galeria de chefes do TG-Bauru-SP. Acervo pessoal do autor

Uma foto de um Negro numa galeria é obra de arte? Sobreviver num país racista é obra de Arte? **O que seria uma obra de arte?**

Encenação da vida, experimentação com a vida e com os sentidos? Se a Arte é quem melhor expressa a vida como vontade de potência (Nietzsche) então toda vida é Arte? A vida

de um negro é Arte, dado que nos exige potência de potência para superar na vida, o racismo. É preciso uma dupla potencialidade para superar na Arte, por uma SuperArte: enegrecer.

E então qual o valor desta obra de arte, potência de vida, enegrecimento?

“*Ki Òrisá ya’ nà ‘ re ko ni o.*”³⁰

“Que Òrisà crie para nós uma boa obra de arte.”

Mas tem valor como *imagem* que põe em movimento o pensamento e que junto com uma escrita faz saber-negro, potente. Se sobre o valor da obra de arte no tempo pode-se arguir seu potencial como mercadoria, na *imagem* por contingência parte de minha ancestralidade, no tempo revisitado vejo, beleza, vejo poder, é este o valor.

Na *Análise Discurso Crítica*, um autor de nome Van Dijk num texto intitulado *Discurso e Poder* (2012), considera que a principal forma de difusão do racismo é, no exercício da linguagem, através da fala e da escrita. Eu sempre acrescento que as *imagens*, tem um papel preponderante neste processo, sobretudo porque no Brasil, sempre contraposto aos Estados Unidos num certo imaginário, o racismo tenha nas características fenotípicas, um importante motor. As reverses (Imagens) tem o propósito inverso, cumprindo o papel de desvelar um duplo positivo do corpo negro uma vez que: a historiografia oficial; uma pseudociência (Eugênica); uma falsa medida e o branqueamento, além das condições materiais de manutenção das vidas dos corpos negros no presente, já se encarregaram de produzir.

Aliás deixe-me alargar a conversa aqui, não num *acidente da escrita*³¹, mas no que se pode chamar agora de *incidente na escrita*, uma vez que a “coisa” parece incidir-se “pulando na frente das câmeras”, teimando em aparecer. Assim também ocorre neste texto encenado pela escrita enegrecida. Vou precisar de outra nota ou, talvez, de outro estilo de texto, um que dê conta ou (como tenho tentado substituir, exorcizando, a linguagem de tudo que me parece “matemático”) um que faça Sentir. Ainda que “dar conta”, possa referir-se também a: conseguir contar, narrar. Não exclusivamente ao cálculo. Produção de significados com junto ao texto. Mas o que eu queria sentir pela nota e vou fazer aqui mesmo: é dizer das incidências constantes, pois a alusão ao “pulando na frente das câmeras” é referência a um curso de uma disciplina, *Cinema Brasileiro I*, num Bacharelado em Ciências Humanas (UFJF) em 2017, ministrada pelo Prof. Luiz Rocha Melo. Para dizer da potência com que essa disciplina fez variar meu interesse por produções e temas para o campo das artes cênicas, algo que, como

³⁰ “Que Òrisà crie para nós uma boa obra de arte”. Trata-se de “pedidos comumente feito quando uma mulher está grávida”. (Beniste, 2021, p. 53). Cada e todo corpo é uma obra de arte. O texto a esta altura da escrita estava grávido de Abana.

³¹Em algum lugar do texto tese eu agora chamo de incidente pois a coisa se insinua na escrita, incide.

professor de matemática, não que eu fosse avesso a isto, nunca tinha experimentado. Mas deixe-me finalmente dizer que nós assistíamos a produções filmicas de fases históricas do Cinema brasileiro, e o curso da disciplina acabou por envolver-se na maior parte das aulas e das sessões, com filmes que tratavam ao flertavam com a questão racial brasileira. Foi essa inclinação que me fez produzir como trabalho de conclusão de curso, naquela disciplina e que depois se tornou meu trabalho de conclusão no curso de bacharelado em ciências humanas, um texto: “*Ideologia do branqueamento em produções filmicas no cinema brasileiro*”. Nos filmes, na disciplina, pretos e pretas, tinham *aparicões periféricas*, pulavam na frente das câmeras tentando serem vistos, uma vez que o foco não os encontrava em interesse. É assim ainda hoje, ao menos daquelas produções encarnadas em “princípios higiênicos” em que a Direção ou o autor, cuidam exatamente, de tudo aquilo que pode e como pode ser visto. Quando não são protagonistas ou figuram dentro do grupo de atores e atrizes principais, pretos, podem ter *aparicões* como figurantes. Estas, são autorizadas, ainda que sejam também “periféricas” tal como as anteriores. São controladas, há uma métrica da sua aparição que se implica sempre em: um “roteiro” curto que envolve desde passagens rápidas ao fundo à diálogos “fingidos”. Ou quando há alguma inserção mais ocupada, numa cena um pouco mais esticada, ela (participação do corpo negro) ocorre pela figura de um “personagem” que aparece, por exemplo: para apartar uma briga, segurando alguém, ou para entregar um objeto, deixado cair por outro personagem, como um relógio (embora na vida real em qualquer uma destas situações, o preto possa ser assassinado, “confundido com um ladrão”. (05/02/2022 – “mais um de nós: presente!!”). Há evidentemente uma série de outros papeis, numa tipologia estereotípica extensa que se traduzem em termos da estratégia de “ocultar mostrando” invisibilizar mostrando.

Imagem e valor da imagem está em ser visto como potência de vida. É disso que se trata. O tema é enegrecimento, numa percepção de visão para além daquela ocupada *apenas pelos olhos*. Algo que na minha insistência com o exorcismo matemático, parece assemelhar-se ao *uso, puro do método, da técnica*. O exercício rotineiro, desencantado e racionalizado do método impõe ao corpo uma cegueira tal qual aquela produzida apenas pelos olhos.

Então é isso... corpos negros precisam ser vistos, para além da lente da inclusão. É também uma forma diária de residir, resistindo aos assassinatos diários como hoje pela manhã, no noticiário, mais uma vez: corpo negro morto.

Habitualmente eu escreveria algo como, “*retornando ao curso da narrativa da qual me afastei...*”. Com alguma frequência utilizo este recurso, mas agora direi que na verdade não me afastei, estive aqui e minha escrita também, enegrecendo, o tempo todo, explorando

uma das muitas facetas que experimentando com suas aparições neste texto. Ainda não produzi comigo ou com Abana, um acordo sobre o modo como grafar o termo: *Aparições*.

A fala e a enunciação, e as imagens como discursos, foram temas de investigações pedagógicas durante os anos em que, trabalhei na educação básica com um Grupo de Pesquisas Sociais (GPS) formado por alunos e alunas, em sua maioria pretos e pretas, em escolas públicas. Mais tarde, nesta narrativa, eu vou me ocupar em relatar estas experimentações de enegrecimento da prática na sala de aula de matemática, protegendo-me pelo que me pareciam autorizar tanto a Etnomatemática, quanto a Educação Matemática Crítica. Ainda que o curso de minha prática tenha tomado este rumo mesmo antes do meu contato com a leitura de textos de autores desta área, em especial o Prof. Ubiratan D'Ambrósio (que nos deixou ano passado, 2012) e o Prof. Ole Skovsmose, com quem tenho tido contatos regulares nos últimos seis anos talvez muito em razão de um capítulo de livro – aliás sobre esta temática e ainda no prelo (na data desta escrita). Mas estes autores, sem dúvida alguma ajudaram a produzir está inflexão, à esquerda³². Assim como outros, como Prof. Arthur Powell, que leu e também inspirou compor o era o projeto inicial de doutoramento, além evidentemente minha orientadora.

Mas o que pode uma imagem produzir? Penso que elas estão se tornando mesmo parte importante deste texto. E visualizo isso com a mesma percepção de que elas têm potências, que se filiam a racionalidades e subjetividades com o mundo vivido. Com a escrita se pode inspirar, por em “movimento” estas Imagens, desloca-las, também reacomodá-las. Fazer com que circulem compondo um *espaço*. Artificialidade? Ilusão do texto escrito, tão certa como a morte do autor?

Meu texto parece anunciar um nascimento, acontecimento, e a morte à medida em que caminha. Talvez seja marca sempre presente em toda escrita que se sabe residir³³, libertando-se... morrendo... esquecendo, para lembrar³⁴, novamente. Eu não sabia então que era Abana que viria. E não sei ao certo se seu parto se realizou por completo.

Esquecer e memória (lembrar), encarnar-se, desencarnar-se de uma racionalidade. Desencarnar-se é libertar-se do seu julgo. Não pela sua morte, nem pelo suicídio do corpo que sofre. Encarnar-se é compor com outros desejos, sabores. Conhecer, reconhecer-se:

³² É uma alusão pessoal e indireta a um livro que hoje retomei em mãos, provocado pela conversa que tive com um prof. de matemática, do Dep. de Matemática da UFJF, Amarildo Melchades, um amigo desde os tempos de graduação e jogávamos futebol na seleção universitária, como representantes da matemática. O livro é Educação à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade. Michel Apple. (2003)

³³ Eu já deveria ter dito isso antes, mas é sempre a hora de dizer. Este termo “roubo” da Bruna (companheira do Travessia Grupo de Pesquisa) da sua tese (Oliveira, 2022).

enegrecer. E quando digo *encenar-se*: eu estou convencido do papel incontrolável das cenas que nos são previamente prescritas por alguém de poder, do mesmo modo que reconheço o papel singular do modo como o ator pode compor o personagem.

SOBRE O SABER E SOBRE USOS DE ÁRVORES

*Árvores, encarnadas*³⁵, *dão a pensar, na escrita enegrecida.*
*Reencarnam, encantamento.*³⁶
*Árvores, encarnadas*³⁷, *dão a esquecer em voltas: mercadoria, peças, ...*
Desencarnam, vivências.
Árvores encarnadas se dão à morte.... Se penduram corpos negros...
Árvores encarnadas dão à vida reverência Se envolvem por corpos negro...
Árvores encarnadas dão licores

Na verdade, tudo é encarnação de sentido. Há muitas maneiras de se referir a isso. Então não se trata de tentar aprisionar o sentido numa palavra, mas fazer variar o seu uso, para poder experimentar com os ou outros sentidos.

Às vezes creio que esta escrita talvez seja mesmo um esforço sem sentido. Palavras soltas ao vento em imaginação produzem sentidos e sabores que não se aprisionam. O autor está, sempre, morto considera Foucault. Mas essa coisa de não se prender, num sentido, tem um pouco das “astúcias”, mas não do mais fraco.

Quando se quebraram os grilhões pôs-se em movimento a vontade de comunidade (Cf. Mbembe), uma vontade que não cabe em um corpo e rasga o peito em escrita não se acalma.

A **encarnação**, como uma dada racionalidade, ao longo de **uma específica história** da humanidade e a depender da “esfera de conhecimento” em que se instituíra, sim porque há sempre um ritual próprio de encarnação, adjetivou-se de modos diferentes.

Ao sabor deste texto pode-se considerar **algumas destas adjetivações**. Foi tratada como “**ética profissional ascética protestante**”, embora Weber chamasse de “espírito do capitalismo” (como um adubo numa plantação de moedas, nesta mesma “esfera” de existências simbólicas); foi também posta como **arraigamento**, resultante de uma **grande**

³⁵ Utilizo as palavras **encarnação, reencarnação, encantamento, desencarnação**, com “sabores diferentes”. Não se quer mesmo aprisionar-se ou prender-se a um sentido “maior”, dogmático. Cada contexto talvez assuma um *sentido* e mesmo em um mesmo contexto, pode sugerir sentidos diferentes. O futuro leitor deste texto irá imprimir-lhes um sentido próprio. Acho que é isso que sugere o “dar a pensar”, quando escrevo. Do contrário, tudo estaria posto. De qualquer forma tenho pensado “encarnação” em todas as suas flexões conjugais, como movimento que se introjeta no corpo em sentidos.

³⁶ O desencantamento ajudou a produzir a racionalidade liberal (neoliberal) individualista, de mercado e profundamente engajada no valor da propriedade, privada e dos meios de produção. O Encantamento é a saída encenada num processo de desterritorialização.

³⁷ Uso técnico: desencarnação do outro, literal ou espiritual.

transformação³⁸ e orientada para os mercados. Na verdade, era mesmo tudo acumulação, gula capitalista. Mas não se fez só. Teve o auxílio da **divinação**, num processo, primeiro que funcionou enquanto produziu moedas, depois cansada, desencantou-se, mas não porque se soube consciência encantada outrora, mas porque as plantações de moedas não davam mesmo mais conta e então, para continuar a alimentar o grande Satã... agora, o Mercado, tornou-se imaterial.

Mas, e Pequizeira? Não imagine que a discussão que acabamos de fazer não mantenha relação alguma com a Pequizeira ou com árvores. Tenho penado sobre estas composições com árvores. Eu subia muito frequentemente nesta árvore. E lá do alto talvez tenha experimentado meus primeiros ensaios de pensar sobre o que se vê, daquele ponto de vista. Ou sobre a ideia de que aquilo que se observe tem, também, a ver com a posição que se ocupa.

Pensar com árvores, por árvores é algo que se inaugura em meu modo de lidar com as coisas do mundo a partir do momento em que me envolvo com as leituras de Deleuze e Guattari sobre o regime significativo arbóreo. É o que está em discussão em seus trabalhos, e é por intermédio destas percepções que me ponho a pensar aqui em imagens, talvez ancoradas por elas. Tanto pelo fato de que as árvores são também registros fotográficos revememorados nesta tese, quanto ao seu valor como elemento importante para o pensamento religioso de minha ancestralidade. A *pequezeira* está na parte do texto em que retomo em exame imagens, enegrecimento. Mas virão também o *Jequitibá* na comunidade do Quilombo São José da Serra; o *Ipê Branco*, que talvez não saiba matemática e, não exatamente uma árvore, mas um arbusto, *ora pro nobis*, no Quilombo Colônia do Paiol.

Antes, devo dizer da aparição constante, da *instituição* militar, no texto se deve ao fato de que nós moramos por 13 anos lá dentro. Foi onde passei minha infância. Assim chego a mais uma imagem “da instituição” em que destaco meu pai ao microfone abrindo a cerimônia de “juramento à bandeira”, e a *pequezeira* ali ao fundo.



³⁸ Referência ao trabalho seminal de Karl Polanyi, intitulado *A Grande Transformação*, escrito durante a segunda guerra, segunda grande guerra europeia.

Ela esteve lá o tempo todo. Para datar esta foto foi preciso fazer um mapeamento. Eu desconfiava que o nome do prefeito na foto era Sbeghen. Não lembrava o primeiro nome. Então fiz uma busca no Google e achei o período de seu mandato e nome completo Osvaldo Sbeghen, não que isso, o nome completo, fosse importante. Depois, no palanque ficam apenas as autoridades e convidados. Os militares que estão no palanque, eram de patentes superiores, portanto de fora da instituição. Mas há outra foto de outro foco em que reconheço o sargento (dos três outros sargentos que trabalhavam junto a meu pai), Asakawa. Fui até um documento do T.G. que contém a relação dos sargentos, períodos em que atuaram etc. E verifico que Azakawa esteve lá no período Out/1975-Jun/1978. O mandato do prefeito ocorreu no período 1977–1983. E desse modo matemático, a foto só pode ser em 19 de novembro (dia da bandeira em que se realiza tal cerimônia) e do ano 1977.

O Tiro de Guerra de Bauru ainda funciona. Trata-se de uma instituição de longa história cuja criação data de 1916 quando *“nasceu a ideia da fundação em Bauru, de uma instituição destinada a ministrar instrução militar aos jovens, dentro da própria cidade.”*³⁹ Em 1919 aparece o primeiro registro de criação desta instituição que ao longo de sua história mudou de denominações, num código de registro militar que envolve o número da região militar (o território brasileiro é dividido em 12 regiões militares e Bauru –SP se localiza na 2ª Região) e o número da instituição.

Anunciava-se em edital, na imprensa local, naquele ano:

Tiro Brasileiro de Bauru” – De ordem da comissão constituída para a fundação do Tiro Brasileiro de Bauru, pelo presente convoco todos aqueles que assinaram o termo de solidariedade a se reunirem Domingo próximo, 10 de dezembro, às 16:00 horas, no Salão da Sociedade Italiana “Dante Alighiere”, a fim de se cogitar a fundação da sociedade. Bauru, 06 de dezembro de 1919. (Assina) Américo Alves Meira.⁴⁰

Meu pai, permaneceu nesta instituição (e nossa família também) em dois períodos distintos, o primeiro muito curto, de 1964 (ano do Golpe Militar e início da Ditadura) à 1965⁴¹. E o segundo, mais longo, de 1967 até 1978. Foram treze anos de vida dentro desta

³⁹Não foi mais possível recuperar as fontes destas informações, quando da primeira escrita deste trecho. Mas se tratando de um trabalho que faz apelo à memória, registro que estas informações foram encontradas e extraídas de exemplar de Jornal, da Cidade de Bauru, cujo nome não me recordo.

⁴⁰ Idem (Ver Nota nº40)

⁴¹ Ano em que nasci. E devo confessar, mas aqui em nota onde acredito não tenha tanta visibilidade uma “mentira” que conto. Não nasci em Bauru-SP. Na verdade, durante o interregno da participação de meu pai como militar nesta instituição, o ano de 1965, ele fora transferido para uma cidade vizinha, Marília –SP. Foi lá que aos 21 de outubro de 1965 minha mãe

instituição, se contarmos os registros oficiais da Instituição. Porque nós ainda voltamos a “morar” na instituição por mais um ano durante 1981. Não há registro, mas há memória, transformada em narrativa neste texto. Foi o último ano em que minha família residiu no Tiro de Guerra e na cidade de Bauru. Mas antes, nos anos de **1979** e **1980**, meu pai fora promovido a Tenente (um oficial de patente- insígnia - intermediária, na estrutura do Exército) posto que demandava que não mais permanecesse em função “operacional”. Desse modo nestes dois anos tivemos que nos mudar das casas do **Tiro de Guerra**, uma vez que meu pai passou a exercer atividades administrativas na 6ª CSM (Circunscrição do Serviço militar) também em Bauru. Uma espécie de aparato burocrático militar, regional. Esta é uma denominação pessoal, não uma definição formal. Lá ele não mais atuava como “instrutor” militar, cuidando de questões burocrático-administrativas.

Ficou por um ano (1981), e nós também (minha mãe, eu e meus outros seis irmãos e irmãs). No início de 1982, a última transferência, esta para a cidade que tanto queríamos Três Corações, em Minas Gerais, a terra do Pelé. Cidade da família de minha mãe. Meu pai além do único militar negro na história daquela instituição fora o militar que mais tempo permaneceu em cargo de chefia, de 1970 a 1978. Foram nove anos como chefe daquela instituição militar. Uma imagem fora do lugar?

É curioso pensar sobre as contradições, de um “período de chumbo”, em que meu pai, aquela figura tão serena fora chefe de uma instituição, tão dura, militar. Sobretudo por ser um negro a comandar brancos, no interior de uma estrutura rígida de poder. Dá a pensar.

Não se trata de minimizar os sentidos que se podem produzir, nesta revisitação do passado em imagens e escrita e no pensar, sobre a “participação” de meu pai num **regime de exceção**. Mas há que considerar que a Ditadura estrito senso não ocorreu, em termos operacionais, com a participação de todo o Exército, era preciso ter um núcleo duro. E ele não só ocorreu com oficiais de alta patente como também dentro de certos “aparelhos” como o DOI_CODE em São Paulo ou A **Casa da Morte** em Petrópolis, para citar dois exemplos.

Além de um setor seletivo do Exército, a Ditadura promoveu seu aparato junto as outras forças militares e de segurança dos estados, *“até 1967, a ditadura se utilizou da estrutura de repressão já existente nos estados, mobilizando os Departamentos de Ordem Política e*

deu-me em luz ao mundo na Maternidade Gota de Leite. Como em mais outra transferência, retornamos a Bauru em 1966, tendo passado tão pouco tempo naquela cidade, o tempo praticamente da minha gestação no útero de minha mãe e para que eu ganhasse padrinhos, então Sgto. Greco e sua Esposa D. Marilda, os quais só me lembro de ter conhecido por foto. Muitos de nós, irmãos (somos sete) temos padrinhos e madrinhas militares.

Social, subordinados às Secretarias de Segurança Pública e os policiais civis lotados nas Delegacias de Furtos e Roubos, famosos pelo uso da violência e a prática da corrupção.”⁴²

A partir de 1969, o sistema de coleta e análise de informações e de execução da repressão tornou-se maior e mais sofisticada com a criação, em São Paulo, da “Operação Bandeirantes”, (OBAN) **um organismo misto formado por oficiais das três Forças e por policiais civis e militares**, e programada para combinar a coleta de informações com interrogatório e operações de combate.⁴³

Todo regime de exceção precisa de um núcleo duro, não só para produção da encarnação ideológica, mas também porque é da natureza dos sistemas autoritários, se valer de um grupo restrito para consecução das ações do aparato repressor.



Aqui estamos em 1966 talvez, em Marília SP, minha mãe, eu a seu colo, e minha madrinha. Esta foto se “reproduz desde então”⁴⁴ encena em revisitações do olhar, memória e afetos. Mas há afetos e sentimentos que nós “colocamos” na imagem.

Coisas como "doçura", “calmaria”, “tristeza”, estavam lá, no berço de sua aparição inicial? A aparição se refere à revelação da foto, que ocorreu por um artifício tecnológico da época? Ou se trata de algo que, não estando materialmente (graficamente) nela, é impresso pelo olhar (significância), provocado por nossas memórias, colorações ideológicas, predileções partidárias, orientações religiosas, de classe etc.? Ou apenas tristeza de um corpo que ressentido pelo infortúnio da morte, quer voltar?

⁴² Texto de Heloisa Starling. Disponível em: [2. Órgãos de Informação e repressão da ditadura Brasil Doc. \(ufmg.br\)](https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/). Acesso em: 20/09/2024. Site da UFMG, “um arquivo digital construído pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com o objetivo de tornar disponível, em transparência ativa, fontes históricas de natureza diversa abrigadas na instituição.”

⁴³ Disponível em : <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/> Acesso em: 29/12/2024.

⁴⁴Esta versão por exemplo é digital, é foto da foto. Pode-se assegurar que tirar a foto da foto, revisita-la, não produza outras coisas?

Mas vou interromper esta conversa por aqui para retomá-la em outro espaço. Por hora vou compor um pouco mais com as memórias e imagens dizendo que não, ..., não me parece que eu tenha medo da noite. Embora acordasse chorando com frequência e fosse sonâmbulo. Na verdade, hoje, eu até gosto bastante da noite. Gosto da chuva também e do vento. O vento é coisa mesmo coisa ancestral, espiritual. *Iansã* (tenho aprendido). Escrevi, certa vez em algum lugar, *que o vento é voz do tempo, alcança a qualquer pessoa em qualquer lugar, mesmo fora da nossa existência, material*. Ele me desloca no tempo em memória. Acontece que sentir o vento, muitas vezes ao longo de minha vida, representava um momento de pausa, de interrupção do que estava pensando ou estava fazendo. Com muita frequência isto acontecia. Muitas vezes o vento me faz parar. Mas não é só parar e interromper o que estou fazendo. É mais do que isso. Sou sempre “retirado” do que estou fazendo e de onde estou e sou “levado”, muito mais num sentir indecifrável do que numa lembrança específica, para um instante de paz e felicidade, calma, tão intenso quanto rápido: um instante de um acontecimento. O vento que passa pelo meu corpo negro é um *acontecimento*, provoca uma sensação incapturável, ininteligível por qualquer modelo de razão que se opere, podendo apenas ser sentido e de forma muito rápida. Logo se esvai! Restam apenas impressões vagas, depois que sou atravessado por esta epifania. A única ~~certeza~~ certeza é que isto se traduz num momento de paz, tranquilidade e revelação do sentido de todo o viver, embora eu não saiba dizer qual seja.

Na maioria das vezes eu me lembro do passado quando sinto o vento. Já tentei elaborar algumas “explicações” (sendo provocado por uma necessidade de buscar razão para as coisas). Uma delas, vou compartilhar aqui. Como passei minha infância e adolescência em Bauru-SP, e a cidade é conhecida como cidade “**sem limites**”, numa referência ao fato dela se espalhar em todas as direções e estar numa área muito plana, talvez o vento encontrasse lá um lugar interessante para ocorrer. Não importa! O fato é que o vento me provoca, interrompendo-me e isto, na maioria das vezes, me faz bem. Agora não vou mais explicar, quero apenas experimentar.

Talvez isto seja uma repetição (além de uma mentira que o leitor já sabe) mas preferi deixar o trecho como estava em sua primeira edição de modo que... Nasci em Bauru, esta cidade do interior de São Paulo, numa família de nove pessoas.

Duas meninas e cinco meninos além do pai e da mãe. Minha adolescência passei toda lá. Na foto que segue, os dois mais velhos, não aparecem, e não sei dizer porque razão. A distância, no tempo, só nos permite especular e não desejo fazer isso aqui agora. Eu sou o que está “*em posição de sentido*”, ao centro.

Na verdade, o mais novo, hoje militar, ainda não tinha vindo ao mundo físico (Ayè) e, portanto, sua imagem e seu corpo não compõem esta foto. Ela fora registrada numa festa de aniversário de filho de companheiro de trabalho de meu pai, em sua casa, na instituição militar em que vivíamos.



Sobre ter me encontrado de frente com o racismo neste período, não me

lembro muito bem, a não ser por dois episódios. Na verdade, na primeira escrita não me lembrava, mas hoje posso acrescentar mais um caso. Essa coisa dissimulada, escondida, não dita, do racismo tem mesmo um caráter que dificulta nossa percepção, e não tem o hábito (*habitus*) de se mostrar frontalmente, o que acarreta certa dificuldade para a memória. Além disso o corpo negro provavelmente constrói algumas barreiras de modo a assegurar a sua saúde mental e emocional e dessa forma, deve produzir certas barreiras à memória e dificultar a reprodução de cena e, por conseguinte, dos sentimentos e da violência, no acontecimento do ato racista. Há algumas possibilidades que explicam a impressão ou a constatação de que o racismo, naquele contexto não se mostrasse frontalmente.

Há quem diga que hoje o racismo “aumentou” e há aqueles que acham mesmo que não, creditando esta última percepção ao fato do desenvolvimento do mundo tecnológico e mídias sociais, que teriam dado mais visibilidade aos casos. Não tenho dúvidas sobre o racismo ser algo crescente hoje, pois a dimensão dessa chaga humana, deve ser traduzida não pelo cálculo de sua ocorrência, deve ser medida não por outra coisa, senão pela dor que produz nos corações da gente preta discriminada.

Além disso, se pode dimensionar sua presença entre nós pela própria emergência política, nos últimos anos, de um certo significante fascista e racista, em especial aqui no Brasil. Um certo ordenamento que se traduziu como um ambiente fértil para, desvelar, potencializando, ideários branqueadores e racistas, além é claro, de autoritários. Diz o presidente do país que concentra a maior população afrodescendente do mundo: "Fui *num*

quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles"(Presidente Bolsonaro) abril/2017.

Mas é só até aqui que caminho na narrativa sobre este (in) significativo, heteronormativo branco fascista, pois não devo lhe dar espaço nesta escrita, pelo menos não por enquanto. Hoje, com o devido cuidado e “clarividência” como sugere Milton Santos, vejo que ele, racismo, de fato sempre esteve entre nós. Mas deixe dizer que ao longo dos anos o meu experimento “Ser *negro*” me acostumou a ter que explicar as coisas e justificar, para evitar os julgamentos, ou maus julgamentos.

E, também, sendo professor de matemática, fruto da formação acadêmica cartesiana centrada no valor da técnica (e do cálculo) e do método, tenho sempre que me certificar e verificar se a explicação contém todos os elementos capazes de produzir inteligibilidade a meu texto. Bem, na verdade, não se trata de uma qualidade apenas da Matemática, representando na verdade um ideário científico positivista que se incrustou (encristou— algo como produzir-se por Cristo?) foi uma sugestão que o corretor automático fez e que não devo desconsiderar seu valor) no modo como fazemos ciência.

Os *Eguns* têm a ver com o lugar tanto físico como emocional. Acho que já tratei sobre estas entidades antes. Há sempre provocações dos lugares. Sim eles se insinuam, os lugares e o *Eguns*. Mas também se insinuam curas, nestes mesmos espaços.

As curas, a produção da culpa cristã, os males e as relações com o mundo espiritual sobretudo mediado pela natureza, e com a intervenção dos Orixás, que se manifestam também com todas as suas fraquezas, ou as nossas fraquezas, são o seu duplo exorcizado.

Na verdade, trata-se de uma produção de ciência ou pseudociência calcada sobre a ideia de que o valor do conhecimento está ligado ao tipo étnico que o produziu, numa escala que tem no branco europeu o ponto máximo. A sua manifestação, numa sociedade branqueada é algo que chega a ter o mesmo status de um *poltergeist*. Me parece que “Polter” é um termo de origem alemã e significaria algo como barulho. “Geist”, com a mesma natureza germânica, seria fantasma. O que me permite definir este termo, na verdade o racismo por este termo, com todo o poder que a escrita me confere, como expressão da ideia de que: forças ocultas produzem manifestações e, por conseguinte, efeitos materiais, espirituais, emocionais e toda ordem, sobre as pessoas. Elas (forças ocultas) inspiram medo e dor. Fazem com que as pessoas se encolham. Sua manifestação se dá de tal forma que torna difícil perceber sua presença, identificá-las corretamente e, principalmente, combatê-las.

O racismo opera dessa forma. Ele é um poltergeist. Mas não se engane!!! A “*modernidade encantada*” inaugura uma narrativa sobre sua “presença” que parece querer que nos adaptemos. Por essa razão, também, é difícil perceber o momento em que estamos sob seu ataque. Digressão!!

Em um dos episódios eu fora impedido de entrar numa festa, certa vez, quando adolescente em Bauru. Eu estava acompanhado por dois colegas, brancos, e a mãe de um deles que de carro tinha nos levado para a festa. Quero crer que o fato de termos ido me permita dizer, na “distância do tempo”, que eu tinha sido convidado ou que o convite estava mesmo facultado a “todos (as)” “coleguinhas” de sala de aula. Na verdade, não me lembro se de fato era uma festa de “coleguinhas” de escola. Sempre compus com diferentes grupos. Isto talvez fosse parte de uma estratégia de um corpo negro, pois compor com grupos diferentes diminuiria a possibilidade de me ver só, excluído. Não sei!

Acho que estávamos, então, na sétima série. Estudávamos na E.E. Prof. Silvério São João, em Bauru-SP. E, portanto, esta escrita está “distanciada” do ocorrido em pelo menos uns 43 anos. Ah sim!!! A dona da festa, disto eu nunca esqueci, era uma colega de classe cuja identidade quero preservar dizendo apenas que seu sobrenome é de origem alemã. Era de uma família de poder aquisitivo bastante elevado. Bem, de qualquer forma, convidado ou não (quero crer que outros, brancos não convidados tenham entrado na festa) o fato é que, naquele momento o menino negro, foi o único que não pode entrar na festa. Esta lembrança, nunca mais abandonou minhas memórias. Indignada, me lembro que a “mãe” nos colocou de volta no carro e fomos para casa.

Pode ser que de fato ela tenha levado apenas eu de volta para casa (e que por uma seletividade da mente, ressentida pela dor do racismo) eu não esteja me lembrando disso aqui ou esteja elaborando uma versão que me conforte ao coração. Vou ficar com a versão de que fomos todos de volta para nossas casas. Seu filho, eu fiquei sabendo há uns anos atrás, faleceu ainda jovem, acometido por AIDS. A mãe, me parece ainda viva, é dona de um ferro velho na mesma cidade. Tenho vontade de voltar e encontrá-la para conhecer melhor esta história, mesmo com o receio de que sua narrativa seja mais dolorosa que a minha. Ou o receio de que ela se quer se lembre.

Como meu pai fora chefe da instituição militar da cidade, onde também morávamos, ocupando uma posição de certo prestígio social, digamos assim, talvez por isso o racismo não tenha se mostrado ao menos, não de modo bem visível. Aliás, a invisibilidade como disse, é um tema que expressa bem, como o racismo opera. Mas há outras possíveis explicações embora todas acabem de uma certa maneira, por se justificarem inicialmente pelo caráter

dissimulado, embrionário constituinte do nosso modo de existir. Talvez sofrêssemos calados ou até mesmo não tivéssemos a exata noção do que aquelas negativas e agressões que, ocasionalmente sofríamos, significavam.

Foi só recentemente, por exemplo, que conheci uns dos episódios de racismo que uma de minhas irmãs, também sofrera naquele período. A maior parte destas situações, eram ou foram protagonizadas nos espaços escolares, ou a eles indiretamente relacionados. Um aluno recusou-se a sentar ao lado de minha irmã e aos prantos cravava: “*ela é preta, não vou sentar do lado dela*”. A professora resolveu a questão muito rápido, muito convicta da solução: retirou minha irmã da carteira onde ela já se encontrava assentada, colocando-a em outro lugar. Afinal de contas na visão branqueada e racista “da professora”, era minha irmã o problema.

É dessa forma que o racismo opera. Interdita-nos, transfere-nos, nos condiciona em certos lugares e papéis e nos diz por onde podemos e por onde não podemos transitar. E é exatamente isso que queremos, dizer quando afirma que ele é estrutural.

Por esta razão, como um instrumento ou *máquina de guerra* contra o racismo, esta escrita ao estranhar o capitalismo e o racismo, operou pela circulação das imagens de pretos e pretas da trajetória de Abana, fazendo-as circular, gerando espaços ou mostrando os espaços gerados ao longo de sua trajetória profissional, como professor, negro, de matemática.

No final da carreira de meu pai, por volta de 1982, nos mudamos para Três Corações MG, cidade em que vivia a família de minha mãe. Ela nasceu em Alfenas, também no Sul de Minas Gerais e sua família fixou moradia na cidade de Três Corações-MG.

Cursei todo o ensino médio lá e até àquela altura, eu queria ser militar. Também tinha uma “veia” matemática e um certo gosto por Ciências, também provavelmente influenciado por meu pai, que se graduou em Matemática na Faculdade de Ciências e Letras de Bauru, conhecida à época como FAFIL e hoje, Unisagrado⁴⁵.

Em Três Corações, lembro que por vezes tinha que me sentar ao lado de meu pai depois das aulas em casa para fazer o “dever de matemática”. Como meu pai era professor de matemática, era a matéria em que eu mais era cobrado. No sul de Minas era “dever de casa” e em Bauru-SP, chamávamos de “tarefa”. Era ruim de qualquer jeito!!! Nesta etapa da minha vida escolar, passei pela experiência de ter sido escolhido, junto com mais alguns colegas, todos nós “bem-sucedidos” (nas avaliações) em matemática, para ajudarmos aos alunos do

⁴⁵ Universidade Sagrado Coração de Jesus, de natureza confessional mantida pela Igreja Católica com orientação “CLELIANA, alimenta-se do espírito e do carisma da Bem-Aventurada Clélia Merloni, em sintonia com as atuais prioridades apostólicas do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração em vista da Nova Evangelização.” Disponível em: [Mantenedora \(unisagrado.edu.br\)](http://Mantenedora(unisagrado.edu.br)), Acesso em :20/09/2024.

noturno, nos estudos, em matemática. Estava pronto o caldo, eu seria professor de matemática. Mas eu teimava em tentar ir, também, para outros lados.

O interesse pela carreira militar foi aos poucos se esvaindo. Na verdade, eu tive que abandonar a ideia, por conta do diagnóstico de uma Disritmia Cerebral. Eu já tinha esse diagnóstico desde o início da adolescência, ou final da infância. Me lembro de ter tido o que, anos depois, fiquei sabendo ser, uma convulsão. Isto ocorreu quando ainda estava em Bauru, por volta dos 13 anos de idade.

De volta a Minas Gerais (nesta narrativa) a procura por caminhos a seguir, travessia, foi alimentada também pelo futebol. Me lembro que assim que cheguei ao Sul de Minas, por conta da prática nas aulas de Educação Física, eu fui convidado por um colega da minha turma de 1º Ano do ensino médio, de nome Edson, para entrar para uma equipe de futebol. Talvez ele fosse paulista também, tenho uma vaga lembrança alimentada pelo fato dele ser torcedor do São Paulo F. C. Eu era e ainda sou palmeirense. Edson era, no tempo verbal da narrativa e creio que assim continua, negro. Tornar-se negro, ser negro e saber-se negro é processo que não se realiza sem dor e que não, ainda que possa parecer um paradoxo existencial, não se relaciona apenas com a condição fenotípica. É preciso sentir, carregando nas costas com a dor da produção de uma identidade coletiva forjada, inicialmente, pelo não ser, pelo açoite, físico, psíquico e epistêmico, é literal, não uma metáfora.

Edson me convidou para assinar para um time de futebol amador, chamado de Nova Lima F.C. “Assinar”, era o modo como se referiam a uma espécie de contratação, sem vencimentos. Aliás lembro agora que, também por conta do futebol, vivi uma experiência do tipo que anos depois eu chamaria de racismo, mas para isso eu preciso voltar, na narrativa, para Bauru. Lá existia – e ainda existe – um time de futebol profissional, onde tive minha primeira experiência, jogando pelas categorias de base. É o Esporte Clube Noroeste - o nome Noroeste se deve à famosa estrada de ferro que se inicia na cidade indo até a Bolívia. Acho que até Santa Cruz de La Sierra. Eu tinha passado numa “peneira”. É muito interessante a linguagem né? Passar na “peneira” significava, no meio futebolístico, ter sido selecionado dentre muitos outros garotos, para integrar a equipe do Noroeste (júnior) na época.

Foi numa viagem de Bauru para a capital, São Paulo, para a disputa de um torneio, no ônibus que nos levava, que ouvi de João, “roupeiro” e massagista do clube, a enunciação que continha uma alusão ao racismo. Forma cuidadosa de adjetivar dizer, hoje, o que aconteceu. Faço um esforço aqui para ser preciso com as palavras, com receio de que o distanciamento do tempo, e a percepção claro individual sobre aquele episódio, possam imprimir sentidos às “palavras de João”, numa conotação que talvez não fosse a que ele manifestava. E há sempre

o risco que, por intermédio da produção dessa escrita, eu produza um sentido diferente daquele que ele levava no seu coração. Há sempre este risco! Mas continuando, deixe-me explicar que roupeiro é o profissional que cuida dos uniformes dos jogadores. João era um senhor negro, e na verdade não tenho certeza de que se chamasse João. Conversávamos, Eu, João e mais alguns garotos (imagino aqui, que todos eram brancos). Ao menos não me lembro de outro jogador negro, na equipe, mas esta lembrança também é muito frágil. Assim como a **escrita**, a **memória** tem esse incontrolável caráter fugidivo. Elas na verdade se retroalimentam produzindo, sempre, deslocamentos.

Antes de seguir, perdoem-me por mais uma digressão, devo considerar o que pode ser entendido como uma revisão de posicionamento, pois disse aqui em cima que apenas em dois episódios havia experimentado o racismo, mas isso não é verdade. Ainda que eu não soubesse que nome dar a acontecimentos como estes, no futebol, ele me marcou de uma forma que daquela viagem é a única conversa e momento mais específico, de que lembro – a não ser o fato de ter sido levado pelos meus treinadores para conhecer o Parque Antártica – era o campo do Palmeiras, hoje Alianz Parque.

Conhecendo hoje a natureza dissimulada e ideológica do racismo, seu caráter estrutural e, portanto, algo tido como natural para os participantes de muitas práticas sociais, como o futebol, eu não tenho dúvida de que eu sofrera na infância e adolescência muitos episódios de racismo. |Eles produzem dores que carregamos em lembranças pelo resto de nossas vidas. Mas então, na conversa no ônibus na viagem para São Paulo onde disputaríamos um campeonato, nós estávamos falando sobre os times para quais torcíamos. Quando eu disse ser palmeirense, o João logo cravou algo do tipo: “*Não Você não pode, isso é para esses aqui ó!!*”. Se me lembro bem, dizia isso colocando a mão sobre a cabeça, e chacoalhando o cabelo, de um dos colegas, brancos. Acho que concluiu dizendo que eu deveria ser **corintiano**. Nunca mais me esqueci desse episódio. Olha que já se vão uns, pelo menos, 43 anos. Não quero agora criar um tribunal e me posicionar como um sensor a julgar esse personagem, o João. Até porque, como sabemos, não é ele quem deve se sentar ao banco dos réus.

No entanto, penso agora que a atitude do João pode encerrar posições distintas. Seja como for ele manifestava uma interdição ainda presente, aquela mesma que me impedira de entrar numa festa ou removera minha irmã: sob a ótica de uma sociedade racista, **corpos negros precisam ocupar papéis e lugares bem definidos e, em geral, de inferioridade**. Mas pode ser que, como militante esclarecido, não como déspota, João estivesse descrevendo ou prescrevendo um modo como eu, **astuciosamente**, deveria participar da prática social (ser

torcedor de futebol) defendendo um time que, talvez, simbolizasse “**melhor**” o pertencimento ou a minha identidade negra. Resignado ou esclarecido, alienado ou combativo, aqui na escrita João tem a seu favor o tempo.

O tempo! O Vento! Há **esquecimentos**, um **acidente da escrita** que tem o poder de levar o seu sabor para outros lugares/praticados, *espaços* (Michel Certeau). Estive ausente do texto. Mas não do texto-Tese, que suspeito acabará por ter outro nome. Mas ainda no desejo de exorcizar com a escrita, que perpassará toda ela e no experimento de enegrecimento: Retomo.

O Vento, acho que já falei sobre ele, é voz do tempo, tem o mesmo efeito que as imagens, neste texto, revisitam-me, revisito-as, **em memórias**. É assim que componho com mais uma imagem. Esta, é da mãe, mas não só dela, vêm outros juntos. Ela veio ter com o texto (a foto), porque sentia nele falta dela, minha mãe. Não tenho muitas fotos em que ela apareça sozinha, nem mesmo muitas fotos em que ela “apareça”. E uma questão me chama a atenção: a quase totalidade das fotos ainda que referidas a meu pai, são na verdade imagens da “Instituição”, é um acervo pessoal, mas o que se vê é a figura de um militar.

Mas de volta a foto então, são meus pais. *Êgúns* sobre a perspectiva Iorubá. A quem eu devo todo o meu respeito e carinho.

Mas há uma questão aqui importante, pois, **com as** imagens de meu pai e minha mãe, emerge no texto e na escrita, uma **aparição “secundária”**, que se insinua forte quase tomando até aqui, a totalidade do espaço da escrita: a **Instituição militar**, o Tiro de Guerra. Assim há então algumas coisas a pensar, neste processo de visitar em memórias junto com a escrita estas **Imagens autoreverses**: primeiro que elas dão a pensar; que passo a compreender na palavra *Autoreverse*, o prefixo (auto) como a descrever um movimento provocado pelo próprio ~~sujeito~~ corpo do enegrecimento (é neste contexto que trato, dessa forma estas Imagens). É ele quem dispõe de uma intencionalidade no olhar ~~mesmo que não consciente~~ inconsciente.

Elas (as imagens autoreverses) se insinuem pelo enegrecimento, do corpo que volta em exame das imagens para reelaborar, revememorando; as imagens são janelas para a memória; há, em consequência disso então, um propósito de rememorar, um desejo de **reverenciar**, antepassados. Isto faz parte do meu “tornar-se negro”.

O problema da *Instituição* insinuando-se *mais imagem* do que aqueles a quem reverencio, é só aparente. Ela tem a sua importância como *Espaço*, um lugar praticado, mas

também nos diz sobre o caráter fugidio de que também dispõe toda e qualquer *aparição*. Não há controle sobre sua entrada em cena, nem tão pouco sobre o tempo em que ela permanecerá em performance.

Mais à frente, quando vou experimentar com o reexame de encenações nas práticas pedagógicas, as *aparições* terão também sua performance ensaiada mais uma vez. Elas tanto podem encenar-se *Espaços*, denotando variações e afetações aos regimes de significância, corpo enegrecendo, quanto podem sugerir os efeitos do regime significante, rosto do corpo, branqueado. E como seu status pode variar no tempo, memória que reexamina, então elas, *aparições*, podem neste momento estar dando conta do enegrecimento e descrevendo o agenciamento de um novo regime de signos ou a operação subterfugida do regime...

O ensaio, talvez melhor dizer a performance, daqueles corpos negros no *lugar* controlado, *Aparelho Ideológico de Estado* (A Instituição), permitiu que se transmutasse em lugar praticado, Espaço. A forma e intensidade das violências, explícitas de racismo que sofremos, só foram “visualizadas”, fora do alcance da Instituição. Algumas destas violências tendo sido localizadas no espaço de outro Aparelho, a Escola. Talvez paradoxo do Espaço que se permite Lugar. Talvez não! Acontecimento.

É assim que também enceno na escrita um *Espaço* texto, como um lugar praticado. Há um desejo-memória que o orienta. E não se tem muito controle sobre isto. Descubro, experimentando com a escrita.

Mãe distraída da intencionalidade da foto, captura da imagem, parece ver sem olhar já sabida. Desviar o olhar, pode ser artifício para manter o controle sobre o que se pode capturar? Mas diz sobre como se permite aprisionar-se em imagem no tempo. Como se deseja revelar-se em aparição. Mas pode também saber-se não desejo da *lente da máquina* do *agenciamento Maquinaria*.



A escolha da imagem, pode ser resultante de um acaso, de uma mão que ao buscar em um baú cheio de fotos retira esta ou aquela foto, ou de um olhar que ao folhear um álbum, “prefere esta” e não outra. Há o acaso nas duas situações. Mas o acaso aqui não é des-intencionado. O primeiro, que se pode traduzir pelo cálculo de uma probabilidade, onde já reside, a priori, uma antecipação da chance daquela imagem, e o segundo que se pode experimentar como o incomensurável e indeterminável da afetação. De qualquer forma a *aparição* desta imagem no texto, aqui se encena.

Mesmo depois que já havia me mudado de Bauru, em alguns de meus retornos eu reencontraria com o racismo. Em 1983 eu retornei a Bauru a passeio e como não tinha familiares na cidade eu fiquei hospedado na casa de um amigo, Jó, de escola que infelizmente viria a falecer num acidente trágico, um ano depois em 1984, aos dezoito anos de idade. Seu pai, como o meu, era militar e curiosamente tinha o mesmo nome do meu pai. Aliás eles também foram companheiros de trabalho e foi por esta razão que eu e Jó nos tornamos amigos. Ocorre que neste meu retorno em 1983, certa noite nós saímos para um bar que ele frequentava junto com seus novos amigos, os quais eu não conhecia. Me sentia um pouco desconfortável, sendo o único negro no lugar que, aparentemente, era frequentado por uma classe social com a qual eu também não me identificava. Ocorre que acabei voltando mais cedo para casa sendo levado por um dos amigos de Jó que de carro, me deixara em frente a sua casa. No entanto, já era tarde da noite, eu não tinha chave e não queria acordar os pais de meu amigo. Resolvi ficar sentado na calçada em frente à casa. Uma infeliz e descuidada decisão para um corpo negro. Não demorou muito e logo fui abordado por policiais que saltaram de uma viatura vindo em minha direção indagando: “***O que você tá fazendo aí negão? Tá armado?***”. Foi duro ouvir aquilo. Logo argumentei sobre “quem eu era” (embora eu fosse Ninguém) e porque que estava ali, e que naquela casa morava um militar, amigo de meu pai, também militar e que fora chefe “daquela instituição” (eu apontava para o Tiro de Guerra que pode ser visto da casa de Jó), mas isto tudo não parecia convencer os policiais. **A cor da pele parecia ser mais significativa** do que todo o meu relato. Poucos minutos depois eis que passa um conhecido, também dos tempos de colégio que, interpelando-me sobre o que acontecia, confirmou minha história aos policiais. Eles foram embora, o “conhecido” certificando-se que estava tudo resolvido, também se foi. Acho desnecessário informar qual era a sua cor de pele.

Como Jó demorava a voltar, eu resolvi não ficar ali em frente daquela casa suntuosa, temendo que a polícia aparecesse mais uma vez. Sim, **corpos pretos** aprendem a temer a polícia e além do mais, dificilmente eu teria a sorte de ter outro branco conhecido para que,

socorrendo-me da abordagem, confirmasse minha história. Estava posto que meu corpo não representava um tipo de gente confiável para o aparato policial, como de resto, para boa parte da sociedade daquela e desta época. Na verdade, como todo corpo negro, aos olhos de uma sociedade racista, eu encarnava-me exatamente no papel de uma identidade criminosa. Uma identidade Lombrosa⁴⁶ que deriva da observação pseudocientífica e racista de que:

“[...] quando você compara os maiores macacos e a raça humana melânica, a falta de capacidade craniana, na cor da pele, na construção da laringe, rosto, pelve, órgãos genitais e membros, uns são verdadeiras ligações entre os brancos e os animais antropoides, e com poucos vestígios que restam do homem pré-histórico, podemos citar grande analogia humana com o hemisfério sul e com o negro, o que força a suspeita que o homem primitivo deva ser semelhante a este último. Esta suspeita se confirma singularmente na observação do scimmie antropomórfico e o quadrúmano e aqueles que estão mais próximos de nós, os catarríneos [grupo de primatas da subordem Anthroipoidea, com nariz estreito, narinas juntas e apontadas para baixo. Têm características humanas, como a atividade diurna, a visão estereoscópica, os ciclos menstruais nas fêmeas, etc. Inclui o gibão, o orangotango, o chipanzé, o gorila e as espécies do gênero Homo], distribuídos em regiões habitadas por negros, ou nos tempos antigos, como no sul da África ocidental, na Índia e em Bornéu [ilha localizada na Ásia]. Se o negro se assemelha ao homem primitivo; e se é verdade que as espécies zoológicas acima formam a partir do refinamento de inferior, do negro deveria derivar o amarelo e o branco.” (Lombroso, apud Góes, 2015, p.94)

Resolvi não ficar parado e saí caminhando, mas acreditem, não me desloquei nem 20 m e mais uma viatura parou a meu lado, desta vez era um Camburão da temida, “Rota” quase um navio negreiro.

O Rappa, na voz do Falcão, retratou bem isso:

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

.....

Naquela esquina ali

De frente àquela praça

Veio os zomens e nos pararam

Documento por favor

Então a gente apresentou

Mas eles não paravam

Qual é negão? Qual é negão?

O que que tá pegando?

Qual é negão? Qual é negão? Então

Qual é negão? Qual é negão?

⁴⁶ Uma referência a uma pseudociência forense desenvolvida por Cesare Lombroso (1835-1909)

Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda

Desta vez sem descer da viatura e de forma muito truculenta e arrogante, aliás num habitus comumente dispensado aos pretos neste país, um policial perguntou se eu teria observado um determinado veículo passar por ali. Disse que não! Mas para não perder a abordagem, logo em seguida me indagou sobre o que eu “fazia na rua àquela hora da noite ali”. Achei que tudo se repetiria e quando eu me preparava para narrar, a viatura arrancou e foi embora na busca do suspeito que procuravam, muito provavelmente outro preto cometendo o erro de viver numa sociedade racista. Não sei quanto tempo eu fiquei por ali, meu amigo acabou voltando, devo ter lhe relatado o que ocorreu, nós entramos em casa e esta história acaba aqui. Mas o racismo não. Ele voltaria mais tarde, muitos anos mais tarde ali mesmo em Bauru, em mais um retorno meu à cidade, desta vez como professor e para ministrar uma oficina num *Congresso de Educação* na Unesp, com o tema justamente do racismo.

Enegrimento, Imagens num *Espaço* da prática de um professor de matemática

A sala de aula de matemática foi o lugar praticado, *Espaço*, de conjurar também o racismo. Foi o modo como resolvi enfrentar o racismo. Ou o modo como, por contingência, este corpo fez frente ao racismo.



O Grupo de Pesquisas Sociais GPS

Muitos anos depois, já como professor de matemática eu provavelmente carreei para o *Lugar* da sala de aula de matemática, fortemente embebido pelo cartesianismo próprio

daquele da formação acadêmica, todas as marcas produzidas no caminho, sobretudo pelo racismo. Lidar com o racismo produziu, por um lado, um corpo inquieto com a norma e com prescrições panópticas.

Na licenciatura eu era um dos pouco negros, não apenas na faculdade de matemática, mas também na Universidade Federal de Juiz de Fora, na segunda metade da década de 1980. Mas acontece algo importante. Algo que se produz por um encontro fortuito talvez: entre um modo de subjetivação afeito ao pensamento matemático puro, instruído pela formação acadêmica e um contexto em que vivíamos e assim continuamos (uma espécie de realização, até aqui, da profecia do fim da história⁴⁷) de modelo econômico que tem no *homo Economicus* a sua imagem e semelhança de **Ser**, ou seja, o neoliberalismo. Encontro que se realiza pela contingência de estar cursando matemática ao mesmo tempo em que o país experimentava passos em direção ao neoliberalismo enquanto modelo, econômico e político.

Neste modelo parece dominar a primazia da ideia de valor no educar-se, sobremaneira, pelo pensamento matemático “puro” (porque faz apelo, por uma idealidade, ao valor do homem cálculo, produtivo para o capitalismo financeirizado)⁴⁸, programado e ascético no controle de suas finanças pessoais. Um modelo impermeável às demandas sociais, aos movimentos sociais, às demandas étnico-raciais, conquanto poroso à ideia de: propriedade privada, liberdade individual e a determinação do mundo econômico sobre todas as outras esferas de ação humana. Este contexto se constitui num obstáculo para o enfrentamento do racismo uma vez que a primazia destas diretrizes confluem num ordenamento político que desqualifica a luta antirracista, por defender que é a superação das condições econômicas quem colocaria a termo o racismo; além de difundir que esta superação, econômica e do racismo, depende exclusivamente da ação dos indivíduos. Mas mais do que isso, este contexto se serve do racismo, enquanto modo de regulação capaz de constituir um contingente cada vez maior de corpos negros, viventes predominantemente no exército industrial de reserva.

O racismo pode, em boa intensidade, ser tratado como um *Modo de regulação* do capitalismo, embora isto seja muito pouco para traduzir tudo que ele representa. Não sendo este último, a razão da sua invenção, mas representando este primeiro, o maior motor da acumulação. Isto fora verdade quando o capitalismo ainda nem era assim denominado, e

⁴⁷ Foi também na segunda metade da década de 1980 que um economista nipo-americano lança, num artigo que depois se transforma num livro a tese do fim da história, representada pela ideia de que o neoliberalismo era um modelo econômico que não poderia ser superado.

⁴⁸A Educação financeira, quero ter com ela mais a frente, irá carrear todo o proselitismo do *homoeconomicus*, para instruir suas práticas e comportamentos, sustentada não por outra coisa senão pelo imperativo da acumulação.

justificou a partilha do mundo pelas nações europeias (inclusive com o auxílio discurso cristão de salvação). E isto continuou sendo “verdade”, mesmo depois da queda do céu, e o advento da modernidade.

Talvez se trate mesmo de um único e mesmo desejo e se possa dizer que, um certo uso do pensamento matemático puro, o neoliberalismo como regulador das relações sociais e o racismo, enquanto uma das principais *estratégias* reguladoras: produzem a imagem de todas as imagens e a teoria de todas as coisas. Talvez aqui estejam os elementos que mais à frente na escrita desta tese irão ser confrontados e traduzidos em termo das ideais: da *metodologia da esteira* e a *metodologia do espelho*. Tentando traduzir com isso dois aspectos nefastos de nosso modo de organização social sobretudo no mundo ocidental. Pela primeira *metodologia colonialista*, se quer estranhar e contrapor a uma força gravitacional que a tudo deseja transformar em mercadoria e que impera num regime de *acumulação flexível*; pela segunda, *metodologia da colonialidade*, se quer igualmente combater o que se expressa como *modo de regulação* dessa primeira perspectiva: o racismo, conquanto modo de produção de imagens distorcidas de negros e negras, como corpo predileto a compor um conjunto de trabalhadores cada vez mais explorados.

Acho que sobrevivi a tanto desejo que fora me oferecido na prateleira do Mercado do Ser, as etiquetas não me caíam bem. Esqueceram-se, no entanto, de que é sempre possível um rosto da paisagem, que se mova durante a noite no sonho sonâmbulo: Enegrecer.

Vejo agora que não se trata de algo que se instruiu de forma isolada da formação política, que se deu numa trajetória entre os movimentos estudantis, sociais, negros. Uma *ervadanização monstruosa*⁴⁹, enegrecida, se alastrava tanto pelo “*jardim do matemático*” quanto pelo *jardim do consumo*. O outro Jardim, o Éden, nunca mais seria o mesmo! Não fui um bom jardineiro, não alimentei aos monstros no jardim do matemático, tanto quanto não fui capaz de regar e adubar aos corpos estudantes para que se transformassem em consumidores de produtos financeiros. Combati o racismo e alimentei perspectivas solidárias de consumo e de manutenção da vida econômica dos corpos, sobretudo negros, nos encontros em minha trajetória. No entanto, fora mesmo difícil que por muitos anos, eu não reproduzisse tudo tal como me fora ensinado. É assim que: demonstrei, provei, axiomatizei, postulei, asseverei, cobreí, formatei. Decretei e aparteí, reproduzindo como corolário o fracasso e rótulos de insucessos em muitos alunos. Mas eu nunca fui mesmo afeito a **jaulas... eu sentia falta de**

⁴⁹Uma dupla referência aqui. Ao professor **Rômulo Campos Lins** no texto seu: **Matemática, Monstros, Significados e Educação Matemática**. E ao Sociólogo **Zygmunt Bauman**, no livro *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. (2008).

ar... **ainda sinto falta de ar**. Corpo negro pequeno apnéico. E com o tempo fui aprendendo a lidar com o formalismo da matemática, conseguindo tanto caminhar com uma “prescrição curricular tradicional”, quanto envolver meus alunos, que mais tarde passo a chamar de pesquisadores(as), com temáticas sociais e políticas importantes para a cidadania, dentre as quais, a “questão racial, que passou a predominar em nossos estudos e pesquisas.

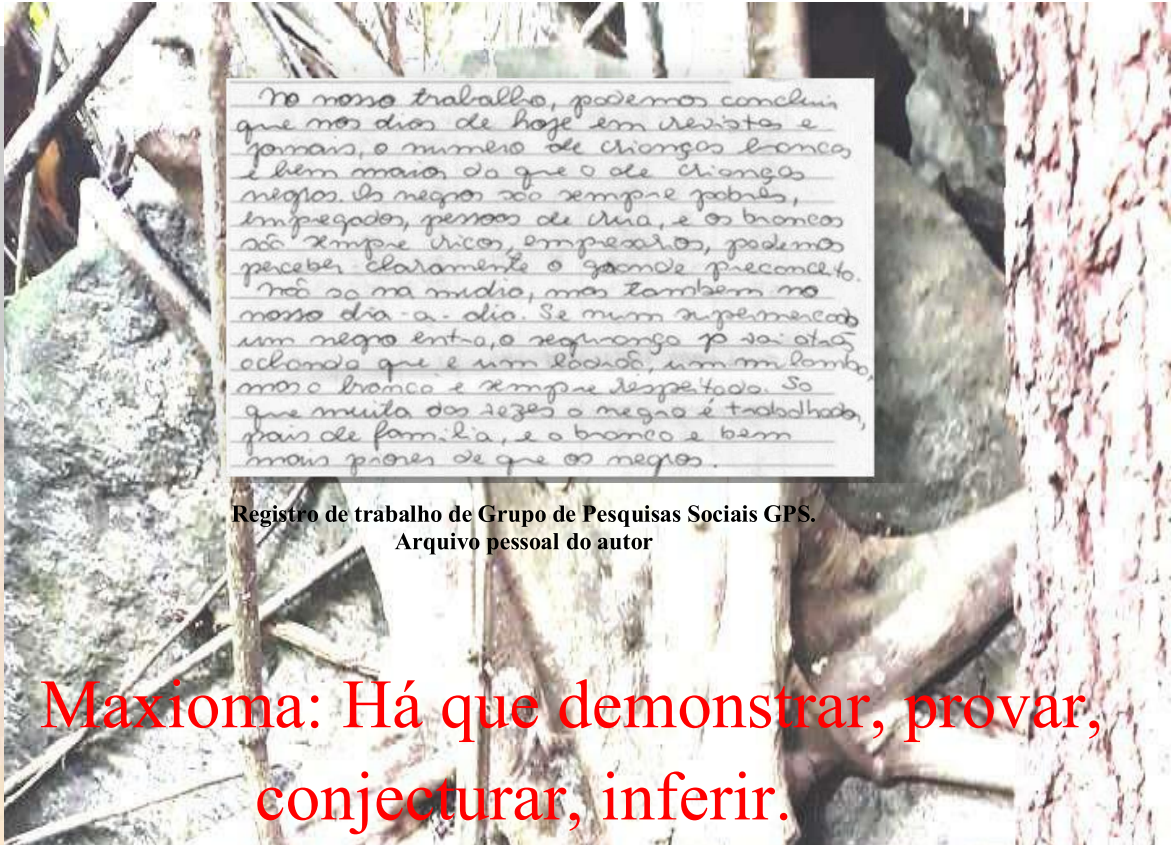
Vazio! Um jardim vazio... A vida **da sala de aula, mundo**, em que não se permite o amor, assemelha-se a um jardim vazio, sem flores, sem cores e desejos flutuantes. É asséptica... ascética. Uma força gravitacional que a tudo arrasta ou interpela arrastar-se ao centro: a razão. Fugi, enganei, mas também sentir, senti, chorei. Caí. Não foram poucas vezes. A queda continuada da dor que não passa, não se sabe porquê. Mas os meus alunos ah que força eles tiveram!!! Que força eu respirava naquele lugar, mesmo naquele Lugar. Com o tempo ele foi produzido em **Espaço** sem deixar de ser totalmente um Lugar.

Uma escrita chovida leva para terra o que está na pele social do corpo, planta faz nascer, purifica, e volta na pele espiritual do corpo. Eu tomava muito banho de chuva. Coisa de criança solta pelas ruas..., mas vejo hoje que eu queria mesmo era me plasmar ao fora como forma de me livrar da dor e para poder respirar. Agora escrevo. Exorcizo!! Respiro!

Eu abri a porta da sala de aula e deixei entrar sorrisos, histórias, desejos vontades, dores... quase tudo fora autorizado, mas nem tudo. Coloquei para dentro, num fora, os meus temores desejos e demônios. Criamos *cenários para investigação*⁵⁰ em Educação Matemática. Tudo muito romântico e idealizado na escrita *autoetnobiográfica*. O **autoritarismo**, no entanto, sempre esteve à espreita, ensaiava episódios: confessionário, adoeci. A final de contas eu frequentei duas de suas “melhores” instituições. Eles sempre nos seguem..., mas a sala de aula conseguiu transbordar-se. O problema é que “*quando a gente entra num supermercado o segurança já vai atrás achando que é um ladrão*⁵¹ ...”

⁵⁰Uma proposição de Ole Skovsmose. Educação Matemática Crítica: a questão da democracia.

⁵¹Relato de pesquisa de um dos grupos de alunos(as) pesquisadores(as) do GPS em 2010.



No nosso trabalho, podemos concluir que nos dias de hoje em revistas e jornais, o número de charges brancas é bem maior do que o de charges negras. Os negros são sempre pobres, empregados, pensos de rua, e os brancos são sempre ricos, empresários, podemos perceber claramente o grande preconceito. Não só na mídia, mas também no nosso dia-a-dia. Se num supermercado um negro entra, o segurança p sa olta e olanda que é um ladrão, um milombo, mas o branco é sempre respeitado. So que muita das vezes o negro é trabalhador, pais de família, e o branco é bem mais pobre de que os negros.

Registro de trabalho de Grupo de Pesquisas Sociais GPS.
Arquivo pessoal do autor

Maxioma: Há que demonstrar, provar, conjecturar, inferir.



Espaço desterritorialização: Grupo de Pesquisas Sociais Sankofa, na Feira de Ciências e Matemática UFJF

Mas pode também produzir explicações científicas.

Menina preta pode!!!

Podem também se dedicar a escuta!!!





Aprender com e aprender a respeitar quem veio antes....



Vó Liquinha, ensinando pesquisadoras do GPS

Sendo *Espaço* um lugar praticado, a despeito de uma racionalidade que define modos próprios do ser existir na sala de aula de matemática. É *desterritorialização* (Cf. Deleuze, 1995) enquanto produz multiplicidade de olhar num Lugar, constituído para ser expressão máxima do valor do método e do cálculo. É *lugar praticado* (Cf. Certeau, 2008) no sentido de se constituir como astúcias de corpos pretos em experimentações nos espaços de aula de matemática em que se inspira conjurar o poder e saber das *estratégias*.



Tem corpo negro africano no Espaço sala de aula de matemática,
Contando história

O que se reverte com o GPS em suas primeiras Aparições?

A primeira das *Aparições* no contexto do GP a se encenar, **neste texto tese**, tem substrato em um **vídeo**, (produzido por um dos subgrupos de pesquisas aproximadamente em 2005)⁵² o mais antigo de todos os arquivos do *Grupo de Pesquisas Sociais*. Ele foi produzido pelos alunos de um dos grupos, em que se dividiam a cada ano, os alunos que participavam do projeto do GPS. Uma estratégia de trabalhos por projetos pedagógicos que se constituiu, em suas primeiras ações, no ano de 2005. O que chamo de *Grupo de Pesquisas Sociais* é resultado da trajetória profissional como professor de matemática na Educação básica, na rede pública de ensino em Juiz de Fora na zona da mata mineira. Uma trajetória que se inicia em 1991, pouco antes de concluir a licenciatura plena em matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mas penso que talvez seja interessante recuar um pouco no tempo no exercício de pensar sobre o que produziu afetações à trajetória de formação do corpo negro professor desta escrita.

Eu creio que foi no contexto de minha graduação, não exatamente propiciado pelas prescrições curriculares próprias da licenciatura, mas pelo contato com pessoas e movimentos estudantis, que um certo interesse pela política, participação popular e movimentos sociais e

⁵² Uma gravação em fita VHS, com duração de 30 minutos aproximadamente. Embora exista a possibilidade técnica de acrescentar este vídeo ao conjunto das imagens e áudios desta tese, até este momento da escrita (que se encontra em revisão para a defesa da tese) eu não havia me decidido sobre sua “exibição”.

democracia, começa a se insinuar junto à minha formação acadêmica. Os meus primeiros experimentos com a “liberdade” de pensamento (com o pensamento que desejava fluir fora do alcance de uma norma hegemônica de poder) talvez se tenham desenhado inicialmente neste período com participações em Diretórios Acadêmicos, em organizações partidárias. Num período logo após o processo de redemocratização (entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990). Um pouco mais a frente experimentaria envolvimento e aderência as questões raciais e movimentos negros. Mas, do ponto de vista da formação acadêmica e de seu estranhamento a um modo habitual de se conceber este processo naquele período, foi um estágio na então *Equipe de Pesquisas e Apoio ao Ensino de Ciências e Matemática* EPAEC, atualmente *Núcleo de Ensino e Ciências* (NEC) da UFJF, no período de 1987-1989, que foi importante para alargar meus interesses de estudo para além daqueles elencados nas orientações curriculares da graduação em matemática. Na EPAEC, pude compor com grupos de acadêmicos de outras áreas em uma proposta interdisciplinar, desenvolvendo protótipos de materiais didáticos, utilizando materiais alternativos. É assim que produzimos o trabalho e protótipo: “*o voo em uma visão interdisciplinar*”, criando um túnel de vento para simulação do voo. Além disso, é neste período que me aproximo de textos sobre paradigmas científicos com Karl Popper (1902-1994) e Thomas Kuhn (1922-1996), além de conhecer algumas das obras e o pensamento de Paulo Freire (1921-1997) como o *Pedagogia do Oprimido*⁵³(1968) e, principalmente para este que escreve, o livro *Educação e Mudança* (1979). A Etnomatemática de Ubiratan D’Ambrósio, ainda no contexto do estágio na EPAEC e mais tarde a Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose, foram também inspirações que confluíram junto à prática deste professor de matemática. A professora orientadora desta tese já compartilhava comigo parte da trajetória naquele contexto da EPAEC, sendo membro do grupo que organizava aquele estágio, assim como orientaria mais tarde meu primeiro trabalho acadêmico intitulado, não pode acaso, *Democracia e Liberdade*.

Naquela ocasião creio que o momento histórico do país também criava as condições para contestação de modelos de pensamento. Era início do período de redemocratização do país, e os novos ares produziram rebatimentos no contexto da vida acadêmica. No início dos anos 2000, mesmo depois de graduado e após um período de quase 10 anos na sala de aula da

⁵³ Paulo Freire (1921-1997) era filho de capitão da polícia militar em Recife (PE), e escreveu o *Pedagogia do oprimido* quando estava no exílio em 1968 em razão da Ditadura Militar, época em que eu tinha três anos de idade e vivia em Bauru, no interior de uma instituição militar. Querendo dizer com isso apenas, que a vida das pessoas naquele contexto, quaisquer que fossem e onde quer que tenham experimentado sua jornada, considerando o Brasil do período de chumbo, fora fortemente recortada pelo autoritarismo militar (o *Lugar*) que, no entanto, não conseguiu impor aos corpos (não a todos) um ethos igualmente autoritário pelo qual deveriam compor suas trajetórias.

educação básica, eu retomo com um certo “vínculo” com a UFJF desta vez, numa especialização oferecida pelo NEC, agora em *Educação para Ciências*. Aqui se sedimentam percepções sobre o conhecimento e sobre o papel político importante da educação. Creio que é neste período ou talvez um pouco mais a frente que a Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose, passa a me ajudar a compor as performances e encenações na “sala de aula de matemática” que se desprende de seu lugar fixo, nas escolas onde atuava, nos espaços em que performaram as ações dos grupos de pesquisas sociais.

O caráter autobiográfico deste texto me atravessa a todo tempo, e talvez o ápice das *aparições* neste texto seja eu mesmo encenando minha vida a partir dos papéis que experimentei, uma criança e adolescente negro sofrendo a violência do racismo, mas vivendo “protegido” por uma instituição, um aparelho de Estado que contrabalanceava o status do corpo negro; um acadêmico que descobre poder dizer não e fazer escolhas com autonomia; um militante nas lutas em sindicatos e movimentos negros; um professor de matemática, com uma prática enegrecida, numa das suas últimas encenações. Uma questão é interessante a ser destacada nesta trajetória em seu “capítulo acadêmico”, a contingência da presença desde o início, da pessoa que hoje é orientadora deste trabalho de doutoramento. Ela integrava o Diretório Acadêmico de Matemática quando ingresso na graduação no segundo semestre de 1985; participava do núcleo que organizava os estágios na **EPAEC** (1987-1989); orientou meu trabalho de conclusão da especialização em Educação para as Ciências (2000), meu primeiro texto acadêmico, um artigo então intitulado de *Democracia e liberdade*. Onde, neste último, eu ensaiava um conjunto de atividades para sala de aula de matemática utilizando reportagens de jornal. Já preocupado com que aquele lugar fosse também espaço de formação política e social; e ~~por fim~~ agora (2024) está na *Travessia* do meu doutoramento.

Mas então..., o subgrupo de pesquisa em 2005 produziu então um vídeo em que entrevistavam aquele que seria, o morador mais antigo do bairro onde se localizava a escola, que abrigava o grupo de pesquisas. A proposta naquela ocasião era traçar uma breve “história do bairro” onde a escola se localiza. O vídeo tem cerca de 30 minutos. E são sete os participantes. Seis pesquisadores do GPS e o entrevistado. Eu assistira a este vídeo algumas vezes desde sua produção, mas é a primeira vez que experimento assistir para a escrita do texto tese.



Encarte de uma das primeiras ações do GPS (2005).
Arquivo pessoal do autor

Já quando havia definido que meu texto de doutoramento iria tratar de imagens que até aqui chamo de *autoreverses*, eu me coloquei na tarefa de reexame das encenações do GPS ao longo dos anos, em suas imagens, fotos e sons e movimentos.



<https://youtu.be/b9z8bo41gAw>

Numa das revisitações aos arquivos, eu me dei conta que, de todos os participantes da entrevista, apenas o pesquisador Giovane ficou sem lugar para se sentar e isso não pareceu ter incomodado a mais ninguém além dele próprio. Geovane é o único **negro** daquele grupo. A solução dele foi se sentar num ressalto na porta de passagem da sala para o corredor que dava acesso ao quintal, na casa do entrevistado. A entrevista fora produtiva e os pesquisadores demonstravam bastante disposição e interesse nas histórias narradas por seu José, o nome fictício com o qual irei batizar nosso interlocutor.

Antes desta *Aparição*, na verdade a *desaparição*⁵⁴ da figura de Giovane e de um espectro seu se manifestar, eu assistira outras vezes este mesmo vídeo sem perceber a “ausência” de Geovane. Mas há um momento em que ela é percebida, tal como um objeto ou ser que mesmo compondo o campo visual de quem olha ou observa uma cena ou uma paisagem, não entra no conjunto das afetações do olhar. Sim ela, ausência se manifesta no momento em que você a percebe.

Esta, como toda outra *Aparição*, não está sempre visível, ela salta aos olhos inesperadamente. Como um sopro de vida de Olodumarè a inflar èémí a um corpo. Lhe dá vida num acontecimento de um instante, por um *espanto*. A visão é o modo pelo qual ela se insinua, mas é mesmo a mente e o coração alimentada pelo imaginário, quem “vê”.

A *Aparição* se processa, na imagem ou na foto, por intermédio de coisas imateriais (ela não se ensaia sem um *corpo imaterial*) por coisas que se relacionam ao imaginário, desejos, e tudo o mais que nos povoam, mas também coisas materiais (há um *corpo material*) experimentam a *Aparição*.

⁵⁴Trata-se do momento em que a individualidade, história e desejos do sujeito desaparecem e passa a tomar toda a cena o seu *espectro*, a pele do corpo negro estereotipado. É a entrada em cena apenas para desaparecer como sujeito e figurar como marca fenotípica inferiorizada.

Ela pode se dar pela intencionalidade de quem olha ou por um acaso. Intencionalidade “pura”⁵⁵ ou intencionalidade provocada, tentando distinguir esta entrada em cena, do “novo” objeto (ator) por duas maneiras: pura, quando o objeto não realiza nenhuma performance, movimento ou enunciação que instigue o olhar; e acaso ou provocada, quando é a sua performance, com movimento ou sem que chama a atenção do observador. Creio, no entanto, depois de afastado deste texto por um considerável tempo, que não existe esta coisa de *intencionalidade pura*. Por um lado, esta expressão me parece fazer alusão a existência de um sujeito do conhecimento, uma consciência que controla as ações, sensações e pensamento de um corpo. E dessa forma, as *aparições* perderiam aquilo que lhes é mais valioso: a sua afeição ao *acontecimento*. Por outro lado, intencionalidade pura, pode também referir-se a uma ação que é posta em movimento acompanhada, sustentada e originada de em uma crença que lhe facultaria a legitimidade da ação. Esta última acepção se aproxima ao conceito de conhecimento segundo o *Modelo dos Campos Semânticos* (Cf. Lins 1994) que o define em termos de “*uma crença-afirmação junto com uma justificação para a crença-afirmação.*” (Lins, 1994, p.29). E que, portanto, põe o conhecimento ao nível da “enunciação” e por isso traz para o centro da ação um “sujeito do conhecimento.”

A grande questão é que parte das entradas em cenas de corpos negros se dá, em boa parte das encenações, mediadas por construções estereotípicas. Daí porque o desejo de pensar sobre a performances dos corpos negros da trajetória de Abana, a partir da ideia de aparição das imagens, que na verdade nasceram autoreverses. Na verdade “autoreverses” é uma denominação das imagens e “aparição” é um processo em que elas existencialmente se envolvem. Talvez se possa dizer que é aquilo que dá a vida as imagens, mas não à sua vida ordinária. É *acontecimento*, sendo relacionado a *hecceidade* em termos de “*individuação sem sujeito*” (Deleuze e Guattari, 2011, p.08) do corpo da imagem, mas não consegue prescindir-se de certo assujeitamento enquanto força gravitacional de poder que deseja arrastar as imagens todas para o alcance do modo de produção. E isto ocorre por conta da existência de uma linguagem.

As imagens se dão em *aparição*, porque na verdade elas já estejam lá no campo visual, apenas num estado-lugar de penumbra fora do alcance da percepção inconsciente. Acho que posso tratar da aparição tal como se divide o sonho, entre suas partes manifesta e latente. A *Aparição*, antes é latente. Percebida, manifesta-se, mas não com a exclusividade desta ordem porque percepção da imagem e sua manifestação são parte de um mesmo

⁵⁵ Eu mantenho esta adjetivação da intencionalidade (como sendo “pura”) mesmo acreditando saber da inexistência de uma natureza ou origem quase metafísica da intenção. Ela é desde sempre inconsciente.

fenômeno de seu acontecimento como imagem que se dá a ver. Aparições se compõem por imagens e ou sons que atravessam a cena saltando mesmo para serem vistas. Então elas têm desejos. Na verdade, são os nossos desejos, ou as nossas vontades, latentes, escondidas, que habitam um porão. Ser visto equivale a subir de status e deixar de ser coadjuvante na cena, deixar de ser um *espectro* e passar a ser uma imagem. Mas não são desejos só nossos, creio que como os outros da cena, Giovane queria ser visto, mas não pela falta, como fora evocada sua entrada em cena: “*assim... um crioulinho que nem ele*”. Os risos que se seguiram, a esta chamada da entrada em cena de Giovane, não são aplausos. Anunciam a morte de Giovane, o corpo negro da Cena. São contra-aplausos que se destinam a manter o corpo negro inerte em certa significância.

No vídeo, o entrevistado é quem traz a cena o corpo negro e pelo roteiro que uma sociedade racista acostumou atribuir a corpos negros... “*crioulinho assim que nem ele...*”. Neste momento o entrevistado sem saber, age como diretor de cena, atribui um papel e determina a entrada do corpo negro. Mas há que se fazer defesa desse “diretor”, uma vez que também alienado pelo mito da democracia racial, faltava-lhe clarividência sobre a morte de corpos negros em vida. Não sabia que aqui, a linguagem é também assassina de corpos negros. Na verdade, tentava à sua maneira, trazê-lo para a Cena “... *vamos mexer com ele... ele tá muito quieto. Não, com sinceridade só tinha pessoas escuras, coitado, pobre, que veio morar ali.... Aqui essa rua também, só tinha pessoas humildes... aqueles barraquinhos de lata, de tábuas, de pau a pique, então foi se alargando...*”⁵⁶

Não se pode aludir ao dolo do tempo, pois se o “entrevistado” estava circunscrito a “seu tempo” sua enunciação é extemporânea, e estruturalmente produzida. Acostumamo-nos com as ausências de modo a não mais toma-las como presentes em cena. Anos mais tarde, muitos anos, quando eu ministrava um minicurso na Universidade Federal de Juiz de Fora intitulado Mídia e Racismo, num Colóquio de Educação Matemática, os participantes acadêmicos(as) e professores(as) de matemática, discursavam sobre seus espantos quanto a invisibilidade do corpo negro:



<https://youtu.be/6gnO7fUOy9c?feature=shared>

⁵⁶ Entrevistado como morador mais antigo à época em que a pesquisa foi realizada.

As *aparuições*, no entanto, são rebeldes e se ensaiam com variantes de imagens para além dos estereótipos. São as *aparuições* desviantes... desejanter... Ao mesmo instante, o espanto sugere um modo metodológico de modos de subjetivação que ativem imagens e *aparuições*. É preciso estar descuidado da forma dogma para que as *aparuições* tomem lugar em palcos. As *aparuições*, são espectros, que veiculam e se vinculam a seres... coisas... corpos...

As *aparuições* em imagens fixas (fotos) têm um modo de operar diferente das imagens em movimento e som (vídeos). Enquanto nas primeiras elas quase são exclusivo produto da mente que observa, no segundo tipo elas são mediadas, também, pela linguagem (conquanto seja esta, um sistema de signos e uma gramática, mas também uma certa tradição).

Sou texto tardo-enegrecido em diáspora: Que sabores produz um casamento angolano?



Espaço desterritorialização: Grupo de Pesquisas Sociais Sankofa.
Na roda de conversa com Isabel de Angola/ África



Numa das diversas ações do grupo de pesquisa Sankofa, em 2017 nós tivemos a presença de Isabel Bastos. Isabel é angolana, uma amiga de minha família que com alguma frequência vem a Brasil. Eu aproveitei uma de suas visitas para agendar a sua participação numa roda de conversas com nossos amigos irmãos africanos. Estávamos na etapa do projeto em que o objetivo era compor com um olhar para África, produzido por africanos, tentando desconstruir o imaginário histórico de inferioridade construído sobre aquele continente, que contou sobretudo com a omissão dos currículos escolares, aqui no Brasil.

O que pode uma “sala de aula” de matemática (sem pontuação) Já podemos retirar as interrogações!?

O Caso do Brasil é típico. Confirma [...] que os territórios sujeitos a excessos climáticos, com o calor intenso e humidade excessiva, não são aptos a criar **raças autóctones suscetíveis de civilização** [...] a escravatura é lógica e legítima: um zulu ou um landim não representa coisa alguma de útil neste mundo [...] o legítimo é obrigá-lo visto que não é gente, a servir os fins da civilização.” (Fernando Pessoa, apud Muniz Sodré, 2017, p. 14)⁵⁷

⁵⁷ Sobre Fernando Pessoa (1888-1935), “um dos melhores poetas do século XX”. (p. 51) “Apóstolo do “nacionalismo místico” e do **autoritarismo**, ...” (pp. 51-52). In: Intelectuais do antiliberalismo: alternativa à modernidade capitalista/ Flávio Limonic e Francisco Carlos Palomanes Martinho, organizadores. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.



*Espaço desterritorialização: Grupo de Pesquisas Sociais Sankofa.
No Seminário de Pesquisas Escolar / Teatro Paschoal Carlos Magno Juiz de Fora*



<https://youtu.be/m2STiJaR34s?feature=shared>

Nossa fé é imensurável e transforma dor em motivação
Pra superação, tanta humilhação
Atravessar o oceano para tramar na sua plantação
Café, algodão, cana, escravidão
Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram as mentes na prisão
Não! Abre logo a porra do cofre
Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento
Eu não quero mais estudar na sua escola
Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro
Tiago El. Niño

Na caminhada da escrita e do enegrecimento eu encontro abrigo, acolhida e paz, para acalmar a turbulência do meu pensamento e de meu coração (*Ókan*), provocada pelo aprisionamento, e sofrimento, a um modo de ser branqueado e a um mundo idealizado, que sempre nos coloca em posição de suspeição, nos matando. Encontro abrigo para sobreviver ao racismo, à servidão em que nos aprisionam, ao não-Ser, ao interdito, à negação, à morte e aos

assassinatos. Encontro abrigo no meu fazer em “sala de aula de matemática” que se sabe *espaço de desterritorialização*.

Encontro abrigo, nos encontros, em **Abdias Nascimento**, **Oyèrónké**, em **Aimé Cesáire**, em **Frantz Fanon**, em **Renato Nogueira**, em **Lélia Gonzáles**, em **Carolina Maria de Jesus**, em **Muniz Sodré**, em **Fernanda Thomaz**, Zezé, Arthur Powell, Andreia Crescêncio, Mariane Bento, Fabiana Leal, **Julvan Moreira** e **Edimilson Pereira**, **Selmara Sabino**, **Mbembe**, **Bruno Penedo**, **Vanísio Luís**, **Giane Eliza**, **Anita Canavarro**, **Luane Bento** e tantos outros e outras, que nos ajudam a exorcizar o racismo e viver, conhecendo e aprendendo lidar também com nossos próprios *Ajogun*. Não que se esteja a desejar e procurar a morte de um “colonizador”, mesmo no presente, mas sim a morte de seus frutos epistêmicos, que tanto podem ser nomeados por **colonialidade** quanto por **racismo**, não importa. É o que se vê na **enunciação** do poeta Fernando Pessoa. Que não é dele nem de uma única época, histórica. E que “se encontra” na verdade, em todo tempo histórico, não estando, portanto, circunstanciada a um contexto específico e materializando-se assim como o ápice do significado do que se pode chamar de um fenômeno estrutural.

Ah, mas Fernando Pessoa precisa ser pensando “no seu tempo” dirão os seus defensores. Devo dizer-lhes que não há um tempo seu, meu ou de quem quer que seja. Existem sim proposições, modos de subjetivação, percepções e desejos sobre a vida, que se afirmam e se embatem em todo tempo histórico. Pois “eu falo”: “*outro dia “fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais”*” (Jair Bolsonaro, 2017). As narrativas de Fernando Pessoa (em que pese ser um **cidadão português**⁵⁸) e de nosso Luís Bonaparte, encontram-se distanciadas no tempo, **em pelo menos um século**. Mas se estão afastados por um século, estão próximos quanto **ao racismo, etnocentrismo que veiculam, a barbárie do macho branco**. Persiste ainda um **significante heteronormativo branco e racista** a viver entre nós pelos tempos a fora e **que ora se vê intimidado pela emergência política de forças progressistas**, ora se vê **libertado por forças autoritárias que se servem da brutalidade e do medo, mentira e violência, para exercitar-se em poder**. Não se trata de um pensamento isolado, trata-se sim de um projeto político de nação, *pseudancorado* num *pseudoconservadorismo*, nas forças de segurança e em uma orientação religiosa que se pode localizar no viés evangélico neopentecostal, sem que se reduza todas as denominações a esta

⁵⁸ Há inúmeros exemplos de autores do branqueamento que produziram o mesmo tipo de discursos racistas, eugênicos ou higiênicos. A lista seria grande, envolvendo desde Oliveira Viana a Monteiro Lobato, da política à literatura.

perspectiva singular. Embora se deva considerar que a *farsa* do compromisso político que envolve estes atores, não permite identificar, com uma boa dose de confiabilidade, a participação efetiva destas orientações uma vez que se valem, neste pacto político, muito mais do compromisso de alguns de seus líderes do que de fato do conjunto de membros destas instituições. A *prateleira* da dispensa da humanidade está cheia de suas produções, **estende o braço** e se alimenta **do que** lhe cai bem ao organismo. Alguns têm predileções por **produtos** putrefatos, **simpatizam com** o autoritarismo, se servem da brutalidade, têm apego **aos dejetos**. Não há **prisioneiros do tempo**. Nós sempre estivemos aqui a despeito do **vosso desejo**, venham e nos vejam. Corpos negros em cena, encenam, performam, produzem **saberes** e ciência. **Circulam, gerando espaços**, não mais seus lugares.

Abana, assim **que não** havia nascido **ainda no** texto, foi acumulando pelo caminho nestes encontros e **este texto é** espaço de revememoração: uma mistura dos desejos de reverenciar sua ancestralidade e memorar.



<https://youtu.be/nHCoaUvAkIU?feature=shared>

Esquizofrenia Capitalista: para estranhar a Educação Financeira

Talvez seja este um bom momento para problematizar, num primeiro ensaio, o Mercado Capitalista (conjurá-lo). Sim, **porque parte** deste texto, este platô vai se ocupar desta tarefa pensando por imagens *Autoreverses* no campo da **Economia Solidária**⁵⁹, da **Educação Financeira** e de **uma sala de aula de matemática transmigrada para o lugar/espço** de uma comunidade quilombola, com um grupo de pesquisas sociais, formado por alunes da educação básica.

Aqui no pensar-escrita, sobre *aparição*⁶⁰ de uma foto, não o processo técnico de sua produção⁴⁹, mas no reexame, resgate, no revisitar pela memória, para **experimentar** o que se pode produzir. Há outras coisas, conceitos e ideias do mundo dos Mercados e do Capitalismo (e de sua análise) as quais pretendo exorcizar, estranhar por: uma **EsquizoEducação financeira**; na escrita como **linguagem de poder**; e **acompanhado num** encontro com a religiosidade de matriz africana. **Experimentação**.

Trata-se de algo, não inventado, uma vez que representaria um duplo (contra significativo) de análise do processo capitalista que se constituiu, evidenciou-se, por algumas leituras sociológicas como em Max Weber, por um encontro fortuito, uma **afinidade eletiva** (wahlverwandtschaften), numa “individualidade histórica”, entre a fé

⁵⁹ Muito se pode dizer sobre Economia Solidária pois muito já se produziu sobre o tema, sejam textos e trabalhos teóricos, entre teses, dissertações, pesquisas e livros, artigos e outras publicações, até projetos sociais ancorados em ações cooperativas e associativas de trabalhadores, inclusive em comunidades tradicionais quilombolas, por exemplo. É o caso da comunidade da Colônia do Paiol, através de um empreendimento conduzido pela **Aquipaiol** (Associação dos moradores). Faço este registro aqui tentando fazer uma singela homenagem a quem nos deixou, recentemente, o Prof. Leonardo Carneiro (o Léio). Ele teve um papel importante no desenvolvimento desta associação. Foi por intermédio de um Curso de Extensão, sobre saberes em comunidades tradicionais, em que o Prof. Leonardo esteve à frente, que eu conheci a Comunidade e passei a experimentar com o GPS Sankofá lá na Comunidade. De modo que deixarei para outras formatações que esta nota assumirá, a tarefa de indicar, de modo mais ocupado, uma ou outra perspectiva sobre o emprego aqui no texto e a função da ideia de uma **Economia Solidária**, como potente, talvez para esta tese, ou ao menos para o que junto a seu texto mobilizamos.

⁶⁰ Pensar em exorcizar conceitos e ideias produzidas ou relacionadas ao advento do capitalismo, sobretudo financeirizado. O termo **aparição** me parece (desculpe a redundância) relacionar-se à análise de um dos teóricos críticos associado à *Escola de Frankfurt*, Walter Benjamin, na análise do consumo de obra de arte, e pela descrição do conceito de **aura**. Desconfio que se possa relacionar a essa coisa do **fetiche da mercadoria**, para poder compor com o marxismo. Entendo e vejo potencialidade de análise das imagens Autoreverses também pela ideia de **aura**. Como **abstração para pensar**, para lembrar mais uma vez uma das ideias de Ole Skovsmose (2008).

protestante e o capitalismo.

As *imagens Autoreverse* e a *Esquiza Educação Financeira*, a *aparição* e o *enxerto arbóreo* de saber (*acho que ainda não falei sobre isto*). São as ideias por intermédio das quais, como **abstrações para pensar**⁶¹ pretendo colocar em movimento, ainda que elas já indiquem na verdade que há um movimento. Na verdade a continuidade deste platô, que ainda não tinha nascido, não caminhou junto a ideia de um “enxerto”, algo que terminou abandonado pelos caminhos desta escrita.

Talvez seja este um bom momento para problematizar, num primeiro ensaio, o Mercado Capitalista (conjurá-lo). Sim, porque parte deste texto platô, vai se ocupar desta tarefa, pensando por *imagens Autoreverse* por uma inspiração da Economia Solidária⁶², da Educação Financeira e de uma sala de aula de matemática transmigrada para o **lugar/espaco** de uma comunidade quilombola, com um grupo de pesquisas sociais, formado por alunos(as) da educação básica.

Na verdade, o que acabo de dizer acumula uma dimensão mista cuja escrita deste texto da tese pretendeu costurar.

O que se pode tomar pela tese, tem uma dimensão dupla que envolve tanto as experimentações dos grupos de pesquisas, nos espaços de aula de matemática, ao longo da trajetória deste corpo negro professor de matemática, quanto ao estranhamento que se

⁶¹ Em Educação Matemática Crítica, a questão da democracia, Ole Skovsmose, articula e desenvolve as ideias das **abstrações para pensar** e **abstrações concretizadas**, para problematizar a questão do saber, sobretudo matemático, e descrever o processo pelo qual fórmulas, equações e procedimentos algorítmicos, elaborados como abstrações para representarem fenômenos, práticas e processos sociais, concretizam-se em rotinas e que por esta razão se desprendem do fenômeno a que, originalmente, se relacionavam. Na verdade, aqui o que faço é uma interpretação à distância do texto, elaborando um sentido que imagino corresponder ao que o professor Ole encenou em sua escrita. E isto não representa um problema acadêmico, uma falha da escrita desta tese, ao não conseguir relatar com fidedignidade e através dos procedimentos habituais do trabalho acadêmico. E digo isso por dois motivos: em primeiro lugar, porque, em não correspondendo exatamente ao sentido proposto por Ole Skovsmose, o faço elaborando um sentido próprio seguindo (em segundo lugar), o que o próprio Ole Skovsmose, incentivou que fizéssemos. Em algumas das muitas conversas que tivemos desde 2012, quando o professor Ole participa da banca de defesa de meu estudo dissertativo.

⁶² Muito se pode dizer sobre Economia Solidária pois muito já se produziu sobre o tema, sejam textos e trabalhos teóricos, entre teses, dissertações, pesquisas e livros, artigos e outras publicações, até projetos sociais ancorados em ações cooperativas e associativas de trabalhadores, inclusive em comunidades tradicionais quilombolas, por exemplo. É o caso da comunidade da Colônia do Paiol, através de um empreendimento conduzido pela **Aquipaiol** (Associação dos moradores). Faço este registro aqui tentando fazer uma singela reverência a quem nos deixou recentemente (2021), o Prof. Leonardo Carneiro (o Léo). Ele teve um papel importante no desenvolvimento desta associação. Foi por intermédio de um Curso de Extensão, sobre saberes em comunidades tradicionais, em que o Prof. Leonardo esteve à frente, que eu conheci a Comunidade e passei a experimentar com o GPS Sankofa lá na Comunidade. De modo que deixarei para outras formatações que esta nota assumirá, a tarefa de indicar, de modo mais ocupado, uma ou outra perspectiva sobre o emprego aqui no texto e a função da ideia de uma Economia Solidária, como potente para esta tese..

produz por intermédio de seu texto, ao modo de produção capitalista, a uma de suas estratégias de regulação e ao racismo.

Tanto as experimentações nos espaços de aula junto à comunidade quilombola do Paiol, quanto a escrita deste texto tese, se inspiram por ideários solidários. Numa perspectiva de Economia Solidária que a traduz como: *conjunto de proposições teóricas e práticas no contexto da economia que deseja inspirar outros modos de condução da vida econômica, lastreados em princípios solidários de produção, circulação e consumo de mercadorias, e a manutenção da vida de grupos, comunidades e associações viabiliza por estes processos*. Tanto lá nas experimentações, (i) circularam os corpos negros, em encontros e trocas, quanto por estes procedimentos foi possível (ii) potencializar a circulação da produção quilombola, mediadas pelas ações dos alunos e alunas pesquisardores(as) em feiras solidárias, quanto (iii) aqui no texto da tese circulam, revememoradas suas imagens.

É assim que a tese produz um movimento, pelo procedimento de produção nomeado por *revememoraração*, que produz uma circulação adicional a aquelas performadas pelos corpos negros envolvidos em produções econômicas e trocas.

|Aqui se elabora sobre *aparicção*⁶³ de uma foto, não o processo técnico de sua produção⁶⁴, mas no reexame, resgate e no revisitar pela memória para **experimentar** o que se pode produzir. Há outras coisas, conceitos e ideias do mundo dos Mercados e do Capitalismo (e de sua análise) para exorcizar, estranhar por: *uma EsquizoEducação financeira*⁶⁵; *na escrita como linguagem de poder*; e *acompanhado num encontro com a religiosidade de matriz africana*. Experimentação pela qual represento um duplo (contra significativo) de análise do processo capitalista, espelhado na análise que se constituiu, evidenciou-se, por algumas leituras sociológicas como em Max Weber, descrita por um encontro fortuito, uma *afinidade eletiva* (wahlverwandtschaften), numa “individualidade

⁶³ Para exorcizar conceitos e ideias produzidas ou relacionadas ao advento do capitalismo, sobretudo financeirizado. O termo *aparicção* sugere-me em relação à análise de um dos Teóricos Críticos associado à *Escola de Frankfurt*, Walter Benjamin, na análise do consumo de obra de arte, pela descrição do conceito de *aura*. Desconfio que se possa relacionar a essa coisa do **fetichismo da mercadoria**, para poder compor com o marxismo. Entendo e vejo potencialidade de análise das imagens Autoreverse também pela ideia de *aura*. Como *abstração para pensar*, para lembrar mais uma vez uma das ideias de Ole Skovsmose (2008).

⁶⁴ Nele nós estamos mesmo no contexto do capitalismo e da questão do imaterial, quando se considera, por exemplo o consumo de obras de arte, mas que aproximado aqui pelo “consumo” reedição, revisitação de fotos e imagens.

histórica”, entre a fé protestante e o capitalismo. Ou o que Weber chamou de espírito do capitalismo (uma ética profissional)⁶⁶

Traduzida aqui, como parte desta tese em termo do encontro não menos fortuito e tão potencial às partes (quanto na ética protestante e o espírito do capitalismo): a Educação Financeira capitalista, o evangelismo e o paradigma que viabilizou, potencializando, este encontro: o neoliberalismo.

É duplo, porque é uma análise que se vale de instituições homólogas a aquelas da análise de Weber (capitalismo–protestantismo) e aqui, focada nas relações entre Educação Financeira x evangelismo. E é contra significativa na intenção de, pela análise-desvelar as relações perniciosas entre a fé e o capital, contemporaneamente reificadas. Mas esta é uma outra tese, que tem espaço aqui na confluência com alguns dos elementos da tese que elaboro em revememoração.

As *imagens Autoreverse* e a *EsquizoEducação Financeira*, a *aparição* e o enxerto arbóreo de saber. São as ideias por intermédio das quais, como *abstrações para pensar*⁶⁷ pretendo colocar em movimento, ainda que elas já indiquem na verdade que há um movimento.

Esta tese é parte de um processo de enegrecimento, do professor, da trajetória e de uma prática pedagógica, processo que percorro por uma espécie de encantamento de meu mundo, não *desencantamento* e *magificação*, não a *desmagificação*⁶⁸ e não pela fé cristã, mas por experimentação e aproximação com a religiosidade de matriz africana, no processo de enegrecimento (do meu mundo) para pensar o que se pode, por esta *afinidade*, produzir no campo de uma *EsquizoEducação financeira crítica e solidária*, com um grupo de alunos(as) pesquisadores(as), no *espaço* desta – experimentação – numa comunidade quilombola. Experimento, assim, uma inversão na orientação da análise feita por Weber, mas uma inversão que não pretende ser repetição dado que se compõem por uma contra significância. O que se pode produzir com isso?

⁶⁶ Para aquele interessado ver o texto do próprio Max Weber, *Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ou as análises do Prof. Antônio Flávio Pierucci, um dos principais interlocutores do nosso importante sociólogo. Disponíveis em:

⁶⁷ Em Educação Matemática Crítica, a questão da democracia, Ole Skovsmose, articula e desenvolve as ideais das *abstrações para pensar* e *abstrações concretizadas*, para problematizar a questão do saber, sobretudo matemático na edição de fórmulas, regras e procedimentos, que têm uma “existência” material, formatando muito de nosso modo de viver em sociedade. Estas abstrações revelam aspectos da ação da matemática em muitas de nossas práticas sociais.

⁶⁸ Segundo Pierucci (2013, p.59) “...definido tecnicamente como desmagificação da atitude ou da mentalidade religiosa, é para Weber, um resultado, porquanto produto da profecia, e é também fator explicativo do desenvolvimento sui generis do racionalismo ocidental ...”

Assim percorro nesta escrita a análise de um processo, não de *desencantamento do mundo* (*Entzauberung der welt*)⁶⁹. Mas de encantamento do meu mundo, livrando-me dos modos de subjetivação próprios da racionalidade cartesiana em que me constitui sujeito e professor, e que, por motor de meu enegrecimento, pode produzir outros modos de se relacionar com os artefatos do mundo capitalista, das economias capitalistas, ressignificando-os aos cuidados da religiosidade de matriz africana, talvez em especial, a Umbanda. Que é o espaço religioso onde tenho experimentado com a fé ancestral. Daí digo, exorcizando a economia capitalista, que, sem Éxù não há mercados. O desencantamento então tem a ver com a possibilidade e o desejo de que o sujeito possa “*dominar pelo cálculo todas as coisas.*” (Pierucci,2013, p.51). Segundo Pierucci o “*desencantamento do mundo em Weber tem tudo a ver com o cálculo. Ou melhor, com o ato de calcular – Rechnung*” (Ibidem, p.58).

O ato de **calcular** talvez possa ser correspondido a um ato de **controlar, dominar**, tantos os processos quanto ao que se pode chegar, ao que se é autorizado chegar, por seu intermédio como produto, resultado. Isto é o próprio do Capitalismo. Quantificar é processo primordial da acumulação.

“A ciência desencanta porque o cálculo desvaloriza os incalculáveis mistérios da vida. [...] o cálculo é um traço inescapável da intelectualização modernizadora e, por conseguinte, ato próprio da mente quando abstrai, essa subversiva força propulsora do moderno[...] desvaloriza o misterioso porque *incalculável*, em favor do conhecimento hipotético-matemático cientificamente configurado, para o qual é possível, em princípio, tudo dominar mediante o cálculo [...] Em a Ciência como vocação a calculabilidade surge diretamente como operador específico do desencantamento...” (Weber, 2004,pp.160-161) (grifo nosso)

Como o “*cálculo desvaloriza os incalculáveis mistérios da vida*”, estranhemos o cálculo e o capitalismo, magifiquemos, e nos encantemos enegrecendo.

O lucro é o excedente que a calculabilidade evidencia, ferramenta do pecado original. Ou seja, a calculabilidade evidencia o lucro, que é o pecado original. Na Economia a produção ou, tomando o lugar de uma linguagem marxista, o **Modo de Produção**, envolve além de muitos outros artefatos, um circuito composto pela tríade: produção-circulação-consumo (de mercadorias). Este circuito está sobremaneira controlado pelo cálculo ou por uma racionalidade, que tem no cálculo uma paixão incontrolável. Na verdade:

⁶⁹ Max Weber, no livro *Ética Protestante e o “espírito” do capitalismo*. (2004). Ver Pierucci, Antônio Flávio: *O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*.2013.

“...a economia jamais abandonou sua paixão infantil pela matemática e pelas especulações puramente teóricas, quase sempre muito ideológicas, deixando de lado a pesquisa histórica e a aproximação com as outras ciências sociais. Com frequência, os economistas estão preocupados, acima de tudo, com pequenos problemas matemáticos que só interessam a eles, o que lhes permite assumir ares de cientificidade e evitar ter de responder às perguntas mais complicadas feitas pelo mundo que os cerca.” (Piketty,2015, p.38)

Este mesmo circuito é, constantemente, reificado pelas transformações pelas quais o capitalismo passa, em várias esferas de atuação humana e no tempo. De modo que se pode falar em consumo (e em mercadoria) de quase tudo e de todas as espécies. Fairclough (2001)⁷⁰ e Bauman (2008)⁷¹ em contextos e temas diferentes trataram, respectivamente, da *comodificação* ou *recomodificação*, descrevendo tanto a ideia de que se pode no capitalismo transformar em mercadoria aquilo que em princípio não tinha este estatuto, quanto empreender a transformação, de pessoas, tomando-as como mercadorias, consumidoras de mercadorias. Ou, ainda, este último, pelo fato de contemporaneamente as pessoas terem que se requalificarem o tempo todo para serem aceitas e absorvidas nos mercados de trabalho.

A circulação de mercadorias é permitida e até mesmo desejada, neste circuito, conquanto que sejam potentes para o que se pretende ao final: a acumulação. Daí o porquê do cálculo (e matemática) serem importantes nos modelos econômicos.

Experimento assim, com a repetição do processo feito por Weber, alterando os atores. Ao invés de tratar de um *encontro fortuito* em que o capitalismo (na forma de um **Geist**, um espírito) teria encontrado na fé, protestante, um lugar (**ascese**) favorável a seu desenvolvimento (com vistas a acumulação), vou elaborar uma releitura. E desse modo fosse talvez, mais apropriado dizer que vou maquinar outra leitura.

Olojá, título dado em muitos candomblés ao **Exu senhor do mercado**, é a divindade **responsável** pela **circulação** desses **elementos**, que além de compensar um trabalho pelo outro, pode também fazer com que esse movimento de compensação crie **laços de sociabilidade**. E é aí que o **mercado iorubá** se distingue do **mercado capitalista**: enquanto este é um lugar de **acumulação** que, muitas vezes, passa pela expropriação e exploração. Os primeiros são responsáveis por criar **laços de responsabilidade pelo trabalho** das outras pessoas que produziram, produzem e produzirão aquilo que eu preciso, mas não sou capaz de produzir em um determinado momento. (Nascimento,2016, p.30)

⁷⁰ Discurso e Mudança social. (2001)

⁷¹ Vida para Consumo (2008)

Sendo **Éxù** “*um dos senhores dos caminhos [...] orixá de caminhos, mas também do movimento de caminhar.*”(p.30). Um movimento que nos faz caminhar para outros lados, “*que nos faz ser de outros modos*” É responsável pela circulação.

O caráter Olojá de **Éxù** pode trazer imagens interessantes para que possamos pensar em modos de entender as relações humanas quando atravessadas por trocas econômicas e que não necessitem simplesmente serem expropriadoras e violentas [...] estabelece outras relações com o trabalho e a economia. (Nascimento, 2016, p.31)

É então a *relembrança* enquanto procedimento primordial, aos cuidados de **Éxù**, quem produz, induz, resgata em movimento e circulação, os copos negros e suas imagens gerando numa dimensão escrita, nesta tese, um espaço de bens e trocas simbólicas, tal qual aqueles em seus encontros, pelos corpos negros aqui relembrados.

Exorcizemos uma ciência fê que aprisiona, produzamos imagens potentes de pretos e pretas, visto que a *moral cristã é a forma mais maligna da vontade da mentira, a verdadeira Circe da humanidade, aquela que foi a causadora de sua ruína.*” (Nietzsche,1995, p. 108) *Ecce Homo.*

“Parto e exorcismo!” Nascer é um ato muito potente por mais violento que este processo se dê na experiência humana, material, sobretudo aos despossuídos... Exorcismo diz de uma necessidade, de desejo, de vontade e potência de vida aprisionados, e de livrar-se de todo mal, Amém!

“Quando Olodumarè quis **fazer** o mundo,
desceu com Obatalá para realizar a sua **obra**.
No entusiasmo da Criação, Olofím fez **coisas maravilhosas**,
como as árvores, as nuvens, o arco-íris e os pássaros,
Mas também teve **fracassos** e deixou **coisas pela metade**.
Os homens, por exemplo, foram feitos **sem cabeça** e a
obra pareceu a Olofím, **imperfeita e inconclusa**.
Incomodado com o desacerto, Olofím encarregou Odudua de
fazer cabeças para os homens. Odudua fez as cabeças, mas as
deixou com apenas um olho.
Também não gostou do resultado Olodumarè e encarregou
Obatalá de colocar dois olhos onde estão agora.
Foi ele que também deu aos homens, uma boca, além
de ter lhe dado a voz e as palavras que saem dela.
Os homens, então, passaram a ser como os conhecemos e
tudo parecia bem.

Hoje, no entanto, toda a Criação de Olofim está ameaçada de destruição pela ação dos homens, pois alguma coisa neles não funciona bem. Não se sabe se foi algum erro de Olofim ou se foi algum descuido de Odudua. (Prandi, 2001,p.423)

Hoje pela manhã eu praticamente acordei com o livro *Ecce Homo*⁷² (Eis o Homem) de Nietzsche nas mãos. São 15 de janeiro de 2022, eu estou por estes tempos com a tarefa de começar a pensar-escrever minha tese de doutorado em Educação, então tenho feito um esforço para ler algumas das produções do Nietzsche, uma vez que o *Travessia* Grupo de Pesquisa de que faço parte tem nele, talvez mais por intermédio de Deleuze e Guattari, uma de suas referências.

Estamos no início do terceiro ano de *Pandemia do Coronavírus*, e nos encontramos no auge ou quase lá, de mais um pico no número de casos (e aparentemente não de mortes). O que se sabe ou o que se notícia é que este aumento do número de casos, se deve ao fato de nos encontrarmos pouco depois do período de festas do final ano, de 2021 para 2022. As pessoas já não aguentavam mais o isolamento e aquela melhora apontada no final de 2021, serviu para um, natural, mas precipitado, relaxamento do comportamento das pessoas e também instituições. Muitas festas foram realizadas e muitos encontros foram promovidos, reencontros na verdade, e a consequência disto tudo é que, a cada dia, sobe o número de pessoas testadas, infectadas pelo vírus⁷³.

Mas sobre o texto, que é o que provocou esta escrita, ainda que não possa controlá-la, devo começar dizendo que é tarefa estupenda tentar entender Nietzsche. É claro que o cuidado, *perquirere*⁷⁴, com a verdade e com o que se reproduz como sendo o pensamento de

⁷² Estou lendo uma versão produzida pela Editora Martins Claret, escrita por Mauro Araújo de Sousa (*Mestre em Ciência da Religião pela Puc-São Paulo, especialista em História e graduado em Filosofia (FAI-SP).

⁷³ Seria uma nova versão do vírus, batizada pelos cientistas de ômicron. Aliás há relatos interessantes sobre a escolha do nome, mas a história é longa e no receio de tentar reproduzi-la aqui e fazê-lo de modo “pouco ocupado” sugiro ao interessado que busque outras informações adicionais em fontes confiáveis, mas para o espaço que me resta desta nota, a história é a seguinte: Ao que se sabe a Organização Mundial da Saúde (OMS) nomeia as variantes do vírus utilizando o alfabeto grego. Assim teria feito as variantes que antecederam a chegada da nomeada de ômicron (15ª letra do alfabeto grego). Mas a OMS, teria “pulado” as letras “Ni” e “Xi” justificando que elas fariam, ou poderiam suscitar, menções à uma possível origem chinesa do vírus, uma vez que lá, “Xi” é parte muito comum dos nomes. Mas sugiro mesmo que se procurem informações outra pois há um “preconceito” já de muito tempo, construído sobre a China de modo que qualquer posição e entendimento que se faça responsável, sobre este ou outros assuntos, deve passar pelo esforço de buscar a verdade, não na ingenuidade de poder encontrá-la, mas como exercício de, assim procedendo, conhecer melhor as condições e os contextos que produziram este julgamento de valor sobre a China.

⁷⁴ Adoro notas, elas me permitem digressão e certas rebeldias na escrita. Mas esta aqui eu produzi para dizer donde vem o *perquirere*. Foi de um texto da professora Maria Inês Bicudo. Acho importante dar estes créditos. Trata-se de um texto que a professora Maria Bicudo escreveu, para uma *Mesa* na Unesp de Bauru, Cidade tão referida neste meu texto Tese. Significa, do latim, interpreto aqui livremente, não do latim, mas do que li, como um cuidado, um circundar a coisa, dar voltas e voltas examinando-a. Para quem se interessar: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa em educação matemática. *Proposições*, v. 4, n. 1, p. 18-23, 1993. Eu voltarei aos temas discutidos pela professora Maria Bicudo, neste artigo, são muito potentes.

um(a) autor(a), deve se estender a qualquer um. Não deve ser exclusividade de cuidado dispensada a algum “clássico” somente, qualquer que seja o seu tema. Mas alguns, de modo especial, e começo a pensar que é o caso de Nietzsche, parecem se constituir como teóricos e ter parte de sua vida, transcorrida, exatamente no olho de um furacão de vontades, desejos e paixões, que produzem versões suas, igualmente turbulentas. É intrigante pensar que por um lado Nietzsche possa ter sido uma *leitura inspiradora do Nazismo* (assim como algumas que utilizo, talvez tenham flertado com o racismo) ou que na verdade como acabo de ler, que essa versão teria sido resultado de uma operação de sentido produzida por sua irmã, Elizabeth Förster Nietzsche, “*uma usurpadora dos manuscritos do irmão*” divulgando-os “*inclusive como propaganda anti-semita*” (Sousa, 2007, p. 12). Não importa. Não o antissemitismo, embora seu uso e apelo social contemporaneamente, na mesma proporção em que se ignora o racismo (não menos expressivo em nossos dias) nos mostre a hipocrisia de uma sociedade global que se estruturou entorno de uma escala valorativa e cromática que tem no branco seu padrão ideal de humano.

As versões sobre as coisas do mundo, de fato, navegam mesmo aos sabores dos desejos e dos interesses das pessoas, racionalizados, com *referência a fins* ou não. Eu tenho me deslocado, de uma posição mais materialista e dialética a dominar o modo como ainda vejo as coisas do mundo e as relações entre as pessoas, para uma posição que não ignora as possibilidades sempre potentes, de desvios, astúcias, *táticas*, resistência e fissuras no poder. Mas creio fundamentalmente que posições fortes, como aquelas produzidas pelas leituras marxistas, e outras, em que pese principalmente se valerem do *conceito de ideologia*, têm um papel importante a cumprir, uma vez que é também a distensão de uma corda esticada que pode soltar fios. Por outro lado, penso que mesmo a corda não distendida pode ter, no uso, um propósito que se separa, se emancipa daquele inicialmente elaborado.

Disse Kant a certa altura que “*negros, como todos os habitantes das zonas quentes, têm a pele grossa. Eles devem ser disciplinados não com um chicote, mas com uma vara de bambu rachado, pois assim o sangue pode jorrar e não apodrecer sob a pele.*” (KANT, apud LAUN, p.6). Na verdade, a ideia de “brincar” com Kant não foi adequado pois queria mesmo é açoitá-lo com bambu, mas contive-me ao fazê-lo escrevendo.

Eu faço sempre esta comparação para discorrer sobre uma dada elaboração de ciência, euro centrada, que produziu, como se sabe, com o auxílio da fé cristã, que Nietzsche tanto queria expurgar, um lugar inferior para negros e negras. Mas o tenho feito agora, e este é um propósito que percorrerá todo este texto Tese, de modo a poder ressaltar o papel potente de desconstrução desse imaginário pela produção de imagens, penso agora também em

processos, autoreverses. Falo de outra maneira de lidar com o bambu esta, produzida no interior de uma comunidade quilombola onde temos, eu e o Grupo de Pesquisa Sankofa, feitos trabalhos, estudos e pesquisas, compondo com as narrativas, potências de vida, histórias, desejos e modos de lidar com a realidade, dos moradores naquela comunidade. Bambu se transforma então numa metáfora para desconstrução de uma impregnação do saber erigida como que afeito à imagem e semelhança do branco europeu.

Parte dos homens daquela comunidade se dedicam a uma atividade, chamada de *trabalho nas quadras*, que se traduz como trabalho de capina em propriedades da região, no município de Bias Fortes na zona da mata mineira, mas também no Rio de Janeiro ou São Paulo. É o que nos contou, na verdade – a um grupo de pesquisadores – um **turmeiro**, João. Aprendemos lá que a capina é contratada em geral por fazendeiros da região, que procuram o **turmeiro**, o profissional que arregimenta um grupo de trabalhadores para fazer a capina. Ocorre que, explicava João, as áreas definidas para a capina, tem a sua “área” medida por uma vara de bambu, de 5 metros.

Parábola 2^a: “Não usarás o bambu como instrumento de sevícia para corrigir a indolência. Mesmo porque és invenção tua. A carne mais barata do Mercado é a carne preta”



Desenho feito pelo turmeiro, ao chão, na Comunidade do Paiol, para explicar aos alunos como se desenvolvia o trabalho nas quadras. Arquivo pessoal do autor.

“Um quadro tem que dá dez varas subindo..., mas é tudo quadrado.” Vamos supor (narrava ao desenhar um quadro no chão) dá dez aqui, dez aqui, dez aqui e dez aqui. Daí cada quadra de 5 varas, quer dizer, de 5 metros, conta assim 5 vezes 10, 50. Quer dizer que as 10 estaria dando 500m cada lado, aí

vamos supor se junta aqui as 10 varas estaria dando 2 mil metros né!!!⁷⁵



<https://youtu.be/oZ23mSuKBfo>

O processo de exorcismo e parto do novo, não pode mesmo ocorrer sem força, um fórceps. “As palavras mais ponderadas são as que trazem a tempestade; os pensamentos que vêm com pés aligeiro de pomba governam o mundo” (Nietzsche, 2011, p. 33)

Deste encontro, “o grande responsável [...] é o pedantismo cristão, por ter elaborado as equações desonestas: cristianismo=civilização; paganismo=selvageria, das quais só poderiam resultar abomináveis consequências colonialistas e racistas...”. (Césaire, 2020, p. 11). Deve-se deslocar para pensar sobre relações possíveis entre o desenvolvimento de uma modo de pensar a economia ou talvez fosse melhor dizer, sobre elaboração de uma imagem "nova" sobre as relações de produção, mesmo sob o teto de uma economia Capitalista com modos de produção centrados, sobremaneira, sob o domínio da acumulação - senão como objetivo individual (in)consciente, de cada um dos participantes do processo, então como força que os interpela constantemente para este fim, racionalizado.

Afastar-se, por outro lado é promover encontros, é pôr-se em rota de desejo e vontade de potência de vida com aquilo que se produz nos encontros.

Se pode experimentar com uma tarefa, ancestral e coletiva, ainda que se possa confundir a uma exigência acadêmica da referência. Mas que está aqui não para fazer referência, mas reverências a quem veio antes. É assim que comparilho o espaço desta escrita com o professor **Edimilson Pereira**, para discorrer sobre as interseccionalidades nesta escrita, provocados pelos sabores das suas produções textuais. De modo especial, ao texto os *Ardis da imagem*, mas principalmente por aquilo que ele me provoca, pensar produzir, enegrecer sobretudo a prática pedagógica nos espaços de aula de matemática.

De que artimanhas se serve a Imagem?

Sobre compor com Imagens

⁷⁵ Transcrição de áudio. Arquivo pessoal do autor.

“Imagens, no enegrecimento, são entidades. Revisitá-las é parte de um ritual de respeito à ancestralidade.

Currículo

*“O ato ou processo de **conhecer**, assemelha-se ao de ter **vontade** de fazer um **desenho** que **não se sabe** ao certo qual é. Há a vontade do desenho e há as possibilidades de lugares praticados (espaços) **superfícies** sobre as quais, com a disposição de um **instrumento qualquer**, se quer desenhar (parte do processo de conhecer). Se a superfície tiver de antemão uma forma prefixada, dura e imutável, será então preciso que se saiba a priori o desenho que se quer realizar, realizar apenas desenhos já conhecidos, ou matar o seu desejo de fazê-los”.*

As artimanhas das imagens, estão em superar, burlar e reelaborar a *lógica curricular do espelho*, que desde o início do processo colonial até a elaboração dos sistemas de ensino contemporaneamente, se estruturam entorno de certas imagens, e não de outras.

Como estou exorcizando escrever: há sempre, apenas uma afetação, não existindo então essa coisa de “em alguma medida”, o que tenho utilizado com muita frequência. A coisa apenas **acontece**, **afeta**. *“Então não se perguntará qual o **sentido de um acontecimento**: o acontecimento é o **próprio sentido**. O acontecimento pertence **essencialmente à linguagem**, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas.”* (Deleuze, 2004, p. 34)⁷⁶ (lógica dos sentidos)

A linguagem como suposta ciência. — A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência. (Nietzsche, 2000, HDH nota: 11)

É Abana, que ainda não havia nascido, tentando se libertar da iniciativa, do costume em nós arraigado, de “**medir**” a todo tempo.

Quando digo que estou em processo de **enegrecimento** da prática pedagógica e da sala de aula de matemática, estou dentre outras coisas, me livrando das **idiossincrasias**

⁷⁶Vocabulários de Deleuze. François Zourabichvili. disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>

próprias da **ocidentalose**, técnica, matemática, de medir, de existir, demonstrar e provar, que me povoam. Eu o faço pela experimentação com a escrita, mas fundamentalmente inspirada, em revememoração, pelos espaços de aula de matemáticas gerados ao longo da trajetória de Abana, que ainda não havia nascido.

A tal ponto que em algum momento (isto também é medir embora não tenha usado a escolha lexical que tanto me incomoda: **medida**⁷⁷) eu a abandone e consiga reescrevê-la, reelaborando, no **viver**, os sentidos que me foram encarnados. E isto se realiza com a força de um ritual de escrita, exorcismo e parto. A **vida** não é a escrita. A escrita bem pode ser um ensaio da vida. Mas mesmo assim espero que, com o tempo e em afetações mútuas, vida e escrita caminhem entrelaçadas em **enegrecimento**, cuja o texto tese, intenta representar.

Assim, no exercício do delírio desta escrita, após a leitura de um pequeno trecho do Mil Platôs, volume II, estava pensando sobre a palavra, “**técnica**”. Há algum tempo imagino saber que **técnica** é uma palavra que deriva do grego *téchne*. No modo como vejo, *téchne* tem a ver também com **método**, cientificidade, uma regra, um processo, um **algoritmo** (**Matemática é vermelha**) que, uma vez exercitado corretamente, leva, invariavelmente, ao mesmo resultado. Este mesmo resultado na maior parte das vezes leva o nome de: a **verdade**. A verdade é **azul**. Mas não é sobre isso que quero pensar/escrever na **verdade**. É que ao pensar sobre **técnica** e ao procurar um verbete formal para acrescentar a este texto, numa nota, acabei por ser levado ao encontro de um *Dicionário de Tupi (Antigo) Português*. Uma maravilha!!! Curioso: conspiração dos **Deuses?** Dos **Orixás?** Ou apenas reminiscência programada por um **algoritmo matemático**, do sistema de busca? Que alimentado por seus clics, apenas lhe informa sobre suas frequências de desejos. Vou ficar com a afetação dos **Orixás**. **Exú** senhor da encruzilhada e dos caminhos, possibilitou-me este encontro. Tudo bem... qualquer que seja a **versão**, o **fato** é que eu pensei em como este encontro guarda sintonia com o propósito deste Platô, o *étàlà* (o número *treze* em Iorubá), onde quero exatamente experimentar com outra língua (contrasignificante). Devo dizer que este propósito último não caminhou junto a

⁷⁷Medir é estabelecer uma comparação entre duas grandezas, uma delas sendo a coisa a ser medida e a outra, a unidade que eu, por uma discricionariedade, estabeleço como o padrão ideal de comparação. Então quando estou medindo eu estou, inexoravelmente, comparando. Uma saída é continuar **medindo**, mas sem que exista um padrão, a priori, estabelecido. Comportar outros padrões e outros, e outros de modo que numa multiplicidade de “modelos”, não haja mais padrão algum e não possa mais existir aquele que se arrogue como “**a medida de todas as coisas**”. Humano, demasiado humano.

Uma nota da nota: **Protágoras de Abdera** foi um *Sofista*, “cuja *akmé* situa-se por volta de 444-440 a.C. [...] acusado de ateísmo pois afirmava que os deuses e a religião existiam por convenção.”(Chauí, 2002, p.169). Foi Protágoras o autor da frase “O homem é a medida de todas as coisas”. Eu resumo aqui uma explicação de Protágoras, descrita por Marilena Chauí: afirma que sendo o homem o “criador de inúmeras técnicas” prejudiciais a uns e benéficas a outras, apenas ele, homem, poderia se constituir “**na técnica capaz de moderar todas as outras**”. Ele seria a medida com essa capacidade. “A medida de todas as coisas”. (p.171).

escrita desta tese, os capítulos de tão caóticos, transformaram-se em platôs. E, se isto nos assombra: o fato de não termos controle então talvez devêssemos pedir “*um pouco de ordem para nos proteger do caos.*” Mas, se nada fosse mais “*angustiante do pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçada, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos*” (Deleuze e Guattari, 2010, p.237). Mas por outro lado, é mesmo o abismo do caos que nos assombra, que nos possibilita uma abertura a outros possíveis. A segurança do método, embora necessária muitas vezes, invariavelmente nos leva aos mesmo de nós mesmos. É assim que me defendo por intermédio de Guattari (1992) para dizer que “*é passando por este fio-terra caótico, essa oscilação perigosa, que outra coisa se torna possível, que bifurcações ontológicas e a emergência de coeficientes de criatividade processual podem emergir.*” (Guattari, 1992, pp. 103-104)

Mas, encontrei um verbete que explicava o significado desta palavra (técnica) e pensei então sobre uma similaridade (senso comum) – todas semelhanças são tomadas assim, pelo senso comum – pela qual aproximei *tékhnē*⁷⁸ (Grego) a *teko* (Tupi) – este último significando, lugar ou modo de vida, costume.⁷⁹

Tudo parece girar em torno de tudo?⁸⁰ Ou isso é apenas a percepção daquele que se coloca (a pensar) no centro, de onde pode ver melhor?⁸¹. E assim teria a impressão de tudo

⁷⁸ "O que significa *tékhnē* quando dizemos que está intimamente aparentada com a *epistémē*? *Tékhnē* conecta-se com a raiz *teko*, *tikto* - traduzida comumente por 'procriar'. O que se procria é *tôtéknon*, a *criança*: *tikto* significa procriar e criar na acepção de parir, dar à luz, onde predomina o segundo significado. Nossa *língua* materna tem uma locução bonita e ainda impensada para exprimir o parir da procriação, que é 'colocar no mundo'. O sentido grego mais próprio e mais velado de *teko* não é o fazer e aprontar [produto], mas o conduzir alguma coisa para o *desencobrimto*, *produzir*. É trazer algo para o *desencobrimto*, a fim de *vigorar* no *desencobrimto* como o que foi trazido, como o que aparece a partir de..., como o que 'é', em *sentido* grego. O *tékton* é o produtor, aquele que procede a partir de... e para...: A partir do *desencoberto* para o *aberto*. O homem realiza esse procedimento produtor na construção, no entalhe, na formação. A *palavra* 'arquiteto' traz *hotekton*. Do ponto de vista do projeto, a *produção* de um templo orienta-se, a partir do arquiteto e pelo arquiteto, enquanto *arché* de um *tekein*" (1). Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Techn%C3%A9>. Acesso (pela última vez) em:01/01/2025.

⁷⁹Lugar e modo de vida são a mesma coisa ou *lugar e modo* se diferenciam tal como insinua Certeau com as ideias de o *espaço* ser um *lugar praticado*? Todo lugar é praticado por alguém, mas nem todo mundo pratica nos mesmos lugares. Eu acabei de enviar uma mensagem sobre isso para o Adriano. Lá na roça, deve ser melhor pra pensar. Texto deve dar a pensar. Roça dá a pensar e sobre as muitas coisas que se pode pensar! Na verdade, eu perguntava pra ele sobre *Teko* ser a mesma coisa que lugar e modo de vida. Conversa entre contrasignificantes-matemáticos ou melhor matemáticos-contrasignificantes. Não, não somos matemáticos. Bem, talvez tenha faltado dizer que hoje é 30/01/2022.

⁸⁰ Esta nota é pra cometer outra digressão, e pensar na *Gira*. Mais uma vez me atravessa a ideia da potência destas *imagens* autoreverses que dão a pensar, produzir vida. *GIRA* é uma imaginação Autoreverse. E, portanto, está aqui, grafada no contexto da *cromatologia do meu enegrecimento*.

⁸¹ Ou de onde você controla tudo! Como na edificação prisional de Bentham, Jeremy Bentham (1748-1832). Ver: Bentham, Jeremy... [et al.]. (2008). *Panóptico* / organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. -- 2. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora. É a segunda vez que me encontro com este texto de Bentham, a primeira foi também no esforço de pensar sobre a escrita, num Capítulo intitulado *Mídia e Racismo*, de um livro ainda não publicado (à época da primeira versão deste Platô) *Landscape of Investigations*, organizado pelo Prof. Ole Skovsmose. Mas o Bentham, na instrução de organizar da melhor maneira possível o sistema prisional, propôs um modelo de casa de correição e inspeção, um modelo de prisão.

girar à sua volta. Talvez porque no centro, ocupe uma posição de controle e daí uma certa afinidade em traduzir todas as coisas a um próprio de si, vigilante e controlador.

Mas, de repente, parece tudo ter um sentido **alinhado: palavras de ordem**, como as do professor no início do Mil Platôs II (Cf. Deleuze e Guattari, 1995) que “**ensigna**”:

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela "ensigna", dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.).(Deleuze e Guattari, apud Oliveira, 2017,p.633)

Branco-Negro, Africano-Europeu, Superior-inferior, etc. (Cf. Abana). Palavras que no caso de Abana, que ainda não havia nascido, se insinuam assim por proximidades, da Fé religiosa, da Escola e do Exército, que no seu sistema hierárquico de poder, faz **girar** a máquina da força militar estruturando-a por um sistema simbólico de “**insígnias**”. **Tudo palavra de ordem!**

Parece, então, difícil continuar o (um controlado, por uma incerta previsão acadêmica) curso da escrita por conta **dos atravessamentos**. Desta vez o de **Bentham**, e sua proposta de **modelo prisional** ou casa de custódia muito apropriado para corroborar com previsões semióticas e ou palavras de ordem. É um daqueles que pode **explodir a escrita** de um texto dentro de outro. Vou tentar controlá-lo (o ímpeto de **escrever-pensar** sobre a proposta de **Bentham**), mas apenas o suficiente para que eu possa depois, retornar ainda com desejo, no curso da escrita tal como ela vinha se desenhando. Não, nada mais é possível, fugir se matando não vou mais esperar o carrasco.

Eu disse em nota que já tinha “encontrado” com este texto do Bentham e é verdade. Mas preciso aqui, aproveitar esta **afetação** para pôr as coisas com mais clareza. Um pouco de ordem no Caos. Ou como habitualmente dizemos, exorcizando a linguagem: vamos escurecer as coisas. Eu acessei este texto quando escrevia o capítulo *Media and racismo*⁸², no livro organizado por Ole e Miriam, ao qual já me referi. Mas, numa das 18 versões do referido capítulo cuja 18ª que efetivamente fora para edição do livro, não contou com as considerações que eu fizera então sobre o Bentham.

⁸² “Landscape of Investigation”, organizado por Ole Skovsmose e Miriam Godoy Penteadó. Disponível para download em: <https://www.openbookpublishers.com/books/10.11647/obp.0316>

Na verdade, o leitor já informado sobre as produções de **Michel Foucault**, sobre o **Panóptico**, talvez já conheça os enredos da trama que envolvem esta **proposta de sistema prisional feita por Jeremy Bentham**, um filósofo utilitarista do século XVIII. Que teria reelaborado a ideia, de edifício, inicial de seu irmão **Samuel Bentham**, na tentativa de construir um modelo, aplicável a todos os contextos independentes dos lugares, no mundo em que fossem instalados. Prisões universais.

A ideia de Samuel estava ligada inicialmente ao propósito de controle dos camponeses, num formato de fazenda, na Rússia do século XVIII, com uma “*estrutura espacial [...] em um único edifício: a casa da família, o nobre no centro, sua força de trabalho camponesa ao redor dele*” (Cf. Bentham, 2008, p. 186), de onde poderia ser vigiada. **Um imperativo econômico então, de produção e acumulação estava a germinar ou sustentar os princípios de elaboração do panóptico?** Que era ou poderia ser adaptável tanto para uma prisão quando para um hospital.

Um edifício circular...Os prisioneiros em suas celas, ocupando a circunferência. Os guardas no centro. Por cortinas e outros dispositivos, os inspetores ficam protegidos...da observação de seus prisioneiros. Daí o sentimento de um tipo de onipresença. O circuito inteiro torna-se visível com pouca ou nenhuma troca de lugar. Um posto no alojamento de inspeção permite a mais perfeita visão de cada cela. (Bentham apud Werrett, 2008, p.173).

“O Panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a **máquina óptica universal das concentrações humanas**. É bem assim que Bentham o entende: com apenas algumas adaptações de detalhe, a configuração panóptica servirá **tanto** para **prisões** quanto para **escolas**, para as **usinas** e os **asilos**, para os **hospitais** e as **workhouses**. Ela não tem uma destinação única: é a **casa dos habitantes involuntários, reticentes ou constrangidos**.” (Miller, 2008, pp.89-90) (Grifo nosso)

O racismo possui previsões panópticas, o corpo negro sabe bem disso.

É uma proposta circular de edifício, na qual o *inspetor, localizado no alojamento central, fica invisível ao olhar dos prisioneiros, mas, ao mesmo tempo, dá-se aos prisioneiros o “intenso sentimento” de que estão sendo vigiados. Essa “aparente onisciência” assegura a obediência.*” (Werrett, 2008, p.190). Em que “*uma assimetria de poder expressa-se por meio de uma assimetria de visibilidade, da idéia de “ver sem ser visto”*”⁸³.

⁸³ Idem

“A **palavra de ordem** é, precisamente, a variável que faz da palavra como tal uma enunciação” (Deleuze e Guattari, 1995, 16).

“Fique no seu Lugar!”; “O que você está fazendo ai negão?”; “Eu não vou sentar do lado dela porque ela é preta”; “Você não pode entrar na festa.”

Uma enunciação se faz operar por palavras de ordem? É o ato de enunciar que confere uma **variação** à **palavra de ordem**. Mas nem toda palavra, dita ou escrita, é palavra de ordem, de modo que **enunciar** é **mais** do que falar ou escrever. Talvez aqui haja uma ponta de um fio da corda distendida, tensionada e esticada, que se solta importante para o uso de imagens, tal como as *reverses*, com uma **linha de fuga**, para desatar armadilhas.

Não me parece que a linguagem seja feita apenas para **dar ordens**, creio que para comunicar (inspirar) **desejos e afetos** também. Inflar, tal como *eemí* aos pulmões. Quando paixões violentam os desejos, neste momento a linguagem se transforma numa máquina **de ordenações**. Bem propício, mais uma vez, esta conspiração da escrita. “Ordenação” tem uma etimologia interessante, pois ao que me interessa **enunciar** com esta escrita, esta palavra de ordem, remete, na sua **origem**, à um procedimento de poder religioso tradicionalmente católico.

Hoje, 30/01/2022

(Domingo de manhã)

O “**acidente epistemológico**” de voltar a um texto.

Penso que a **retomada de leitura** de um texto ou de um livro, nem tanto quando acontece de forma **programada**, por um **desejo inconsciente**⁸⁴ e que mesmo assim não nos garante muita coisa, mas, sobretudo, quando ocorre por movimento “**desinteressado**”, é um **acidente**. Acidente no sentido daquilo que, quando ocorre, quebra o curso **inercial** de um movimento anterior. Na verdade, quebra o fluxo (fluxo de que na verdade?) anterior que o alimentava, e também não garante em que **medida** (não gosto do recorrente emprego que faço, desta última palavra) a variação vai, e se irá, ocorrer. Alguma variação sempre ocorre, há sempre um acidente epistemológico (que não tem a ver com Bachelard, que fala em “ruptura” ou com o modelo dos campos semânticos de Rômulo Lins que fala em “obstáculo”) funcionando, na retomada, no reinício da leitura, de um mesmo texto ou

⁸⁴ Em 02/01/2025, duas questões problemáticas para a filosofia que eu, não sendo filósofo, “pois filósofos pensam a partir de teorias científicas (Rubem Alves) não pretendo resolver, deixando-as aqui de modo proposital, consciente. Numa das muitas versões e textos desta tese, platôs, que chegaram ao totalizar sete textos, expliquei que esta expressão era quase um “mantra” reproduzido a todo momento pelos(as) alunas(os) pesquisadoras(es) no GPS. Com ele nós iniciávamos e concluíamos nossos trabalhos.

de outro texto. Somos, na leitura, frequentemente arremetidos, muitas vezes arremessados com força, tal como o funcionamento de um **algoritmo de Deus**, que devo exorcizar, nesta escrita, pela figura de uma **trama dos Orixás**.

Um algoritmo das tramas dos Orixás, algo que (sabido Abana, das coisas de Exú) parece ser de sua inspiração tanto o acidente, quanto *the braeking*, oobstáculo, ou a ruptura. Tudo quanto puder possibilitar caminhos. Não sendo filósofo, Abana escreve de memória. (02/01/2025)

Ao final ou em algum momento deste texto Tese, maior, estarei na posição de reler o trabalho. Na verdade isso pode ser um sério risco à escrita, mas penso em retomar desde o início o texto, tentando fazer aproximações entre as situações de emprego de alguns termos, traduzindo as relações (aproximações) por **cores**⁸⁵, uma espécie de **cromatologia do enegrecimento na escrita**. Não se incomode...estou a exorcizar demônios.

Num dado momento deste último exercício de releitura, talvez eu possa estar diante do sentimento de que: **não há exercício de combinação que dê conta!!!** Mas talvez seja para isso mesmo, não dar conta. Talvez seja um saboroso, com certeza colorido, processo de entendimento (busca de paz).

Deve fazer o leitor, as suas combinações?

Se eu usar **sete cores** diferentes, quantas serão as combinações matemáticas possíveis? Elas devem ser mesmo combinações? Podem ser arranjos? Pode haver repetição?

Exú, a cada linha mais forte, a designar, no entrecruzamento de caminhos desta escrita, o **lugar/espaco**. Ou, a costurar as tessituras da rede de um **lugar de conforto**, de minha paz. Uma escrita de alguém que está atormentado.

Estou dizendo isso porque ontem à noite eu estava, ao final do dia e da noite quando a leitura pelo cansaço do corpo chegava a termo, envolvido com o sabor de **pensar escrever**. Provocado pela ideia do que agora vou chamar de interseccionalidade das linguagens contrasignificantes que me afetaram. Isto tudo numa intenção de, num processo de enegrecimento da prática profissional em sala de aula, do sujeito e do meu mundo, exorcizar o capitalismo e o racismo.

⁸⁵ Isto também dá a pensar sobre como a variação pode ser produtiva para a vida. Permite-nos intuir que assim como nas **cores**, modos de pensar diversos podem harmoniosamente produzir sentidos, vidas. Ah sim!!! Não está faltando letra. Pense sobre a sua percepção de falta, poder estar ligada a ideia de que “Branco”, você não consegue enxergar.

Uma experimentação em “escrita” NAGÔ-YORUBÁ - *EsquizoEducação Financeira*

Um último delírio da escrita aqui: preciso me acostumar à ideia de que não precisa dar conta de sentir, apenas sentir. Essa coisa de dar conta, seja satisfação ou cálculo, é coisa de uma certa racionalidade que desejo exorcizar.

Uma observação ao leitor de hoje e ao escritor de ontem, feita pelo escritor/leitor de hoje. (02/01/2025) E a outros leitores.

Esta e muitas outras partes deste texto estão aqui encenadas tal como nasceram, embora tenham crescido e já experimentem outros corpos ou em outros corpos. Ficam encenadas, no entanto alguns de seus momentos fetais, a despeito da companhia de “novas imagens” refletidas no espelho. Não há mais no corpo presente, *sentido afeto* de se tomar em identidade, processos, termos, ideias e conceitos do mercado capitalista para descrevê-los como, apenas, uma antítesed as suas “novas” e encenadas imagens.

À medida em que essa escrita é também um processo de estranhamento, como num experimento de antropologia urbana, (em que a casa é um mundo “pensado” e criado por um *éthos* capitalista) estranhar aquilo que lhe é familiar, habitual, ...Só se acalma num encontro com Èmí e Ókan (e isto já é uma inovação) no processo mesmo de elaboração de novas imagens, corpos mercadorias, no *Mercado de Bens e trocas simbólicas*.

A tarefa da **denúncia**, eu queria dar um outro nome à ela, me parece sempre menos espinhosa de ser feita, talvez porque ela opere ainda no **dentro**, na crítica ao dentro, mas apenas pelo que lhe falta, num par contrasignificante mais ou menos na mesma “**racionalidade**” estruturante do sistema de pensamento hegemônico, dominante; já a tarefa do **anúncio**, algo assemelhado ao “*breaking*” (Cf. Moten), eu descobri isto **amanhã**, essa é sempre mais complexa e dolorosa, porque não quer operar pelo dentro, na verdade quer se desvencilhar de um *modus* habitual de conceber as coisas do mundo, proposto pelo significante. Mas, mesmo dentro, no tocante a viver seduzido por *palavras de ordem* ou talvez mais do que isso, constantemente interpelado por elas, não se pode dizer de uma dominação completa. Porque isso significaria o suicídio do corpo negro que sofre.

E, se a morte auto-infringida não se realiza, então é porque ainda há espaço que

permite ver o fora? Ou se vive, corpo negro anestesiado, branqueado?

Então o que é este experimento existencial: ser corpo negro? **O que é o corpo negro?** Ensaio aqui, com dois modos de significá-lo: por **oposição** ao significante branco normativo (algo que se inspira denúncia, sempre necessária porque envolve uma dimensão constitutiva da realidade: os discursos) e por **exposição**, (algo da dimensão do anúncio) como **obra de arte**. Os pares : Oposição x Exposição , Denúncia x Anúncio.

Ainda que o anúncio se faça numa espécie de transição como no enegrecimento experimentado nesta escrita, ainda assim não se opera pelo fora, totalmente, porque não se é um corpo do fora (tem pele negra mas que se reveste, por forja, muitas vezes de máscaras brancas). Fanon que o diga; um corpo num processo de desconstrução/construção, uma espécie de *Schöpferische Zerstörung*⁸⁶ (destruição criativa) às avessas.

ÈRÈ = Lucro

Interpretise

A cultura nagô-iorubá reprimida pela igreja católica (Cf. Beniste) dado que se deve lembrar que foi produção da Igreja e do ocidente, a identidade de Exú = Diabo. **Daí, se se** pode escrever em inglês, francês ou espanhol porque não nagô, banto ou Ioruba?

Para que serve isso tudo? Serve para pensar?

Pensar ajudar a libertar o pensamento desvinculá-lo de uma imagem dogma, produzir imagens próprias criando seus próprios espelhos. Isso talvez seja um passo importante para produção de vidas...

Deus e o Diabo, essa forma de pensar o mercado... Há de se poder opor Exú ao demônio capitalista do moinho de matar gente preta. Não, não há caminhos com o demônio enquanto Exú se faz em possibilidades, dos caminhos e das trocas na encruzilhada.

Aimé Cesáire é enxerto **arbóreo** de saber? Eu já abandonei esta ideia amanhã.

Não irei compor uma representação minha, com sabores africanos pois seria falsear, por uma espécie de Avatar; um personagem fictício. Mas é que Abana , nasceu como ele mesmo no percurso da escrita. Sendo um duplo do mesmo , não um outro.

⁸⁶ Se deve a Schumpeter (1883-1950), um economista austríaco que utilizava esta expressão para descrever uma característica do capitalismo que (eu) não sendo um economista, vou traduzir em termos, tanto da ideia de *obsolescência programada* (quando os produtos de forma estratégica ficam obsoletos interpelando os consumidores, por novos desejos de aquisição), quanto pela ideia de reestruturação produtiva (que traduzo em termos das ideias do neoliberalismo conquanto a estratégia de impor transformações tanto das relações quanto das estruturas das economias, como imperativos da acumulação).

Experimentar, aproximar-me. Eu não existo em versão africana, assim como muitos dos nossos irmãos e irmãs, em África, também não. Ao mesmo tempo, ~~quero~~ compor com um esforço em enegrecimento, numa espécie de retorno, mas de alguém que nunca esteve lá. ~~Quero~~ mais do que isso, ~~quero~~ viver aqui um sonho de lá, ser sonâmbulo. Sem idealismos, talvez mais ocupado em uma versão política. Não se torna africano ou negro lendo ou estudando, é preciso viver, experimentar com... Uma versão enegrecida mesmo no sentido de um corpo que conhece mais sobre o seu passado, ancestralidade e cultura africanos, ao mesmo tempo em que, crítico do branqueamento que nos constitui sujeito e professor, experimente.

É cedo, foi ontem, a pele ainda sangra e dói. É preciso narrar, como forma de luto e exorcismo, mas sobretudo como modo de fazer ver a quem ainda insiste no discurso hipócrita da igualdade ou na suspeita, poda, do reverso e da repetição. Mas é preciso sair do ciclo da denúncia... Portanto não são reversos, são **autoreverses**, isto promove uma importante passagem na repetição: nos traz para a agência. Isto faz toda a diferença. Mas não cria, faz ver! Por um lado, somos ervas daninhas... por outro, ainda na mesma dimensão somos enxertos. Mas uma vez, soltos em frutos, caídos das árvores em semente, produzimos outros sabores. Técnica permitida e pensada? Subversão desejante de pensamento e imagem? Uma vez lançado o dado com a semente em seu interior, não se pode mais dizer nem controlar, apenas florescer.

Isto é um apêndice? Apenas um Platô?

O Ipê branco sabe matemática!?

“... uma menina que é escurinha, mas que é bonita...”.

(um professor em conselho de classe)

“Mas, que importa tudo isso? Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre?”⁸⁷ (Cruz e Souza, apud Pereira 2001, p.157)

⁸⁷ É por intermédio do livro “*Ardis da Imagem*” (p.157), cujo interesse me foi despertado pelo encontro com o um dos autores, o Prof. **Edmilson de Almeida Pereira**, em 2017 quando eu cursei, como aluno no Bacharelado

Não sei se até o final da escrita deste texto *Tese*, este Platô “*O Ipê branco sabe matemática !?*”, contará com a citação acima, a primeira. Talvez ela esteja aqui só para cumprir um papel de forja, fórceps no parto da escrita, pensamento-memória , sobre o “papel”.

Uma nota sobre o não visível do texto⁸⁸

Às vezes quando escrevo, como agora, tenho o desejo (a vontade) de abrir, rasgando meu peito tamanha a vontade, desejo, dor, felicidade e tristeza que me atravessam, tudo isso junto. Ansiedade!! Ancestralidade!!! Máquina desejanter!? Mas vou esconder isso, talvez por uma instrução à moda estoica, que por hora me interpela.

Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFJF), uma disciplina ministrada por ele intitulada: Literatura Comparada de países africanos de língua portuguesa. Processo de **enegrecimento**.

Aliás devo aqui fazer uma pequena digressão nesta nota, para me referir a outro (um segundo) potente encontro que teve lugar também no período em que cursei o Bacharelado em Ciências Humanas. Falo da disciplina **Cinema Brasileiro I**, ministrada pelo Prof. Luís Rocha Melo, em que as discussões sobre o Cinema brasileiro acabaram por circular com muita intensidade em reflexões sobre as “ausências”, os “indesejáveis”, aqueles (em geral pretos e pretas) que ao longo dos filmes exibidos durante a disciplina, insistiam em querer aparecer, ou se mantinham de modo estático, talvez cientes de que aquelas câmeras não estavam para eles direcionadas. Foi muito saboroso experimentar com aquela disciplina. Eu estava, antes, receoso. Na verdade, resistente. Mas por uma necessidade de ter de compor minhas disciplinas com algumas do campo da qual o Cinema brasileiro, fazia parte, arrisquei. Talvez ali já se insinuasse, sem que eu soubesse, uma primeira indicação de que é mesmo a Arte, um bom caminho para conjurar os seus demônios: Processo de **enegrecimento**. No encontro com o Prof. Edmilson, além dos “*Ardis*”, encontro “*Cena em Sombras...*” um texto de Leda Martins, mais Arte (teatro) mais fôlego para exorcizar: componho meu enegrecimento. **Imagem autoreverse**. Mas, agora provocado, devo continuar um pouco com as digressões numa espécie de subtexto ou um outro texto ou o mesmo texto. O modo como eu descrevi a lente, como um dispositivo, e a releitura memória daqueles encontros, que não estão tão distantes assim, aguçaram-me de tal forma que revisei o texto do trabalho de conclusão de curso, resultante daquele bacharelado: *O branqueamento no cinema brasileiro em produções fílmicas da primeira metade do século XX*. Achei nesta revisitação um trecho sobre **Cartas**, que bem pode servir para compor com a ideia de **lentes, para ver a verdade**. Cartas (eu falava sobre Monteiro Lobato e das correspondências que ele trocava com Godofredo Rangel, outro escritor e amigo seu) revelariam o racismo **contido** em suas obras. Mas quero apenas dizer que lá neste texto eu escrevi que: “**Se existe um instrumento de leitura sobre o que somos e como pensamos, talvez as cartas sejam o melhor veículo que dispõe dessa capacidade. Elas não são escritas para serem publicadas e, portanto, nelas podemos depositar todo tipo de sentimento, sem o receio de reprovação, exceto daquele há quem se dirigia. O autor não observa, nem conta com a possibilidade de que num certo tempo, seu conteúdo seja revelado, muito menos, publicado.**” (2017, p. 06). Esta percepção será parte da escrita que pretendo ainda construir neste texto *Tese*, em outro **Capítulo Platô**, para explorar algumas das provocações que assinalai nas primeiras páginas do texto *Tese*, quando listei uma série, longa, de palavras-afetações. Lá, grafei: **Cartas são sempre reveladoras**. Bem, aqui está então, uma aproximação, sobre o tema que trago a partir deste texto de 2017. Mas eu quero juntar a esta percepção de 2017, sobre cartas, o seguinte: **Ainda creio que elas são mesmo potentes para ajudar a desvelar o que somos e como pensamos e acho que "nelas" nos encontramos, com maior chance e probabilidade, despídos**. Mas como as cartas não fazem ou não estão tão mais presentes atualmente como instrumento de que nos servimos para comunicação, devo dizer que a **potencialidade reveladora** de nossa intimidade e, por conseguinte, do modo como vemos e pensamos coisas do mundo, talvez esteja mesmo, imbricada ao “problema” da interpretação, interprete-se deleuziana, **Inter/pretice**, quando penso aqui sobre os temas étnico raciais. Não há como fugir disso. Cartas são como uma espécie de **confessionário** e como você normalmente não fica com a que escreve, quem recebe acaba por se converter, no padre confidente de nossos “pecados”. **Por fim: Interpretise**, escrevo aqui: trata-se de uma grafia pela qual tento dizer de um preto que interpreta provocado, autorizado pelo seu processo de enegrecimento. Pensei em: **interpretação + preto + expertise**.

⁸⁸ Quando eu era criança eu gostava de mexer em uns livrinhos e kits de experiências que tínhamos em casa. Um deles vinha numa caixa cheia de elementos químicos com instruções para realização das diversas experiências. Acho, me lembro, que eles vinham, os livrinhos, com as partes das respostas, escondidas de modo que só podiam ser lidas com o auxílio de uma “lente” vermelha. Artifício, dispositivo, de manter a verdade em segredo ao mesmo tempo em que representava o caminho e a lente, que então revelava a verdade. Meu pai, além de Militar, fora licenciado em Matemática. E se tenho ou estimei-me pelo sabor do conhecimento, isto tem muito de sua contribuição.

Talvez isso também se relacione a questão da culpa, vergonha e medo cristãos, que desde alguns dias, me espreitam, insinuando-se como tema a ser explorado. Penso que a repetição, *ad eternum*, daquele trecho em textos desde sua primeira edição⁸⁹ como de resto, a reprodução insistente de qualquer outra chaga produzida pelo Humano (**demasiado**), caminha num limiar que pode nos conduzir para lugares distintos: o da denúncia repetida, sobre o que nos adoce e se introjeta⁹⁰, tentando nos convencer da existência de uma inferioridade hereditária, forçando que acreditemos numa patologia congênita; ou o anúncio, do tipo daqueles que em inúmeras ocasiões se desdobraram a partir de sua exposição, em diversos grupos de estudos, pesquisas, projetos pedagógicos, oficinas e minicursos em que abordei esta questão, ao longo de minha trajetória. Estou falando do racismo. Vou sentir, pensar e escrever este Platô como, mais um, anúncio. Não apenas como tentativa de que por intermédio desta repetição refletida, se possam inspirar-produzir novos olhares para as relações raciais, naquele lugar ainda cartesiano chamado sala de aula de matemática, mas também para que eu possa seguir compondo o que, talvez desde 2015, tenho chamado de um olhar decolonial para a sala de aula de matemática.

Ou ainda , em termos de uma *modelagem Social para a sala de aula de matemática* . Expressão pela qual problematizo o fato de que parte expressiva das produções no contexto da modelagem matemática, acaba por concluir-se em termos de um objeto matemático como equações e fórmulas. Uma questão sobre a qual , creio , Skovsmose(2001) envolveu-se a pensar a través das ideias de *abstrações para pensar e concretizada*. Uma intriga pessoal , minha, com a expressão Modelagem Matemática.

Parece que este espaço está se configurando num lugar afeito à escrita sobre a sala de aula de matemática de minha trajetória e formação, e coisas afins ou algo relacinado a ideia de que *monstros de estimação* habitam o *jardim do matemático*.(Cf. Lins) Neste capítulo, trato de: colonialidade; de saber dogmático; de imagens dogmáticas ; de imagens do pensamento ; da necessidade ou importância de que também se produzam em

⁸⁹ Não vou arriscar quando isso aconteceu, em sua primeira **aparição**, (gosto desta palavra), mas trata-se de um *extrato de texto*, de textos que ao longo de minha trajetória como professor de matemática pesquisador na educação básica, foram se constituindo, como Comunicações, Relatos de experiência etc., compartilhados em Eventos, em sua maior parte, de Educação Matemática, como Congressos, Colóquios e através de Oficinas e Minicursos. Estes textos foram produzidos, lastreados numa experiência de um projeto intitulado, inicialmente Educação Matemática & Democracia, (no início dos anos 2000) e que algum tempo depois (talvez na segunda metade dos anos 2000) passa a se nomear (mas sempre muito mais do que o nome) de Grupo de Pesquisas Sociais (GPS). Eu desenvolvia as ações, com esse grupo de alunos pesquisadores, criando "*Cenários para investigação*" em Educação Matemática (Skovsmose, 2008) e depois produzia textos, compartilhando estas práticas.

⁹⁰ Desconfio que é uma consequência da construção da inferioridade racial, alimentada por uma narrativa históricacolorida pela religiosa judaico-cristã, que nos inscreveu herdeiros de *Cam* (a pretos e pretas) com o destino de viver na danação em decorrência do pecado, original, da visão da nudez de Noé.

nossas salas de aula de matemática ~~raciais~~^[4] para a investigação , sobre temática étnico racial .

O ipê branco sabe matemática

Hoje são 22 de maio de 2021, e nós estamos já há mais de um ano “vivendo” o isolamento provocado pela Pandemia do Coronavírus. Eu estou na zona rural de Juiz de fora MG. Lugar para onde temos vindo quando sentimos que nossa família precisa ficar mais isolada.

O título deste trecho , um Platô, na verdade é uma brincadeira dado que não tenho de antemão, nenhuma pretensão de descobrir a “verdade” sobre as relações que se podem estabelecer entre a Natureza e a Matemática. Esta questão já foi bastante discutida por muita gente. Prefiro ficar com a ideia de que se pudesse observar aquilo que comumente chamamos de conhecimento matemático, junto com a natureza e o mundo. Sem me preocupar na precedência de um sobre o outro. E mais do que isso, o que seja talvez a mais forte potência deste platô, quero problematizar as relações históricas entre: concepções de ciência, positivismo, pensamento matemático, pensamento dogmático, imagem do pensamento, racismo, colonialismo e cartesianismo. Sim, tudo isto está aqui neste Platô. Sou pretencioso.

Plantei uma árvore destas, um ipê branco, num pedaço de terra na zona rural. É aqui que escrevo. Esta escrita será atravessada constantemente, pelo movimento do “lugar”. A pouco, foi um casal de tucanos, num coqueiro. O ipê branco me chamou muita a atenção ... talvez provocado pelo fato de ter observado nele a matemática como que a definir as suas formas. Já há aqui então se insinuando, uma questão bastante interessante⁹¹ pois quem garante que não sou eu “quem coloca nele” algumas ideias matemáticas?

Faço um enxerto aqui (em 11/01 já em 2022 e ainda na pandemia) para inserir um pouco dessa discussão. Mesmo não tendo sido um bom matemático.

Acho que a simetria, a ideia de sequência, são as primeiras que me provocam, ou mobilizam minha atenção. Fico pensando que o *Título* deve ser de forma afirmativa e não interrogativa como eu escrevi antes. Continua provocativo!!!

⁹¹ Para quem achar interessante, há uma discussão em matemática que opõem formalistas aos platonistas. Talvez não esteja me lembrando mais da discussão e das nomenclaturas, mas há que acredite que a matemática existe e nós apenas a descobrimos - talvez “desencobrimos” seja mais apropriado e como isto, penso agora, é algo platônico então seus defensores devem mesmo ser os platonistas. Mas a estes se opõem os que, suspeito seja os formalistas, aqueles que acreditam que nós na verdade “colocamos” a matemática nas coisas. Aquele interessado vai achar num texto muito antigo, um livro, intitulado *A Experiência Matemática*, primeira edição de 1995 tendo Philip J. Davis e Reuben Hersh como autores.

O som de uma roçadeira! Não o Ipê ou a matemática, mas do instrumento de trabalho, muito comum por aqui, na zona rural. Atravessamentos.

Mas então o Ipê!!! Hoje, observo que ele tem um eixo, que vou chamá-lo (como de hábito fazemos em Ciência, nomeado e conceituando, aprisionando a coisa numa caixinha epistemológica) de principal. É uma árvore “jovem”, eu imagino, pois não sei quantos anos vive uma árvore dessa espécie, e nem tão pouco sei o que é ser uma árvore jovem. Ela não deve fazer esta distinção. Pelo menos não aquela diferenciação que vem acompanhada de uma valoração subjetiva. Não sou informado sobre Ipês! Assim como não sou filósofo. Nem entendo de árvores de um modo geral, mas devo dizer que a Pequizeira, lá de Bauru, tem um “ar”, uma “inspiração”, de ser parte de minha família. Ancestralidade. E disse que não sou filósofo, “*pois filósofos pensam a partir de teorias científicas*” (Cf. Rubem Alves).

Esta expressão aliás foi um mantra repetido várias vezes pelos alunos nos grupos de pesquisas dos GPSs. Naquelas experimentações nós tínhamos o procedimento de iniciar os estudantes que entravam para o grupo de pesquisas, com a coisa do pesquisar e do pensamento “científico”. Daí uma das ações envolvia ler, estudar e debater textos e vídeos que abordassem o tema, numa linguagem afeita a idade dos pesquisadores (alunos e alunas dos 8º e 9º anos do ensino fundamental). O livro, “O que é científico” de Rubem Alves foi um dos textos estudados. Toda vez que nos encontramos ou iríamos começar uma conversa, um de nós iniciava a frase dizendo: “não sou filósofo”, sendo logo seguido em coro por todos os outros: “*...porque filósofos pensam a partir de teorias científicas*”.

Bem, eu fui convidado a ler um livro sobre árvores, numa conversa com um sobrinho, artista, fotógrafo e poeta, que me sugeriu o “*A história secreta das árvores*”, já que eu confiava para ele que estava alimentando o meu imaginário e a escrita neste texto Tese, com produções de Deleuze, Nietzsche e temas como, arborescente, rizoma, etc. Eu na verdade não fui até o livro que me sugeriu. Disse também que eu mesmo arriscava a minha produção filosófica ainda que fosse digamos arbórea, com coisas como *enxertoarbóreo* e *ervadanização*. Eu acabei abandonando estas ideias e elas estão em áudios que não vieram para o texto da tese, dos platôs.

Mas vou seguir com minhas análises mobilizando provavelmente, parte do meu aparato matemático, com o qual fui educado a pensar sobre as coisas do mundo. E talvez não muito bem educado.

O Ipê Branco

Bem, de baixo para cima, seguindo este eixo que estou chamando de principal (o ipê tem 1,70 metros de altura, eu medi) ela tem duas partes, eu a divido em duas partes. Sou eu formatando o Ipê, porque o **Ipê** é só o **ipê**, eu acho! Ele não quer ser matemático!! Nem talvez queira ter duas ou três partes e eixo principal. Estas coisas são coisas da ciência, da matemática. E talvez então, definitivamente o ipê não saiba matemática. Mas então, vou retomar! Ele tem algumas seções, de baixo para cima. Contei nove, na primeira parte. E tomei esta primeira parte considerando da primeira seção até à altura de uma bifurcação que acontece logo acima. Neste espaço há 9 seções ao todo. Mas não são seções quaisquer, são seções sempre de dois caules simétricos. Vou fazer um esquema porque matemáticos precisam pensar, e comunicar, assim. Sejam esquemas geométricos ou sistemas abstratos. Ou ainda, mais abstratos do que os abstratos geométricos poderiam sugerir.



Este, da foto, é o uma foto do Ipê acompanhada ao lado do “esquema”, sua representação geométrica!⁹². Coisas de matemático. No “meu” esquema matemático do Ipê, as setas em azul mostram as seções ímpares e as vermelhas, as seções pares. Ah, mas essa talvez não seja uma boa nomenclatura, porque o nascimento de qualquer nova dupla de caules simétricos pode colocar em causa esta forma de identificar as seções. Além disso, as novas seções irão nascer sempre a partir da parte mais elevada da árvore ao

⁹² Na verdade, quando da escrita deste capítulo que depois passo a chamar de platô, eu desejava construir um modelo matemático tridimensional representativo desta foto ou imagem do Ipê branco. Uma forma de coroar o seu desempenho em matemática, presenteando-o com um modelo só seu. Na verdade, uma forma de coroar um desejo meu.

mesmo tempo em que outras duplas de caules cairão. Bem isso torna o conceito de seção par e ímpar algo dinâmico, errante. Não importa, pois como eu o ipê talvez não queira mais, mesmo, saber de matemática. Eu soube sim, de saber ser professor de matemática e o ipê certamente saiba de ser árvore. Um esquema, uma forma de ajustar a realidade segundo nossa percepção e interesse, ah sim... matemáticos. O esquema é como uma “*abstração para pensar*” skovsmosiana, mas pensar sobre o que?

Bem, se ele é uma abstração do ipê, deveria ajudar a pensar sobre o ipê. Sobre a vida do ipê, seu nascimento, seu crescimento, vida e morte. Ou, sobre como pensa um Ipê.

Mas, se estudamos matemática a partir do modelo da abstração no esquema do Ipê, então uma *abstração para pensar* (regras, fórmulas, métodos, procedimentos) estamos ocupados e operando sobre sua existência admitindo-o como tomando em posse por sua (nossa) representação. O Ser (árvore do ipê aqui) não é quem deveria saber sobre si mesmo? Embora eu não saiba sobre Ipês, como matemático sei sobre esquemas e representações que projeto sobre os ipês.

Encerrada em si (a representação) se detém “sempre” sobre uma “imagem do pensamento? Ou sobre uma imagem (representação) do pensamento?

Eu não sou filósofo e não fui um “ bom matemático”, e talvez seja atrevimento, além de arriscado academicamente, tentar escrever-pensar sobre estas coisas, que não “domino”, aqui. Mas vou seguir.

Na foto, e no esquema estão as 9 seções que produzimos, eu e o ipê não sem o auxílio de um modo específico de subjetivação, o de minha formação matemática. São sempre dois caules, simétricos em relação ao eixo principal. Seções localizadas num trecho da primeira, até a 9ª, no pé da bifurcação.

Nem preciso dizer que, num movimento “entusiasmado” da minha formação matemática, no mais alto estilo do método cartesiano, corri, peguei a trena e fui logo, num rompante fibonacciano⁹³, verificar se as distâncias entre as seções correspondiam a alguma sequência regular, conhecida. Ou se alguma sequência matemática, autoritária, tinha feito os pares de caules manterem-se, sempre, igualmente distanciados uns dos outros. Não! Me decepcionei!

Matemáticos, como o que me tornei (na verdade como o que exercitei ser em um certo período de minha trajetória) só se interessam por padrões e regularidades? Isto talvez

⁹³ Uma alusão à sequência conhecida como de Fibonacci, $(F_n) = (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, \dots)$

seja uma fraqueza?

Ou pensar que isto pode ser uma fraqueza seja, por outro lado, o eu (matemático) significante operando pela falta, como eu aprendi?

Aliás é exatamente isto que talvez eu queira dizer. Ou talvez isto me dê a ponta do fio para tecer sobre o que realmente quero.

“Pensar pela falta”! Eu desconfio ter começado a usar esta expressão e este entendimento sobre as relações pedagógicas, depois de meus encontros, algumas leituras e aventuras com o *Modelo dos Campos Semânticos*⁹⁴, mas não é sobre isto que quero falar também, ao menos não diretamente. Quero apenas aproveitar este ramo, já que estou no contexto das árvores, para considerar como a escrita ocidental, máquina **escriturária**, editou uma imagem matemática por excelência, seguindo o mesmo repertório produzido na Ciência como um todo: e que conduziu o pensamento, matemático africano à um lugar de inferioridade.

Eu estudei, quando na graduação, num texto que não apenas não tratava da matemática e do pensamento matemático africano, como também, quando o fazia, apresentava-o de tal forma que pouco poderia fazer perceber ao leitor (estudante), que a identidade daquela produção, o Egito, era mesmo africana. Não por acaso repetia-se na matemática uma percepção *hegeliana*:

Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela, não faz parte da história mundial; não tem movimento ou desenvolvimento para mostrar, e o que porventura tenha acontecido nela – melhor dizendo ao norte dela – pertence ao mundo asiático e ao europeu. Cartago foi um momento importante e passageiro, mas como colônia Fenícia, ela pertence à Ásia. O Egito será considerado em referência à passagem da mente humana de sua fase Oriental para a fase Ocidental, porém este não pertence ao Espírito africano. Na verdade, o que nós propriamente entendemos por África é algo fechado sem história, que ainda está envolto no espírito natural, e que teve que ser apresentado aqui somente como limiar da história universal. (Hegel Apud Benedicto, 2015, p.37-38)

Mais do que isso, terminava o Capítulo, o único sobre o tema da matemática africana, de um total de 28 capítulos, arguindo as “fraquezas da matemática egípcia”. Devo observar que somente dois Capítulos mereceram do autor este “zelo”, ao se ocupar de suas, ~~supostas, fraquezas. Além do segundo em que se tratava da matemática egípcia, também o~~

⁹⁴ Do mesmo autor de uma das notas já feitas anteriormente, Rômulo Campos Lins. Elaborou a ideia de produção de significados no contexto de uma Teoria do conhecimento (também em matemática) (vou dizer por citação livre correndo todo risco por enquanto) chamada Modelo dos Campos Semânticos.

terceiro em que o autor tratava da matemática produzida na região, histórica, da Mesopotâmia. O autor encerra o segundo capítulo considerando, como conclusão final sobre a produção africana que “*o amor aos deuses benevolentes, o respeito à tradição, a preocupação com a morte e a necessidade dos mortos, tudo isso encorajou um alto grau de estagnação*” (Boyer, p.15). Mas antes há uma série de adjetivações pejorativas e negativas para a produção matemática Africana considerando que:

... os gregos aprenderam os **rudimentos** da geometria com os egípcios emprestaram do Egito alguma **matemática elementar** é provável mas **evidentemente** a **expressão deste empréstimo** foi **exagerada** [...] o conhecimento é quase todo prático [...] o objetivo pode ter sido o de facilitar a técnica e não a compreensão [...] fornecer artifícios de mensuração e não o de conseguir melhor compreensão [...] conferia aos egípcios uma desvantagem que conferia aos cálculos [...] **um peculiar primitivismo** [...] ocasional e assombrosa complexidade.” (BOYER, 1996, pp. 14-15) (Grifo nosso)

Quer dizer, não se limitava a mostrar pouco, era preciso identificar naquele modo de pensar, algo de inferior. O que lembra uma estratégia da mídia que Bourdieu, denuncia, num pequeno livro intitulado “Sobre a televisão”, em que descreve um modo de operar, de ocultar: “*mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade*”. (BOURDIEU, 1997, p. 24)

Talvez porque isso lhes ofereça a certeza da previsibilidade sobre o que virá, o controle. Que não se desconsidere a narrativa da história dominante e do poder colonizador que culminou com a modernidade encantada, em traduzir-se como imagem do belo, da verdade, do conhecimento e do poder.

Há um flerte histórico e “produtivo” para o Capitalismo, entre as Ciências exatas , e a Matemática pelo seu status, e “*poder formatador*”⁹⁵ uma perspectiva que tem como *modo de regulação* próprio que encontra na frieza do cálculo e, portanto, se serve de uma certa concepção e modelo de escola e de ensino de matemática

A certeza matemática sobre o que virá, muitas vezes pode nos trazer segurança. Fui até uma outra árvore de Ipê, localizada a uns oito metros desta, o Ipê Branco, e do tipo conhecido como Ipê amarelo. Esta é aparentemente caótica, por isso não me interessei por ela. Só fui prestar a atenção nela, interessado em comprovar a minha tese:

⁹⁵ “A matemática está formatando a sociedade”, conforme problematiza Ole Skovsmose em “Educação Matemática Crítica: a questão da democracia.”

de que o Ipê branco saberia matemática. Por qual outra razão eu teria prestado atenção a uma árvore tão aparentemente caótica e sem atrativos? Ou, talvez, se não convencido, teria ido ao Ipê amarelo. Estupidez a minha ter ido até lá.

Todo mundo sabe que Ipês amarelos, caóticos que são e desorganizados, não podem saber matemática. Mas eles contam bem, pude observar. Assim como no ipê branco, cada ponta de caule no amarelo, desabrocha em cinco folhas. Os caules até apresentam, em alguns casos uma posição simétrica a um eixo aparentemente principal, em suas muitas ramificações. Tantas, que não podem ser organizadas em padrões. Mas são por demais irregulares, não se pode confiar neles, desordeiros que são, os ipês amarelos. Eles não nos inspiram o conforto da retidão e da previsibilidade. Não têm apego a ascese nenhuma.

No Ipê branco isso não acontece. Ele é organizado só age por uma bifurcação, apresentado sempre dois caminhos, é previsível, traz segurança. Nele, não há erro! Fiquei com medo de ir até outras árvores e verificar se o que acontece no ipê branco, pudesse ocorrer em outras árvores, como quase ocorreu no Ipê amarelo, que no meu sistema não sabe tanta matemática como o branco. Descobrir que outras árvores eventualmente poderiam saber matemática, abalaria a crença e o entusiasmo crescente em mim, de que o Ipê branco pudesse de fato saber matemática. Retomo! As seções que eu então medira, na esperança de encontrar padrões, apresentam uma particularidade (eu espero). Elas estão localizadas e dispostas em acordo com os pontos cardeais. Elas são *ÁRVORES CARDEAIS*. A primeira, e todas as outras (ímpares até a 9ª) estão orientadas na direção Leste- Oeste e as pares estão na direção norte-sul. Eu comprovei, estendi meus braços, com a mão direita apontando para onde o sol nascia e olha só!!! Os caules (as seções ímpares e pares) estão, alternadamente e respectivamente orientadas nas direções Leste-Oeste, norte-sul. Agora sim, posso dizer: O ipê branco é matemático. Fiquei muito entusiasmado e imaginei que quando pudessemos, depois do isolamento traria um grupo de alunos para descobrir esta “natureza” matemática do Ipê.

Mas há um medo que me toma em sentido agora: ter esta tese desmentida por algum outro tipo de árvore aqui pela redondeza. Acho que não vou investigar outras árvores e viver com ideia de que o Ipê branco é a árvore mais matemática do lugar. O amarelo, apresentou alguns resquícios (talvez apenas alguns atributos rudimentares e primitivos de organização, não tendo constituído um estado), mas em nada se pode comparar a organização do Ipê branco. Vou ficar com a ideia de que o Ipê amarelo sabe

apenas contar até cinco. Já o branco, sabe contar, geometria (simetria), conhece sequências e até mesmo sabe localizar-se segundo os pontos cardeais. Os Ipês, estes dois que tenho aqui, são diferentes de modo que chego até mesmo duvidar que sejam da mesma espécie.

O Ipê branco tem um número menor de folhas e as folhas são bem maiores, quando compadradas ao Ipê amarelo. Este por sua vez é muito mais volumoso, se reproduz com facilidade, e sua presença se faz notar com o vento. É mais baixo em estatura, e tem mais galhos e muito mais finos. Os dois ainda não produziram flores de modo que os adjetivos branco e amarelo, ainda não expressaram-se em suas flores. Muito interessado em saber, mais sobre Ipês, fui investigar.

Quando se lança dados é, pensando em termos de probabilidade ou chance, muito possível que se esteja fazendo uma projeção. Esta projeção via de regra se faz por produção de sentido a priori a partir de uma certa inteligibilidade do mundo pelo que então, no contexto desta inteligibilidade seria provável, permitido, desejável. Não há que pensar em provável sem uma referência a priori. Portanto, nos modos de se conhecer algo, cujo conjunto se denominou Ciência, há sempre um sentido a esperar, uma imagem a se verificar, ou validar. Um Ipê branco a se qualificar. Ou, quando não, quando esta expectativa não se faz anunciar, ao menos não explicitamente, opera-se furtivamente por este modus encarnado. É preciso sair das armadilhas do método para possibilitar a probabilidade sem referência, sem lastro: o acaso. O caos talvez seja o melhor lugar para encontros com o acaso.

Mas esta é a questão: seria preciso “sair do mundo” (organizado) para pensar o mundo? Uma ação disruptiva radical? Agora no final da escrita deste platô, que mesmo sendo o primeiro, é o final da escrita desta tese, tive encontro e tenho pensado sobre um caminho, suspeito potente, com ideias como: um “*penamento negro radical*” que encontro em Fred Moten (2024); sobre “*o tempo espiralar*”, Leda Martins (2021); e “*uma dívida impagável*”, Denise Silva (2024). Isto pertence ao caos que por vezes tem encontro em minhas releituras de modo que apenas sinalizou leituras que podem produzir-me em desdobramentos junto a esta tese. Tenho respondido que Abana talvez já entreveja isso como possível ainda que em alguma *medida* (e aqui a palavra de ordem é exatamente essa) sejamos “produzidos” constantemente no mundo, pelas relações com as coisas do mundo mesmo que isto não represente uma crosta, uma camisa de força a determinar o modo como as coisas devem ser. Há uma força gravitacional e de poder sempre aspirante a hegemonia e que produziu historicamente uma linguagem. Não sei ser possível, comunicar é comungar certos sentidos, que são construídos por linguagens desejosas pela

dominação, compartilhados assim. E desse modo como comunicar sem partilha de linguagem e, por conseguinte, de sentidos e modos, previamente nelas embotados? Estas três últimas autoras(es) sugerem esta ruptura mediada por uma poética.

Uma saída, penso, é entender e reexaminar constantemente os modos, as categorias e as abstrações, como também seus modos de subjetivação, abandonando-as quando elas se inspiram concretizar-se como imagem do pensamento e sentidos. Mas quando isso ocorre? Por um lado a ideia da constituição de um Estado, e da necessidade de sua conjuração (Cf. Deleuze) talvez tenha a ver com isso, com essa coisa de avizinhar-se a concretização de uma tal imagem como representante do pensamento. E digo, “por um lado”, por saber que existem outros modos pelos quais essa realização do pensamento em uma imagem pode ocorrer, ainda que não possamos a priori listá-las. E por que isto tem a ver com modos de subjetivação e que, como tais, são sempre flúidos. É por supor que existam, sustentado pela ideia de que o problema está na confluência panóptica que acompanha toda tentativa de organização (e por conseguinte, o perigo da rotinização, do método e por fim, da norma). Muitas vezes esta “conclusão” parece-me fazer retornar ao problema da necessidade do *descuido da forma*. E por consequência à necessidade de produzir uma experimentação, ou contantemente experimentações explodam as normas e propiciem aparições. Pois o descuido se dá, (é da ordem) no acontecimento, por espanto.

Abana ainda está preso a esta escrita, por amarras que já não impedem tanto os seus movimentos. Elas são parte da linguagem da qual **tento** me desvencilhar, não enquanto um modo de ser, mas enquanto genitora de imagens.

É o rosto que diz respeito às formas e às funções, à significância e à subjetividade, mas o corpo consiste em individuações por velocidades e por afetos (Spinoza, 1946).[7].

Por esta razão o rosto, conquanto afeito ao que é visível e tão profundo sendo pele, é tão essencial ao corpo negro diaspórico, nos diz Abana.



Vazio da imagem



Platô: Uma EsquizoEducação Financeira?

Ojó - Obatalá¹

“Quando Olodumare quis **fazer** o mundo, desceu com Obatalá para realizar a sua **obra**.

No entusiasmo da Criação, Olofim fez **coisas maravilhosas**, como as árvores, as nuvens, o arco-íris e os pássaros.

Mas também teve **fracassos** e deixou **coisas pela metade**.

Os homens, por exemplo, foram feitos **sem cabeça** e a obra pareceu a Olofim, **imperfeita e inconclusa**.

Incomodado com o desacerto, Olofim encarregou Odudua de fazer cabeças para os homens.

Odudua fez as cabeças, mas as deixou com apenas um olho.

Também não gostou do resultado Olodumare e encarregou Obatalá de colocar dois olhos onde estão agora.

Foi ele que também deu aos homens, uma boca, além de ter-lhe dado a voz e as palavras que saem dela.

Os homens, então, passaram a ser como os conhecemos e tudo parecia bem.

Hoje, no entanto, toda a Criação de Olofim está ameaçada de destruição pela ação dos homens, pois alguma coisa neles não funciona bem.

Não se sabe se foi algum erro de Olofim ou se foi algum descuido de Odudua.²

¹ Segundo Beniste (2021, p.51) trata-se do nome do último dos quatro dias da semana, Iorubá. Significa Criação.

² Texto de Reginaldo Prandi, 2002, p. 428

Uma Esquizo Educação Financeira?

Desde os estudos no mestrado, em que realizei uma pesquisa documental sobre o tema da **Educação Financeira**, eu vinha me ocupando em parte de minhas reflexões com a provocação de produzir uma proposta para tratar do tema, com meus alunos na educação básica ou em minicursos, que fosse *desarraigada*³. Uma espécie de *liberdade para viver*⁴, livre da impregnação ideológica neoliberal que envolve as iniciativas que têm se "insinuado" estabelecer curricularmente na educação básica. Queria desviar-me de outras dimensões discursivas em Educação Financeira para além daquelas que se ramificam em outros *Lugares*, como, por exemplo, em práticas ligadas a produtividade (e à exploração e dominação) no mundo do trabalho, ou discursos religiosos no que tenho chamado de *evangelização financeira*. Ao que se sugere há uma variedade de “usos” postos em movimento, mas que parecem caminhar ao final como um centro gravitacional para um mesmo objetivo: a acumulação.

Há um movimento em curso já há algum tempo, no Brasil e no mundo, que no trabalho dissertativo descrevi como um *Processo de Legitimação da Educação Financeira* o (PLEF). Produzido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE, que intenta prescrever a nível mundial uma proposta curricular sobre o tema da Educação Financeira. Também naquele estudo eu argumentava sobre a ideia de que este processo se insere ou pode ser visto como parte de uma “*Agenda Globalmente Estruturada para a Educação*” (Cf. Dale, 2004), pois se afeiçoa como resultado da ação de um conjunto de “*forças económicas operando supra e transnacionalmente para romper, ou ultrapassar, as fronteiras nacionais, ao mesmo tempo que reconstroem as relações entre as nações*” (Dale, 2004, p. 426).

O trabalho dissertativo culminou por uma *análise de discursos* que produziu categorias a partir de certas “características” que eu destacava dos textos e dos documentos analisados

³O uso que faço desse termo aqui carrega a intenção de evocar uma ideia “própria” do cenário de estudos sobre o capitalismo. Há uma discussão bastante fértil sobre o desenvolvimento do capitalismo e suas “fases”. Ver sobre este tema, o Livro “*Os Intelectuais do anti-liberalismo*”, 2010. Arraigamento, que nada mais é do que enraizamento) em termos de economia e estudos sobre liberalismo, se diz de “uma contribuição de Karl Polanyi ao pensamento social” segundo a qual “em vez de a economia ser emoldurada pelas relações sociais, são essas que se veem enquadradas no interior do sistema econômico.” (Iazzetta, 2010,p.31)

⁴É uma provocação, para pensar, junto ao título de um livro de um dos expoentes do pensamento liberal, Milton Friedman. O Livro é o “*Livre para escolher*” escrito por ele e sua esposa Rose Friedman. A edição de acesso foi editada em 2015 pela Editora Record. RJ. Na verdade, me parece a primeira tradução da obra escrita originariamente em 1979.

naquele estudo. Alguns destes discursos, por “parecerem” se orientar favoravelmente aos mercados financeiros, foram nomeados de *asserções financeiras*; outros, por defenderem o “uso” da Educação Financeira como instrumento de controle das demandas trabalhistas, foram nomeados de *asserções capital-trabalho*. Estas últimas *asserções* eram discursos sobre o tema da educação financeira que, na defesa do “*educar financeiramente*” os trabalhadores interferiam, ou desejavam, na relação entre o capital e o trabalho em favor do capital e da acumulação.

O trecho a seguir é parte do texto de um autor de livros de um tipo de literatura conhecida por *autoajuda financeira*, num tipo de discurso que no estudo dissertativo nomeei, no mais alto estilo significante, de *asserção do tipo capital trabalho*. Diz o autor:

Um problema enfrentado por muitas empresas é o absenteísmo, que é um termo usado para designar as ausências dos trabalhadores no processo de trabalho. O problema normalmente é enfrentado pelas empresas com punições e descontos nos salários, fato que complica ainda mais a situação deste trabalhador, gerando insatisfação e **queda no rendimento**. Assim sempre alerto os empresários com quem converso para o fato de que **uma das saídas para absenteísmo, queda de produção** ou mesmo para altos índices de acidente de trabalho é desenvolver **a educação financeira**. (Domingos, apud Britto, 2012, p.72)⁵

O trecho seguinte está no *Plano Nacional de Formação Financeira* (PNFF) de Portugal e também é um tipo de discurso que chamei, no contexto daquela análise documental, de *asserção capital trabalho*:

A avaliação de iniciativas de **formação financeira** junto de trabalhadores já realizadas noutros países tem demonstrado boa aceitação por parte destes e das próprias empresas, bons resultados em termos de aprendizagem e **um contributo positivo para o aumento da produtividade**. (PNFF, 2011, p.15, grifo meu).

O **Capitalismo** e a **Educação Financeira**, desde então, passam a fazer parte de minhas preocupações. Mas havia já naquela oportunidade, por volta de 2010 e 2012, um encontro programado. De fato, não seria mesmo possível não tratar dos *rebatimentos dos*

⁵ Disponível em: [DISSERTAÇÃO-REGINALDO-RAMOS-BRITTO.pdf](#) Acesso em 16/12/2024

modelos ou fases de capitalisom, sobre as condições materiais de vida das pessoas (uma acepção talvez mais afeita ao marxismo) e, sobretudo, eu não poderia mesmo ignorar o fato de que o capitalismo encontra, numa aproximação “*afinadamente eletiva*” (Cf. Weber) com o **racismo**, um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. *Determinante* ou *relevante*, o contexto econômico capitalista de qualquer forma favorece sobremaneira o experimento do racismo, mas como já considerei em outra parte deste texto tese, que não se conclua com isso, que a produção do racismo seja de ordem econômica ou de classe.

Pode-se arguir que a existência da inferioridade do outro, não europeu, se produziu como justificativa para a dominação. Construindo artificialmente uma Ciência que por um lado enalteceu a imagem de seus mentores consorte nos informa Kant ao afirmar que “em sua opinião”:

[...] entre os povos do nosso continente, os italianos e os franceses são aqueles que se distinguem pelo sentimento do belo; já os alemães, os ingleses e espanhóis, pelo sentimento de sublime [...]. O espanhol é sério, reservado e sincero [...] O francês possui um sentimento dominante para o belo moral. É cortês, atencioso e amável [...]. No início de qualquer relação o inglês é frio, mantendo-se indiferente a todo estranho. Possui pouca inclinação a pequenas delicadezas; todavia, tão logo é um amigo, se dispõe a grandes favores [...]. O alemão no amor, tanto quanto nas outras espécies de gosto, é assaz metódico, e, unindo o belo e o nobre, é suficientemente frio no sentimento de ambos para ocupar a mente com considerações acerca do decoro, do luxo ou daquilo que chama a atenção [...] (Kant, 1993, p. 65-70)

Ao mesmo tempo em que, por outro lado, destituía de humanidade o corpo negro africano escravizado, descrevendo que:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa

ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas. (Kant, 1993: p. 75-76).

Mas a estas teses kantianas pseudocientíficas precisa ser acrescentada a contribuição da fé religiosa cristã que, na verdade, foi quem certificou chancelando a suposta inferioridade negra, permitindo, talvez mais do que isso, determinando a exploração e a expropriação de vidas pela empresa colonialista.

Eles, **racismo** e **capitalismo**, produzem sombras, **imagens distorcidas dos corpos, e dos corpos negros**, (quando não são triturados, numa espécie de *moinho satânico*⁶ para reciclagem de gentes) como mercadorias a vender, o que equivale de forma muito ajustada: ser consumível e estar à disposição num mercado. Evidentemente, a baixo custo e remuneração.

A distorção que se impõe pelo capitalismo às imagens dos corpos negros se concretiza por uma experiência do *não ser*, de modo que as fragilidades sociais e econômicas dos corpos negros sejam negligenciadas enquanto processos agudizados pelo componente étnico racial. Dessa forma, um problema econômico e financeiro nem se traduz como tal enquanto é experimentado apenas pelo corpo negro.

É o que nos conta, ou que se pode aduzir a partir de, David Harvey no *Enigma do Capital* em que, a despeito do olhar marxista geralmente pouco afeito a atravessamentos de raça e etnia em suas análises, não deixa dúvidas quanto a importância de considerar o capitalismo como fenômeno senão fundante, extremamente relevante para se pensar sobre o racismo e pôr em movimento ações para seu enfrentamento.

Diz Harvey que:

Algo sinistro começou acontecer nos Estados Unidos em 2006. A taxa de despejos em áreas de baixa renda de cidades antigas, como Cleveland e Detroit, repentinamente explodiu. Contudo, as **autoridades e a mídia não deram atenção porque as pessoas afetadas eram** de baixa renda, **principalmente afro-americanos**, imigrantes (hispânicos) e mães

⁶Karl Polanyi em A Grande Transformação.

solteiras. Os **afro-americanos**, em especial, **vinham tendo dificuldades com financiamentos** de habitações **desde** o fim dos anos **1990**. [...] Entre 1998 e 2006, antes da crise imobiliária **bater com seriedade**, estima-se que perderam 71 bilhões e 93 bilhões de dólares em ativos ao se envolver com empréstimos conhecidos como *subprime*. Mas nada foi feito.[...] Foi somente em meados de 2007, **quando a onda de despejos atingiu a classe média branca**, nas áreas suburbanas dos EUA outrora crescentes e significativamente republicanas no Sul (em particular na Flórida) e oeste (Califórnia, Arizona e Nevada), as autoridades começaram a levar em consideração e a grande imprensa, a comentar. (Harvey,2011,p.09)

O mercado de trabalho há muito tempo dispõe de mecanismos para processar as mercadorias, corpos negros, que lhe são baratas e tem representado o corpo negro feminino e corpo, sem corpo, LGBTQIA+, tanto como as mercadorias mais exploradas, quanto as que menos **circulam** no mercado.

Mas há um paradoxo da mercadoria corpo negro, pois consumi-lo(a) equivale ao: “ser absorvido pelo mercado” de trabalho, a valores salariais inferiores que na prática inviabilizam a existência e manutenção de vida do corpo, e que tem como resultado a não vida, morte em vida, ou mesmo a morte carnal definitiva.

Uma absorção excretante

Em 1998 os corpos negros femininos recebiam, em média, cerca de 40% dos rendimentos de homens brancos; corpos negros masculinos chegavam aos 46% dessa mesma renda e mulheres brancas recebiam 79%⁷. É apenas em 2014 que a renda média dos negros chega a ficar acima, do mínimo histórico da renda dos brancos, U\$12 diários. Mesmo assim, a média dos rendimentos dos brancos era de U\$24 diários.⁸ Ou seja, nesta trajetória histórica de cerca de 20 anos, mesmo em seu momento mais elevado de rendimento, a população negra consegue alcançar apenas a metade do percentual de renda da população branca. **A carne mais barata do mercado** de fato é a carne do corpo, mercadoria, negro, já nos lembrava Elza Soares⁹.

⁷ Do Estudo Discriminação de gênero e de raça no mercado de trabalho. Sergei Soares. Disponível em [:http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5729/1/bmt_n.13_discrimina%C3%A7%C3%A3odege.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5729/1/bmt_n.13_discrimina%C3%A7%C3%A3odege.pdf)Acesso em 18/05/2022.

⁸ Estudo: A DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL NAS TRÊS ÚLTIMAS DÉCADAS. Rafael Guerreiro Osório. Texto para discussão. IPEA, 2021. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10623/1/td_2657.pdfAcesso em 18/05/2022.

⁹ Refrão de música, cantada por Elza Soares e composta em 1990 por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisse Cappelletti.

Não obstante aos dados, estudos e pesquisas que são fartos, é mesmo o dia a dia que nos revela a perversidade do racismo. São **imagens interditas nos mercados**, aqui, de trabalho.

“Não podem ser negras e gordas”¹⁰

Copos negros têm um alto grau de “escassez” no mercado capitalista, embora abundante como reserva e por essa mesma razão, *capítoloracial*, os mais explorados. Consumir *mercadorias corpos negros* teria assim um duplo sentido ou um sentido composto: de envolver estas “mercadorias” num processo de **absorção excretante**: baixa empregabilidade, postos de trabalho que requerem ~~menor~~ qualificação, baixos salários e extensas jornadas e salários inferiores aos de corpos brancos mesmo quando estes ocupam posições equivalentes. Estes corpos ocupam o que na “teoria da segmentação” do mercado de trabalho é descrito como “*secundário (ou periférico)*”, mercado informal ou mesmo, o **Lugar** fora do mercado.

Cenas sem Sombras, encenações, Imagens, Mercados:

Ou, como essas coisas se relacionam em minha experimentação do antes, *Mercado de bens e trocas simbólicas*, agora *Espaço de bens e trocas simbólicas*. (11/03/2023).

Começemos por “torcer” a ideia de **Imagem** fazendo variar o modo como se pode concebê-la para alcançar aqui a ideia de que elas também são produzidas por **discursos**, e que tipos diferentes de discursos sugerem, ou interpelam os sujeitos, em termos de tipos diferentes de **Imagens**. Aliás é essencialmente deste modo que opera o racismo: discursos que produzem imagens, que projetam imagens distorcidas sobre os corpos negros. Uma produção interpelada, projetada sobre o corpo negro, impressa. Algo como um *código de barras corporal*, já que estamos a falar de mercados, economia e mercadorias. E um código cuja impressão se dá por intermédio, também e principalmente, de uma narrativa religiosa cristã falseada associada, de forma não menos intensa, a uma certa concepção de

¹⁰Fonte:<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/11/14/psicologa-que-repassou-mensagem-de-vaga-de-emprego-excluindo-negras-e-gordas-tambem-pode-responder-por-racismo-dizdelegada.ghtml>

ciência (e matemática) cuja utilização (racista) fora capaz de construir no início do século XX, uma “*falsa medida do homem*”¹¹. Produções pseudocientíficas eugenizadas.

Para o corpo negro vale a máxima de já nascermos endividados (Cf. Nogueira), de tal sorte que o corpo negro inaugura para o ocidente sua existência material marcada pelo código de barras como mercadoria que tem músculos e ossos.

As produções discursivas e materiais são desejadas por alguém de poder, mas não são necessariamente “realizadas” à imagem e semelhança do que deseja este poder. É sempre possível produzir resistências, rebeldias, *escrevivências*, pois tal como nos inspira Conceição Evaristo também gosto de escrever, embora na maioria das vezes doa. Depois com o texto escrito talvez seja possível “*apaziguar um pouco a dor*”.

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. [...]. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. (Evaristo, apud Salgueiro, 2020, p.109, grifo nosso)¹²

Embora seja sempre interpelado por uma força que o quer forjar à imagem e semelhança do rosto do poder que, via de regra, é branco.

Assim como os discursos em Educação Financeira que interpelam modelos, imagens abstratas de consumidores de produtos financeiros, os discursos raciais de ódio projetam imagens estereotipadas de corpos negros. Mesmo aqueles em tese “suavizados”¹³ que, a despeito da produção histórica datada da *Ideologia do branqueamento* entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil, ainda reproduzem seus efeitos e seus interditos.

Estas imagens distorcidas, despossuídas, *degradadas*¹⁴ ainda se reproduzem como *Modo de regulação* do capitalismo que opera pela produção do exército industrial

¹¹ Um texto produzido por Stephen Gould, publicado em 1981, nos Estados Unidos e que refutava ideias, produzidas ao longo da história, sobre a inferioridade e o crime serem associados à características físicas.

¹² *Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira*. Salgueiro, M. A.A. (2020). In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes*. -- 1. ed. --Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

¹³ Talvez uma “adequada” referência aqui possa ser dada, em alusão a obras, como a de Gilberto Freire em seu *Casa Grande & Senzala*.

¹⁴ Uma alusão a termo utilizado por Mbembe, em *Crítica da Razão Negra*, que se refere à uma “morte civil” do corpo negro. (p.143)

de reserva, pela reprodução das assimetrias sociais e inferiorização de corpos negros, a força de trabalho desempregada e essencialmente negra no Brasil.

Mas corpo negro é também reinvenção, resistência e talvez seja oportuno lembrar com Mbembe, ainda que ele se referisse ao contexto da reconstrução da África pós colonialismo e que naquele momento pensava então sobre o seu futuro, que os processos de “*destruição e a remontagem estão tão estreitamente*” relacionados de modo que isoladamente estes processos se tornariam “*incompreensíveis*” (Mbembe, 2019, p.13).

“...toda a Criação de Olofim está ameaçada de destruição pela ação dos homens, pois alguma coisa neles não funciona bem”.¹⁵

O que se tem aqui são dois fenômenos importantes, e perversos, que produziram afetações em minha trajetória como corpo negro, professor de matemática que performava com alunos negros numa “sala de aula” de matemática, eugenizada e higienizada do ponto de vista das prescrições curriculares, em escolas localizadas em comunidades periféricas predominantemente negras.

Os discursos em **Educação Financeira**, tal como experimentei na análise documental, ensejam (interpelam os sujeitos como tais) tipos diferentes de “**consumidores de produtos financeiros**”, elaboram tipos de consumidores, instruindo suas **Imagens**. Isto ocorre, via de regra, no *modus operandi* dos discursos, pela produção, alimentação e elaboração de um **imaginário** sobre como deve ser uma pessoa educada financeiramente.

Mas, mais do que isso, há um aspecto que preciso destacar, há dimensões destes discursos que se distribuem entre: aqueles produzidos no contexto das pesquisas acadêmicas sobre o tema e que têm se constituído, sobretudo, no âmbito da Educação matemática; há aqueles elaborados pelos personagens que genericamente podemos chamar de consultores financeiros; há também os discursos das instituições financeiras (basicamente as bancárias); há aqueles difundidos pela literatura de *autoajuda financeira* (Borba,2009,2011) e um conjunto de proposições que tem se elaborado nos

¹⁵ Prandi, Reginaldo. Mitologia dos Orixás.(2001)

últimos anos, talvez de modo mais intenso, que descrevo pela expressão *evangelização financeira* e que os próprios interlocutores denominam por: “*princípios de educação financeira à luz da Bíblia*”, “*Educação financeira para cristãos*”, “*mordomia cristã*” ou “*Teologia financeira*”.

Sobre esta última dimensão talvez se possa dizer de uma retomada, uma *dessecularização* em consonância com posições, no campo dos estudos da sociologia da religião que advogam ser falsa a ideia de que vivemos num mundo secularizado (Cf. Berger, 2001) e sim viveríamos “*explosões de fervor religiosos*”.

Embora eu não tenha caminhado nesta tese no sentido de explorar as relações entre a *evangelização financeira* e a predominância negra no conjunto de fiéis das denominações evangélicas¹⁶ no Brasil (59%, segundo o Data folha), este último fenômeno põe em evidência a necessidade de estudos, pesquisas e abordagens reflexivas sobre estas relações, em que pese descortinar as artimanhas produzidas pelas tramas entre: racismo, capitalismo e fé religiosa (esta última notadamente evangélica). Paradoxalmente é mesmo o contexto de religiosidade evangélica aquele que parece produzir um número crescente de violências na esfera do que se traduz por racismo religioso contra as religiões de matrizes africanas. Ao mesmo tempo é neste mesmo contexto que emergem instituições como o Movimento Negro Evangélico (MNE).

O branqueamento (o racismo) é o elemento que pode explicar as contradições que envolvem a emergência do racismo contra religiões de matrizes africanas, no interior de denominações religiosas, o que por si só já nos parece uma contradição, e predominantemente negras. Mas que não ocorre por exclusividade sua: o capitalismo é o fenômeno fundante destas dissensões.

Parece então que o *racismo*, *certas concepções religiosas* e o *capitalismo* tornaram-se indissociáveis. O que parece variar, principalmente, neste “triângulo” é a natureza das concepções religiosas que, a cada tempo, se veem eletivamente afinadas aos interesses do capital, uma variação que também acontece com o capitalismo em suas “várias” fazes. Ao que se sugere, então, é apenas o racismo que se mantém inalterado.

Se num dado contexto histórico a aceção religiosa fora papel cumprido exemplarmente pelo catolicismo, no presente parece se ver encenada pelo evangelismo.

¹⁶Mulheres negras são maioria nas igrejas evangélicas de SP - 20/07/2024 - Cotidiano - Folha

Embora o próprio capitalismo se transforme ao longo do tempo, em seu processo não se observam variações em seus princípios que continuam lastreados na acumulação. A fé religiosa, por outro lado, varia enquanto *sistema de conhecimento e crença* “dominante”, e uma dominação conquanto afinada a percepção de Weber sobre este tema, em que pese:

Uma situação de fato, em que uma vontade manifesta” em que [...] quer influenciar as ações de outras pessoas [...] e de fato as influências de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações “obediência”)” (Weber, 2015, p.191)

Se num certo contexto histórico (ocidental e, portanto, aludido como “global”) o amalgama dessa trindade se serviu do cristianismo como *fénancial*¹⁷ redentora, noutro fora mesmo o protestantismo (ou evangelismo). Mas eu devo explicar. Na primeira parte do que acabo de dizer traduzo o contexto histórico do desenvolvimento do capitalismo na sua emergência a partir dos empreendimentos coloniais e de seus efeitos no encontro do europeu com corpos não brancos, o contexto mesmo de produção do fenômeno do racismo. Na segunda parte, ao atribuir à fé protestante ou evangelismo, a afinidade com o racismo, me refiro ao que experimentamos no Brasil contemporaneamente. E evidentemente para aquelas denominações e/ ou seus interlocutores, que fazem de suas pregações a difusão de discursos de ódio e racismo religioso. Há inúmeros casos de utilização de dogmas religiosos no contexto neo e pentecostal para, a partir deles e com interesses melhor definidos como demoníacos, do que como religiosos, satanizar as religiões (e os corpos negros) de matizes africanas. O que se pode perceber em discursos como o que segue:

“De ontem pra hoje tinha quatro despachos aqui na frente do palco. Avisa aí, para esses endemoniados de Itaboraí, que o tempo da bagunça espiritual acabou. A igreja está na rua. A igreja está de pé. E ainda digo mais, prepara para ver muito centro de umbanda sendo fechado na cidade.” (Pastor Evangélico Felipe Valadão da Igreja Lagoinha em Niterói (RJ) em 2022)¹⁸

¹⁷ Um neologismo para comportar o modo como vejo e sinto as relações entre fé e interesses financeiros e de acumulação a partir da aglutinação das palavras : *fê*(português) e *financial*(inglês).

¹⁸Pastor evangélico é indiciado por ofender religião de matriz africana (msn.com)

“O diabo cita as escrituras quando lhe convém”.
(Shakespeare)

“...O diabo sabe citar as Escrituras para seus próprios fins. Uma alma perniciososa que apresenta testemunho sagrado é o mesmo que um cafajeste com um sorriso na cara, uma maçã bonita podre por dentro. Ah, que bela fachada tem a falsidade!”
(SHAKESPEARE, 2013, p. 24)¹⁹ (Apud, Neto e Ferreira 2023, p.365)

“...olha que as vezes o diabo cita, para seus fins, as Escrituras. Uma alma corrompida produzindo sagrados juramentos, assemelha-se a um acelerado de risonha face, a uma bela maçã podre no amago. Oh! Como a falsidade se apresenta de esplêndido exterior.” (Skakespeare, p.29)²⁰

Enquanto pela ideia de *secularização* se problematiza uma quebra, uma fratura, sobre o eixo de poder da fé religiosa como forma exclusiva de orientação das condutas de vida das pessoas (o que talvez só se possa dizer apenas sobre as sociedades ocidentais) a *dessecularização* marca uma certa retomada de parâmetros religiosos, como— se não determinantes— ao menos relevantes sobre os desígnios sociais, políticos e, dessa forma, também econômicos.

Aquilo que então descrevo por *evangelização financeira*, por um lado, se filia a *secularização* conquanto um conjunto de discursos que deseja trazer para o interior dos

¹⁹[scielo. br/j/tla/a/Sng7hRj3dPwYz7ctHZhv5KS/?lang=pt&format=pdf](https://scielo.br/j/tla/a/Sng7hRj3dPwYz7ctHZhv5KS/?lang=pt&format=pdf)

²⁰[O mercador de Veneza \(googleusercontent.com\)](https://www.googleusercontent.com)

cultos (evangélicos) o tema (contemporâneo e que faltaria às igrejas) da educação financeira, por outro lado, ao agir assim, ela se relaciona a uma queda dos céus, que “desce” para o contexto das relações materiais mundanas, para alcançar uma temática que possa atrair mais fiéis e, com isso, ter oxigenada sua capacidade de exercer domínio sobre a conduta do fiel: uma revigoração da fé? Uma atualização do capitalismo?

A secularização, no entanto, não me parece uma questão pacificada e creio que esse seja um tema sobre o qual Antônio Flávio Pierucci tenha se dedicado em muitos de seus textos e livros. Não há indicações de que este tema esteja pacificado, existindo mesmo posições distintas e antagônicas sobre a *secularização*, ou seja, sobre a questão de a religião ter ou não perdido espaço, talvez hegemônico, como forma principal de formatação das condutas sociais das pessoas em suas ações e inteligibilidade sobre as coisas do mundo, além de, evidentemente, sobre o sagrado:

“As análises de Weber foram válidas para um período encerrado da história do Ocidente: o apogeu da racionalidade num mundo desencantado, em que **o sagrado se exilou**. Mais recentemente vivemos o período dos chamados “retornos do sagrado” ou “**revanche de Deus**”, em que este mundo, de alguma forma, se reencanta. Mesmo se considerarmos a realidade do Terceiro Mundo em geral e do Brasil em particular, em que o sagrado persistiu, é inegável que a religião aí se revitalizou, paralelamente ao reencantamento primeiro-mundista.” Negrão (apud Pierucci, 1997, p.49) (**Grifo meu**)

Mas os dados, ao menos os estatísticos, mostram um cenário dinâmico e um aumento dos números dos “sem religião”, nos últimos anos no Brasil. Entre 1960 e 2010, em todas as décadas, verificou-se um aumento percentual tanto de evangélicos (4,3% para 22,1%), quanto dos “sem religião” (0,5% para 8,0%)²¹. Uma dessecularização?

Ao mesmo tempo, mesmo não sendo um estudioso sobre o tema das religiões, arriscarei dizer que embora o número dos “sem religião” tenha aumentado percentualmente, o percentual de evangélicos aumentou significativamente nos últimos

²¹ANTUNES, Henrique Fernandes. Dos Censos à literatura acadêmica: os “sem religião” eo campo religioso brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 37, n. 110, p. e3711006, 2022. Disponível em <scielo.br/j/rbcsoc/a/fxN8jnYZXRLScs4g5TDC9pz/?format=pdf&lang=pt>

20 anos no Brasil. Seguido de um aumento de quase todos os outros seguimentos religiosos, à exceção do católico, o que se vê, na verdade, talvez seja um processo do que se pode tomar por uma agudização da fé, numa espécie de ebulição do mercado religioso. E o dado mais significativo talvez seja uma certa “migração” do fiel, que se desloca de denominações tradicionais como o catolicismo, cujo percentual diminuiu de 93,1% em 1960 para 64,6% em 2010, para denominações mais fervorosas, identificadas com o segmento evangélico que no mesmo período cresceu significativamente, como vimos.

Olhando para o Brasil, o que se vê nos últimos 10 anos na conjuntura política (que na verdade nunca pode ser isolada do tecido social) é um ambiente de efervescência do que a sociologia chamou de *pós-verdade* ancorada em concepções doutrinárias evangélicas, ao menos aqueles cujos interlocutores cada vez mais aspiram ao poder político. Segundo o dicionário Oxford a pós verdade “*se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais*”. Entre elas, evidentemente, as crenças religiosas. O que se pode traduzir pela expressão: *Teologia do Domínio*, conquanto ideia de que os cristãos devem ocupar todos os espaços e esferas de ações sociais, políticas etc., levando e orientando-se nestes espaços, pelo doutrinário bíblico. Talvez o termo teonomia se afeiçoe melhor, uma vez que se define pela ideia de que é a lei de Deus numa perspectiva cristã, protestante ou evangélica que deve conduzir os rumos de uma nação com funções de Estado.

Quando a discussão de mérito das opiniões no debate, político ou não, são colocadas de lado e se vêm sustentadas em dogmas religiosos (ou não), não há solução que se encontre sem que um conflito muitas vezes físico esteja instaurado ou se avizinha no horizonte. Ainda que não exista mesmo a possibilidade de que se encontre uma verdade única sobre as coisas do mundo, a discussão, o debate político e científico e a possibilidade de que os participantes possam efetivamente revisar seus pontos de vista, tornam-se um exercício democrático necessário e saudável a qualquer democracia. Um destes efeitos propositivos é o combate ao discurso religioso fundamentalista, onde quer que ele se instaure uma vez que, de modo embrionário ele parece ser sempre desejoso da eliminação do outro.

Vou seguir a via dos que defendem a *secularização* ou a sua premência desde seu advento com a modernidade.

E, assim, uma tese talvez tomada emprestada de alguém é que: não há uma retomada quantitativa da fé religiosa, mas uma retomada qualificada que, se sabendo desencantada, se plasma ao poder político e econômico, como condição *sinequanon* de sua reprodução.

Ao mesmo tempo, quantitativamente, portanto em termos absolutos, se pode dizer de *secularização*. Os dados referentes aos censos religiosos no Brasil, a despeito de demonstrarem intensos movimentos no mercado religioso em que pese a diminuição do número de católicos e o aumento do número de adeptos das religiões evangélicas ainda marcam inequivocamente o declínio, talvez definitivo da fé, verificado no aumento inercial dos “sem religião”.

É importante ainda observar que estamos aqui realizando uma filiação forçada, ao traduzirmos a fé, em relação de equivalência com as diversas designações religiosas o que, no mundo real, não é possível garantir. A religiosidade não encontra abrigo, apenas e estritamente, no corpo das instituições.

O corpo é uma igreja. Afinal, “*não sabeis vós que sois o templo de Deus e que Espírito de Deus habita em vós?*” (I, Coríntios 3:16)

Há uma inversão histórica que, no passado, conduzia da fé ao capital e a acumulação e, agora, desnudada de seu vínculo divinal rasteja pelos corredores do poder.

Ela foi a seu encontro, agora caminha sobre suas costas. É que, uma vez secularizada, só pode mesmo continuar se expandindo por seu intermédio, ainda que se sirva, para isso, das fragilidades sociais e econômicas humanas. Mas como sabemos é ele, o capital, quem paradoxalmente produz a sua condição de permanência numa espécie de fé induzida pela manutenção das condições materiais de sua exploração.

Hoje talvez se possa dizer então de um fervilhar da crença e fé religiosas, que se apresenta desnuda, divorciada da puritana crença nos desígnios do divino, e alicerçada numa religiosidade até o ponto em que esta se experimenta como potência de acumulação, de dinheiro e de poder. O deus *Mamon*, do capital.

É este imaginário que se reproduz, alimentando uma imagem do corpo negro deformado pelo *Racismo* tanto quanto pelas produções no campo da *Economia* no *Capitoloceno*. O corpo negro se vê então sob esta ótica, resultado de uma coprodução: do racismo e do capitalismo. O primeiro (o racismo) por ação direta e o segunda (a Economia ou o capitalismo) no início por omissão culposa e depois como estratégia de regulação.

Nada de estranho,

“...começou acontecer nos Estados Unidos em 2006. A taxa de despejos em áreas de baixa renda de cidades antigas, como Cleveland e Detroit, repentinamente explodiu. Contudo, as autoridades e a mídia não deram atenção porque as pessoas afetadas eram de baixa renda, principalmente afro-americanos, imigrantes (hispânicos) e mães solteiras. Os **afro-americanos**, em especial, **vinham tendo dificuldades com financiamentos** de habitações **desde** o fim dos anos **1990**” (Harvey, 2011, p.09)

O genocídio do povo negro é *estratégia de regulação* do capitalismo contemporâneo uma vez que já nascemos endividados (Cf. Nogueira).

Daí a preocupação que nutro com os discursos no contexto da Educação Financeira e por motivos interligados: A Educação Financeira se elabora como *estratégia de regulação* de um *Modo de Regulação*, neoliberal. E, portanto, deseja inculcar, embotar modos de ser e agir nas pessoas alimentando um sistema que é eletivamente favorável ao racismo.

A crença no discurso de igualdade neoliberal escamoteia o racismo e desqualifica as demandas e políticas identitárias, além dos programas de ações afirmativas. Os discursos e o pensamento neoliberal, de onde a Educação financeira como um sistema de conhecimento e crença deriva, operam pela produção forjada e abstrata, ao mesmo tempo “necessária” para que o modelo funcione, da igualdade e apenas como uma história contada, não como condições materiais de existência dos

corpos. Portanto eles representam um inimigo a ser superado, em qualquer luta antirracista.

Eles ignoram as diferenças e reforçam falaciosamente uma igualdade, anunciada apenas no discurso, a despeito de imperativos de produção e acumulação. Neste contexto tem lugar quase que um modo metodológico de operação, centrado no apelo a autossuficiência do comportamento individual, uma pretenciosa capacidade de pensar e analisar o ser humano como impermeável ao que o cerca. É exatamente aquilo que o pensamento liberal quer que acreditemos.

Eu não caminhei para pensar sobre uma proposta de Educação Financeira, ao longo de minha trajetória, que considerasse as especificidades econômicas e financeiras do corpo negro. Mas talvez se possa lançar em questão argumentando sobre: O que seria uma Educação Financeira numa perspectiva étnico-racial negra? Se criarmos uma proposta de capacitação voltada para o povo preto, que os instrumentalize com vistas a poderem operar, por exemplo, no mercado financeiro: Nós estaríamos no campo de uma *black financial education*? Então uma educação financeira negra, neste sentido, não seria apenas um ajuste de um corpo a uma demanda capitalocênica?

Há uma intrínseca relação entre o racismo, o *Lugar* do negro, e o desenvolvimento da economia e todas as suas manifestações ramificadas: dentre elas, a Educação financeira.²² Mas o desejo mais efervescente desta tese, não é exatamente discutir sobre estas relações, embora nesta parte *platô* (Cf. Deleuze e Guattari) tenhamos nos ocupado em “estranhar” aqui o que nos parece habitual sobre este tema: a negligência do racismo como fator determinante na produção da vida econômica do corpo negro.

Há muito que poderia ser explorado num olhar mais ocupado sobre as relações entre o *corpo negro*, o *racismo* e *economia*. Ou, listados de outra forma: *corpo negro*, *racismo* e *capitalismo*; ou: *corpo negro*, *consumo* e *capitalismo*; ou: *corpo negro*, *educação financeira* e *racismo*; ou o *corpo negro* e *Economias solidárias* em *Educação financeira*.

²² Sobre estas relações, creio já ter anunciado antes, mas esta percepção tem mais um avanço no terceiro platô, quando considera algumas proposições de David Harvey, acerca da Crise de 2008 que só se transformou em crise, quando atingiu a classe branca, mais empoderada financeiramente, norte-americana.

Ou ainda, ao soltarmos definitivamente a mão do carrasco: os corpos negros e manutenção se suas vidas. Ou...ou... quantos outros possíveis.

O que se quer aqui neste *Espaço-platô*? Performar com o *processo desejante da escrita*, para fazer frente a um *hábitus* que impele aos corpos, quaisquer que sejam, mas principalmente o corpo negro ao qual se lhe atribuem – nas relações entre economia e capitalismo e por efeitos do racismo – um lugar de inferioridade. Sugerindo ainda que há muito que considerar no que pode, então, assumir um ar de uma *educação financeira numa perspectiva antirracista*, sobre o qual se insinuam importantes pesquisas como aquela que se dedica a pensar sobre os “...movimentos históricos de auto-organização financeira negra.” (Cf. Purificação,2022). O que eles têm a nos dizer?

Mas se quer muito mais, quer-se *relembrar* - sendo corpo negro professor de matemática - com seus antepassados numa espécie de valorização, no tempo, das imagens e dos corpos negros da trajetória deste corpo, desde o corpo negro pequeno apneico. Foi assim que performei , relembrando , junto ao corpo negro de Geovane.

Se o dinheiro pode envolver-se em movimentos que fazem variar seu valor no tempo, aqui no *Espaço de Bens e Trocas Simbólicas*, no estranhamento ao capitalismo, são as imagens, que transeuntes e relembradas, se valorizam.

Por esta desrazão, compor este e os outros textos como **platôs**, potencializa o *processo desejante da escrita* que se embate com o texto, com a *escrita do texto*. O primeiro se sabe multiplicidade de intensidades, a segunda aspira controle. Não há garantias, nem o desejo ou vontade, de que as fronteiras entre as duas , ou os dosi, não serão cruzadas, até porque o que se almeja é mesmo derrubá-las.

Assim é que nesta escrita, “*se pode abandonar*” um texto, “*para ir a um outro[...] cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro*” (Deleuze e Guattari, 1995)²³. Um “*platô está sempre no meio, nem início nem fim*” de modo que os textos desta tese embora recortados em pedaços, provocados por processos, ao permitirem o caminhar de um a outro, permitem ao leitor experimentar o que o corpo negro da escrita viveu em suas trajetórias, sendo professor de matemática, corpo negro pequeno apneico e tardo-enegrecido.

²³ Mil Platôs 1.

Tardo-enegrecido! Mas como pode alguém chegar atrasado para o seu enegrecimento?

Por motivos interligados e que se completam, pode-se arguir a percepção de que a evangelização avança sobre o corpo negro, viabilizada pelos discursos econômico-financeiros, dinamizada pela sua capacidade de arregimentar, no mercado religioso, um contingente cada vez mais significativo de fiéis, dentre eles negros e negras, ao mesmo tempo em que, de modo perverso em muitos de seus altares, se constroem discursos de ódio e ataque às religiões de matrizes africanas.

Desse modo na variação da orientação religiosa, que a cada contexto histórico se filiou aos interesses do capital, se no passado se fez pelas prescrições cristãs católicas, alicerçadas nas “Sagradas Escrituras”, na contemporaneidade financeirizada se realizam nos imperativos da “prosperidade” financeira. Tinha um corpo negro no meio do processo, como mercadoria músculo e carne, há um corpo negro no meio do caminho: *recomodificado*²⁴ como “consciência” religiosa. Parece que a grande máquina de triturar corpos, continua sendo cristã, tendo migrado, no entanto do cristianismo igrejaado (onde trituravam principalmente corpos não brancos) “próprio “do empreendimento colonial, para o *neopentecostalismo evangélico* (onde se trituram, sobretudo, mentes).

Além disso, ou até mesmo por esta razão, o encontro fortuito: *neopentecostalismo* e o corpo negro é tanto o lugar em que dele se expurga exorcizando, o demônio, quanto o lugar que gravitacionalmente atrai o corpo negro, regurgitando-o branqueado. Um discurso que se assemelha a uma prensa de correção de irregularidades e imperfeições, e de transformação de uma superfície *estriada* em *lisa*. (Cf. Deleuze e Guattari):

[...] são as passagens e as combinações, nas operações de estriagem, de alisamento. Como o espaço é constantemente estriado sob a coação de forças que nele se exercem; mas também como ele desenvolve outras forças e secreta novos espaços lisos através da estriagem. Mesmo a cidade mais estriada secreta espaços lisos: habitar a cidade como o nômade, ou troglodita. Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por

²⁴ Segundo Baumann, recomodificação é um processo próprio da Sociedade de consumidores em que nos transformamos, segundo o qual um corpo é elevado à “condição de mercadoria vendável) (Bauman, 2008, p.76). “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo.”. (idem)

si só não são liberadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 189)

Os discursos alimentam imaginários que funcionam quase como um contexto linguístico, que nos informam como devemos ver e agir em determinadas situações (Cf. Van Dijk, 2008), contribuem para constituição das relações sociais e para a constituição dos sistemas de conhecimento e crença (Cf. Fairclough, 2001) de onde se originam. Mesmo *modus operandi* do campo da produção discursiva do racismo, que se vale essencialmente do discurso imagético e o campo da religiosidade marcada, sobretudo, pelas denominações evangélicas, e alicerçadas em produções discursivas que intertextualmente, sofrem clivagens do campo econômico financeiro.

Se pode pensar então numa tipologia de indivíduos “*educados financeiramente*”? Uma experimentação, em tipos “puros” (que na verdade representam **uma fantasia**, uma encenação para viver num mundo capitalista, como uma *abstração* weberiana) portadores de suas correspondentes **Imagens**.

Mas tudo isso, por meio de uma operação desta escrita e do pensar que a acompanha e em termos daquilo que as **palavras de ordens** prescritas nos documentos analisados sobre o tema da educação financeira, no estudo dissertativo, poderiam inferir em seus **agenciamentos**.

De qualquer forma, por esta aproximação da ideia de discursos à de produção de imagens, cada uma delas parece também se filiar a uma determinada projeção que se lança sobre os indivíduos por intermédio destes discursos e tomadas aqui, as projeções como produzidas no campo que tenho experimentado como: **Mercado de bens e das trocas simbólicas**. Expressão inspirada por um roubo feito à Bourdieu em seu livro *Economia das Trocas Simbólicas*, e pela qual eu experimento um modo de estranhar os mercados, a economia e a Educação Financeira capitalistas. Além de exorcizar o racismo. Trata-se apenas do uso da expressão de Bourdieu que dá título a seu livro e aquilo que ela me inspira: a ideia de que também se pode sugerir (atribuindo) aos corpos negros e suas imagens que têm sua aparição nesta experimentação e que numa performance de segunda ordem (que conta com a revememoração), circulam, trocam

afetos, se valorizam, adquirem aura e são emolduradas como obras de arte, tal como se pode pensar numa economia das imagens.

Mas me coloco, frequentemente, a pensar sobre: O que na verdade é este “Mercado”? E com frequência sou provocado (ou instigado) a abandoná-lo para finalmente tratar do que desejo:

Reveremorar as imagens e os corpos negros da trajetória de Abana e dos (e nos) *espaços* de aula de matemática. Na verdade é este o coração (*Okán*) e *Eemí*, pulsantes deste corpo negro nesta tese.

O que seria este mercado senão um modo de operar por dentro de uma ordenação cuja escrita desta tese quer “estranhar”? O que é o racismo senão um filho adotivo do capitalismo que se alimenta da morte de corpos negros? E quando poderemos, de fato, soltar a mão dos carrascos?

A “produção” das *Imagens* de consumidores de produtos financeiros, ou essa ideia da tipologia imagética do sujeito educado financeiramente, embora não seja algo do qual eu tenha me afastado totalmente, não representam o foco de interesse na elaboração deste *Mercado (Espaço) de Bens e de trocas simbólicas*, ainda que possam ter lugar como viventes, sendo construtos (*abstrações*) também neste mercado.

Ou seja, um consumidor ávido em suas operações financeiras, investidor em criptomoedas, por exemplo, e sempre em dia com o pagamento de suas dívidas, enseja a *Imagem* do que poderia ser um *consumidor racional*, ou uma imagem racionalizada (segundo um parâmetro de conhecimento e crença neoliberal) de um consumidor. E se elaborarmos um pouco mais, não seria difícil identificar o seu comportamento (ou sua ação projetada) com uma *ação racional referente a fins* (Weber): um consumidor racional com referência a fins. Alguém convencido sobre a certeza cartesiana de que o método é, infalivelmente, capaz de levar aos resultados esperados. E também pode ser descrito como aquele que mobiliza para suas escolhas e orienta o seu comportamento, por intermédio de prescrições liberais, que como tais encontra como fim, justificando a acumulação.

O experimento do *Mercado de Bens e Trocas Simbólicas*, comporta este último tipo de *Imagem*, dentre muitas outras, mas não é sobre isto que por hora, desejo tratar.

Sobre esta tarefa, me dediquei de modo mais ocupado no mestrado, na pesquisa documental e ainda representa um tema do qual a minha atenção não se desviou totalmente. Aliás, devo dizer que se ramificou para outros cantos, neste mesmo contexto.

O próprio alargamento das discussões, da Educação Financeira para a alusão a um *Mercado de Bens e Trocas Simbólicas*, indica alguns dos *Espaços* dessas ramificações. Sobretudo porque neste processo entram em cena, ou melhor em performances, corpos negros. Corpos que na análise, talvez mais histórica deste texto fossem ~~tratados~~ como mercadorias, e que no experimento do que então era um Mercado, mas passou a ser um Espaço de Bens e trocas simbólicas, são imagens de corpos negros e corpos negros potentes revememorados em minha trajetória. Neste *Espaço*, não se compram e vendem-se mercadorias, mas circulam os corpos junto a seus afetos em seus processos desejantes. E a revememoração é a principal operação de produção econômica.

Talvez se deva dizer que nestes *espaços* ao longo da trajetória desde o corpo negro pequeno apneico até o corpo negro professor de matemática, outros corpos negros produziram e compartilharam sua produção, de afetos, em encontros, circularam nos espaços, capitalizaram conhecimento, redescobriam histórias e elaboraram narrativas: valorizaram-se na ideia de um corpo negro coletivo. Desencobriram-se em imagens potentes.



<https://youtu.be/JfQXZE3X3Wg?feature=shared>

Algumas, destas ramificações do olhar para a Educação Financeira, têm o palco próprio, mas não único, de encenação nos EUA, com as propostas específicas para grupos distintos: para militares, negros ou latinos, hispânicos, mulheres, crianças, aposentados(as) e etc., mas também têm em encenações em terras brasileiras, se

alastrando fortemente nos últimos anos, como as iniciativas em Educação Financeira voltadas aos cristãos e em particular aos evangélicos.

Trata-se de um campo muito fértil para se pensar sobre um *Mercado de Bens e Trocas Simbólicas*. Ou o campo para um campo de confluência desta ideia num Espaço de bens e trocas simbólicas. Pois, ainda que em suas dimensões mais afeitas aos mercados capitalistas estas, mais uma vez, são também imagens que compõem um MBTS.

O MBTS é o modo como, na *Travessia*, a ideia de um *Lugar* controlado (Mercado Capitalista e a Educação Financeira), foi experimentado como um *Espaço*, em que as mercadorias são, também, Imagens e **corpos negros**, em encenações, em performances. Há uma distensão aqui da ideia dos mercados capitalista, para comportar, com imagens as performances dos corpos negros, *na trajetória profissional e ancestral de Abana*.

O que se produz com essa escrita é um esforço de se livrar de algo sendo a própria escrita um movimento que gera *espaços*. É dar espaços, é se desocupar de algo: de uma força capitolracial de produção e destruição de corpos “desviantes”. Não imaginando ou idealizando com isso, o dia final de redenção, mas tendo vontade ou mesmo desejo sim, a certeza de que postando-se assim, se pode produzir um caminho que potencializa as trocas e os corpos que as realizam nos encontros da caminhada.

Mas há uma questão relevante aqui, pois a própria escrita desta tese enquanto *revelação*, traduz-se (sem esta intenção pseudoconsciente) em mais uma das dimensões dos *espaços de bens e trocas simbólicas*, pela admissão da ideia de que o *discurso é também uma dimensão da realidade* (Cf. Faiclough,2001).

Dito de outro modo, a escrita desta tese não só revela com as imagens e os corpos negros, os espaços de bens e trocas simbólicas constituídos na trajetória, desde o corpo negro pequeno apneico até o corpo negro professor de matemática, ela própria gera espaços de bens e trocas simbólicas.

Mas talvez o ponto mais ardente da *revelação* se deve a ancestralidade, pela ideia de que ao circular entre ayé e orun, o corpo negro produz um movimento que não tem fim e que além disso, dá a ver que *ara-orun* e *ara-ayé* são uma só e que por

essa sensação do processo desejante (não, de uma razão), a memória se vê autorizada em revememoração.

A circulação e a troca são assim, desde sempre, os princípios do movimento nômade do corpo negro, dos corpos negros nestas experimentações. E esta tese nada mais é do que uma experimentação com a circulação das imagens e dos corpos negros aqui revememorados.

Essa distensão possibilita à Abana, por intermédio do MBTS (ou Espaço de Bens e Trocas simbólicas) desafetar-se do racismo enegrecendo, ao mesmo tempo em que permite-lhe construir este experimento de Esquizoanálise de um processo duplo *capitaloracial*. A Educação Financeira é o bode na antessala desta tese. Assim a revememoração se vê envolvida ao enegrecimento de Abana.

As mercadorias no EBTS são bens materiais e imateriais. E se relacionam tanto as imagens fotográficas, quanto aquelas ensaiadas nas visibilidades dos corpos negros, quando em cena e performances nos *Espaços* de aula de matemática da travessia, quanto aos próprios corpos negros (órgãos, músculos, cabelo, tranças, bocas e pele sobretudo) e, por fim, à ancestralidade revememorada.

Os corpos negros nos Espaços de bens e trocas simbólicas da trajetória de Abana, e ele próprio, são bens imateriais e materiais, quando em performance nos Espaços de vida e de aula de matemática, afeitos à Abana. Materiais conquanto músculos e ossos, imateriais conquanto revememorados por imagens. E, por fim, imateriais conquanto afeitos a *Emii* e *Okán*. Do ponto de vista das imagens, elas continuam sendo traduzidas como *autoreverses*, dado que são elas que têm a capacidade tracional de levar a memória ao passado revememorado. Ou trazer as imagens potencializando *aparuições*.

Abana constituiu assim um **Espaço, um rizoma**, território de contestação e de enfrentamento ao racismo, o outro fenômeno de suas vicissitudes como negro, professor de matemática.

Há rituais neste *Espaço*. Assim como se processam oferendas e sacrifícios aos mercados Capitalistas, também se pode, como *abstração*, pensar em *ebós* no EBTS. O que era oferecido junto às flores e os afetos nos Espaços de sala de aula de matemática que foram encenados, performados?

Numa espécie de pretensa consciência, o texto da escrita parece caminhar junto as afetações do mercado, sobre o corpo negro de Abana o que o faz variar, de *mercados* e *Espaços* à *platôs*. Variando de um *lugar controlado* (a ideia de um Mercado) transitando pela ideia de (Espaço) sem abandonar completamente algumas das marcas do lugar. O corpo negro de Abana ressentia-se mesmo da instituição que lhe deu abrigo na infância antes mesmo dele ter nascido.

A que chegamos?

Com o que caminhamos e que afetos produzimos?

*Quanto se pode revememorar a ancestralidade nas encenações de um...
.... casamento angolano... em terras de mãe África, numa Igreja Católica?*



Numa experimentação de um grupo de pesquisas sociais, num bairro periférico (o São Benedito: corpo negro feito Santo negro pela Igreja Católica), em Espaços de aula de matemática...com corpos negros professores(as) e alunos(as). E com o corpo negro africano Isabel. Este grupo de pesquisas formado por alunos(as) negros e negras, no contexto da disciplina de matemática em

escolas públicas em que eu atuava, performou em espaços de aula de matemática como na Comunidade Quilombola da Colônia do Paiol.

Mesmo as trocas, efetivamente de mercadorias, quando se encenaram na experimentação no quilombo do Paiol, gravitavam no centro de um espaço simbólico. Foram as mercadorias, produzidas pela comunidade, o processo mediador das relações entre os corpos negros, alunos, professores, moradores da comunidade quilombola do Paiol e corpos negros revememorados no contexto daquelas ações e pela escrita deste texto tese. E, dessa forma, as mercadorias *stricto sensu* possibilitaram trocas simbólicas, pelos encontros permitidos aos corpos negros. O processo de produção, circulação e escoamento

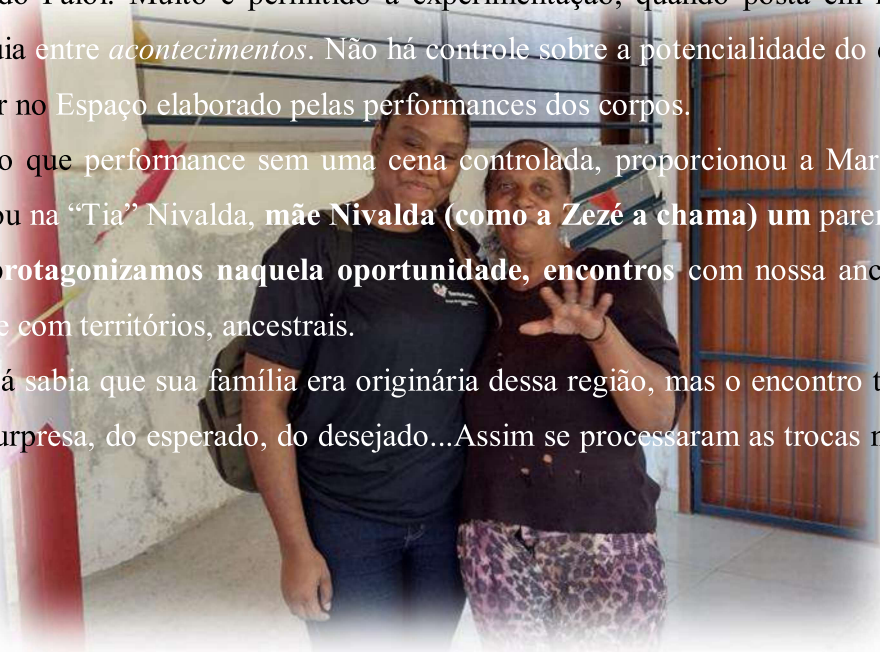
dos produtos quilombolas (doces, bolos, artesanato,...), cumpriram o papel de envolver alunos (as) e pesquisadores(as) do GPS Sankofa e remanescentes quilombolas, em processos últimos de trocas, partilhas, de histórias, trajetórias e afetos além, evidentemente, de representar um momento de reencontro e partilha revememorada com ancestralidade. O “processamento” daqueles produtos, o que em princípio corresponderia apenas a um processo comum da esteira capitalista, no *Espaço de trocas simbólicas* da experimentação na Colônia, assumiu também o significado de partilha e produção solidária.

Num primeiro momento, o trabalho dos alunos (as) pesquisadores (as) do GPS Sankofa, na embalagem, etiquetagem, precificação dos produtos, etc., foi traduzido pela expressão “empoderação de produtos”. Eram oficinas de preparação dos produtos antes deles caminharem para escoamento em feiras de economia solidária. Depois abandonamos esta nomenclatura por entendermos que não é a ação de alguém de poder (autorizado) aquela capaz, suficiente a conferir o status de empoderados, aos produtos daquela comunidade. A experimentação, como tenho chamado, no projeto pedagógico do Grupo de Pesquisas Sociais, não caminhou para o que desejava Abana e seus alunos. Ou para o que o coordenador daquela proposta e autor deste texto, desejava. Ele era outro corpo. Mercadorias imateriais, incomensuráveis.

Quase todos e todas, corpos negros, numa ação de produção solidária que possibilitou o encontro no cenário ou no palco destas encenações de pesquisas, de corpos negros pesquisadores (as) na educação básica, com corpos negros moradores da comunidade quilombola do Paiol. Muito é permitido à experimentação, quando posta em movimento, porque se guia entre *acontecimentos*. Não há controle sobre a potencialidade do que se pode experimentar no Espaço elaborado pelas performances dos corpos.

É isso que performance sem uma cena controlada, proporcionou a Mariane Bento, que encontrou na “Tia” Nivalda, mãe Nivalda (como a Zezé a chama) um parente distante. Todos nós **protagonizamos naquela oportunidade, encontros** com nossa ancestralidade, com corpos e com territórios, ancestrais.

Mariane já sabia que sua família era originária dessa região, mas o encontro tem sempre o sabor de surpresa, do esperado, do desejado...Assim se processaram as trocas nos espaços



de bens e as trocas simbólicas...na experimentação do GPS Sankofa junto à Comunidade Quilombola do Paiol.

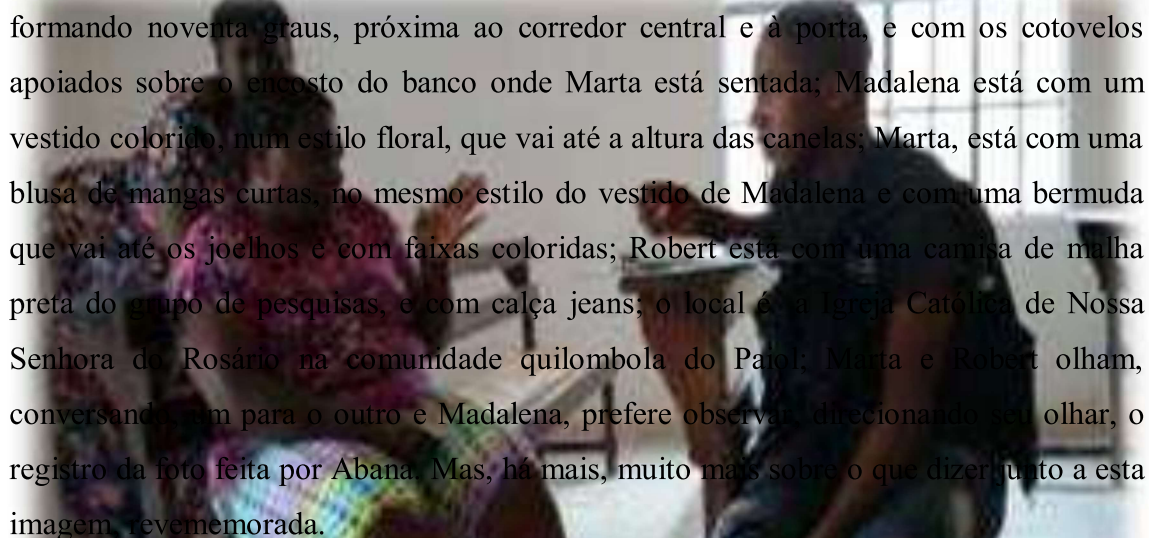
Eu desejava e assim continuo, que o trecho que acabo de escrever fosse “suficiente” para que o leitor compreendesse o que quero dizer. Mas o receio de que isso não ocorra, e a prepotência de querer aprisionar o dito, acorrentando-o a um sentido específico, nos impele à necessidade de explicar. Dessa forma, o que Abana quis dizer é que as trocas, proporcionadas pelas experimentações do GPS Sankofa junto ao Quilombo do Paiol, se referem para além dos produtos específicos da produção econômica do Paiol, também por afetos produzidos pelos encontros dos corpos negros que vivem (viveram) se “produzem” (produziram-se) em Lugares/Espaços diferentes ao longo de suas trajetórias.

Eu nunca mais saberei disso.... e isto me coloca na posição de poder contar uma verdade que me conforte, a *okan* e a *emií*.

O que separa um texto do outro?

Sobrimagens

A imagem sempre evoca e traduz muitos afetos. Nesta, há um encontro entre corpos negros diaspóricos: duas moradoras da comunidade do Paiol, Marta e Madalena; um estudante do ensino fundamental, pesquisador do GPS Sankofa, o Robert, e Abana, que captura a foto. O *Lugar*, o *Espaço*, é o de uma Igreja Católica, na comunidade Quilombola do Paiol. Robert e Marta tem, cada um deles, uma de suas mãos descansada por e entre as pernas; a outra mão de Robert está retraída, fechada. Ele está com o braço apoiado, pelo cotovelo, sobre o encosto de um banco da Igreja, postado de costas para o altar, sentado na extremidade do banco que dá acesso ao corredor central (por entre as duas fileiras de bancos que compõem os assentos); a outra mão de Marta está distendida com os dedos projetados para frente e seu braço forma um “V”. Ela está sentada no banco logo atrás e de frente à Robert; Marta está com o corpo voltado para frente, em direção ao altar, com os pés apoiados sobre o descanso do banco onde está sentado Robert; Robert por sua vez está com a cabeça voltada em direção à Marta, mas com o corpo em direção ao corredor central, na extremidade do banco; Madalena está em pé, atrás de Marta, com as nádegas apoiadas na parede de entrada da Igreja, com o corpo



formando noventa graus, próxima ao corredor central e à porta, e com os cotovelos apoiados sobre o encosto do banco onde Marta está sentada; Madalena está com um vestido colorido, num estilo floral, que vai até a altura das canelas; Marta, está com uma blusa de mangas curtas, no mesmo estilo do vestido de Madalena e com uma bermuda que vai até os joelhos e com faixas coloridas; Robert está com uma camisa de malha preta do grupo de pesquisas, e com calça jeans; o local é a Igreja Católica de Nossa Senhora do Rosário na comunidade quilombola do Paiol; Marta e Robert olham, conversando, um para o outro e Madalena, prefere observar, direcionando seu olhar, o registro da foto feita por Abana. Mas, há mais, muito mais sobre o que dizer junto a esta imagem, revememorada.

Marta é nome bíblico e se em Lucas (10:41), se pode encontrar relatos sobre esta personagem pelas palavras de Jesus: “*Marta, Marta, andas ansiosa e afadigada com muitas coisas*”, assim como também no evangelho de João. Há uma associação de sua imagem, seu personagem, à hospitalidade e a dedicação. Ao que se sugere o nome Marta, de origem aramaica transliterado para o grego, significando: “senhora”, “mestra”. Madalena, é também nome bíblico ligada a uma intrincada narrativa testamental que envolve três personagens de mesmo nome. Em uma delas, Maria Madalena é irmã de Marta e Lázaro (este último personagem ressuscitado por Jesus).

Maria Madalena é o nome de um personagem composto que atravessou a história e a cultura religiosa ocidental durante dois mil anos [...] resultado de uma amálgama entre três mulheres efetivamente mencionadas pelos redatores daqueles textos [...] Maria Magdalena originária de Magdala, aldeia situada às margens do lago Tiberíades [...] Maria de Betânia, irmão(sic) de Marta e de Lázaro, grupo familiar que vivia nos arredores de Jerusalém” e “uma mulher que não é chamada pelo nome mas que é apresentada como ‘pecadora’...”²⁵



²⁵ Revista IHU Online :09/10/2006. Disponível em: [IHU Online - Jesus e Maria Madalena \(unisinos.br\)](http://ihuonline.unisinos.br) Acesso em 04/09/2024

Se pode então acrescentar a este nome composto milenar e originariamente atribuído às narrativas cristãs bíblicas, a personagem de Maria Madalena, do Paiol, que comporta sua existência pela mediação de processos e sistemas, importantes a luz do que foi em terras brasileiras, a experiência diaspórica do corpo negro.

O que separa um texto do outro?

O que separa uma vida da outra? O que separa a vida dos corpos negros destes encontros?

Abana os aproxima, na operação escriturária de sua revememoração na intenção de dar vazão à análise sobre superação e enfrentamento ao Racismo e o Capitalismo e de pôr em movimento o seu estranhamento.

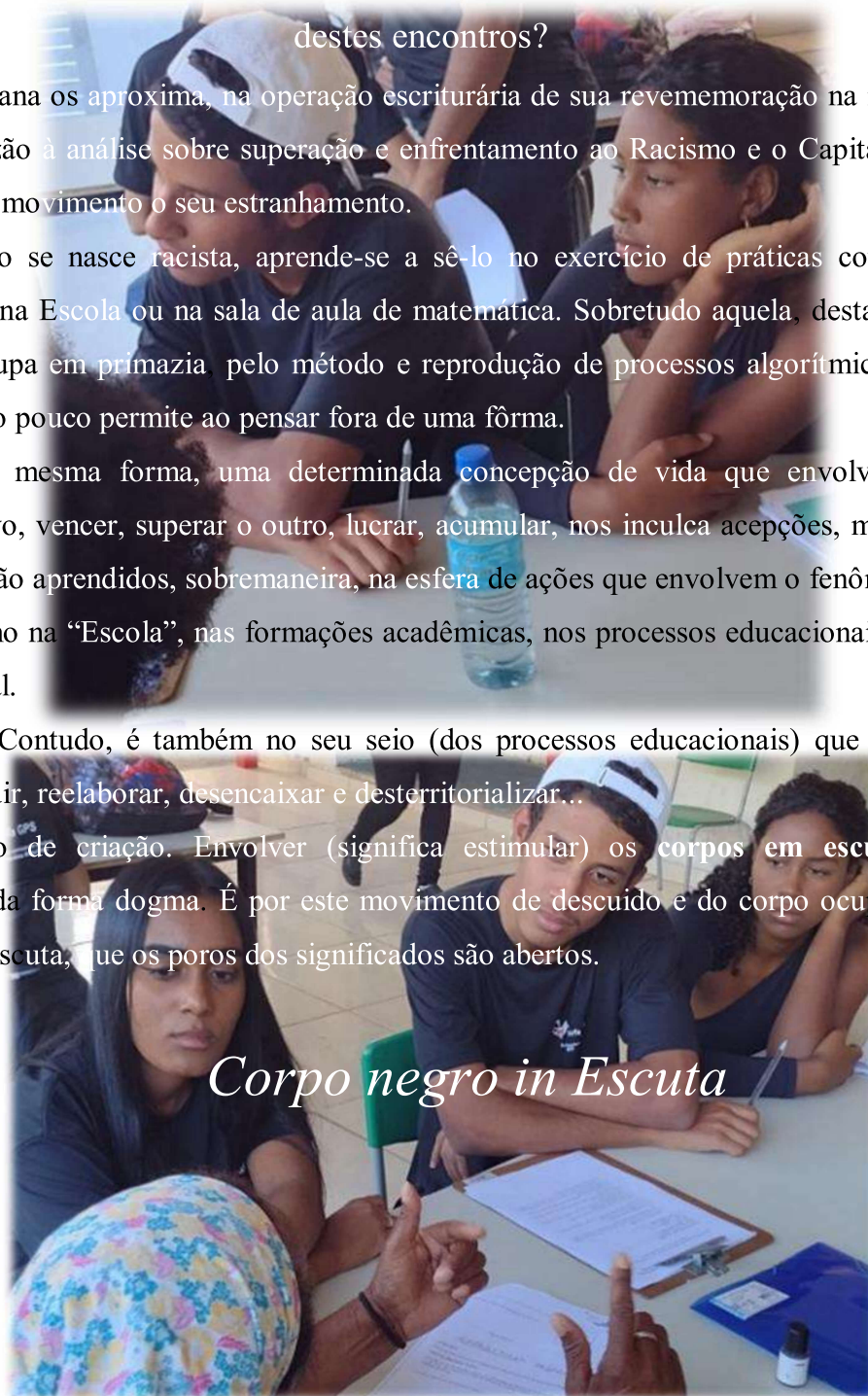
Não se nasce racista, aprende-se a sê-lo no exercício de práticas cotidianas, inclusive, na Escola ou na sala de aula de matemática. Sobretudo aquela, desta última, que se ocupa em primazia pelo método e reprodução de processos algorítmicos, cuja rotinização pouco permite ao pensar fora de uma fôrma.

Da mesma forma, uma determinada concepção de vida que envolve o ser competitivo, vencer, superar o outro, lucrar, acumular, nos inculca acepções, modos de vida que são aprendidos, sobremaneira, na esfera de ações que envolvem o fenômeno do Capitalismo na “Escola”, nas formações acadêmicas, nos processos educacionais de um modo geral.

Contudo, é também no seu seio (dos processos educacionais) que se pode desconstruir, reelaborar, desencaixar e desterritorializar...

Ato de criação. Envolver (significa estimular) os **corpos em escuta**, em descuido da forma dogma. É por este movimento de descuido e do corpo ocupado ele todo, em escuta, que os poros dos significados são abertos.

Corpo negro in Escuta



Cad
afetações...

outras
Espaços

delimitados, com centros, simetrias, superfícies, interior... Nada disso no *Espaço* vida existe de forma tão identificável, delimitável. E talvez as barreiras sejam mesmo coisa dos *Lugares*, ainda que depois de derrubadas, os *Espaços* encontrem dificuldades para remover totalmente seus escombros.

O que escutam os corpos negros em escuta?

É possível escutar com o Corpo?

O que os Corpos produzem com ou na Escuta?

Meu interesse de pensar, na vida, foi desde muito cedo o racismo e talvez por isso, ressentido do *mito da democracia racial* brasileira, também tenha me ocupado em pensar sobre a qualidade de nossa democracia. Meu primeiro trabalho acadêmico versava sobre, e com o título: Democracia e Liberdade. Mas isto já se dava e encenava um bom tempo depois de ter iniciado minha trajetória com professor de matemática. Para toda imagem/corpo negro, o racismo é mesmo uma chaga que nos acompanha desde sempre. E viver numa sociedade branqueada, racista, nos impõem o problema, muitas vezes paradoxal, de enegrecer e ter um segundo nascimento.

A tomada de consciência sobre o racismo é muitas vezes tardia e o tornar-se negro é processo lento. Abana nos provoca e, por seu intermédio, me sinto autorizado a dizer: que não se pode assumir uma posição no altar dos eleitos, ocupando um lugar de controle de onde se possa sentir provocado pelo desejo do poder, de poder dizer o que é o outro. Mesmo que ele seja um outro do seu. Desta prepotência, já se ocuparam demais os colonizadores brancos, num exercício do poder cujos efeitos todos nós, corpos negros, sabemos bem.

Muros erguem-se em barreiras?

O racismo espreita do lado de fora da Escola?

O que separa um texto do outro?



O capitalismo alimenta e se serve do touro no labirinto, mas não é seu parceiro. Creio que Achille Mbembe capta de modo bastante enfático, talvez mais que a negação da vida de corpos negros, a sua morte: *necropolítica*. O que nos faz refletir sobre como o Estado brasileiro, se posta em **posições** que variam historicamente desde aquela em que figura como um espectador apenas (por meio de orientações políticas que figuram num polo mais conservador, sendo também ligadas aos interesses de mercados); passando por posições em que, a despeito de ter como inquilino orientações políticas progressistas e à esquerda do espectro político, promovem avanços no combate as assimetrias sociais e raciais ainda que a sociedade como um todo, pouco reformule suas estruturas; até assumir posições, autoritárias e fascistas, estas sim, que de modo deliberado se filiam a interesses, xenófobos racistas, encobertos por discursos “liberais” de meritocracia.

Nenhuma destas orientações pode ser portadora das transformações estruturais que propiciem a construção de uma sociedade plural e respeitosa, de fato, às diferenças étnicas culturais e raciais. Quando muito, uma delas promove a constituição de marcos legais, que são de fato importantes, para enfrentamento do racismo além de políticas afirmativas o que encontramos evidentemente, na segunda das três orientações de Estado anteriores. Mas há um componente significativo que entra em cena, chamado *Sociedade Civil*. É uma tradição arraigada tanto quanto as impregnações econômicas, que se constituíram juntas na experiência brasileira, visualizada pelo coronelismo e uma ideia de liberdade atrelada ao poder econômico e à propriedade. O que nos traz de volta ao Capitalismo. Não como força produtora, mas como adubo econômico fértil ao racismo. Trata-se de fazer frente não só ao papel do Estado, mas ao poder econômico

branqueado metamorfoseado em roupagem de sociedade civil, invariavelmente branca e empoderada financeiramente à imagem do coronelismo²⁶. O poderio econômico da “*Sociedade Civil*”, da qual não fazem parte grupo extensos de corpos periféricos negros, historicamente representado pelos fazendeiros, coronéis e senhores de escravos, é herdado e exercido, se não diretamente, mas por corporações e instituições delegadas aos donos do ‘poder econômico do capital, não sem a parceria do Estado. Numa espécie de atualização do ideário da Casa Grande. Uma dilatada ideia da Casa Grande.

O Capitalismo assim, tem sua *Aparição* aqui, mais uma vez, dado que concordo com Habermas quando, citado por Bauman, no livro *Vida para Consumo*, nos lembra que a principal função do estado capitalista é a “*comodificação do capital e do trabalho*.” Habermas (apud Bauman, 2008, p.14). Transformar em mercadorias coisas que habitualmente não são tomadas como tal: o capital, o trabalho e, acrescento, os corpos negros. A carne mais barata do mercado é a carne preta. Parece ser uma fórmula que une esferas existenciais e tipos de corpos que e que Mebembe encontrou um termo que expressa a natureza deste encontro de modo irrevogável, *necroliberalismo*, para descrever a predileção de um modo de produção, em devorar corpos negros.

Deveria mesmo produzir incomodo, utilizar toda um léxico “próprio” de um ambiente capitalista, em relação ao qual se deseja marcar posição divergente?

Mas como considera Michel Certeau:

“produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista [...] produzem uma coisa que se assemelha às “linhas de erre”²⁷ [...] “traçam trajetórias indeterminadas **“aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam.[...] embora tenham como material os vocabulários das línguas recebidas [...] fiquem enquadradas por sintaxes prescritas [...] essas “trilhas” continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram**

²⁶Nome dado pelos sertanejos, no Brasil, entre...para designar “...*todo e qualquer chefe político, a todo e qualquer potentado [...]os mais opulentos fazendeiros ou os comerciantes e industriais mais abastados...*” (Magalhães, apud Carone,1971, p.85)

²⁷Considerarei relevante tratar um pouco mais sobre o tema aqui, porque, encontrei um texto, um artigo, em que as autoras discutiam as contribuições de *Alves e Peres* (2018), pp. 575-594, pretendiam, em “...*diálogo com Gilles Deleuze, o artigo busca discutir as ideias de Fernand Deligny e suas contribuições para pensar a (re) invenção da escola a partir das crianças (autistas ou não)*” Fernand Deligny é um pedagogo francês cujas ideias seriam pouco conhecidas no Brasil. Segundo as autoras: “*A recusa a qualquer tipo de interpretação referente a qualquer código é matriz do “método” deligniano, que não toma “o modo de ser das crianças como mensagens codificadas e endereçadas a nós” (DELIGNY, 2016, p. 304). Daí a opção pela cartografia: a cartografia informa tanto suas investigações como sua prática pedagógica (inédita) fundada no registro dos traçados, das linhas e dos mapas dos movimentos e percursos dos autistas.*”

e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos diferentes.”(Certeau, 2008, p.97) (Grifo meu)

Além disso, penso que se quer mesmo é produzir efeitos e impactos sobre a racionalidade que produz as práticas e fenômenos em exame aqui. Se quer eliminá-los sim, mas talvez a ressignificação de seus prosélitos seja um bom caminho a seguir.

Se quero mudar o capitalismo com a escrita de meu texto? – Não!

Talvez, quando muito, aqueles poucos corpos de atravessamento em minhas práticas profissionais, pedagógicas e políticas no âmbito das ações de grupos de pesquisas sociais, formados por alunos(as) na educação básica. E aqueles , meidados pelos encontros proporcionados por esta escrita.

Em alguma medida ao longo da trajetória de Abana, no âmbito das ações nos *Grupos de Pesquisas Sociais*, ou nas oficinas sobre os temas do racismo ou da educação financeira crítica e solidária, a performance de alunos e alunas pesquisadores (as), professores na educação básica e acadêmicos, notabiliza-se como *tática*, que produz de pequenas fissuras nos modos como se pode compreender estes fenômenos, suas relações, e seus rebatimentos em práticas sociais cotidianas.



E assim circularam os corpos negros nos Espaços de aula de matemática e nos Espaços gerados por suas próprias movimentações nos Lugares, curricularmente controlados.

Há outra dimensão que envolve estas ações nos grupo de pesquisa já na educação básica: além de iniciar alunos(as) na educação básica no contexto do pensar e da investigação científica; além do fato de que esta estratégia pode produzir impactos positivos na formação, também matemática dos alunos pesquisadores, o GPS criou *Espaços*, fez circular imagens e corpos negros em Espaços e performances, **produzindo espelhos próprios**: corpos negros precisam ser vistos de modo que sua visibilidade circular, alimente imaginários e potencialize vidas. Trata-se de um investimento cujas vidas em devir potencialmente por ele inspiradas, podem ser concebidas como rendimentos.

Como Abana, me contraponho, negando valor, à *Economia Capitalista* e principalmente à racionalidade de mundo que a acompanha. E uma vez que o movimento (ou a experimentação primeira, de negação e afastamento) se deu por intermédio de um estudo “crítico” sobre os discursos em Educação Financeira, creio ter chegado a que:

Os modos de vida produzidos nas economias capitalistas, estão envoltos em processos que, em princípio nada têm a ver com a acumulação ou o lucro, mas no contexto destas economias, são assim racionalizados; então se pode mesmo pensar em trocas, em bens simbólicos, em experimentações em espaços, que não estejam mesmo voltadas (os) a este pecado original rentista: o lucro e a acumulação. A Economia Solidária, em princípio se afeiçoaria como modo de subjetivação potente para subverter estas lógicas racionalizadas, substituindo-as pelo associativismo na produção, a solidariedade e partilha?

Nada de novo. Nada que grupos sociais e comunidades tradicionais e remanescentes quilombolas já não tenham experimentado. Uma inovação porém, talvez resida na constituição de Grupo de Pesquisas de estudantes na educação básica, que ao partilhar os processos de produção junto a estas comunidades, imprimam outros significados ao que se poderia chamar de *Educação Financeira Crítica e Solidária*. Uma forma de estranhar o habitual modo de conceber nossas relações econômico-financeiras, alicerçadas em experimentações com a produção.

Nesta ideia de um mercado, que derivou para a de um *Espaço*, ainda oscilam os papéis para os corpos negros em cena, mas talvez porque seja mesmo contingência da existência histórica, que tenha mesmo produzido estas variações.

Por vezes penso que esta insistência da *escrita desejo*, ou o que eu chamava de escrita do desejo, materializa-se como uma sentença de morte, difícil de se desvencilhar. Eu volto com frequência a estes conceitos e a estas ideias, próprias do cenário do capitalismo, mas por uma provocação do desejo ou da vontade. Ou pela coação de uma racionalidade acadêmica encarnada? Que deseja ver encenados aqui: um tema de pesquisa ou um problema bem delimitado; os procedimentos metodológicos utilizados, o arcabouço teórico que referencia o trabalho; além de resultados e discussões. Atributos pelos quais, uma certa inteligência, qualifica o seu trabalho, ou não, como científico.

O que a certa altura desta escrita se desejou, foi produzir uma reelaboração, uma invenção sobre o tema, ou sobre os temas do racismo e do capitalismo a partir de um estudo *autoetnobiográfico* de Abana. Uma Esquizoanálise? Uma Esquizoeducação Financeira?

Experimento com a “produção” (relembrança) de Imagens ainda ligado, talvez por ressentimento do seu poder, à ideia dos discursos, reconhecendo seus “efeitos” constitutivos de: *tipos de “eu”, identidades sociais; relações entre as pessoas; sistema de conhecimento e crença.* (Cf. Fairclough, 2001)

É a *relembrança* no entanto, uma invenção, quem produz, faz circular, e num *des-equivalente* do consumo, dá a ver (visibilidade) imagens e corpos negros. Um *Modo de produção*, em *Espaços de Bens e Trocas Simbólicas*.

O texto, a escrita do texto, faz circular as imagens, cujos corpos negros circularam em outros *Espaços*, (os das salas de aula de matemática da trajetória de Abana). O texto tese, talvez uma manifestação escrita da *Esquizoeducação financeira*. Assim o qualificou Abana, sem saber de sua adequação, não sendo um especialista)

É uma espécie de sobrevida no texto, sobrevida dos corpos, agora em imagens que se elabora pela *relembrança*. Processo detonado pela volta aos registros imagéticos das ações dos GPS, fazendo circular aquelas imagens, por uma espécie de reversibilidade, algo que descrevi pela ideia de imagens *autoreverses*. Voltar em memória, em desejo, em afeto e reverenciando com isso tanto os corpos negros, quanto sua/nossa ancestralidade.

Os desejos projetam as imagens que como discursos (os desejos e as imagens), interpelam e prescrevem condutas, instruem modos de ser, que tanto se insinuam no campo econômico-financeiro, quanto se “ensinam” no campo das relações sociais raciais. Mostram imagens que provocam afetos e que não pretendem aprisionar quem as vê e com elas elabora sentidos. As imagens e os corpos negros querem apenas serem vistas. Numa espécie de revanche (sim) *fanoniana*, para deixar de ouvir:

“Mamãe, Olhe... um Negro! Estou com Medo.” (Fanon,2008,p.105)

(Peles Negras, máscaras Brancas)

Corpos negros querem poder circular (compartilhando histórias, trajetórias e afetos), nos Espaços de Bens e trocas simbólicas, para além da sua dimensão escrita neste texto. Um Educação antirracista, pode alargar os Espaços, construir os Espaços, fazer com que corpos negros circulem livremente em seus próprios “mercados”. E no final das contas, também somos adeptos do livre mercado, mas o das subjetividades (ou modos de subjetivação) e dos desejos (ou vontades).

Abana crê nisto, a mais nova conclusão de todos os tempos da última semana:

As *Imagens* inspiram, transpiram modos de ser, existir. Mas existir é também *residir*²⁸fazer um uso especial do *lugar controlado* que, *praticado*, se constitui num novo *Espaço* a cada performance..

Corpos negros, como quaisquer outros, querem ser vistos. Serem alvos dos olhares admirados dos Outros, mas de modo diverso daquele empreendido desde os porões dos navios dos sequestradores e usurpadores de corpos e vidas. Abana precisa merecer um olhar afetuoso de um Outro e de um mesmo. ***Revememoração é um procedimento do Espaço de bens e trocas simbólicas que infla o corpo negro. Èmì.***

²⁸Isto é o que me provoca dizer do encontro, em Travessia, que tenho com este termo, utilizado pela Bruna no texto de sua tese: OLIVEIRA, Bruna Tostes de. **Residir Escola, Nomadizar Arte.** 2022.

Disponível em: <https://repositorio.ufrj.br/jspui/handle/ufrj/14142> Acesso em 26/12/2024.

E que tomo aqui emprestado para traduzir a força que dele me afeta, no sentido de considerar que residir seja alguma coisa como tomar o Lugar, de assalto. *Residir talvez seja algo como tomar um Lugar por moradia tornando-o um Espaço, e migrando de um roteiro prescrito para ser encenado, para um s aberto sendo performado.* O Lugar, assim grafado, com a letra maiúscula, faz menção à percepção de Michel de Certeau sobre isso: uma dada força, poder, estratégia, controla o Lugar, prescrevendo condutas. Na Linguística também há uma ideia que me parece afeita ao que estou dizendo, que é a ideia de contextos linguísticos, são eles que nos dizem (Van Dijk) como devemos ver determinada situação e por assim dizer, como devemos, nela, agir.

Mas como se poderia produzir uma proposta pedagógica sobre o tema da Educação Financeira que não se instruisse pelos objetos próprios de uma economia capitalista?

Ela não iria abordar temas como taxa de juros, endividamento, poupança, investimentos, compras de ações, uso do cartão de crédito ou outras temáticas da racionalidade econômica neoliberal? Ou apenas às negaria valor? Seria apenas e exclusivamente contrassignificante?

“...a linha de fuga despótica imperial é substituída por uma linha de abolição que se volta contra os grandes impérios, atravessa-os ou os destrói, a menos que os conquiste e que se integre a eles formando uma semiótica mista.” (Deleuze & Guattari, 1995, “n.p”)

Uma semiótica pode ser referida como um campo de significação específico ligado ao modo como, neste campo, são produzidos, circulam e são consumidos os discursos, e no qual também se impõem as “*transformações incorpóreas*”, imagens indexadas aos corpos.

O Espaço de bens e trocas simbólicas onde circulam e são “consumidos”, o que equivale a serem vistos, os corpos negros e imagens, em minha trajetória revememorada no texto desejo, desta escrita. Uma tese enunciada?

Uma semiótica das imagens e corpos negros encenados, numa experimentação por uma **Esquizoanálise** e sobre o educar-se financeiramente? Esta é uma tese?

“Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade.” (D & G, Mil Platôs, Vol. 2 Capitalismo e Esquizofrenia)

Do mesmo modo, não ao fim da ceia, aos corpos negros os desejos e afetos, lhes impõem “*transformações incorpóreas*” que se lhes atribuem valor. O valor da imagem e o

valor do *corpo da imagem* revememorados. Tal como o valor do corpo memorado no acontecimento dos encontros, nas ações dos Grupos de Pesquisas.

O valor: Cada corpo negro individual , em sua performance , produz pelo discurso também imagético , um corpo negro coletivo para além dele próprio.



As *transformações incorpóreas* decorrem de *palavras de ordem* (D & G) que ensejam *agenciamentos* (D & G) e isto se produz no experimento da linguagem.

A função-linguagem?

Experimentar, na escrita enegrecida de um corpo negro professor de matemática, com *Imagens*, em revememoração. Certamente, o sujeito, professor, negro, periférico, militante em movimentos sociais, se incomodasse com o *eugenismo* e *higienismo*, próprios daquele *Lugar* cartesiano, quase que impermeável às questões sociais e, sobretudo, às questões raciais. Quando digo higienismo, estou me referindo a uma certa acepcia do currículo tradicional de matemática que mantém aquilo que deve ser ensinado aos alunos, livre de afetos e impermeável as questões sociais (sobretudo as assimetrias raciais). E quando trato de eugenismo a alusão é mesmo à pseudo-ciência da

primeira metade do século XX aqui no Brasil que aspira produzir uma nação e um povo “melhorado” biológica e racialmente. O eugenismo, no contexto curricular da matemática encontra-se na negação de sua origem, também, africana.

A constituição de **Grupos de Pesquisas Sociais** (GPS), nas “salas de aula de matemática”, em escolas periféricas com alunos (as) negros e negras, dedicado a produzir investigações pedagógicas sobre a temática racial, traduz-se num ~~modelo~~ **rizoma?**

Mas há corpos e corpos negros, e a estes últimos se impõem, por *agenciamento coletivo* do racismo, sanções que modificam o seu status seja em vida, ou pela decretação de sua sentença de morte. Tanto pela espreita do suicídio quanto, cotidianamente e principalmente, pela mão do Estado, a *necropolítica*, conquanto o capitalismo seja um sistema que baseia “na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer”²⁹. Um modo de produção cuja “*lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros*”.³⁰ (Cf. Mbembe)

E é assim que **Nunca me esqueço de Jackson**³¹, para lembrar de um corpo negro coletivo ou na verdade de um mal infringido ao corpo negro coletivo, onde quer que ele se encontre.

Foi assim que Jackson na “Ilha deserta” (D & G) ele, assim como nós, não pode mais suportar o peso da vida e “*se nada mais é possível, fugir se matando, « eu vou esperar meu julgamento, a menos que a vida se torne algo duro demais a suportar e que eu decida não esperar mais nada. É algo que entrevejo todo dia, mas é tão difícil viver quanto é difícil morrer.* (D& G, Ilha Deserta, p.308-309).

Ainda que se refiram ao fato de serem “... *ações-paixões afetando os corpos*” (Cf. Deleuze & Guattari)³² negros, decretam-se em *transformações incorpóreas* que têm um resultado material significante de tal maneira que pode e via de regra o faz, infringir

²⁹ Os necroliberais

³⁰ Achile Mbembe em entrevista disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/os-necroliberais/> Acesso em 26/12/2024.

³¹ George Jackson (1941-1971) foi um militante negro, membro do Black panther party.

³² Idem.

adoecimento ou mesmo a morte ao corpo negro, supliciado. Isto relativiza ao corpo negro, quando se refere as produções discursivas sobre o racismo, a ideia de que tais enunciações se inscrevem como atributos incorpóreos, uma vez que fundamentalmente, como resultado final, e historicamente como solução final, lhes convidam à morte.

Mesmo em vida, a “*morte civil*” (Cf. Mbembe), sua transformação em corpos inferiores, também por “*atributos incorpóreos*” produzidos, circulados e “consumidos”, cotidianamente, em discursos, enunciados, mas também em aparatos, em prisões, ou em escolas. O circuito *capitaloracial* de produção de corpos negros como mercadorias, promove a circulação de atributos para controle à circulação dos corpos.

Ser negro é preci(o)so circular não (sem pontuação)

Se no campo das Economias Capitalistas se pode pensar nestes processos ou Mercados em que se produzem, circulam e se consomem mercadorias, aqui no *Mercado Espaço das trocas simbólicas*, sejam nas mercadorias, corpos físicos que se encenam ou performam, sejam nas imagens que se produzem, circulam e são consumidas, talvez se possa *performar* com equações econômicas, *contra-hegemônicas* sendo *contrasignificantes*, não importa, mas certamente desviantes e desejosas em um devir negro.

Se no primeiro destes contextos, pela elaboração e descrição de Marx, se pode pensar em Mercadoria (M), produzida, circulada, consumida. É o dinheiro (D), ou o capital, que induz a sua produção de modo que se tem, dinheiro implicando em mercadoria: **(D) -----(M)**

Para a mercadoria, sua circulação e consumo, resulta em dinheiro acrescido de valor. (D'). E a equação então pode ser expressa por: **(D) -----(M)----- (D')**.

Neste mesmo modo econômico, noutro contexto de seu desenvolvimento histórico (a financeirização) se pode aludir a predominância, na circulação, a partir da equação: **(D) -----(D')**.

Neste contexto a acumulação no Mercado não se processava, apenas, pela mediação da mercadoria, e o capital rentista encarregava-se também dessa acumulação. O que se tem é: dinheiro “produzindo “dinheiro, na esfera financeira.

No experimento do *Espaço dos bens simbólicos*, na economia das trocas simbólicas entre corpos e corpos e corpos e imagens, se pode pensar por uma *abstração* contra, pré ou pós-significante, com os circuitos:

(CN)----- (IM)----- (CN')

Aqui se pode pensar tanto na mediação da imagem, no processo de valorização do corpo negro quanto, ao olharmos para o processo como um todo, na circulação (ou na variação do valor) aqui nesta tese, como atributo incorpório consignado pela revememoração (visibilidade e reconhecimento). Principalmente porque o corpo negro, de modo distinto ao corpo branco, é portador de sua própria imagem.

Um processo de valorização da imagem do corpo negro, em que se deseja que a *revememoração*, nesta experimentação, seja potente para inspirar-se em afetos. Na verdade, um processo de valorização dos corpos negros, pela circulação de suas imagens *revememoradas*.

Daí *sobrimagens*: corpo negro, sujeito a valorização pela produção e circulação veiculação (o que equivale a ser visto - sua visibilidade) de suas imagens. Por esta desrazão do sentir Abana nomeia as composições com imagens de corpos negros ao longo deste texto, por *sobrimagens*. Texto imagem , imagem texto , texto sobre imagem , sobrimagens.

Mas, soltando a mão do carrasco, deixando partir o sentido matemático que se possa inspirar, ou transpirar, por estas equações ...trata-se de algo como produzir uma **obra de arte com imagens de corpos negros, revememorados**. Um equivalente à moldura aurática. Então, sobrimagens é uma composição com imagens de corpos negros, cujo processo desejante se encerra em **reverenciar, memorando a ancestralidade e o corpo negro coletivo**. Nada de equações matemáticas econômicas, teorias marxistas para explicar sua visibilidade, ou quaisquer outros tipos de enquadramento, encarceramento de corpos e imagens. O corpo negro é um corpo afeito ao processo desejante de um *Corpo sem órgãos* definido pela interpretação que lhe atribui Muniz Sodré, em termos do *si mesmo corporal* nagô, uma “*potência afetiva de ação, na dimensão tácita, e não signica, de seu funcionamento.*” (Sodré, 2017, p.104).

Corporeidade, um pensamento corpo. Ele ainda não é totalmente, até por que este conceito carrega uma ideia que detesta a totalidade. Mas o é, enquanto o devir corpo cuja retirada de sua imagem fora a operação que lhe destituiu de sua humanidade. Portanto ele aspira uma imagem como metáfora de seu reentronamento.



Afrodiaspórico enquanto constituído por uma multiplicidade que separa e une.
Semelhança para além da imagem: Abana , ou Moten?

Um encontro no olhar sobre os corpos negros mercadorias em que pese “*a realidade histórica de mercadorias que falaram – de trabalhadores/as que eram mercadorias antes, por assim dizer da abstração da força de trabalho de seus corpos e que continuam a transmitir essa herança material além da divisão que separa escravidão e liberdade.*”(Moten apud Silva,2023,p.158).



<https://drive.google.com/file/d/1hwebuGL1OUAHKQCXgj4tBWB9vha5-4Tn/view?usp=sharing>

Transformações in-corporis negro mercadoria

E assim como Moten, “estou interessado, finalmente, nas implicações da quebra (the breaking)...” (Cf. Moten,2023,p.158) ou no anúncio provocado junto a visibilidade de imagens e corpos negros (Cf. Abana), podem provocar. A “*quebra dos discursos*” “*das perturbações edificantes do verbal que levam o rico conteúdo da **auralidade** do*

objeto/mercadoria para fora dos confins do significado precisamente por meio desse traço material.”³³



<https://drive.google.com/file/d/1pKhSLXzifw8Xy3uDp1ervmLVJAiEmvKk/view?usp=sharing>

A perda da Aura

Este processo se afeta por *investimentos*, como o desta *Escrita* enegrecida. E dessa forma no *EBTS*, um *investimento* é qualquer experimentação com a potência de vida que se possa afirmar num processo de trocas simbólicas que envolvam, corpos negros e suas imagens.

Também se podem aferir **lucros** pela captação de Juros.

Mas juros, no *EBTS*, são promessas de **sopros de vida** e (*Èmi*) no tempo vida do corpo negro, que inspiram liberar potências de vida.

Um sincretismo econômico-religioso?

Quem tem o sopro de vida, quem infla a vida em *ara* (corpo), *Èmi*, a alma ou respiração, é (Olódumarè) **Obatalá**. Assim o que se quer afirmar aqui é a potencialidade da aproximação com a religiosidade e cultura ancestral, para a experimentação no **EBTS**. Isto talvez se refira a uma das expressões do enegrecimento no corpo de Abana. E dessa forma, juros não são mais juros, **são sopros de vida**. *Èmi*, inflada em *ara* (corpo).

Eu gosto da ideia de respiração ligada a **èémí** (a despeito da necessidade de rever a questão de sua mais apropriada grafia), pois ela me é cara desde o nascimento.

³³ Idem

O modo como se expressa em meu corpo físico, como resultado do mundo ~~espiritual~~ ancestral e que põe em funcionamento um modo de trocas com as misérias humanas: é a falta de ar. Eu entendo Floyd. Abana sufocou com ele. Eu, sufoquei com ele.

Abana sentia muita falta de ar quando criança, e assim continuo como corpo negro amadurecido. Parece que nos matam, sufocando-nos literalmente e tragicamente (por acontecimento) por uma *mão invisível*³⁴ que nos rouba o ar. Uma confluência religiosa ancestral e econômica.

Investir é provocar encontros entre corpos, que possibilitam trocas de afetos. Elas resultam em sopros de vida, inflados, de *èémí* em *ara*.

O Grupo de Pesquisas Sociais Sankofa, foi o maior, mais inflado, investimento da trajetória de Abana como professor de matemática, negro, em escolas em comunidades negras, periféricas.

Trocas simbólicas neste *Espaço* são mediadas pelas performances dos corpos negros. Não é exatamente a cor da pele que (ainda que isto seja determinante para a manifestação do racismo) determina “negritude” de um corpo, ou a localização psicológica do sujeito frente as coisas de África (numa perspectiva *afrocêntrica*). A *"afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos"*. (Asante 2009, p.93)

Não há como existir um grupo de eleitos a qualificar o “*estágio*” de *enegrecimento* de um corpo negro. Pode existir um modo, cultural pactuado essencialmente de “ser” negro, mas não um modo que permita graduar este processo, nem tão pouco autorizar um grupo de eleitos a fazê-lo. **Por quanto tempo mais vamos nos permitir nos produzir em medidas?**

Isto tem a ver com o desenvolvimento de consciência crítica sobre o ser negro num país racista, além de, em algum grau, estar ligado ao modo como o sujeito se relaciona com a cultura ancestral, africana e afro-brasileira. Mas tomemos cuidado: no

³⁴Além evidentemente de nos subtrair os recursos econômicos. E a despeito de, em relação ao corpo negro, a mão ser algo bem visível e identificável, a nos matar. Fora com a mão invisível!!!!

final ~~das contas~~ na verdade, no final dos sentimentos, existiria apenas um modo específico de ser negro?

No EBTS, há uma mudança nas trocas simbólicas quando pensamos na variação *corpos-imagens*. Tanto corpo negro quanto suas imagens ~~são mercadorias~~. O primeiro foi correspondido (por uma certa inteligência heteronormativa e branqueada de poder) às mercadorias físicas. *Recomodificadas* e sendo mercadorias, baratas (a carne mais barata do mercado é a carne preta) produtoras de mercadorias (estes sim produtos dos mercados).

O corpo é uma mercadoria produtora de mercadorias, e isto vale para qualquer corpo. O corpo negro dentre os corpos mercadorias foi, no entanto, o único que experimentou passar pelas formas de mercadorias que ao longo dos tempos acompanharam as mudanças de fases do capitalismo. Se a noção de mercadoria num contexto fordista envolvia aquelas físicas e materiais, no contexto da financeirização em que pese a flexibilização, a ideia de mercadoria passa também se compor e traduzir-se em termos de bens imateriais.

No empreendimento colonial e mesmo depois dele e, em alguma medida, até hoje o corpo negro continuou a assumir o valor de uma mercadoria como qualquer outra. Contemporaneamente uma mudança de status das mercadorias próprias do capitalismo, precisou ocorrer para poder compatibilizar o fato da exploração ter alcançado patamares *imateriais*. Os corpos (todos) passaram a ser experimentados como mercadorias. O corpo mulher, o corpo LGBTQIA+, os corpos periféricos. Para o corpo negro, no entanto, isto representou “apenas” uma extensão de uma condição que sobre ele já se infligia e que já experimentava desde o empreendimento colonial. Antes mesmo da fertilização do capitalismo.

Quando alguém busca uma melhor qualificação profissional, isto pode ser percebido como fator de empregabilidade e, portanto, permite o acesso do corpo (qualquer que seja e em tese) ao mercado de trabalho. Uma mercadoria que se torna “melhor”, consumível. Mas aqui, neste estágio de capitalismo financeirizado em que pese a *acumulação flexível*, o que se tem é uma flexibilização da ideia de mercadoria, que pode então alcançar a quase tudo, desde um sabonete, passando por joias, até chegar

ao corpo carnal, produzindo talvez um corpo encarnado em um certo processo de racionalização.

Além do mais, a percepção da sociedade sobre a sua potencialidade (do corpo negro) para produção de bens materiais, por uma “miopia” racista que reconhece apenas um número muito limitado de bens, não veio acompanhada da aceitação de suas potencialidades de produção de bens (em algum sentido também mercadorias) imateriais.

Neste sentido, foi emblemática uma viagem que Abana realizou a Ouro Preto MG, onde adentrou revisitando, os *Lugares* de suplicio dos corpos negros escravizados: como uma **mina de ouro**. Mas creio que já compartilhei este episódio. *Lugar* da Morte de **um corpo** e produção de riqueza de **outro corpo**. *Lugar* emblemático da indissociabilidade (ainda que na imaturidade do capitalismo) entre o racismo (modo de regulação) e o capitalismo.

<https://drive.google.com/file/d/1VIPvfgAvYjcRnlSK1TIdNYhY5t-44Bpe/view?usp=sharing>

Lugar que retira o ar, faz faltar, ao corpo negro. Em que só permitem a reprodução de corpos negros “pequenos” mais adequados para os espaços de uma mina de ouro. Um modo de produção de mercadorias *corpos negros* capaz de potencializar a sua capacidade recomodificada de extrair ouro. Mesmo antes, dos mercados se chamarem mercados e do capitalismo ser assim nomeado.

Um capitalismo financeirizado e ocupado com os mercados financeiros, cada vez mais fortes e com a circulação geralmente livre do capital por caminhos onde quer que ele mais se valorize. Ele projeta imagens sobre os sujeitos, advogando a necessidade de produzir um tipo de indivíduo que fosse à imagem e semelhança do *homoeconomicus*. Se eu estava às voltas de produzir uma crítica, numa linha desconstrucionista (se posso assim dizer) a estas propostas, me via “forçado” ou provocado, talvez seja este o termo, a constituir num estudo de doutoramento, uma alternativa. No início eu procurava construir, como professor de matemática, ações e propostas que lançassem luz a estes “interesses ocultos do capital”, “contidos” nas

propostas de Educação Financeira. Com o tempo, cheguei a que: se o que de fato me trazia inquietação era na verdade a racionalidade neoliberal constituinte daquelas propostas, talvez eu devesse experimentar com **outras orientações teóricas** que pudessem ensejar outros modos de ser, inclusive nas ações econômico financeiras. A Economia Solidária, por um tempo, nos moldes como a concebe Paul Singer em seu livro, *Introdução à Economia Solidária* escrito em primeira edição em 2002, surgia como uma potente perspectiva. Sobretudo por apresentar uma oposição entre modos de produção, capitalista:

[...] cujos princípios são o **direito de propriedade individual** aplicado **ao capital e o direito à liberdade individual**. A aplicação destes princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que (por não dispor de capital) ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade. (Singer,2002, p.10).

E a economia solidária:

Cujos princípios básicos são **a propriedade coletiva ou associada do capital** e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exigem mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda.³⁵

Contudo, com tempo, este interesse teórico de exploração do tema, foi se dissipando ainda que tenham permanecido o interesse pela produção e experimentação em bases solidárias, junto à comunidade quilombola, na zona da mata mineira conhecida como Colônia do paiol.

Nesta experimentação, ou na parte em que eu me dedicava a escrever, pensar e escrever sobre ela, eu acabei por aproximar interesses que antes se constituíam em campos diferentes, o racismo e a luta antirracista e o capitalismo financeirizado, e a militância como sindicalista ou professor, contra os efeitos perversos das desigualdades e assimetrias sociais por eles produzidas.

³⁵ Idem

O neoliberalismo insurgiu-se como o grande inimigo a ser superado sobretudo porque “antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados (Dardot & Laval, apud Sodré, 2020, p.73). E em bases sustentadas por uma lógica “progressivamente redefinida por organizações privadas que encarnam o **mercado como a teodiceia e como processo de produção de subjetividades**”³⁶, evidentemente aquelas ligadas aos interesses de acumulação e ancoradas num tipo de corpo. Ou afeitas às classes dominantes ou ainda, em última análise, ao corpo branco.

Esta racionalidade está intimamente ligada por sua vez a crença, primeiro no cenário financeiro e no poder da *mão invisível*, de controlar as ações em direção ao melhor para “todos”, mas secundariamente por uma crença que se sustenta pela própria transformação da ideia de *crença* que migra, ainda nos interesses econômicos e financeiros, deste cenário estritamente financeiro, à um *Lugar* onde ela assume um poder, ainda financeiro, atrelado agora como dogma: ao campo religioso.

De uma crença dessecularizada ela mesma, ainda econômica, mas secularizada do ponto de vista de estar instrumentalizada por uma dogmática religiosa. Essencialmente Evangélica?

Quando considerei neste mesmo texto, nas dimensões discursivas da Educação Financeira, a emergência de um campo novo traduzido pela ideia de “**evangelização financeira**”, era exatamente tentando captar estas mudanças. O que se elabora então por esta expressão é o que se tem por um “*sistema de conhecimento e crença*”³⁷ que envolve tanto as prescrições econômico financeiras, quanto os ensinamentos doutrinários da fé cristã, particularmente, neopentecostais.

³⁶ Idem (p.89)

³⁷ Creio poder dizer aqui, a partir de minhas impressões e do que me permitem, Michel de Certeau, Michel Foucault e Norman Fairclough, que o conceito de *estratégia*, do primeiro, corresponde aos imperativos das *palavras de ordem*, do segundo, e são discursos, na dimensão defendida pelo terceiro destes autores, de serem ou poderem: (i) *constituir as relações entre as pessoas*; (ii) *constituir tipos de “eu”*; (iii) *constituir sistemas de pensamento e crença*.

Estas elaborações são essencialmente veiculadas por discursos. Daí o interesse pela *Análise Crítica de Discursos* e, sobretudo, o desejo de no doutoramento voltar-me a uma experimentação solidária. Um desejo, no entanto, que pode ser traduzido na verdade pela intenção de produzir estranhamento a um modo de produção hegemônico que sob seu manto se não o produziu, alimentou o racismo.

Mas aqui neste platô devo dizer de um interesse futuro apenas: ocupar-me em estudos sobre as relações desse processo, (**evangelização financeira**) naquilo que ele(a) se afeiçoe às questões étnico-raciais.

Mas talvez se possa dizer um pouco mais, e ir além do que a simples indicação futura de um interesse de estudo. Os mercados se alimentam por imperativos de produção de subjetividades, aquelas ambientadas no contexto do neoliberalismo, como condição primária para construção de um solo fértil à acumulação. Uma dada orientação religiosa se entronou como afeita a este cenário, primeiro por uma questão doutrinária por intermédio da qual sataniza tudo que é multiplicidade: constituindo um discurso de que a mulher deve ser submissa ao homem; o corpo LGBT violaria princípios de Deus e um modelo família por ele consagrado; assim como traduz como demoníacas, as orientações religiosas de matrizes africanas. Ela atua assim como uma prensa de correção de corpos. As relações entre o racismo (talvez de modo mais explícito em sua versão religiosa, a fé evangélica) e acumulação, se não parecem muito bem visíveis (a aqueles que teimam em não encher gar) no conjunto das denominações abarcadas pelo termo “evangélico”, talvez sejam mais reconhecidas nos discursos da IURD. E, portanto, desde já se tem aqui uma intrincada relação entre estes atores, entre estes sistemas de conhecimento e crença. Mas a ideia de Evangelização tal como elaboramos não me parece, ainda, com potencial para alcançar e lançar reflexão crítica sobre estas relações, de modo especial ao que se refere ao racismo. Embora fique patente que a denominação que produziu a ideia de uma *teologia da prosperidade* e alimenta o que chamamos de *evangelização financeira*, é a mesma a produzir o racismo religioso, satanizando as religiões de matrizes africanas. Está é uma questão importante.

As *estratégias*, discutidas no estudo sobre o tema da educação financeira são proposições de poder, se filiam ao escopo de *palavras de ordem* que “remetem aos

agenciamentos” (Cf. Deleuze e Guattari) e são produzidas a partir de um *sistema de pensamento*: tanto o Capitalismo, quanto um de seus modos de regulação de plantão, o neoliberalismo.

Assim também se pode pensar sobre os discursos em evangelização financeira conquanto *agenciamentos* que se inspiram afeitos aos mercados, a fé evangélica e a intolerância ou mesmo o racismo religioso, para não aprofundarmos esta questão.

Espaço: Encenando com Imagens, *Sobrimagens*.

“Misturas das histórias, concatenação dos mundos”

(Mbembe, 2019, p.175)

Num Espaço de bens simbólicos com imagens, corpos, negros trata-se de uma abstração e talvez uma abstração sobre a abstração - *abstrati* (sendo puxado). E isto não quer dizer que estejamos diante de algo que não tem existência material. Até porque, o discurso é uma dimensão da prática social (Cf. Fairclough, 2001).

Adicionalmente, Van Dijk (2008) num texto intitulado “*Discurso poder*”, considera a escrita e a fala como as principais formas de difusão do racismo. Eu não discordo disso, mas gosto sempre de destacar o papel, potencial e importante, que as *imagens* têm na produção do racismo.

A partir destas proposições me senti então, autorizado a dizer naquele estudo dissertativo, e reproduzir aqui que: *as imagens, são discursos, veiculantes de suas próprias subjetividades ou melhor, daquelas próprias dos corpos que representam*. Essencialmente, no *Espaço de bens e trocas simbólicas*, esse é o modo com que a circulação se processa, neste circuito econômico de imagens, e é assim que os afetos, sopros de vida e investimentos são postos em movimento.

Mas não estaríamos diante de “*Retratos do Mesmo*”? Sem a interrogação, *Retratos do Mesmo* é o título de um capítulo do livro *Ardis da Imagem* escrito por Edmilson de Almeida Pereira e Núbia Magalhães Gomes. É sempre difícil a tarefa de abordar assunto tão densamente elaborado por Pereira (2001) de modo que é preciso dizer, que vou até este texto apenas para recortar dele, compartilhando, algumas

reflexões. A primeira delas, guarda relação estreita com as discussões levadas na escrita deste platô, até o momento, e é apresentada no livro através de uma indagação: “*Existem possibilidades de vislumbrar outros horizontes para outras imagens dos negros brasileiros, além do horizonte do novo constituído como matéria prima do pensamento burguês e capitalista?*” (Pereira,2001, p.179).

A análise naquela parte do livro, concentrava-se sobre a produção e veiculação de imagens de negros e negras em revistas de circulação nacional³⁸, problematizando a sua inscrição, como “*elaboração discursiva*” (p.158) que a despeito do reconhecimento de que “*a concentração dos poderes econômico e político nas mãos de grupos brancos*” contribuiu para um “*jogo de produção e divulgação das representações*” das imagens de corpos negros, em que prevaleceria “*a sua caracterização [...] como elemento negativo.*”³⁹(Pereira, 2001,p.58)

Pereira (2001) problematizava o fato destas imagens ainda estarem vinculadas, de um certo modo, a aquilo que contestavam, por “*uma dupla reiteração: a da estrutura de produção de sentidos - que contesta os estereótipos através da elaboração de outros estereótipos – e a das referências pessoais – que sempre coloca diante do público as mesmas personalidades do meio esportivo ou artístico.*” (Pereira,2001,p.178).

A discussão do professor Edmilson e Núbia Magalhães, neste trecho, parece considerar a ideia de que mesmo num deslocamento de crítica ao racismo, as produções imagéticas de corpos negros representados naquelas revistas, mantinham uma relação (sobretudo de produção) como o sistema que, em princípio, combatiam. Esta é uma inquietação que acompanhou o percurso de minha trajetória em especial na elaboração do Espaços de aula de matemática, junto à comunidade quilombola, e a despeito de fazer frente a uma economia capitalista num processo de produção solidária. Contudo, como este é primeiro dos desejosos platôs desta tese em *relembrança*, suspeito que de uma forma ou de outra, este tema volte a assombar o desejo da escrita.

De qualquer forma o primeiro dos *Espaços de Bens e trocas simbólicas* gerado pela circulação destes corpos, e que são experimentados uma segunda vez por esta

³⁸Realizada a análise “*da nova imagem para o negro divulgada como matéria de capa em cinco revistas de grande circulação, no período de 1988 e 1998.*” (Cf. Pereira, 2001, p.160)

³⁹ Idem

escrita, são aqueles de suas performances ao longo dos encontros na trajetória de Abana: as Escolas, o Quilombo, os *Espaços* públicos de feiras solidárias, de instituições acadêmicas, dos espaços das vivências dos corpos negros em seus territórios.

São nestes *Espaços* que as “novas imagens” se elaboram por performances dos corpos e que alimentam um imaginário propositivo de valor a imagem e ao corpo negro. Talvez isto em alguma medida, atenda as inquietações elaboradas na questão. Estes *Espaços* são rizomáticos conquanto afeitos às “multiplicidades”. Ou ao menos, no meu desejo, inspiram-se ser. Mas há de se separar o que é processo desejante de Abana, daquilo que é possível de se alcançar num emaranhado de caminhos e conexões, muitos dos quais votados a abismos e iniquidades.

Sobre a questão destas duas “personalidades”, das duas que são uma na verdade, “falando” no texto: Eu e Abana. Escrever em primeira pessoa, seguido logo após pela interlocução com Abana, é um *acontecimento* da escrita que me conformou e à Abana, como forma de dar vazão à imaginação e à memória, libertando-a quando em Abana, do medo do erro, da censura ou da peça acusatória da insuficiência acadêmica. Ao mesmo tempo ou até mesmo por essa desrazão, com este procedimento jogo com a religiosidade Iorubá junto a ideia de *enikeji*, como um duplo de ara-ayé, uma “segunda pessoa”, que não é uma outra consciência fora dele, ao contrário, é ele mesmo, está junto com ele.⁴⁰

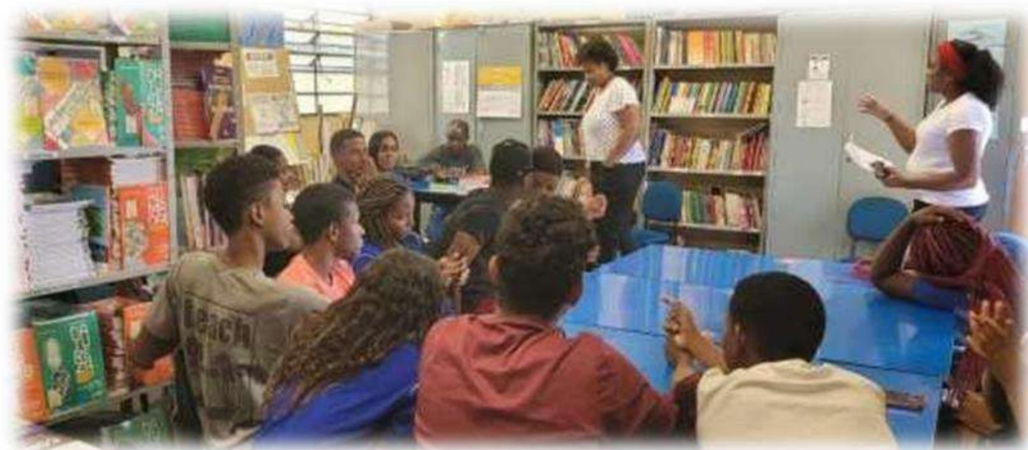
A despeito do processo desejante de Abana, o empreendimento colonial e a escravidão lançaram corpos negros africanos em diásporas impondo-lhes, o desafio de viver sendo outro. E num mercado como tantos outros lugares de produção, consumo e acumulação. As revistas, nas análises de Pereira (2001), tanto quanto nas discussões de Britto (2013), na verdade funcionam como prateleiras de um mercado de imagens e corpos, mercadológica e sujeita aos imperativos de acumulação próprios dos mercados. Estar lá, ainda que de modo pretensamente contra significante, conclui-se inexoravelmente, por inscrever-se nas redes e artimanhas dos mercados, ser mercadoria. Não se deve deixar de ocupar este Espaço, que até bem pouco tempo atrás era *Lugar* estritamente controlado e branquiado. Mas não se deve acomodar em ocupar o *Lugar* do alçóu ou sua posição, deve-se transformá-los.

⁴⁰A concepção Iorubá de Personalidade Humana. Wande Abimbola. Nota do tradutor.

É também a própria inscrição do corpo negro nestes *Lugares* que também os inspira, potencializando-os como *Espaços* afeito a “multiplicidades”. Evidentemente compartilhado com outros corpos periféricos sem os quais, não teríamos mais do que uma bipartição do Lugar. Deste modo a inscrição do corpo negro potencializa, mas não



determina. Mas se deve produzir imagens e veicular seus corpos negros em Espaços de saberes e conhecimento, como aquele experimentado na tese cujo platô está aqui em *relembrança*.



Sobrimagens

Sobre imagens, inadequações, padrões, encaixes, desencaixes e viver sendo Outro: Eu Abana, quero um dia viver a experimentação de voltar à terra de meus antepassados e viver o ar que me falta desde o dia de meu nascimento: Idealidade.

Ainda que me espreite, o receio e a dúvida de me encontrar, lá, com a dureza da idealidade. Mas não há como enfrentá-la senão vivendo. O que me falta não está lá. O que sinto falta talvez não seja possível recompor-se pelo viver, pelo tempo da vida que me resta. Pelo tempo da vida que resta a todo corpo negro diaspórico. Está feito. **A dor é tanto da vida quanto da morte.**

A *Escrita* pode ser experimentada como processo maior de *pensar/ escrever*, que se designa tanto por um sistema lexical que produz as coordenadas pelas quais a mão deve se movimentar sobre o papel, quanto pelo imaginário dos sentidos produzidos socialmente, e culturalmente, ao qual a mente recorre para compor com a mão, a encenação sobre o papel. Mas, principalmente, é o sentir pelos poros da pele, que determina seu traçado sobre o papel e assim, **é o corpo mais uma vez, quem escreve.**

E, um corpo que carrega uma história, trajetória, que se fez em caminhada sempre no entre e assim continua. O corpo de Abana. Um corpo negro, que se tornou negro ao longo da caminhada e, portanto, a *Escrita* desse corpo é **uma escrita em enegrecimento.**

Mas como sempre nos diz Abana, há sempre um desencaixe porque quando trata desta abstração, não lhe conforta a ideia de “puxar” ou de alguém a puxar outra coisa. A indexação, o controle, o interdito, são as maldades da “vida moderna”. Castigo sem crime, para corpos de todos os tipos. Dupla sentença por crime do pecado original da pele negra, para corpos negros.

Em alguma medida, e não tenho muitas dúvidas sobre o lugar epistemológico de procedência desse sentido (que me toma) quando sinto desconforto com o “puxar”, ele se insinua “violento” pela força, pela intencionalidade de dominância e de controle, algo panóptico. Então preciso compor com uma enunciação que ao mesmo tempo traduza esta “abstração” (o puxar pela memória) como resgate de algo com o qual se queira (junto) aprender, (há algo aqui sobre passado e sobre voltar, não sobre “puxar”) e que seja no presente da escrita, uma metáfora (na falta de outro termo agora) do que se quer ~~reenenar~~, do modo como se performa. Então não se quer puxar, atualizar, ~~reenenar~~, se-quer voltar.

Mas que tipo de volta, não iria querer o passado?

A volta que deseja o passado talvez seja uma volta ressentida de morte?

Ou ressentida da Morte?

Desejo, idealidade, por uma terra de *kemet*?⁴¹

Desejo a volta como processo permitido, facultado a todo corpo, e não como idealidade do desejo do que lá, num passado, seria encontrado. Até porque este lugar, chamado passado, não pode mais ser alcançado. Apenas ~~encontrado~~, reelaborado e sobretudo, *relembrado*.

Mas é própria trajetória de Abana quem ilustrou-se em *rastros* que se insinuam, agora, como um sopro de vida em Ókan que acalma a Èmí. É isso que meu corpo experimenta quando me acredito estar diante de uma resposta à pergunta que não consigo elaborar.

O **movimento** e a **circularidade** não apenas como **circulação** de mercadorias (esta está posta quando do cálculo matemático), mas como processos de trocas que estão presos e condicionados pela existência: material - no sentido de mundo físico- ancestral. É uma dimensão e que não se localiza apenas naquela, comumente - evocada pelo termo - religiosa. Ainda que neste texto se desejasse uma reaproximação, relembrança junto à religiosidade de matriz africana.

Investimento, agora, é toda experimentação com as potências de vidas que se podem afirmar no processo de trocas simbólicas.

Juros, são promessas de sopros de vida em Èmí do corpo negro no tempo vida, que liberam potências de vida.

Desacumulação, é processo que tem como inspiração a circularidade e portanto, partilha e a troca são seus motores: bazares, feiras solidárias, associativismo, etc. Mas também se diz da necessidade *nômade*, do movimento e de *multiplicidades*.

Sobrimagens é um processo importante na intencionalidade da escrita de Abana para corpos negros, porque diz sobre elaborar itinerários junto as imagens da ancestralidade.

Sobrimagens: afetam a autoestima, valorizam a ancestralidade, alimentam potências de vidas, dinamizam o potencial dos espaços das trocas simbólicas. As

⁴¹Kemet ou *kmt* era o nome antigo do Egito e significa “terra negra ou terra dos negros” Nota registrada no Capítulo 1 do livro *Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora*. Organizado por Eliza Larkin Nascimento. p.69.

Imagens, afeitas a *aparição*, são rebeldes e seu movimento pode levar a qualquer lugar seja o da dor seja o do dos afetos mais singelos. Não há garantias em suas aparições. Sobrimagens diz sobre operação de produção e de composição com as imagens, sendo menos afeita ao nomadismo, por um lado.

Aparição: Epifania ancestral? Tem a ver com o nomadismo das imagens e com a impossibilidade de erguemos prisões aos sentidos afetos.

O *campo de experimentação* da *EsquizoEducação Financeira* é o Espaço qualquer que seja sua existência, em que corpos *performando em seu tempo vida*.

Tempo vida compreende a circularidade, tanto dos tempos cronológicos (cartesianos uma vez medidos pelo cálculo e aferidos por instrumentos) quanto pelos tempos elaborados e acessados pela memória, ao revememorar. Além disso compõem-se pela tradição de trocas do Espaço, *lugar praticado*, a que se relacionem: comunidade, escola, praça, etc.

O *empreendedorismo*, não põem equidade corpos negros e brancos, enquanto seres viventes, nem mesmo os primeiros com seus próprios. Desde o seu nascimento, o empreendedorismo é *capitaloracial*⁴² e não se produz por um afeto coletivo. Diz da individualidade, apenas na idealidade de um mercado da *mão invisível*.

O *empreendedorismo negro*, se *descuidado da circularidade*, o eterno retorno como processo de tempo vida, pode ficar aprisionado na armadilha do ressentimento e experimentado então, de fato, como um modo negro de ser branco.

Para Sodré, “o pensamento Nagô é uma provocação a **reversibilidade** dos tempos e à transmutação dos **modos de existência**, sustentada pela equivalência filosófica das **enunciações**” (Sodré, 2017, p.23, grifo meu). Considera ainda que Roger Bastide não via como problema, sendo mesmo “lícito”, *transcrever sistemas conceituais* e certo “retorno” ou reversibilidade de uma lógica, por demais sedimentada: que ignora os propósitos primeiros, e **toma** as *palavras* pelas *coisas* (outro roubo, este feito à Foucault); a **representação** que se produz pelo poder, hegemônico, **pela ideia**; a **imagem dogma** pelo que se pode ver, **Ser**. A mediação irrefletida, aliena coisa e

⁴² Se diz de um emporeendimento capitalista que se produz por, e produz, assimétricas econômicas sociais e financeiras a partir de recortes etnicoraciais. (Abana)

sentido. E *Religare*, a despeito do sentido Maior, cristão, é de fato o que se precisa exercitar reelaborando nomadicamente, um sentido encarnado.

Espasmos da Escrita

O que se vê ao olhar para trás e para frente?

O dinheiro, a **moeda**, deseja ser uma **imagem de todas as coisas** e a considerar a **recomodificação**, quase qualquer coisa parece mesmo estar ao alcance do seu poder. Assim ela, a imagem de todas as coisas, se assemelha postulante, a uma imagem dogmática final. É como que se no fim da história de Fukuyama (1992) e por conseguinte do triunfo do neoliberalismo, a moeda se constitui-se numa espécie de “Cristo”. O neoliberalismo então assumiria assim o ar de divindade suprema, para não dizer Deus, e a moeda, seu filho: heteronormativo e branco.

Na modernidade os intelectuais e o idealismo alemão seriam “eloquentes” em anunciar seu pensamento filosófico como herdeiro do pensamento grego, um “fenômeno heleno-germânico”. (Muniz Sodré) Sobre isso aliás, os “roubos”, deve-se dizer do seu papel metodológico, e que se insinuou ao longo da escrita deste **platô**. Este procedimento metodológico de roubar um termo ou uma expressão e experimentá-la na escrita, com muita frequência levou ao seu abandono ao longo do caminho da escrita de modo que, talvez se possa reelaborar o sentido, e a expressão, do roubo ou do empréstimo.

Antes, na verdade qualquer citação ou referência que siga a padrões acadêmicos e científicos estabelecidos constitui-se, antes de qualquer coisa, um empréstimo que não é, de modo explícito, consentido pelo autor ou autora, muitas vezes alguém que já não faz mais parte do mesmo plano existencial do leitor que lhe rouba. Então, já se constitui a priori mesmo um “roubo”, mas um tipo de *delito* que, normatizado por uma orientação científica, assume uma tipificação que lhe permite transitar de um texto a outro e através do tempo desde que esteja com trajes adequados e com certa *roupagem permitida* e até

mesmo valorizada. De fato, constitui-se nesta tipificação, na única *veste* autorizada a transitar no meio da produção acadêmica e científica.

Mas de volta a questão do “abandono ao longo do caminho” da ideia ou conceito roubado, pode-se pensar numa reelaboração de sentido do roubo, experimentando-o desta feita como um *sequestro*, mas não aquele processo tipificado como crime, embora a sua imagem talvez seja também produtiva aqui para pensar, uma abstração. Mas pensemos no sequestro de gás carbônico na natureza por exemplo, e que seria uma ação “moralmente elevada” se é que existe tal coisa. Pensar por esta comparação e até o ponto em que ela se revista de uma ação que quer extrair algo da natureza, com intuito de filtrar a qualidade do ar e melhorar a respiração dos corpos vivos. Aquilo que uma inteligência arborescente desde sempre o faz. Portanto o sequestro de um trecho ou de um texto, não tem o sentido de agregar legitimidade acadêmica ao texto, nem ao menos de lhe conferir o caráter de verdade. Que apenas trazer ar, *émí* aos pulmões de Abana no meu reencontro com sua ancestralidade.

A falta de ar neste texto é um aspecto significativo do seu enegrecimento, ela esteve “presente” (pela falta) na narrativa imagética da infância do corpo negro desta escrita de Abana, e está presente na afasia sócio-política de nossa sociedade contemporânea em construir obstáculo ao racismo. Muito pelo contrário, ela parece ser o ambiente favorável ao seu experimento. Mata por asfixia.

Èemí olójà nínu ara⁴³

“O medo e a avareza não negam a escassez, é a própria certeza sobre a possibilidade de troca no mercado de Èsù que traz a abundância para a casa.”

Aforismo de ObaráMeji

⁴³ (“A respiração é a rainha do corpo”). In: Nocao de Pessoa e Linhagem Familiar entre os Iorubas

Uma tipologia de seres viventes no Espaço de Bens e Trocas Simbólicas que povoam este (ou não apenas este, mas outros) platôs:

Imagens, corpos negros, corpo que se cobre por pele espinhenta...corpo sonâmbulo, corpo enegrecido, ara, corpo-mulher negra, corpo homem-negro, negro, corpo erê negro..., corpo negro obra de arte...corpo ancestral, corpo imaterial, corpo material, composição, com a distinção na religiosidade ioruba entre arayé e araorun, ...

O que se vê ao olhar para traz e para frente?

Tardo-enegrecimento é processo dessa Economia das trocas?

Imaterial, quando se tratam de corpos e imagens, mercadorias... e é nesta esfera imaterial que se insinuam, encenam aparições, desapareções, corpos sonâmbulos e as árvores: **Jequitibá** no Quilombo da Serra, a **Pequizeira** na autoetnobiografia de Abana, e o **Orapronóbis** no quilombo do Paiol...

Dormir é afastar-se de.... Do corpo. É mover-se em Esquecimento. As imagens dormem! Quando no esquecimento. Seu despertar, revememoração, provocam estimulam-se em Aparições. Cada Aparição é singular! Seu despertar não se faz por si só, mas por *afetação* que produz; então precisa do outro, do olhar descuidado que descobre, ou do desejo cultivado que faz nascer.

Talvez se deva pensar sobre o lugar do despertar da imagem. Não se trata de um lugar físico, não se constrói sem uma afetação entre o corpo e a imagem, não está no corpo nem tão pouco na imagem ainda que esteja muito mais próximo ao corpo, pois é uma evocação sua e ele (corpo) pode portar suas marcas remissivas.

Mas *revememorar* com imagens é produzir um Espaço imaterial de uma segunda performance se servindo daquilo que talvez comumente se nomeie por memória.

O racismo é o pecado original!! A danação da Nação! O desvelar da ilusão da Nação: o projeto de construção, da ilusão.

Uma mesma imagem possui o poder de realizar-se em *Aparições* diferentes, **quase** infinitas, não fosse a morte do corpo vida, suporte, da ancestralidade. Elas só não superam o eterno esquecimento, a morte definitiva, a perda da capacidade de encenar-se, a menos por reminiscência afetada a outrem.

Mas como não sabiam, os colonizadores de almas, que árvores fazem lembrar, viver e revememorar, de nada adiantou a **técnica colonialista** do esquecimento em voltas.

Na fé das religiões de matriz africana, pode se dizer da imortalidade da imagem porque se pode experimentar com a imortalidade do corpo ancestral.

Corpos dormem.

Corpos negros dormem

Corpos negros: *corpo vida da ancestralidade.*

*Inspiram Sobrimagens às imagens, **técnica de encobrir**, encenar-se e performar.*

Ser sonâmbulo é querer dormir do racismo;

Ser sonâmbulo é poder dormir do racismo;

*Sobrimagens: sobrevida da imagem, seio da Imagem, **póstumo** **significante**, fundamentação;*

Tem a ver com a árvore, a do Esquecimento, técnica colonial de encobrir que então precisa da morte;

Mas tem a ver com a árvore, a Pequizeira, arte de revememorar, enegrecer, encenar, performar, desencobrir, encobrir, viver.

A tecnologia dá conta de induzir a encenação da imagem *ad eternum*?

Uma artificialidade da técnica: afetações. Mas precisamos pensar sobre isso. E neste sentido, a primeira questão é o caráter ou a natureza da encenação, neste caso. No tempo não existirão mais corpos negros de sua encenação maior, vida. Mas é possível que

se sirvam de seus afetos, sobretudo aqueles produzidos pela imagem corpo emoldurada. Mas como toda vida, mercadoria, sua validade termina.

Falseamento da imagem, *black face* é branqueamento assassino; morte em vida do outro; impede, não a cena, mas a performance de corpos negros e o reproduzir de seus afetos. Estelionato de subjetividades.

A **Aparição**, está ligada à vida humana de modo que cada imagem tem a capacidade de se ligar por afeto a um certo, mas nunca enumerável, número de corpos vidas. Essa afetação pode ser produzida pela relação corpo-vida-imagem e ou pela dupla imagem, mundo-vida. Ela é uma operação no espaço de bens e trocas simbólicas.

A tecnologia pode tornar imortal uma imagem, mas numa “vida” material apenas em espectro, pois sua capacidade de afetação, ancestral, morre.

Mas a tecnologia pode produzir uma espécie de ressuscitação do afeto. Uma espécie de vida após a morte da imagem. Mas que se reproduz por desejos incertos. Em outros corpos vidas que se afetam por reminiscências próprias, não aquelas do nascimento (aparição inicial) da imagem....

Sobre como lidar com fotos e imagens... e seus afetos ...

A **moldura** é uma espécie de coroação que marca, como num ritual de passagem, à nova vida – encenação e performance - da imagem. Emoldurar a ver a mudança de status da imagem, da foto; é reconhecer o seu valor e a potência de seus afetos, para além do tempo de vida do corpo da imagem. É operação contra colonial: sabotagem da esteira de produção.

A imagem que recebe a **moldura**, atingiu reconhecimento dentre os corpos imagens de sua encenação-performance maior: **vida da imagem ou do corpo**. Esteve às voltas com um processo de *relembrança*, circulou... produziu afetos...e assim

continuará. Não está noutra dimensão ... é a mesma, desde seu nascimento (aparição primeira da técnica).

Tempo de vida da mercadoria-imagem não se exaure, pois não se aprisiona a métrica cartesiana alguma. Não se mede pelo cálculo, se encena-performa na memória ou pela memória. Entrar no circuito do MEBTS, fazer circular ~~mercadorias~~ os corpos negros e imagens, é produzir afetos. Trata-se de um *modo produção*.

Ou o “seio da imagem”. Foi num texto, uma palestra de Deleuze, que como uma carta ao tempo, envolve-me no pensar sobre “*Ato de Criação*”.

Aparição do texto de Deleuze? Acontecimento? Os incorporais estoicos?
“*Ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, que deve ser representado no que acontece*”

Seja como for nomeada, quando ocorre a criação? Se todo começo é repetição. Mas está em criação, em gestação...

A **percepção** que se quer consciente opera quase sempre pelo dentro, por prescrições e racionalidades próprias que fazem escapar as potências, porque se filtram por imagens dogmas.

O encontro parecia programado e a carta, a palestra, pareceu-me especialmente direcionada. Mas não a este corpo negro da escrita, mas sim concorrente à uma *ideia* que projeto sobre o eu mesmo, sobre minha trajetória profissional e sobre os “meus”. Ela não é minha e este texto não é uma tese. Talvez por isso a aparição de Abana: linha de fuga.

Mas o **seio da imagem**, este sim, tem uma existência de força tanto ancestral quanto material. É o que alimenta a Imagem, faz crescer o corpo. E não se trata de um alimento qualquer, pois é o alimento da mãe. Gera a vida, gera e nutre a *Imagem*.

Enquanto a **aura** ou a **moldura** dizem dos processos do MBTS que atravessam a encenação-performance da imagem corpo negro, o **seio da Imagem-corpo negro** remete a sua ancestralidade.

Assim falar em **seio da imagem para um corpo negro**, daquilo que o alimenta, gerando, é tratar da sua ancestralidade.

Tecer este **platô** é elaborar, maquinar o mercado-espço de bens e trocas simbólicas como palco do cenário de exorcismo do racismo (o des-pelourinho feito por Abana) e dos efeitos perversos do MPC, ao se exalar na escrita enegrecida, solidários de existir mesmo na economia capitalista.

Mas nem mesmo esta técnica de lidar com imagens é suficiente. A artificialidade da vida da imagem, produzida e reencenada *ad eternum* pela tecnologia, é tal que num certo tempo a imagem perde seu poder de encenar-se em afeto, porque perde a plateia do seu corpo-vida mortal... a menos da fé... que nos diz sobre um duplo do mesmo entre ayé e orun.

Pode passar assim, mesmo se emoldurada, ao mesmo status de um objeto **amórfeto**⁴⁴que, senão por verossimilhança da imagem e ou de alguma forma da natureza da afetação, não produzirá mais afetos.

A **moldura** por sua vez, a diplomação **da imagem**, carrega uma questão interessante. Não é o único meio de produzir e fazer circular afetos, de trocar afetos, entre as imagens e os corpos-vida. Pode-se em alguma afetação tratá-las como um meio

⁴⁴Sem a capacidade, sempre dinâmica na existência do corpo, de potencializar afetos. É dinâmica essa potência porque fundamentalmente depende das encenações-performances dos corpos nos encontros, nos Espaços ou Lugares.

significante, de produzir, reproduzir, consumir imagens, num mercado de sentidos e desejos memorados. Sendo apenas o mais tradicional. A imagem pode estar desgastada e guardada dentro da carteira. Um procedimento anterior ao da esteira de produção. Um *espaço* de não esquecimento, um altar secreto? No mesmo *lugar* em que se esconde um outro aspirante a equivalente universal.

Este platô é também isto!!! Ele emoldura as imagens e corpos negros da trajetória, ancestral (em revememoração) e profissional de Abana, nos Espaços de ~~encenação~~—e ~~performance~~ vida e de aulas de matemática, com os quais elaborei , compus e experimentei, ao longo da Travessia.

Mo dúpé, òrìsà mí, paàyèdà mí! Platô :as *Aparições*

“O sentir é a comunicação original com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o modo de presença na tonalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não é si mesmo por derivação ou, progressivamente, por etapas. Ele é de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outros, na atualidade do mundo. O sentir é a correspondência a essa presença[...]. Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. Ele é o mundo” (Boulaga, apud Sodrê,2021, p.106).

“Olhe, um preto!” (In: Fanon, Peles Negras...)

O desejo de identificação de um corpo negro como tal pode se fundar em afetos distintos até mesmo diametralmente opostos.



Figura 1: Em sua aparição, por força do texto do desejo: dádiva e afeto. Processos permitidos nos Espaços de sala de aula de matemática.

Em sua Dádiva e afeto Aparição do corpo negro, agora, ancestral



Figura 2: GPS Sankofa - História do Bairro São Benedito- 2022- Espaços de aula de matemática e performances de corpos negros.

Comecei então pela pele, que me é tão essencial de vida, quanto é para todo corpo negro.

Afinal, a “nada mais profundo do que a pele”.

Paul Valéry

Sobrimagens:

Elas migram primeiro, para o desejo, porque são capturadas por um afeto e depois passam a compor o texto da escrita, mas isto tudo não se dá de forma tanto harmoniosa, talvez uma negociação pacífica, porque ocorre por uma insurgência da imagem através do texto do desejo, sobre o que pode o texto da escrita.

Mas as **imagens autoreverses**, de qualquer forma funcionam como uma provocação primeira do *texto do desejo* e se envolvem com os dois no ***Espaço de bens e trocas simbólicas*** e assim **circulam**, tanto num movimento que as “retiram” do passado, do fotografado, do capturado, quanto no movimento, da *mão invisível* da técnica, que se realiza sobre o “papel” numa performance.

Onde parece haver uma certa predominância do *texto desejo* sobre o da *escrita*, reside uma “vitória” apenas aparente. A morte do autor, de um mesmo autor, ocorre sempre e a cada nova leitura sua, ou de um aleatório leitor. De modo que o seu assassino é, sempre, leitor. De Blanchot à Foucault, sabemos disso. Assim, o autor está morto, estou convencido, mas não apenas porque as condições materiais de produção do discurso ou do texto do autor, numa perspectiva histórica, se diferenciam daquelas (ou podem) em que vive o leitor, ou porque as subjetividades de um e de outro, possam produzir certo estranhamento, reformulando os sentidos, ou mesmo porque os afetos do desejo de um e outro são filtros para a escrita e leitura do texto. O autor desde sempre está morto, numa morte prematura. Um natimorto na verdade. E dessa forma talvez o leitor deva ser inocentado pelo assassinato de um morto. A morte primeira é aquela perpetrada pelo próprio autor, que decreta a morte do seu *texto desejo*, na sua passagem **ao texto da escrita**. Na verdade, o texto desejo tem uma existência tão instantânea que é mesmo difícil que o texto da escrita o capture. Então não só o leitor é o responsável pela “passagem” do autor e desse modo não se trata de concordar ou não com esses autores, e mesmo Bourdieu me parece, porque o que realizo aqui é apenas a mudança da data do atestado de óbito do autor.



Figura 3: Um oceano nos separa, uma história nos une. *Cenário para Investigação* em Educação Matemática

Relembrança é contradisciplinar, elabora-se por afetos sem ~~docilizar~~ os corpos das imagens que circulam no *Espaço de bens e trocas simbólicas*, porque restitui algo que lhes fora negado. Revigora-os. Indisciplinar, não “*fabrica corpos dóceis*” embora compactuar-se no aumento das “...*forças do corpo (em termos econômicos de sua utilidade)*”¹

Psicografia de um sonâmbulo

Atravessamentos ... Como de hábito eis-me aqui na madrugada, sem conseguir dormir no infortúnio de meus pensamentos e afetos ... Para me prevenir do sonho latente que sempre escapa, comecei a anotar as performances, realizadas muito mais por imagens do que por palavras e diálogos, dos corpos, muitos deles eguns, em meus sonhos. Minha performance onírica.

*Fotografia!!! (eu imaginava num destes despertar de madrugada):
Fotografia. Homem é bicho caçador...produtor ...coleccionador de memórias. Talvez por isso também, até mesmo de fotografias ... Para além da sua technicalidade, uma foto é um lançamento do homem na caçada pela memória ...*

Carcereiro do tempo, porque quando do fotografar, o que se quer é aprisionar um instante ..., mas não se objetiva apenas a aquele instante. O que mais se deseja, por um objetivo encoberto, é não deixar de viver. Eternizar o momento. Talvez por essa razão existam aqueles que se especializam em capturas imagéticas, por mecanismos que além das imagens aprisionam os sons. Se pode sempre apertar o botão do autoreverde, mas não se pode mudar a história, apenas a narrativa. Mas são procedimentos, não vida, potentes em ativar a memória ...e prolongar,

¹ Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Sobre a docilização dos corpos em termos de uma operação de produtividade.

numa espécie de coma do corpo, que não quer morrer..., mas não se pode muito mais ...E assim talvez isto seja o tudo. Sobreviver além de um tempo, produzir e alimentar memórias: revemorar.

Depois que o corpo desperta o sonho vai fugindo em rastros.... Meu texto da escrita, provocado pelo desejo, é rastro de sonho ... Não como um quase conceito, talvez como um quase desejo., ou um desejo incerto.

O texto da escrita assim, revela o sonho, talvez seja mais próximo do desejo do que se possa imaginar. Há o risco de que ele seja o mais próximo que se pode chegar, como uma representação em fotografia, quando texto do sonho, do desejo. O corpo negro compreende um corpo imagem linguagem cheio de significados e ressignificações.

Juiz de Fora, 24 de setembro 2022 (4:39-5:40)



Figura 4:GPS Sankofa -Roda de Conversa Isabel / Angola



Figura 5: Enegrecimento da prática de um professor de matemática

É a linguagem, signo do desejo, quem transforma o sujeito em imagem.

A Cena em Sombras
Leda Maria Martins (p.191)

Imagem é texto desejo

Figura 6: Numa Igreja Católica, na Comunidade Quilombola Colônia do Paiol

OjòObatalà²

² Um dos dias da semana Iorubá e significa “Criação”.

Corpo negro em construção. A queda

“Hoje eu caí!” Esta é uma frase que a gente se acostumou muito a dizer durante o isolamento na pandemia, nos últimos dois anos. Mas o que quero dizer com “hoje eu caí” é que hoje eu cheguei mais uma vez ao subsolo que tem me assolado em sofrimento nos últimos anos. Uma dor que não se sabe, mas que sendo corpo negro, desconfia-se a origem do açoite que lhe produz.

Porque fomos condenados? Que pecado cometemos?

Se existe uma consciência negra, ela é essencialmente marcada por um desejo triplo, de ***exorcismo, parto e reconhecimento***. **Corpos negros querem ser vistos.**

Ser visto, no *Espaço de Bens e Trocas Simbólicas*³, equivale a não mais ser concebido como corpo descartável ainda que, ou até mesmo por isso, num dado momento da história, corpo preto fora “*engrenagem essencial do processo de acumulação em escala mundial*” (Mbembe, 2018, p.94).

Em quanto tempo se constrói, parto, uma imagem sólida de um **Corpo?**

Quanto tempo leva para se desvencilhar, ***exorcismo***, de uma imagem impressa, código de barras da mercadoria corpo negro?

Quanto tempo leva para se ver também como imagem, reconhecimento, num espelho?

São questões de pesquisa? São questões do pensar? Questões do viver!

Trata-se de uma tarefa árdua, ***a reconstrução***, mas muito mais árdua quanto mais se está próximo ao início da trajetória, enquanto ainda se tenta, reconhecer-se como potência de vida, **criando espelhos próprios**.

Reconhecer, cuidar e amar são as tarefas ou os ***desejos*** (processos) ***de produção***, essencialmente potenciais na trajetória de vida dos corpos negros, que por esses procedimentos transformam-se em “novas imagens”. Mas também fazer ***circular***, no ***mercado, Espaço***, dos ***bens e trocas simbólicas***, onde ***se produzem as vidas negras***, sem qualquer contrassignificação desejante a não ser a de postular **um Espaço, seu, não mais um Lugar, do outro.**

³ Uma variação, obra da insistência do texto do desejo, do Mercado de Bens e Trocas Simbólicas.

Mas o corpo precisa se encontrar em disposição de transformação, para poder *descuidar-se das impressões “primeiras”, euroimpressas*, não as originárias.

É preciso então descuidar-se da forma dogma.

Descuido da forma dogma, pode operar por um processo duplo. É uma dobra (*Le pli*) para usar, mais uma vez pelo roubo, termo deleuziano sobre o qual, dentre outras questões, eu acabo de ter uma conversa com minha orientadora. (23/09/2022).

Mas trata-se de um modo de pensar sobre o que poderia ser uma dobra, não para Deleuze, mas para o *texto desejo*, meu desejo. Uma dobra sugere uma artificialidade, anterior, que a produziu, pois se assim não fosse, talvez não se fizesse sentir como coisa dobrada. Então imagino uma operação anterior, e dessa forma uma força ou desejo que lhe proporcionou. **A dobra seria então uma operação do Aparelho do espelho?** A dobra sugere também, uma outra existência, anterior à da coisa dobrada, e desse modo a conseqüente implicação tanto de uma estabilidade deformada pela dobra, quanto de uma aproximação de suas partes promovida pela dobra.

Sugere também uma operação reversível, o **desdobramento**, dado que não opera por corte. Pode sugerir uma *deformação normatizante*, uma modelação, uma vez que a dobra pode inspirar-se por uma “necessidade” de alguém de poder dobrador, em formatar a coisa dobrada segundo seu desejo. Um desejo dobrador. Por outro lado, pode sugerir a aproximação entre partes que não se tocariam, não fosse a dobra. E mesmo a presunção do dobrador em arguir-se naquele que Sabe como deve aproximar aquelas e não outras partes dobradas.

Descuidar-se da forma dogma, é uma dobra ainda?

- Não!

Descuidar-se, é um processo de **desdobramento**. Uma desdobra. Descola partes permitindo que sigam sendo elas mesmas; partes que foram ajuntadas artificialmente; sugere, antes, que as coisas dobradas fossem mesmo de mesma natureza; possibilita o sol a banhar a pele do antes dobrado; permite oxigênio ao Lugar de dobradura e retira a coisa dobrada do Lugar de artificialidade produzido.

Mas há riscos!!! Há o perigo de que a coisa desdobrada carregue, pós desdobra, partes do duplo da dobra. E desse modo não seja mais, depois, o mesmo tipo de coisa de antes da dobra. Dobrar, esconde algo e desdobrar revela ou desvela, mas pode também produzir outras dobras.

A forma dogma é resultado da dobra. A desdobra possibilita, não garante, o devir.

No **experimento colonial europeu**, a *forma dogma* protagonizou o pecado original da dobra, a **Grande Dobra**.

Descuidar-se da *forma dogma* é desvelar o dobrado que é o que fora *aproximado a outro, muitas vezes de forma **simétrica, reflexiva e transitiva** de modo que, o um outro só possa mesmo ser o Um. **Equivalência.***

O Espelho, por força do Aparelho, opera por **equivalência** não permitindo fuga de imagens em suas rebeldias disformes.

A **metodologia o espelho** reproduz-se por três *estratégias* de poder ~~erte~~ **antagonistas**: Qualquer Outra imagem deve ser imagem e semelhança da Dogmática (**reflexiva**); qualquer Outra , só tem mesmo a condição de se constituir no polo oposto , negativo, em relação à dogmática, uma as-**(simetria)**; e qualquer tentativa de movimento a uma outra coisa que não seja a dogmática ,deslocando-se num processo de fuga de um pretense **Si** pessoal, à uma terceira imagem, volta por força da **transitividade** , aprisionada ao **Si** da forma imagem, dogmática.

~~A que(m) pôde servir o pensamento matemático?~~

Tenho empregado o termo **“forma dogma”** tentando descrever, por um afeto do *texto desejo*, uma certa predileção eurocentrada em arguir-se, de forma exclusiva, como **Imagem do pensamento** e do saber. Algo que, se não for de elaboração, exclusiva de **Kant (1724-1804)** (a forma dogma), ele certamente se esforçou sobremaneira, e tendo sido “bem sucedido”, por difundir uma certa inabilitação de corpos negros no que se refere a sua potencialidade de produzir conhecimento, mas não sem o auxílio de **Hume (1711-1776)**, **Hegel (1770-1831)** e tantos outros.

Descuidar da forma, o **descuido da forma dogma**, talvez seja então um afetuoso caminho e modo de compartilhar potências de vidas. Uma maneira de quebrar o encanto do Espelho narcísico, cristão e branqueado do saber, impondo-lhe fissuras, “astúcias” das, até então, *não Imagens*.

Se *rotinização* pode esconder um processo ~~perverso~~ constituindo-se, por uma certa inteligência, como fulcral ao modo de produção capitalista (a *metodologia da esteira*) e, portanto, afeita a exploração e dominação por outro, o *descuido da forma* pode permitir ao pensamento, potencializá-lo, e abrir os seus olhos aos encantos de outras imagens. Libertar nossos afetos a outros possíveis.

Nas oficinas sobre a invisibilidade dos corpos negros na mídia impressa, ao longo de minha trajetória como professor de matemática, negro, pesquisador na educação básica, **desdobrar** constituía-se, de fato e primeiro, num ato físico e mecânico, da mão ao folhear uma revista a procura de imagens.

Os participantes tinham de lidar com a tarefa de analisar a participação de personagens negros e negras em revistas de circulação nacional.

O procedimento era o seguinte: divididos em grupos, recebiam exemplares de revistas nacionais; precisavam “coletar” um certo número de fotos (imagens) de personagens humanos. Depois disso, precisavam tanto “identificar” etnicamente o personagem (cada imagem só podia “conter” um único personagem), classificando-o como branco ou Negra, quanto tinham que qualificar o que chamamos de **entorno da foto** – aquilo que se mostra ou o que se vê, transborda a volta do personagem: o contexto -. A qualificação deveria assumir apenas um, dentre dois “valores” possíveis: positivo ou negativo.

Esta era uma **estratégia**, talvez uma **tática**, mas certamente um desejo vontade do corpo negro professor que performava junto aos corpos de seus alunos - a maioria negros e negras. Uma estratégia para envolver a cada ano, os(as) alunos(as) pesquisadores (as,) com a análise da (in)visibilidade de corpos negros em mídias impressas.

Com o tempo passei a realizar esta mesma atividade em forma de oficina, adaptada, com professores da educação básica e graduandos de diversas áreas, desde estudantes de matemática, comunicação, psicologia, pedagogos, físicos, químicos, professores de matemática, historiadores, uma variedade de “áreas do saber”. Todos aqueles que, ao que pude perceber ao longo dos anos, procuravam um modo de tratar da “questão racial” em suas aulas, em especial as de matemática. Procuravam uma metodologia.

Nos últimos dez anos foram oficinas em quatro estados (RJ- SP–MG – RS) em nove eventos (UFJF/Faced (02), UFJF/ICE (01), UFSJ (01), UFSM (01), UERJ (01), UNESP-Bauru (01), Faculdade Metodista Granbery (02). Por uma variedade de modalidades entre: composição de Mesas, conferências, posteres, relatos de experiências, Comunicações, etc. Compartilhei estas experiências em, pelo menos outras 7 ocasiões e ou instituições federais de ensino e pesquisa: UNESP-Rio Claro (01), UFMG (02), UFU (02), UFJF (01). Há ainda o propósito de um livro que caminha, entre o texto desejo e o da escrita, intitulado: “**Um olhar decolonial para a sala de aula de matemática**”. E um capítulo de livro - organizado pelos professores Ole Skovsmose e Miriam Godoy Penteadó- intitulado “**Media and racism**”, (então) no prelo. São os **espelhos**, como máquinas de guerra deleuzianas, construídos ao longo de minha jornada, rizomas, linhas de fuga, performances de imagens e corpos negros. Parte do meu, **tornar-me negro**.

A este primeiro, movimento, físico, de desdobrar-se, seguia em *limiar* de um desdobramento em *espanto*. *Por intermédio do qual o descuido da forma dogma*, muitas vezes se manifestava como uma aparição. Como num ritual de desposseção. Epifania da desdobra.



<https://youtu.be/lofjGCDMwac?feature=shared>

Há sempre a emissão de uma ordem de captura, sempre que uma imagem tenta fugir do modelo do *Aparelho do Espelho*. Segundo alguém de poder, adestrada, uma imagem deve viver aprisionada ao desejo do outro. Mas é exatamente aí, no desejo, que se localiza a fissura, uma desdobra subversiva de produções imagéticas não autorizadas.



<https://youtu.be/m2STiJaR34s?feature=shared>

Você é o porteiro? Pode me servir um café, por favor? A entrada é pelo elevador de serviço! Você veio ajudar o professor no minicurso? Ele não pode entrar na festa! Não vou sentar do lado dela porque ela é preta! O que você tá fazendo aí negão? Vai te fudê, crioulo? Hi!!!, onde é o assalto?

Haveria aqui uma oposição, excludente, entre descuido e rotina?

O **descuido** talvez não possa se instrumentar procedimento pois correria o perigo de se transformar em rotina, se ver racionalizado e entrar num circuito de produção e mediação pelo cálculo: a danação do mundo capitalista. Ele precisar ser sempre **afeto**.

Não há sentido em uma prática ou um hábito tornar-se rotinizado, se não existir uma crença e certeza (verdade) no resultado daquele processo? Assim o que se tem é que os processos rotinizados, os métodos, os cálculos têm vida pulsante, em função da idealidade de um resultado. E talvez aqui, descuido e devir, possam ser assemelhados?

É a **encarnação** quem pode fazer do descuido da forma, **rotinizado**, um processo que concorre à **forma dogma**. Um desdobramento que se transforma então em nova dobra.

E aqui concederei um **habeas corpus** à Kant. Não antes, sem reproduzir mais uma vez, na peça de sua acusação, a enunciação que o condena:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos conjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas. (Kant, 1993: pág. 75-76)

A rotinização, (*metodologia da esteira*) pode ser então expressão metodológica encarnada, do descuido que também concorre a produção, elaboração de uma forma dogma. Uma dupla personalidade do descuido da forma? Um excesso de cuidado com a coisa descuidada? Uma re-idealização que transforma a coisa descuidante, em nova coisa cuidada?

Um problema: de ter-se produzido corpo negro epistêmico, auxiliado também, pela racionalidade do outro que, paradoxalmente, o negava enquanto sujeito de potência e do saber.

A Aparição é um parto, nascimento rebelde das imagens.

Das imagens que tomam de assalto o Lugar, passando pelas fissuras. Algo que só se permite pelo *descuidar da forma dogma*. É um afeto de **cuidado** com a produção da vida e com os corpos das imagens.

Sobre uma *Aparição*, a despeito do que é, digo que ela não é a imagem em cena, não é o corpo em performance na cena, ainda que ao mesmo tempo, seja ambos. *Aparição* talvez seja *acontecimento*, um empreendimento de um instante.

É assim, numa *Aparição*, que tem performance Giovane. A primeira *Aparição* de minha experimentação, ainda na *idade autoreverse das imagens* e dos corpos negros. Único corpo negro, mas que fora muitos mesmos sendo um, Giovane tem *Aparição* pela quebra e desdobra da cena, que caminhava tal como fora planejada e conduzida pelo roteiro dogmático de uma imagem pensamento. Uma cena desenhada em sombras que se desloca para o fora, pela performance de Giovane.

Talvez aqui eu me desloque da percepção, primeira, pela qual eu “aprendia” a ideia de *Aparição*, para dizer agora que **sinto a aparição** como um conjunto de coisas que envolve desde os corpos e as imagens de sua fecundação em aparição, mas que se produz por uma protodisposição afetiva, do presente, que põe em movimento a **relembrança**, e, portanto, se serve aqui no presente do lançamento da pedra de Exú em seu afeto ao passado. A *aparición* é então o que toma o lugar, quando a relembrança está em vibração, fazendo circular os corpos e as imagens, numa subversão do tempo linear, retomando questões, refazendo percepções, reelaborando afetos, curando e abrindo feridas.

É - por acontecimento - apenas por sua performance e entrada em cena, que Geovane impõe ao curso das narrativas, um movimento não autorizado, fuga de um *lugar controlado* de corpos **dolicizados**, sentados, às sombras... treinados, Dirigindo-se para outros *Lugares*, que só pela performance de Geovane se vêm, naquele momento, transformados em *Espaços* É por seu intermédio que a, não mais, cena, se abre em possibilidades, movimentos, incertezas, É no meu reencontro com Geovane, em revememoração, que finalmente vejo Geovane, desarticulo uma certa e prévia métrica da cena, rearranjo os corpos, Mas se ele sempre esteve lá, então, eu me fazia ausente?

Eu sou Geovane Abana é Geovane.

Ele moveu todos, de seus *Lugares*. E continua a fazê-lo

Retirou-os da sala, lugar de representação, cronometragem do tempo, formalidade, recepção e apresentação da Imagens e corpos formatados segundo um modelo prévio de visibilidade. Convidou-os assim às incertezas do fora conduzindo a cena de ato final para o terreiro da casa.

Artificialidade da minha escrita, elaboração do meu desejo?

E assim, **Eu sou Karine!!!**



Figura 7:Karine, pesquisadora do GPS Ubuntu 2018

*“Eu sou aluna e pesquisadora do projeto Ubuntu-NuPEAAs, GPS, um projeto **etnomatemático**, sobre **africanidade** e **desconstrução**, do ponto de vista da sociedade ao que diz respeito à **África**. Tem me acrescentado muito pois sempre tive a curiosidade de conhecer sobre **meus ancestrais** ...”*

É foi assim que eu finalmente vi Karine ...



Figura 8: Isabel, uma roda de conversa sobre Angola

Só se pode suspeitar da validade de uma “**imagem do pensamento**” pela alegorização da própria imagem e assim, são as *imagens autoreverses*, aquelas que não prisioneiras do Lugar pela performance do *texto desejo*, potencializam os corpos do texto da escrita.

Abana é Luciana ...

O embate entre o *texto desejo* e o *texto da escrita* produz-se por, e produz, um rastro diaspórico. O texto desejo é ancestral, coletivo, e cravado pelo acontecimento da escravidão cujo presente ainda se recente de um desejo de alforria.

Talvez a ideia de que seja possível um *pensamento sem imagem*, seja apenas uma armadilha, uma anedota contada por Deleuze e Guattari, tal como quando um adulto quer provocar um movimento da criança, desafiando-a a fazer algo que se destaque faça e que se sabe, irá fazê-lo, uma vez posta em desafio. Inalcançável, um pensamento sem imagem seria o motor, constante, a colocar prontidão todo corpo que por ventura descansar por demais, no descuido da imagem. (04/10/2022).

Abana é Robert

Pode parecer redundância falar em *alegorização de imagens* dado que isso poderia inspirar ser um movimento que talvez não saísse do lugar. Mas talvez seja isto mesmo que eu queira dizer. O lugar físico permanece o mesmo, o Lugar de alguém do poder é tomado de assalto por alguém de desejo. Há uma transformação do Lugar da Imagem num Espaço povoado pela imagem, por uma performance. **Esta talvez seja a questão central desta tese**, junto a ideia de que este texto é o *Ato de criação* dessa escrita, também um Espaço de Bens e Trocas Simbólicas.

O texto negro é um EBTS, em que circulam Imagens negras ancestrais, próximas e distantes, revememoradas, potência de vida, *arbóreorizoma negro*. Ainda que, de modo estático e muitas vezes localizada num passado ancestral (próximo ou distante), a Imagem revememorada acompanha compartilhando com o corpo que revememora, um processo de enegrecimento. Alegorização da imagem é um processo de pensar *Sob imagens*, que só pode mesmo ocorrer pelo procedimento de lhe atribuir, com o auxílio da memória, um sentido metafórico.

Eu sou Vinícius é Abana

Sob imagem é um processo, uma operação de produção e composição com e por imagens. (13/03/2023). ~~Sobre como se tornar negro? É disso que se trata? Trata-se apenas, neste texto autoetnobiográfico de compartilhar meu enegrecimento.~~

Há sempre um “movimento” sub-retilíneo, furtivo, subjetivo, do Lugar ao Espaço, ~~enecado~~ tanto pelo corpo negro que revememora, quanto pela Imagem, que se desloca, em sentido e afeto, emoldurada, num processo aurático. (Segunda ,26/09/2022) (02/10/2022). A relação do corpo negro consigo mesmo que muda, e neste processo muda também a relação que o corpo negro mantém com a imagem. De qualquer forma se trata de uma potencialidade que a imagem já carregava. (13/03/2023). O corpo já carregava.



Figura 9: Entre saberes e artefatos etnomatemáticos

Difícil dizer qual imagem se constitui naquela merecedora de uma moldura, uma vez que também são os corpos nelas ~~enecados~~, cujas performances foram objeto de tentativa - **sempre insuficiente** – inesgotável de vontade - de captura pela fotografia, quem lhes constituem valor.

E o **valor da Imagem**, se capitaliza quando ela se vê revememorada junto a tantas outras, num esforço coletivo de representação dos acontecimentos a que se referem, e da ancestralidade que as une. Domingo. (02/10/2022).

De um Lugar planejado, a um Espaço performado. A revememoração se encarrega de “ir” e “voltar” com as imagens, performando, vivendo, resistindo, reelaborando afetos... (Domingo, 25/09/2022).

Simbólico, escrever sobrimagens como a porta de entrada de uma mina de ouro na Ouro Preto, escravocrata. Lugar de suplício e morte do corpo negro, simbólico do racismo, da acumulação e, agora, da redenção do corpo negro nesta escrita.

Reveremorar é um ato de **procura afetuosa!!!** De ir buscar alguma coisa que talvez não estivesse lá, mas que se vê assim, como objeto de busca, por uma vontade corpo do texto produzido pela caminhada, pelo entre, na trajetória, do corpo negro. Exorcismo e parto. (Domingo, 25/09/2022).

É ao mesmo tempo um processo acumulativo, no *Espaço, que não mais se aceita ser um mercado, uma escrita que não mais comporta a ideia de um mercado, de bens e trocas simbólicas*. Há uma **valorização da Imagem** e do corpo da Imagem e dos corpos afetos pela imagem, em reveremoração.

Num esquema nesta *Economia Imagética* de bens e das trocas simbólicas se “retorna” à ~~cena~~ da Imagem para restituí-la de um valor. Ou ao retornarmos para a cena de uma imagem, ela própria tem aparição rememorada. A questão, no entanto, agora, me parece que na verdade o que ou quem se restitui em valor é também o corpo que reveremora. Sim, porque corpos negros foram habituados a existir pela falta. (02/10/2022) :O enegrecimento é também um processo, talvez o maior e mais amplo, de valorização da imagem do corpo negro. Um espelho próprio em que a imagem não precisa mais guardar equivalência à do outro. Por intermédio dele que se “retorna” para valorizar a imagem e aos corpos, ao mesmo tempo em que se

Uma tardovalorização da imagem do corpo negro, agora, descoberto?

Imagem -----Reveremoração ----- Imagem’

Um ~~esquema linear~~, apenas no registro semiótico da representação do texto da escrita no seu embate com o texto desejo. A reveremoração mantém-se como ~~eixo~~ *central*, numa operação, originalmente, “própria” do Aparelho do espelho, mas que não reflete a si mesmo, em imagem e semelhança. Dado que enegrecer é conceber uma “nova imagem” do corpo negro, valorizada, encorpada (afetuosa ao corpo).

Mas, por um assalto do texto desejo, não há mais esquema.

Imagem -----Reveremoração ----- Imagem’

Há sim, a Mãe. Minha mãe, a mãe do processo desejante do texto. Ato verdadeiro de criação deste corpo negro, da escrita, desejante, do enegrecimento, encoberto, descoberto, em parto, exorcizado. Nada de um desejo do pai. Ocidentalose já se ocupou por demais com um desejo falocêntrico. É a mãe, o início e o fim de todas as coisas. Da mãe que gera o corpo negro à mãe *Ayé* que o recebe, na sua passagem, caminhada, à *Orun*. Asè! (02/10/2022)

Possessão do texto desejo

A revememoração tem uma inspiração em *Exù*. Pois é ele senhor da encruzilhada quem permite este “deslocamento”, em valor da Imagem do corpo negro. E própria circulação dos corpos na experimentação do EBTS e na trajetória, a *revememoração* é um projeto de resistência, manter-se vivo. E um processo de partilha, ancestralidade. Valorização e circulação de imagens de corpos negros.

Mas, se achas que mudei é porque me conheces-te na sala, não no quarto. Desnudado, texto desejo é um despir-se de...!

O corpo negro, meu corpo negro, é uma casa

Em que a sala, embora seja comumente o lugar de recepção das vistas e, portanto, afeito mais às aparências, e talvez até por isso mesmo, se recinta do **Lugar**, planejado, superfície, norma, casca,; Onde o quarto, por outro lado, é o **Espaço** do desejo, afeto, imaginação e do sonhar.

Neste corpo e nesta casa, sonhar é abrir-se em escrita. Escrever é adormecer, descuidando-se da *nórforma*, um tipo de carcinoma. Uma mistura de norma e forma.

Não se entra no quarto, na maioria das casas, sem passar pela sala, a menos que se o tome em assalto pela janela. (Domingo, 25/09/2022).

Na casa de minha Mee entrei pela janela, furtivamente, quando voltava da escola com a notícia de minha reprovação. Não fui muito bem em aprender a língua de um colonizador, moderno.

Tomar em assalto a casa pela janela do quarto. (02/10/2022)

Aproximar os dois, o texto desejante e o da escrita, como por um salto pela janela do quarto, indo direto ao Espaço do desejo, sem passar pela sala, Lugar organizado da norma. (Segunda, 26/09/2022). Um ato indisciplinado.

Um *Axioma* do texto desejante?

*“Toda narração vem sempre acompanhada ou performada por um desejo, uma vontade particular que pertence ao corpo que conta. Torna-se assim, a despeito de uma Escrita da história, texto **desejo**, em cada novo contar.” (22/09/2022)*

A entrada em cena do corpo negro Giovane, se dá por uma performance ousada que quebra a organização da conversa ensaiada, que se desenvolvia segundo um roteiro preorganizado do falar. Esquemático, linear, algo próprio dos procedimentos de uma, sala de aula de matemática, segundo uma perspectiva tradicional embora (lembrando-me agora de *Bruno Latour*) jamais tenhamos sido modernos.

Talvez eu deva conduzir o leitor para esta cena, numa segunda performance, não mais de Geovane, ou apenas dele, mas do texto do meu desejo e vontade.

Trata-se do primeiro vídeo, o mais antigo que tenho gravado, ainda em fitas do tipo VHS, com registros de uma atividade do Grupo e Pesquisas Sociais. Ela data de 2005, talvez, mas fico sempre em dúvida. A data exata poderia ser facilmente conhecida, pois pelo menos quatro dos cinco participantes, fazem parte das minhas “redes sociais” e aquele que sugere em performance ser uma espécie de diretor da produção, é hoje o “Senhor ladrão” em suas redes sociais. Um corpo inquieto da arte cênica, do contar histórias e do ~~enarrar~~...

Os pesquisadores estavam envolvidos em uma pesquisa sobre a história do bairro onde se localiza a escola em que estudavam e onde ~~elaborei~~ teve espaço a estratégia de um **Grupo de Pesquisas Sociais** (GPS). Entrevistavam o então, “mais antigo morador” do bairro. Com Geovane, estavam outros cinco corpos, todos brancos. Eles formavam um círculo. Nele o corpo negro (o único que permaneceu em pé durante boa parte da conversa) sentou-se depois, talvez cansado, na soleira entre a sala e o restante da casa. Que dava acesso para o interior da residência do entrevistado, o Senhor Osvaldo. Depois de aproximadamente 20 minutos sentado, fora da roda, e do alcance dos olhos os expectadores, num local com pouca luminosidade e sem um papel que lhe oportunizasse a fala, Geovane se levanta e pergunta ao senhor Osvaldo se podiam conhecer o restante da casa.

Foi sua entrada em **cena**, do único corpo negro que compunha aquela **cena**, que provocou o movimento de todos os outros corpos. Giovane retirou-lhes do Lugar. Retirou-se do Lugar, caminhou pela casa autorizado pelo Senhor Osvaldo, constituiu um Espaço. Foi ao terreiro.

Mas ele também se retirou daquela situação de assimetria do Lugar, fazendo com que todos caminhassem da sala para o restante da casa, passando pelo quarto, desembocaram no terreiro. Lá havia luz! Giovane saiu das sombras da porta, do não Lugar, criando um Espaço ao circular. Da sala para o quarto, do **texto da escrita**, previamente organizado segundo uma inteligência que lhe atribuiu um papel secundário, periférico, nas sombras, para o **texto desejo**, performando em movimentos de astúcias, pelo quarto, até à luz do terreiro. Terreiro!!! Valorizou-se como corpo e imagem pela sua própria performance.

Mas porque só vejo isto agora?

Talvez porque Giovane ontem retirou-me hoje do Lugar controlado. Circulação no *Espaço de bens e trocas simbólicas*, na valorização do corpo negro do Geovane, por sua performance segundo um roteiro não autorizado. Mas Geovane não caminhou só, sua performance movimenta outros. Performance coletiva, provocada, não quer palco apenas liberdade. (11/10/2022).

Ainda que antes de sua rebeldia, ele tenha experimentado uma primeira entrada em cena: “*Lá tinha só ...tinha só **criolinho** assim ó ...vamo mexer com ele ...ele tá muito quieto.* “Disse o Senhor Osvaldo.

Como todo corpo negro esse foi o modo como Geovane, inicialmente, passou a compor o Lugar, mercado de bens e trocas simbólicas, compartilhado naquela conversa. Pelo não ser, o não lugar, digno de menção apenas pela cor da pele, num destaque a despeito talvez da intenção do entrevistado, inferiorizante. Demarcando a existência de Lugares específicos para corpos específicos como o de Geovane.

Aqui talvez o **texto desejo** marque interpelando, numa passagem ao texto da escrita, o que era um Mercado de Bens e Trocas Simbólicas em termos de um Espaço de Bens e Trocas Simbólicas. (11/10/2022). **Duas entradas em cena, a primeira, num mercado a segundo num Espaço gerado por sua performance.**

Eu me desloco e movimento, em sentido e afeto a Giovane. Geovane se desloca, e nós, ao final nos deslocamos, circulamos ... somos vistos.

Merindilogun

Lançar ...

Olhar o corpo negro pela perspectiva de um de seus ~~possíveis~~ valores: uso e troca. Se o uso foi o modo que essencialmente marcou a entrada do corpo negro,

mercadoria, no mercado capitalista, é a troca que no devir negro inspira possibilidades: reinvenção.

*“...A **narração** também é uma **maneira de reinventar a realidade**. O ato de ouvir e contar relatos nos inspira e ilumina estradas desconhecidas, confirmando sentimentos vividos ou antecipando novidades. A vida nunca está dada, e, por isso, tal como um tecelão que trança fios diferentes, as diversas maneiras como contamos nossas histórias reelaboram o que elas são ou podem vir a ser, inclusive, a uma história de amor.” (Nogueira, 2020, p.55)*

Contar!

Contar é entrelaçar fios. Tecer.

Vidas trançadas!!! É assim que desejo compartilhar a tessitura de vida, em tranças, como forma de empoderação.

***Ori**, cabeças, tranças destinos, re**OR**ientação.*

*Trançar, ir e vir, intercruzar, encontrar, caminhos: **Exu**.*

Tessituras, entrelaçar fios, produzir imagens. Dar a ver.

Compartilhar

*Tranço, “cruzo arte de rasura e invenção” **Exu**.*

*“... sopro que dá o tom das variações praticadas (**Espaços**) e necessárias para a amarração do verso de uma educação que precisa se deseducar (**descuido da forma dogma**) do cânone.” (Rufino, 2019, p.81)⁴*

Trancar:

Erro do texto, manifesto, da escrita? Astúcias do texto, latente, do desejo?

Ensinar

A narração do corpo negro, compartilhada por imagens, é uma forma de contar histórias, revememorando a ancestralidade. (22/09/2022)

Memórias trançadas ...

<https://youtu.be/nHCoaUvAkIU>



⁴ Os destaques em negrito, são os entrecruzamentos, tranças, que lanço ao trecho destacado de Luiz Rufino em “Pedagogia das encruzilhadas”, cuja versão original é a que segue: “[...] sopro que dá o tom das variações praticadas e necessárias para a amarração do verso de uma educação que precisa se deseducar do cânone.” (p.81)

Como os *Ibejis* que, gêmeos, não permitiam à morte fazer perceber que estava sendo enganada numa dança interminável, a escrita recomeçada sempre, e a cada dia, não pelo fim do texto mas pelo início, funciona como um **pistão** do *texto desejo* que empurra para o final todo o já pensado, proporcionando a cada dia, a possibilidade de reelaboração de *novas imagens* do *desejo* (13/03/2023) do pensamento, e “*reconstruir por conta própria as formas quebradas*” (Nietzsche) espelhando-as, sempre, em novas imagens.

Acho que esta é uma importante chave. Não por decreto de um fim último ao pensado, impedindo a morte do texto: aprisionamento do que se pode pensar, vitória do *texto da escrita* sobre o *texto desejo*. Mas mesmo sendo idealidade do escritor, na escrita negra, do corpo negro, o que se quer é renascer e “*reconstruir por conta própria as formas quebradas*” Nietzsche (apud Mbembe, 2018, p.59), **decapitadas**.

Ori!

“En 1838, Badu Bonsu II, roides Ahantadu Ghana, est condamné à mort par les autorités coloniales néerlandaises. Il sera pendu et décapité. Sa tête sera transportée aux Pays-Bas et conservée dans du formol. Celle-ci sera découverte de façon fortuite en 2002 au Centre médical universitaire de Leiden. Par la suite, un accord de restitution de cette têtes era signé à La Haye entre les gouvernements néerlandais et ghanéens iqu’un représentant de la tribu Ahanta.”⁵

Roubar a cabeça, para além do norte por assassinato, do corpo, tem o importuno de aprisionar o destino Ori e estender a todo um povo, distendendo no tempo o flagelo da pena condenatória e de qual crime? Ser corpo negro!!!

O grande segredo?

⁵ “Em 1838, Badu Bonsu II, Rei de Ahanta no Gana, foi condenado à morte pelas autoridades coloniais holandesas. Ele será enforcado e decapitado. Sua cabeça será transportada para a Holanda e preservada em formalina. Isto foi descoberto por acaso em 2002 no Centro Médico da Universidade de Leiden. Posteriormente, um acordo para devolver esta cabeça será assinado em Haia entre os governos holandês e ganense, bem como um representante da tribo Ahanta.” Ver: [Dutch return severed head of Ghana chief](#) Acesso em 20/12/2024.

Idealidade do texto da escrita? No meu texto revememorar é narrar por imagens. E eu acabo de descobrir um sentido para o texto: o texto *desejo* e o *da escrita*, não são em nada diferentes... Acho que o que quero mesmo, escrevendo, escrevendo, é enganar a morte: a interminável dança *Ibejis* da escritura entre o texto desejo e o da escrita, é apenas um artifício do meu sonho da escrita aqui, talvez finalmente desvelado.

Contexto!

Há sempre uma certa, ou incerta e pretensiosa, defesa do “*tempo do autor*”, numa espécie de operação que se apodera do sentido – que se traduz depois por uma empoderação que o estende (o sentido) para além de seu tempo. De modo que reconhecer o contexto histórico em que o autor escreveu e desenvolveu certas ideias, transforma-se quase que numa decisão jurídica sobre sua inocência a aclamar nosso perdão.

Kant, Hume, Monteiro Lobato, Lombroso, Francis Galton, Gobineau, ...

Cartas!

As cartas, com os documentos históricos, são sempre reveladoras do desejo do tempo? Ou apenas revelam um desejo do autor?

Na minha experiência particular, as cartas me fazem lembrar de mim. De um Eu esquecido. Eu tenho uma coleção delas, trocadas com amigos de adolescência, mas vou ajeitar este texto da escrita, neste último trecho, pois acabo de ter com “o texto desejo” que me revelou que eu fui muitos...de modo que o que as cartas revelam, são apenas algumas de minhas expressões. Ainda que não se possa traduzir tanto o modo como determinada pessoa pensava, quanto, principalmente, um certo sentido compartilhado numa dada época, As cartas são uma espécie de testamento. Talvez, uma **confissão**. Ao menos aquelas trocadas entre amigos.

Imagens falseadas?

Eis que por intermédio de uma **confissão** de Lobato em carta a seu amigo Godofredo Rangel, se sabe do desprezo que ele manifestava pelo negro. Nela, no relato de uma viagem que fizera ao Rio de Janeiro, descreve ter encontrado uma “**contra-Grécia**”, na sua visão eugênica.

Para Lobato, no trajeto pela “*horrível rua Marechal Floriano*” da “*gente que volta para os subúrbios, perpassam todas as degenerescências, todas as formas, e más-formas – todas, menos a normal*”. Pela ótica de Monteiro Lobato o negro africano trazido para cá a força, teria se vingado do português, da “*maneira mais terrível – amulando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde*”.⁶

Não se pode justificar um modo de pensar porque não se pode tomar um sujeito ao tempo, por um Sujeito do tempo, aprisionado.

Fosse verdade, isto pressuporia, além disso, um estéril e harmonioso sentido sobre as coisas do mundo, em cada tempo histórico o que, o presente esforça-se para nos mostrar que estamos ~~errados~~ enganados.

O mal?

Pode-se pensar pelo reconhecimento de certa “reificação” da maldade, indissociável do desejo do poder e dessa forma, de tempos em tempos termos de nos defrontar com “males” que julgávamos superados.

Conjurar, mas não apenas o Estado e sim o gosto do gozo anterior que o produz: o Poder. Males que se talvez não estivessem superados totalmente, ao menos imaginava-os trancados em um compartimento de difícil acesso. As reedições do **nazifascismo**, em partes variadas do mundo, e em roupagens muitas vezes “docilizadas”, mostram, no entanto, o quanto ainda não aprendemos a viver as diferenças. A persistência do racismo, prolapsam o câncer da soberba “humana” e da espoliação da vida dos corpos não brancos encarnado como modo de vida.

O Aparelho?

E dessa forma talvez a mais perversa das verdades seja que, qualquer que seja o tempo histórico, há corpos cujo apetite fagocitante do **Aparelho do espelho**, tem predileção em consumir.

Devir?

⁶ A barca de Gleyre". São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944. p.133.

Há, sempre, um embate de posições que se revelam posições de desejos diversos. A questão fundamental que talvez se deva colocar e que frequentemente é formulada, nos contextos do pensar do Travessia: *Que tipo de vida se afirma?*

Travessia

Talvez esta seja a principal questão “travessiana” que com o tempo nos estudos do doutorado, “aprendi” a tomar, afetado, como preocupação do pensar. Em cada tempo histórico, mesmo no mais colidido por nossas percepções como conservador, racista, autoritário ou fascista, para citar algumas das variações que não demonstram apressamento pela vida (ao menos a vida de alguns tipos de corpos), o corpo negro está sempre postado nos compartimentos dos produtos descartáveis.

Parto e exorcismo

Mas há um roteiro a ser escrito e uma historiografia a ser reconduzida. ~~Trata-se, porém, de um projeto em que não há muito tempo para uma elaboração prévia.~~ Nele, exorcismo e parto precisam ocorrer ao mesmo tempo em que se vive. Ao mesmo tempo em que se produz um novo Lugar, praticado, aos corpos negros. O devir Negro.

Qual é o valor da Imagem?

Sobre o texto da imagem ou a Imagem texto.

A esta altura da escrita eu trabalhava com as Imagens das performances dos corpos negros pesquisadores da educação básica, em muitos dos cenários (para investigação), palcos rizomas e *Espaços* de sala de aula de matemática, que se constituíram ao longo da jornada.

Revememoração, é nome pelo qual descrevo este processo. Provação do texto desejo, ensaio do texto da escrita.

Sobre o valor monetário e o valor do afeto da imagem

Talvez eu esteja ainda não propósito (que se revela de tempos em tempos dessa escrita) de produzir um estranhamento ao Capitalismo, por intermédio de um pensar,

descuidado, sobre a racionalidade que o produz em cada tempo histórico. Aquilo que em alguns momentos deste texto se traduz em termos de um *Modo de Regulação*.

O campo da Economia e dos estudos sobre o capitalismo é de fato terreno fértil para se pensar sobre o **valor**. Desde o valor da **moeda**, de **ativos financeiros** e ou aqueles envolvidos em **investimentos** e **movimentações financeiras** diversas.

É entorno da ideia de que se pode **auferir** um “valor”, que **gira o mundo da economia** e das finanças, ao menos desde o **pecado original, da alienação da coisa mercadoria de seu sentido inicial** que consistia, apenas, na sua utilidade para a **manutenção da vida**. No entanto, talvez como metáfora da primeira mercadoria, a maçã mordida no Éden tinha sabor de lucro. Em que os seres humanos experimentaram o deleite do excedente de produção.

Afroetnomatemática

Mas e o corpo negro matemático? Ou a matemática negra? Onde se encontra a produção, negra, matemática? Uma pergunta retórica, uma vez que me resta escura a percepção, de que foram mesmo nossos ancestrais africanos, os idealizadores de boa parte do conhecimento matemático e filosófico “Grego” (vou dizer cordialmente) apropriado, sem que fossem feitas as devidas referências. Ou talvez reverência uma vez que pensar por referência é mesmo parte dos procedimentos próprios do empreendimento colonial de aprisionar mentes.

Há perspectivas afrocentradas que então tentam resgatar aspectos desta origem negligenciada, trazendo corpos negros para o polo da agência. Segundo Henrique Cunha, a:

Afroetnomatemática é a área da pesquisa que estuda os aportes de africanos e afrodescendentes à matemática e informática, como também desenvolve conhecimento sobre o ensino e aprendizado da matemática, física e informática **nos territórios** da maioria afrodescendente. (CUNHA JÚNIOR, 2006, p. 62).

Na história, europeia, da matemática já era possível observar (na graduação) a rejeição de todo modo de pensar que escapasse a uma perspectiva “moderna” da matemática, evidentemente eurocentrada. O livro de História da Matemática, pelo qual fui “ensinado” a pensar e autorizado a saber do desenvolvimento desta disciplina e área de pensamento, foi o texto “História da Matemática” de Carl B. Boyer, cuja primeira edição “nasceu” em 1968. Eu cursei a graduação em matemática entre o final da década de 1980 e o início dos anos 1990. O referido livro possui 28 Capítulos e apenas três ou

quatro deles, se dedicam a produção matemática “não europeia”. O primeiro capítulo é dedicado ao que seriam as “**origens primitivas**” da matemática; o segundo, ao **Egito**; o terceiro à **Mesopotâmia** antes de embrenhar-se na “contribuição grega” para a matemática o que vai até o capítulo 11. No Capítulo 12 encena-se a contribuição matemática da China e da Índia e o 13º Capítulo discorre sobre a “Hegemonia Árabe”. E mesmo tendo dedicado pouco espaço à produção matemática fora do mundo europeu, o autor se vê autorizado a tratar ao final de cada um destes poucos capítulos, das “fraquezas matemáticas” destes povos.

A revemempração,

que provoca distensões no tempo, talvez desdobras, é a principal operação de produção de valor, afeto do desejo, no (não mais mercado) mas *Espaço* de bens e trocas simbólicas. Que compreende desde aqueles Lugares praticados da trajetória profissional em que pese especialmente as ações dos Grupos de Pesquisas Sociais, até o da travessia pessoal, desde que seja possível toma-las por coisas distintas.

As próprias mercadorias, movimentam-se também pela variação de seus valores.

E há modos próprios de nomear o valor, a depender do Lugar de sua geração. Em *Crítica da Razão Negra*, Mbembe considera que o corpo negro escravizado, experimenta, no percurso da história, a sua primeira entrada “*no processo de trocas*”, como “*matéria energética*”. A segunda, seria por “*via de seu estatuto como objeto de uso*” (p.145).

A ideia de um “*Mercado de bens e trocas simbólicas*” como um *quase conceito* ou como uma *abstração para pensar*, tanto sobre as relações raciais mediadas pelos espaços escolares, em especial no percurso de minha trajetória como professor de matemática, culminou em uma metamorfose do seu sentido original. E desse modo não me afeta mais dizer de um “sistema” dado que essa nomenclatura talvez diga de um certo aprisionamento à um modo de pensar do qual desejo me desvencilhar.

Penso agora, pelo afeto do desejo, que *Espaço* (assim grafado, com letra maiúscula) talvez diga mais do sentido que “desejo” lhe atribuir. Mas atribuir a quem?

A esse *Lugar praticado*, do pensar, performar de imagens e corpos negros, ao longo de minha trajetória de enegrecimento, pessoal e da prática profissional. É assim que ...

Angola, corpo africano, vem ao campo de performance



“Acho que a gente sempre volta para colocar na cena, algumas coisas que não estavam lá” (14/02/2022)

“E isto talvez ocorra tanto por projeções de nossos desejos e afetos, quanto pelo espanto da Aparição” (13/09/2022)





Figura 10: Na Colônia do Paiol -Comunidade Quilombola - Grupo de Pesquisas Sankofa (2017-2018)

Corpo Negro em Escuta

Corpos Negros

Um **Espaço** de bens e trocas simbólicas.

Corpos Negros em performances

Um **Espaço** de aula de Matemática

Espaço de resistência e vida

Quilombo

Ou, sobre como há muito mais a dizer junto e sobre o enredo da performance dos: **texto desejo**” e **“texto da escrita”**.

Há muito ainda a dizer sobre o **embate** entre o **texto desejo** e o **texto da escrita**. Eu imaginava até então que ...ou percebia apenas a presença dos dois em cena, mas hoje pela manhã, na retomada ao texto provocado pela **imagem**(autoreverse) a cima, pus-me a indagar percepções que imaginava sedimentadas. Eu preciso contar sobre o que parece se insinuar, mas não sei mais se por força de um **desejo da escrita** (um texto latente). De fato, penso, agora, e retomo as ideias do **espanto** e da **Aparição**, mas também da **Memória** ou do **relembrar**, porque em último caso é isto que estou a fazer.

A ideia de **Corpo em Escuta**, me conforta como um **quase conceito**, Derrida (1930-2004) nome que tomo roubado de Derrida, mas para significar ou ressignificar, apenas, o desejo de não aprisionar o afeto que lhe produz transformando-o numa **abstração concretizada** (Cf. Skovsmose), numa norma rotinizada (operação capitalocêntrica de produção de mercadorias) que pela operação da **metodologia da esteira**, acaba por destruir afeto de sua “produção” ou “elaboração”. É para não perder

proximidade com este afeto inicial, que o tomo por “quase conceito”. Curioso como as coisas se insurgem de modo que, de fato, não se pode imaginar o **Espaço** da escrita como comportado apenas pelas performances do **texto desejo** e o **texto da escrita** pois, ao acaso do acontecimento, na aleatoriedade de um lance de dados nesta Escrita, **performaram juntos dois autores aparentemente distintos**. Embora, acabe de me lembrar minha memória, que certa vez na primeira oportunidade que tive de conversar com Skovsmose (em 2012) numa conversa informal, numa confraternização na casa do prof. Adley (UFJF), logo lhe interpelei sobre várias coisas, mas em especial queria saber quem inspirava aquele que me inspirava. Derrida, disse Skovsmose.

Memória

Mas é a memória um elemento, ou mais do que isso, um potente processo de vida e existência a fecundar o **texto desejo** e, por consequência, também o da escrita, a despeito de seu caráter fugidio.

O que é o Sonho afinal

Ela, a memória, é a mãe do **texto desejo**. E a ela eu imagino poder imprimir, a mesma distinção que se pode fazer aos sonhos, dividindo-a em partes. **O sonho é um modo de regulação** - não capitalista - mas que também (como vida ou parte essencial da vida) se vê atormentado pelo **modo de produção**. O sonho **não é um modo de regulação**. É um contra-modo-de regulação ou, um quasímodo⁷ **de regulação**, algo que sugere um modo sem a ele se aprisionar, ao mesmo tempo em que por artimanhas do corpo, serve como processo de digestão dos efeitos perversos do mundo capitalocêntrico: a mercadorização de corpos negros; a racionalidade regulacionista pela esteira e pelo espelho do aparelho racista.

As voltas com a Educação Matemática Crítica

⁷Eis que “[...] grotesco por excelência, divide-se entre a crueza e a inocência, assim como seu corpo localiza-se no limite entre o humano, o bestial e, mesmo, o sobrenatural. **Quasímodo** ainda ocupa o lugar de extensão, ou até materialização, de Nossa Senhora, e essa relação, que dá a Quasímodo o status de força anímica que torna a catedral um monumento de pedra vivo, abre a possibilidade de leitura das características que compõem o sineiro amorfo como elementos típicos do sublime.” Em “**Nexos turvos do grotesco**: Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa”, por Fabiano Santos (2009, pp.37-30).

Então, a primeira vez que estive com o professor Ole Skovsmose – quando o conheci pessoalmente – foi em 2012. Ele foi um dos membros da banca do meu trabalho no mestrado. Desde então tenho encenado algumas performances junto a ele num grupo que se encontra a cada dois anos, em que se produzem além de textos, relatos e projetos, e também trocas de afetos.

Mas eu me coloquei a escrever sobre o professor Ole (como um acontecimento da memória) nesta parte do texto tese, apenas para dizer que um de meus primeiros projetos ou talvez o modo como inicialmente eu nomeava minhas estratégias pedagógicas na sala de aula de matemática, para dar vazão e comportar o turbilhão de afetos, atravessamentos e inquietações, na minha trajetória como professor, foi: **Profeto :Educação Matemática & Democracia**. Isto ocorre lá pelos primeiros anos da década de 1990. Depois deste período, meu primeiro trabalho acadêmico numa especialização - já compartilhei essa memória neste texto tese - foi intitulado “*Democracia e Liberdade*”. Este último, orientado pela orientadora desta tese, Sônia Clareto. Por razões que mesmo a memória não me permite conhecer, por volta dos anos 2000 eu já me via envolvido com a inquietação de pensar sobre a democracia. Certamente as produções e o modo de pensar do professor Ole, também inspiraram minhas ações na sala de aula de matemática e nos estudos de temas de pesquisas, no mestrado e, em boa medida, aqui no doutorado.

Corpo Negro em escuta

O Corpo Negro em escuta e em performance, sobretudo na escrita, talvez seja um modo de atribuir à escuta com o corpo, o status de um outro modo de compreender, e lançar mão de um sentido, sobre as coisas do mundo, que não se encontre aprisionado epistemologicamente numa *lógica*. Esta última é tanto *cartesiana* (sobretudo quando se está a considerar os contextos de nossas salas de aula de matemática) quanto também pode ser nomeada *eurocentrada* e *capitalocêntrica*. E sobre esta última perspectiva, entendo dos processos capitalistas, sobretudo contemporâneos que fazem a tudo reduzir-se em mercadorias. Operam pela *metodologia da esteira* e a *metodologia do espelho*.

Ancestralidade

Isto tem relação com a produção de imagens, com o amor, com *Okán* e, fundamentalmente com *Émí* tanto no que se afeta à respiração, quanto ao que se pode aludir como sopro de vida. Estar lá, em solo tradicional ancestral e em comunhão, partilha com corpos negros “ancestrais”, é essencialmente o que tomo por ato de conhecer. Mas mesmo depois, afastado do Espaço ancestral, do quilombo, são as imagens, em revememoração, que provocam – num continuum – o conhecer com sopro de vida, suporte de vida enegrecimento.

Escrever

Cada volta que experimento, no retorno ao texto da escrita há um novo fio, caminho, afeto que o atravessa. Não para, não cabe em mim. O *texto desejo* é incontrolável, filho da memória, enquanto o da *escrita*, vive apenas da tentativa de colocar o primeiro, em cena, dar-lhe um “sentido”. E este “sentido” tanto pode ser libertário, quanto representar uma correção aprisionante. Assim, o texto desejo é *performático* e o da escrita, encenado. Talvez se possa realizar aqui uma assemelhada comparação à que realizei em alguma parte do texto tese, sobre o fenômeno da análise dos sonhos pelos artifícios de Freud e que traduzo aqui, ~~evidentemente~~ numa visão bastante simplificada, na divisão do sonho entre duas partes: um conteúdo manifesto(consciente) e um latente (inconsciente).

Mas tudo é inconsciente, a pretensa consciência se faz já no túmulo dos sentidos.

O Sonho

Para Freud, segundo Cheniaux (2006, p.170) “*o sonho constitui "uma realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)". Possui um conteúdo manifesto, que é a experiência consciente durante o sono, e ainda um conteúdo latente, considerado inconsciente.*” Nós nos lembramos, ao acordar, apenas da parte manifesta.

Em todo caso há sempre a presença das *sombras*, que nos acompanham e se manifestam por muitas e variadas faces. Hora, apenas como projeção do corpo sobre a terra, hora como impressões enigmáticas sobre o que vemos, e hora como Ojji, “*representação visível da essência espiritual*” (Cf. Ribeiro apud, Braga,2007, p.130).

Ao *texto desejo* e ao *texto da escrita* corresponderiam, respectivamente, os estados, inconsciente (latente) e consciente (manifesto) dos sonhos. ~~Como~~ O texto da escrita é ou seria também resultante daquilo que conseguimos lembrar, ou que vem ao

pensamento e que efetivamente ganha espaço sobre o papel, a comparação aos sonhos, até aqui, parece bastante plausível.

Não, não me parece mais tudo é inconsciente inclusive a pretenciosa consciência.

O *texto desejo* é um texto que se escreve em paralelo ao da escrita, o que também não é mais verdade, mas as escondidas, em silêncio e muito mais por imagens e afetos do que por palavras. Ele é, em muito, impactado pela memória. É por seu intermédio que se produz o texto da escrita, mas por um espelhamento refratário.

O processo de escrita deste texto talvez possa ser comparado não a um *disfarce*⁸, mas provavelmente a uma vontade, que também não se sabe dizer, em que medida estaria reprimido, dado que se *latente*, não se vê acessível pelo texto da escrita.

O sonho, na teoria freudiana é composto por três elementos “*as impressões sensoriais noturnas (por exemplo, a sensação de sede durante o sono), os restos diurnos (registros dos acontecimentos da véspera) e as pulsões do id (relacionadas a fantasias de natureza sexual ou agressiva)*” (Apud Cheniaux,2006,0.170). E como o sonho é “o guardião do sono” assim como o texto desejo, encerra um segredo não capturável pelo texto (manifesto) da escrita. Os dois assim, na performance da mão sobre o papel envolvem o **corpo da escrita** num sono. Adormecer equivaleria a abrir-se em texto. O corpo que escreve seria então, um corpo adormecido. Como é o sonho que mantém o corpo no sono, é Escrita quem mantém o corpo adormecido. O sonho é a Escrita.

Sendo assim, termino aqui com essa testemunha meritíssimo leitor, pois tendo ela confessado tudo que eu desejava, não lhe tenho mais perguntas a fazer.

Escrever

Tenho aprendido, me acostumado, a lidar com isso de modo diferente ao que concebia antes desse meu experimento no grupo Travessia. Sim!!! **Libertário**. É **exatamente** este, o sentido mais geral que se pode entender os caminhos desta tese. A partir disto posso dizer de outros desejos sobre o texto. Ele tanto é, quanto representa muitos afetos. É narrativa sobre meu projeto particular de enegrecimento, disse isso repetidas vezes, mas é também um ensaio autoetnobiográfico, e não menos ensaio, de uma ezquizoanálise e/ou análise institucional, ao mesmo tempo em que, não deseja ser

⁸ Uma referência a característica freudiana, dos sonhos de serem versões “disfarçadas” de desejos reprimidos.

nada disso. Instiga-me é o pensar mesmo correndo o risco do “erro” teórico, metodológico da peça sempre acusatória de um modo de ser da escrita acadêmica.

Quem é a instituição “encoberta” neste texto? Quais são as instituições encobertas por este texto? Se pode dizer da presença aqui nos textos de uma única *Aparição* institucional? Não sei se hoje esta questão ainda ressoa a instigar meu pensamento. E embora ainda me interesse pensar sobre o que seria uma “esquizoanálise institucional” não me parece que isto, por hora, vá ocorrer. A menos que eu a esteja realizando ser me dar conta disso.

A Aparição

Há o problema de a *Aparição* dizer de uma percepção individual, uma produção de sentido, mas não controlada, dado que está mais afeita a um *acontecimento*. Produz-se por espanto, no descuido do corpo. E talvez, dessa forma se deva perguntar a alguém (é o que se supõem a um leitor deste texto): o que seria a Instituição insurgente pelas beiradas da escrita neste texto, poderia parecer sem sentido?

Análise Institucional

A *Análise Institucional* e a *Esquizoanálise* seriam coisas diferentes, ao que pude observar. A primeira, referir-se-ia a “uma teoria” enquanto a segunda, a “*um método da Análise Institucional em situações de intervenção*” Hess (apud Romagnolli, 2014, p.45). Mas até aqui isto me diz muito pouco ainda e tenho dúvidas sobre a relevância do dizer mais. Mas sigo.

Da leitura sobre a *análise institucional*, chego ao que seria uma contribuição hegeliana para esta área de pensamento. O que me causou certo afastamento, dado que há muito tenho me defrontado com o caráter, talvez eu possa chamar eugênico para não utilizar a palavra racista, do pensamento de Hegel. Todo corpo negro ocupado com pensar sobre o mundo e as coisas do mundo, mais cedo ou mais tarde, tem um encontro marcado com a dificuldade de lidar com autores que ajudaram a edificar as condições subjetivas de seu aprisionamento.

Corpo aprisionado

Corpo aprisionado, **Eu** já não pertencia mesmo, aos Lugares onde performava, por caminhos não autorizados por alguém de poder, razão pela qual minhas

transgressões talvez façam se sentir aqui: ***“Mas você não é professor de matemática? Porque nós temos que ler um texto?”***

Desde a graduação em matemática, quando era um corpo inquieto na militância estudantil, logo sabido negro, não me acomodei mais em nenhuma fôrma. Assim, há muito sendo corpo negro, fui acostumado a viver flertando com a falta. ~~Falta aos espaços disformes entre o corpo e a fôrma.~~ Era como se me dissessem a todo momento e em quase todos os lugares e práticas que **aquilo não era adequado pra mim**. Os discursos, faziam parecer que eu fosse algo Menor, inapropriado para, e assim eu me sentia, imaginando que este sentimento vinha de dentro.

Quem tem medo da morte?

Narrar ... a vida é desejo de vida. O que se quer, contando, é preservar o que se perde. Mas a intensidade dos *acontecimentos* é da ordem do incapturável. E contar, sendo representação, não é viver? Mas, por uma ironia do destino, o que reexiste ao final e ao tempo, tanto tempo quanto permite o seu supere corporal ou tecnológico, é Relembrar. Isto é o que restaria então não como último recurso, mas como principal tarefa do viver, do corpo. Não se trata de não querer esquecer o que aconteceu, mas se o esquecimento no final vence, então haverá um dia, depois da morte, em que finalmente se morre.



Certa vez numa de minhas aulas, fui presenteado com um livro por um dos alunos do primeiro grupo de pesquisa. Eu já me referi a ele aqui. Era o que coordenava a performance, o Sr. Ladrão, do grupo de pesquisas na entrevista em que participava o Giovane. O título, do livro, era este que coloco aqui nesta seção. ~~E talvez seja este o grande segredo, não aquele que eu talvez não tenha contado antes: Eu tenho medo da morte.~~

Uma arqueologia da aparição do corpo Negro, na trajetória de um professor de matemática?

Sobre o *entorno da foto*.

A **segurança que o método oferece ao corpo em sua trajetória**, a despeito de um desejo inicial, encravado desde seu nascimento, enrijece a caminhada, obriga a **repetição**, só permite novo parto a força de um fórceps. Mas os partos se produzem em acontecimentos de modo que nem a assepsia da norma racionalizada, pode pôr fim à vida que se produz nos Espaços de performance do corpo. Foi no percurso das atividades e do pensar no âmbito do *Grupo de Pesquisas Sociais*, que surgiu a ideia de **entorno de uma foto**. Eu devo ter dito isto em algum lugar deste texto, mas agora eu *“quero viver nessa metamorfose ambulante “do fluxo da escrita.*

E assim, há o risco de eu diga, agora, até mesmo *“o oposto do que eu disse antes”* dizia o velho Raul. Eu estava às voltas com a referência da linguística, da *Análise de Discurso Crítica*, e me envolvia com as leituras de textos de autores como Norman Fairclough e Michel Pêcheux, além de Van Dijk. Ocupava-me com a ideia de contexto da linguística, que sempre traduzo por intermédio deste último como a prescrição de um *modo como devemos ver e agir em determinada situação*. Aliás, o racismo está dentre as preocupações discursivas de Van Dijk, num livro intitulado *Discurso e Poder*.

Ele
“o discurso
papel fundamental
cognitiva do
os preconceitos
não se desenvolvem
interação étnica.
aprendidos, e isso
através da
através da fala e da escrita.” (Dijk,2008, p.135).



considera que:
também desempenha um
para (uma) dimensão
racismo. As ideologias e
étnicos não são inatos e
espontaneamente na
Eles são adquiridos e
normalmente ocorre
comunicação, ou seja,

Van Dijk considera ainda que este é *“essencialmente o modo como o racismo é “aprendido” na sociedade.”*⁹ Eu concordo com isso, mas sempre ressalto o papel preponderante que as imagens têm, na difusão do racismo e (neste texto tese, talvez esta seja a tese) as suas potencialidades de inspirarem a *reversibilidade* (pela revememoração), desconstrução e embate às perversidades do racismo e do “encobrimento” (Dusserl) do Outro que ele propulsiona. Ver corpos negros. Produzir e reproduzir performances de corpos negros, inspirando-lhes, como “novas” imagens.

⁹ Idem.

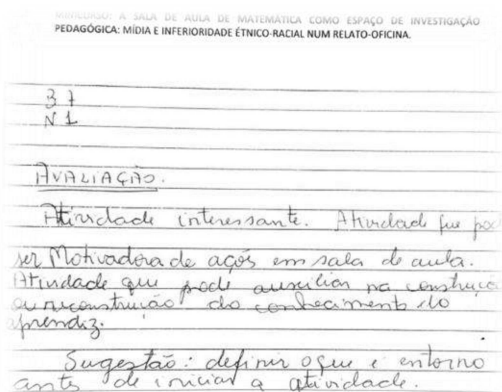
Desencobrir! Permitir ao espelho ou mesmo quebra-lo para que ele não se apaixone mais por imagem alguma, mas pelos afetos que lhes são próprios de seus corpos.

Nas oficinas ...Eu preciso contar antes, que depois de algum tempo experimentando com os alunos dos grupos de pesquisas nas escolas em que atuava, com a análise da visibilidade de corpos negros em revistas, eu iniciei o experimento de tratar sobre este tema em oficinas e minicursos, com professores da educação básica e graduandos (algumas vezes em eventos na área da Educação Matemática).

Foram umas 14 oficinas, entre os anos de 2016 e 2019. Elas se distribuíram em Lugares e instituições diferentes na maior parte, instituições de ensino superior públicas, em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Em todas elas eu iniciava perguntando o que havia levado o participante a escolher aquela, e não outra oficina?

As respostas, em sua maior parte, giravam entorno da ideia e do discurso sobre a *falta de preparo* para trabalhar com o tema do racismo em sala de aula de matemática, e por conseguinte da ausência do tema, dentre as questões discutidas naquele *Lugar*.

Buscavam “uma metodologia” para trabalhar com tema, disse certa vez uma graduanda em matemática, negra, em Santa Maria, na UFSM, no evento da Escola de Inverno de Educação Matemática. Eu realizei esta oficina, neste evento em 2016.



Foi lá também que uma das participantes, uma já constituída pesquisadora na área da educação matemática, sugeriu que a definição do conceito de *entorno*, fosse feita antes da realização da oficina. E é aqui que eu gostaria de voltar. Isto talvez possa ser relacionado à tradição (sempre há uma tradição operando) das salas de aula de matemática que seguem o que se pode

chamar de um *ritual expositivo* que envolve: a apresentação de um conceito, muitas vezes através de uma fórmula (sua definição), um exemplo prático de sua utilização (que em geral ocorre por reprodução de um processo algorítmico), seguido por repetições dos procedimentos (por ele – conceito - instruídos), em listas extensas de exercícios. Aliás devo creditar a quem de fato me provocou, esta percepção, fazendo-me ver que de fato isso ocorre na maioria de nossas salas de aula. Trata-se de uma reflexão que o professor Ole Skovsmose elabora em um de seus livros, o *Educação Matemática*

O Sétimo Texto

Crítica, a questão da democracia. Oportuno dizer que são muitas das ideias deste pesquisador dinamarquês, radicado no Brasil há muitos anos e professor na Unesp-Rio Claro (SP), que alimentam e fazem movimentar (ou fizeram em boa parte de minha trajetória) os Espaços de minha prática como professor de matemática. Um corpo branco europeu.

É assim que as ideias de *empowerment* (dar poder), *abstrações para pensar e abstrações concretizadas, materacia, cenários para investigação ou ambientes para a aprendizagem*, dentre outras, ajudaram a constituir os Espaços de minhas práticas, em “sala de aula de matemática” de tal sorte que até mesmo Comunidades quilombolas passaram a compor-se como espaços de aula de matemática. E aqui nesta última composição se vêm presentes o DNA do corpo negro professor de matemática a elaborar com aquilo que lhe afetavam os conceitos e ideias de Skovsmose.

Inevitável fazer referência aqui também a Etnmatemática “de” Ubiratan D’Ambrósio, pois do mesmo modo que a Educação Matemática Crítica, é a Etnomatemática quem, planta as primeiras sementes em minha trajetória. Mas textos são assim mesmo tecituras que se desenrolam por fios a toda e cada vez que se volta em leitura ao já escrito. E dessa forma que aqui nesta volta (2024) puxo mais um fio, para dizer que na verdade a “semente” fora plantada antes... no primeiro experimento que participo no fora do que seria um currículo tradicional, num a instituição dessa mesma universidade em que, em seu seio, germinaria o Grupo Travessia de Pesquisas: a EPAEC (Equipe de Pesquisas e Apoio ao Ensino de Ciências e (depois) de Matemática). A “mãe” do NEC-UFJF, Núcleo de Ensino de Ciências, berço do Travessias. Lá, há quase quarenta anos atrás, eu encontrava com a “tia” da orientação, avó orientadora de meu doutoramento.... do corpo tardo enegrecido.

Recolônial.

Sementes que germinaram e que agora, na escrita deste texto se realizam ~~em~~ em árvores: a **Pequizeira** em sua “metodologia do pequi”, o **Jatobá**, do quilombo São José da Serra ou **Ipê Branco**, que sabe matemática. Elas são *metáforas de meu enegrecimento*, e da produção e despertar em mim, de um olhar desprendido da lógica etnocêntrica branca, sobre as coisas do mundo.

A ideia de D’Ambrósio (por minha tradução) de que se pode pensar em uma *Etnomatemática*, como uma espécie de reconhecimento da produção (inclusive

matemática) de conhecimento, de povos e grupos distintos, como modos de pensar que possuem valor e legitimidade, no rol da produção histórica de conhecimento humano, é fantástica.

A utilização da vara de bambu como instrumento de medida no trabalho nas “quadras” no quilombo do paiol, é um exemplo disso. Daí, oportuno mais uma vez, perguntar a Kant, sobre o que se pode produzir com um bambu além do açoite da pele negra e da produção da morte do corpo negro?

De maquinaria do poder exterminador da Colônia a modo de produção de vida na colônia, mas a do Paiol: Re-colônial.

De colonial é olhar para a sala de aula de matemática que se inspira por estes modos de pensar sobre o “pensamento matemático”.

A Etnomatemática é um processo de **des**encobrimento do Outro.

Corpos negros querem ser vistos

Como eu me ocupava em pensar sobre a invisibilidade negra em mídias, e como eu (sempre recorrendo e provocado por um trecho de um livro de Bourdieu) compreendia o mostrar algo, como **a predileção sobre certos aspectos, que ignora outros resultando numa forma de invisibilizar a coisa mostrada**, passei a dedicar a atenção às caracterizas do mostrado e ao contexto que envolvia a “coisa” representada: a Imagem.

Ela passa a ocupar o espaço de minhas reflexões e desde os primeiros ensaios nas oficinas eu vislumbrava sobre a potencialidade de conceber, também as imagens como uma forma de potencializar a reelaboração de sentidos produzidos sobre o corpo negro.

Daí me perguntava e reproduzia esta inquietação com os alunos e mais trade, com professores nas oficinas: **Como são mostrados os corpos negros? O que se mostra em seu entorno? Em que contextos são “mais” retratados os corpos negros?**

Cheguei a formular a ideia de que o Entorno é “o *que se mostra, transborda, situação que envolve ou contexto em que o personagem representado na foto está inserido.*”

“Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes.”

“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.”

“Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.”

“Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes.”

O tempo que resta

Tem muito para fazer e viver ainda? Não dá tempo? Empatia pelo sofrimento?

Carreguei essa *estranheza menor* por muito tempo, de modo a, talvez, nem conseguir mais, diferenciar se em certos momentos, era ela mesma quem estava operando ou quando a frustração, a interdição, ou ainda a acusação, resultava “apenas” daquela, habitual, racionalidade capitalocêntrica destinada a todo corpo mercadoria.

A esquizofrenia capitalocêntrica nos faz mesmo pensar pelo periférico, menor, inferior, defeituoso. Ela nos ensina a todo corpo, seja aquele fora do padrão da forma dogma, branco, ou negro, embora a esse último ela tenha uma predileção açoitante.

Depois, sendo corpo professor de matemática aprendi a normatizar a falta, outra experiência do não Ser, como critério de incapacidade e de seleção de meus alunos entre aqueles que sabiam e os que estariam condenados ao limbo, e esquecimento no *lugar* onde residem aqueles do não saber matemática.

Mas foi exatamente aí, neste *Lugar de poder e de ser* da sala de aula de matemática e sendo corpo negro, que encontrei em trajetória e em travessia, o **Espaço** de performance libertária, enegrecimento, que tem neste texto tese sua mais ousada rebeldia.

O Tempo e a memória negra, corpo negro e trajetória!

“O encontro com os moradores foi de fundamental importância, pois a diferença de 60 anos atrás para hoje é muita. Como por exemplo a ida ao mercado, o saneamento básico e a estrutura do bairro. Com isso conseguimos reviver o passado”.

(Andressa, Ana Carolina, 2018).



A última Viagem

Em mais uma manhã fria, coincidentemente como ocorreu nos anos anteriores 2017 e 2018, voltamos ao Quilombo do Paiol, naquele 15 de junho (2022), um sábado. Era a primeira viagem ao “Paiol” realizado pelo “novo” grupo de pesquisas da Escola Cândido Motta e a primeira vez que voltávamos, com os alunos, “depois” da pandemia de Covid. Na verdade, depois que o curso de nossas vidas pareceu querer se estabilizar, com a vacinação já adiantada, porque a pandemia, ainda continua levando vidas. Naquele momento eu não me encontrava mais, envolvido em salas de aulas ou com a burocracia –contemporaneamente, expropriação tecnológica de mais valia - própria do trabalho do professor. Estava afastado, embora nunca estivesse de fato, “adoecido” e em tratamento de minha saúde mental. Na verdade, eu era obrigado a tomar medicações que me curassem do mal do mundo. Uma sociedade doente, me prescrevera a receita para o seu adoecimento.

Mas a escrita e seus atravessamentos, como fluxo deleuziano, provocado pelas imagens em suas *Aparições*, seguem produzindo performances aqui sobre o papel.

Quem se insinua aqui em Aparição?

Desta feita é uma foto que “contém” (tentou capturar performance de) corpos negros num acontecimento, muito significativo em minha trajetória profissional. Foi num Seminário Escolar de Grupos de Pesquisas, realizado em Juiz de Fora, em 2018, na Estadual conhecida como “Polivalente de Teixeira”. Os alunos e alunas pesquisadores(as) do, então, *GPS Ubuntu*, da Escola Cândido Motta junto a alunos(as) e pesquisadores(as) do GPS da Escola Gabriel, apresentavam suas pesquisas, realizadas em 2017/2018 no quilombo do paiol. Na foto, Joel (Namíbia) ao centro e Erastos (Namíbia) à direita, que tinham

participado de parte das ações o GPS Ubuntu, em rodas de conversa, compartilhavam com o público, suas experiências vividas, tanto em África, quanto no Brasil.

Uma caminhada antirracista

Na Caminhada, a terceira, de **Promoção da Igualdade Racial** noutra escola. Há outra escola. Há outras escolas. Há outros Espaços. Essa outra, em particular tivera seus muros pichados.



É interessante observar como, agora, a ideia inicial lá nos primeiros ensaios deste texto tese, a ideia de *imagens autoreverses*, se insinua aqui. Essa última imagem, penso agora, funcionou como o que elaboro ser uma *imagem autorevese*.

Ela teve espaço na escrita e no pensamento como uma *Aparição*. Imagem de corpos negros, encenados na trajetória profissional que, com sua *aparição* permitem revememoração. Eu ensaio então na escrita afastada do acontecimento, sobre uma segunda aparição, controlado por um desejo que rememora, ao mesmo tempo em que elabora e lhe imprime sentidos, produzidos por afetos. Talvez se deva dizer que esta foto, imagem de corpos negros, é *Espaço* performado a despeito da existência de uma prescrição prévia para o Lugar, controlado, de uma prática pedagógica.

Eu resolvi, num ato de desagravo da escrita frente ao racismo, escrever por cima desta imagem. Realizando o mesmo que a própria escola o fez, colorindo o muro, com produções de artistas do grafite.

Um olhar decolonial para Sala de aula de matemática

Para mim foi muito importante estar ali junto a dois irmãos africanos. Lá naquela foto anterior. É impensável que, seguidos os rituais canônicos tradicionais e curriculares de matemática, eu tivesse a oportunidade de performar neste Lugar, junto a estes corpos. Só mesmo o não Lugar, o descuido da forma, a desdobra, poderiam permitir este *desvio*. Com o tempo comecei a descrever esse movimento ou estas experimentações, como **um olhar decolonial** para a sala de aula de matemática.

Grande acontecimento

Assim o “grande acontecimento” que sustenta a elaboração do texto tese é a minha trajetória profissional e o tomar consciência sobre o ser negro, no Brasil. Percepção última que traduzi em termos de meu enegrecimento. Talvez em outras palavras: a própria produção da vida, uma autoetnobiografia. Eu nomeei o acontecimento, o chamando de enegrecimento do sujeito e da prática. E, ainda que o faça em boa medida, não quero lhe explicar, mas expor, compartilhar.

Se existe um *plano de imanência* ele foi “*startado*” durante o curso da escrita/pensar e reelaborado a cada passo, em golpes ou por golpes dos acontecimentos, *Aparições*, imagens e, principalmente, pelo corpo negro que deseja revememorar uma trajetória.

Assim o meu *plano de imanência* envolve a vida desse corpo negro professor de matemática. Traduzindo-se por um *campo virtual*, do sensível e afeito às singularidades dos afetos colhidos nesta trajetória, ao mesmo tempo em que guarda porosidade ao *corpo negro coletivo* tanto em termos de sua ancestralidade, quanto aos *agenciamentos coletivos de enunciação*¹⁰ enquanto afeitos ao corpo diaspórico. Um “*pensamento corpo... de intensidades individualmente apropriadas ... embora sempre relativas a uma unidade designada num cântico nagô pela aglutinação **faraimará**, ou seja, “*todos unidos num só corpo*” (Cf. Sodré).*

Este foi o acontecimento e esta escrita envolve o plano de imanência do enegrecimento, do corpo e da prática.

Mas há de se dizer de atravessamentos ao longo da trajetória, que compõem os espaços de performances, aqui na escrita, numa espécie de dimensão epistemológica do enegrecimento. Talvez ele (enegrecimento) precise mesmo ocorrer, e primeiro, nesta dimensão e não em qualquer outra. A dominação de fato, existe quando são as mentes e os corações aqueles aprisionados. Tudo o mais, se libertar, é uma consequência da **alforria do conhecimento** cuja melhor expressão que encontrei, ao longo de minhas

¹⁰ Kastrup (2005): “agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa - uma máquina, por exemplo - não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela.”

reflexões e estudos acerca da “condição” do negro no Brasil e no mundo, fica devidamente encenada pela performance de Tiago El Niño: *“abre logo a porra do cofre, não tô falando de dinheiro falo de sabedoria.” “Eu não quero mais estudar na sua escola, que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro.”*

Esta, dimensão, se reproduz na e em relação sempre conflituosa, entre os textos do desejo e da escrita, tal como os tenho elaborado. O que estou dizendo é que o Espaço da escrita ou o processo da escrita se torna uma dimensão de disputa epistemológica, política e cultural. Daquilo que me “forjou “ou que contribuir na fôrma corpo negro diaspórico, professor de matemática.

O que se tornou a última viagem que logo pela manhã veio me visitar?

“O plano de imanência toma do caos determinações, com as quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos. Pode-se, deve-se então supor uma multiplicidade de planos, já que nenhum abraçaria todo o caos sem nele recair, e que todos retêm apenas movimentos que se deixam dobrar juntos.” (p.

“Cada plano opera uma seleção do que cabe de direito ao pensamento, mas é esta seleção que varia de um para outro. Cada plano de imanência e Uno-Todo: não é parcial como um conjunto científico, nem fragmentário como os conceitos, mas distributivo, e um “cada um”. O plano de imanência é folhado.” (p.

“É pelo plano de imanência que orientamos o nosso modo de pensar; ele é o primeiro recorte do caos, e é ele, o caos, que opera as conexões entre os inúmeros conceitos que habitam o plano de imanência. E por terem essa conexão com o caos que é preciso assumir que o plano deve ser fluido. Plano, conceitos e o caos ajustam-se mutuamente. É nesse processo de se traçar o plano que se faz possível envolver a velocidade infinita dos conceitos.”¹¹

Desejo seca desejo! Outro cômodo da casa. Uma janela fechada, uma porta aberta. Fluxo!! Texto só se deixa capturar apenas quando muito jovem, e logo depois do nascimento. Com poucas horas ou instantes de vida, alça voos... Caos ...

De qualquer forma, a ideia de um Grupo de Pesquisas formado por estudantes da educação básica e dedicado às temáticas étnico-raciais, tinha já tomado corpo, no Espaço /Lugar da Escola, e se reeditava, naquele ano (2022), mais uma vez no âmbito de uma proposta pedagógica intitulada NUPEEAs¹² desenvolvida pelo Estado de Minas Gerais, que fora realizada em sua primeira versão, entre os anos de 2017 e 2018.

¹¹<https://www.scielo.br/j/rbce/a/JcVz8yyswFG8Xt9Srt7vF5wd/#:~:text=O%20plano%20de%20iman%C3%Aancia%20%C3%A9,um%20caminho%2C%20nem%20uma%20dire%C3%A7%C3%A3o.>

É curioso pensar sobre como as viagens para o Paiol são sempre realizadas em dias cinzentos e frios. Nesta última viagem não foi diferente.

Em 2015 eu participara de uma especialização, não me lembro bem o nome, mas versava sobre saberes de comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e assentamentos de trabalhadores do MST. Era uma especialização para professores da educação básica e era promovida pela UFJF, tendo à frente o professor Leonardo Carneiro que infelizmente nos deixou recentemente.

Foi assim que conheci o Quilombo do Paiol. Foi neste primeiro encontro em 2015 que uma fala de uma moradora da comunidade me chamou atenção. A certa altura, de nossa visita, queixou-se que: “a universidade vem aqui, estuda, faz pesquisa e não nos dá nada de volta”. Não se trata de uma tradução literal, mas a ideia da falta de reciprocidade na relação entre a instituição e a comunidade, ficou-me bem evidente. Eu pensei então que pensaria numa forma de contribuir, ou de constituir uma proposta em que a reciprocidade, a solidariedade, fosse o foco central.

Como o tema da Educação Financeira, num viés de crítica ao capitalismo, sempre fora uma de minhas preocupações e desde o mestrado eu vinha “ocupado” em parte, com a tarefa de elaborar pensar sobre um Educação Financeira Crítica e Solidária, evidentemente, e as questões raciais a esta altura já haviam tomado de assalto os espaços das salas de aula em que atuava, não foi preciso muito mais, para juntar estas inquietações em uma proposta pedagógica e do pensar reflexivo, que envolvesse a crítica a um modo capicêntrico de pensar as relações sociais de produção, a crítica a uma sociedade branqueada ao mesmo tempo em que envolvesse os ~~sujeitos~~ corpos negros alunos, o tempo e espaço das salas de aula de matemática em que eu atuava.

A crítica, sobre um aspecto que vou chamar de clássico, pode ser feita pela produção de uma escrita (portanto de um texto) que aponte os “defeitos” e os “problemas” do fenômeno em análise, assim, de modo e estilo contrassignificante.

Em parte, creio que este texto também se ocupa disso. Mas é também por seu intermédio que se pode compartilhar o que se pode chamar de uma “crítica do experimento” ou uma crítica pelo experimento. Algo que dessa forma, ainda que guarde certa impregnação contrassignificante, anuncia o que se pode produzir “fora” ou desviante do que prescreve a forma dogma do saber.

E talvez mais do que isso, performado por corpos negros, produzidos mercadorias, rebelados em suas potências de vida. É assim que experimento, pela escrita enegrecida o meu ~~mercado~~ Espaço de bens e trocas simbólicas: texto experimentação e experimentação “pedagógica” em espaços de aula de matemática.

No ano de 2017, o governo do Estado de Minas Gerais, criou o programa Afroconsciência que visava “reconhecer e valorizar a história e a cultura dos africanos na formação da sociedade brasileira.” Uma iniciativa da Secretaria de Educação de Minas Gerais que, pela primeira vez na história, tinha a frente uma mulher negra, a professora Macaé Evaristo. Foi no contexto deste programa que se desenvolve a estratégia dos NUPEEAs, Núcleos de Pesquisa e Estudos Africanos, Afrobrasileiros e da Diáspora. Eu já desenvolvía a prática pedagógica de um grupo de pesquisas sociais (GPS) na rede municipal de ensino em juiz de fora desde 2005 e na rede estadual a partir de 2012/2013, e em 2017 para atender a demanda do edital desta proposta da S.E., constituímos o GPS Ubuntu, posteriormente nomeado GPS Sankofa. É sobre o “selo” desta última denominação, e sob a coordenação da professora Mariane Bento, que o GPS Sankofa, desenvolve novos estudos junto à Comunidade Quilombola Colônia do Paiol.

Nesta viagem, como estava afastado de minhas funções formais, eu acompanhei as discussões, além de intermediar a ida das novas pesquisadoras do GPS, até à Comunidade. As imagens e os corpos negros desta experimentação circulam por toda parte desta tese, as vezes nomeadas por uma legenda, outras vezes compondo em texto em *Aparições*. Estão por aí ...Não quis, agora, prendê-las ...Às vezes o faço, o fiz, tentando pôr ordem no caos, resquícios da minha consciência cristã, cartesiana, encarnante de corpos ... as vezes eu fujo, resultado de meu duplo enikiji ocasiões em que me encarno de meu corpo pequeno sonâmbulo....

“Eu quero fugir, mas em todo lugar que eu vou, eu me encontro” (03/08/2022), .../

“Texto é desejo de vida. E desejo de vida nunca acaba a menos do suicídio, mas tenho dúvidas sobre o seu poder de matar o desejo de vida mesmo no acontecimento da morte. Assim, texto sendo desejo de vida, se vê sempre inacabado. A morte talvez lhe ponha um fim como desejo do próprio corpo da escrita, mas não aos dos corpos afetos pela escrita. Meu desejo não cessa em mim, minha escrita não cabe em mim. E desejo que seus afetos se multipliquem para além da morte de meu corpo.”

Segundo Mbembe (2019, p.19) “sair da grande noite” anterior à vida, é como Fanon qualificou a “oposição” (e sua potencialidade) do “**poder da criação**” frente ao da “**repetição sem diferença**”.

E assim eu retomo agradecendo aos Orixás, no que é parte de uma experimentação que inaugura um olhar e uma escrita desprendida, enegrecida sobre a trajetória, e afetações de um professor de matemática, negro. Modo de subjetivação? Que intenta, não apenas compartilhar uma trajetória, mas principalmente reelaborar sentidos e afetos, libertando-se do seu *subsolo* penitencial, pessoal e coletivo, e profissional ao mesmo tempo, dado que se vê enegrecendo o corpo e a prática pedagógica. É o meu modo de *sair de uma grande noite, tornar-me negro, ato criação*.

Mo dúpé, òrìsà mí, paàyèdà mí!

Foram nos períodos históricos do “*plantation e da colônia*”, em que se afiara uma:

“...Nova razão governamental no Ocidente. Trata-se da **razão mercantil** que tem no **mercado o mecanismo por excelência das trocas** e o local privilegiado **de verificação** tanto da política quanto **do valor e da utilidade das coisas em geral** [...] constituíram-se nesta perspectiva, engrenagens essenciais de um **novo tipo de cálculo** e de **consciência planetária** [...] concebia a **mercadoria como a forma elementar da riqueza**, sendo o **modo de produção capitalista**, nessas condições, uma imensa **acumulação de mercadorias**.

As mercadorias só porque contribuem para a formação de riqueza. É aliás nesse sentido que **são utilizadas e trocadas**. Na perspectiva da **razão mercantilista**, o **escravo negro** é simultaneamente, um **objeto**, um **corpo**, uma **mercadoria**. Enquanto **corpo-objeto** ou **objeto-corpo**, possui uma **forma**. É também uma **substância potencial**. Essa substância, que **gera seu valor**, deriva sua **energia física**. É a substância trabalho. **O negro** é, desse ponto de vista, uma **matéria energética**. Essa é a **primeira porta de entrada no processo de troca**.” (Mbembe, 2019, pp.144-145) (grifo nosso).

Como provavelmente, boa parte dos **textos**¹³ de corpos negros, essa escrita e seu **corpo**¹⁴, são atravessados pelo **racismo** que pode e tem sido nomeado ou descrito, ao

¹³ Como penso sobre *texto*? Textos são enunciações de afetos e desejos, quaisquer que sejam as formas e veículos de suas produções e circulações. Em especial, na literatura, nas artes, na filosofia ou na política, na religião ou economia. Mas talvez, assim como a ideia capitalista de mercadoria, a distensão da ideia de textos possa até mesmo alcançar a um corpo. Corpo negro é texto, e texto atravessado por acontecimentos. No texto tese de minha escrita, os acontecimentos de modo mais ocupado do corpo da escrita, são o **Racismo** e a **Economia (Capitalismo)** ou mesmo, sua **estratégia de regulação**, o que me espregueira como professor pesquisador na, e da educação (também matemática): a **Educação financeira**. Mas quanto desejo se pode produzir num texto (neste texto da escrita?), de modo a não caber numa nota de rodapé, sendo, assim, o texto que transborda pelas beiradas? Neste acontecimento do transbordo se produz escrita, *não como código, mas como fluxo* (Deleuze, 2015, p. 15). Mas, parar para citar Deleuze, o que o fiz também talvez por um imperativo acadêmico, nunca se sabe, acabou por interromper o fluxo. Ponto!!! Não há volta, não agora. (01/08/2022). Uma nota sobre a nota: (23/04/2024) Eis que o corpo imaginava, sentia, a ideia de fluxo enquanto movimento ininterrupto da escrita do texto. Esquecido, à aquela oportunidade, do desejo que fora dormir. Ele não para ...

longo do tempo, por processos que, ainda que guardem certas e distintas especificidades, têm nele (racismo) seu elemento central.

Ele está sempre lá. Seja travestido nas suas expressões, abasileiradas, como *Ideologia do branqueamento* e ou *mito da democracia racial* que se seguiu, ou a *Eugenia*, que tiveram, igualmente espaço e lugar entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, seja em processos históricos globais como “*a escravidão, a colonização e o apartheid*”, *acontecimentos* que dominaram o *discurso negro*(Cf. Mbembe, 2018, p.143), mas também em processos como a *colonialidade*, que aparece adjetivada como “*colonialidade do poder*” (Quijano, 1992), ou “*do saber*”, “*ser*” e *todos os outros* campos em que se ramificou esse modo de pensar as coisas do mundo, sobre o que se pode, arbitrariamente e resumidamente dizer de uma continuidade, ideológica, dos interesses do colonialismo, para além do seu tempo histórico de sua vigência, formal.

Assim, há maneiras diversas de nomear o **racismo** e que resultam da caracterização do fenômeno original (uma espécie de **pecado original**), mas principalmente dos efeitos de suas transformações, no **tempo** e **Espaço** ou **Lugar** e mesmo do tempo, espaço e lugar.

Para além disso, suas designações, mostram como esse fenômeno resiste ao - e persiste no - tempo, especialmente porque nasceu “mercantil “na infância do capitalismo e o acompanha desde então como processo **regulador**, resultando numa

¹⁴ O **corpo da escrita**.... Quem ou o que é o corpo da escrita? Eu sempre estive alienado na percepção acadêmica, que me fora introjetada, de que haveria um sujeito de pesquisa ou um sujeito da escrita. Depois de Foucault me vejo autorizado, a dizer que não há um sujeito da escrita. O autor está morto! Mas há um corpo, vivo, da escrita. Um corpo negro desta escrita. Que carrega marcas, que construiu trajetória e quer compartilhar a sua potência de vida em encontros, com outras potências de vida: na verdade esta foi a trajetória profissional que deu lugar na minha caminhada como corpo negro no *Espaço* da sala de aula de matemática. Este corpo desde muito se sentiu *esquisito* naquele **Lugar** (certeuniano)., assim como se sentiu *fora do lugar* no mestrado, num instituto de matemática, analisando as tramas discursivas do capitalismo. Com o tempo aprendi que a esquisitice foi o que fez potencializar os encontros que experimentei na travessia profissional. Vou retirar este trecho, esta nota, daqui e vou descontinuí-la no corpo do texto. Descontinuí-la, porque tirá-la do *Espaço* de seu acontecimento, é lhe criar um **Lugar**. E por natureza, o **Lugar** tem uma capacidade inerente de cortar fluxo. Resultaria daí que esta nota morreria como espaço de fuga, de desvio e devaneios... seria norma, morta.

Mas tudo isso se deu num instante, acontecimento, tão infinitesimal quanto incapturável, do desejo que nasce quase ao mesmo tempo em que instantaneamente é controlado. Por quem? Quem matou o *desejo libido* da escrita fora da norma, nesta nota? Temo que possa ser o adoecimento da patológica tristeza que há muito me espreita ou da patologia clínica produzidas pelas medicações que me adoecem. Nos prescrevem remédios porque não há um remédio para a sociedade, para o fora, então é preciso adoecer dela, para se curar. Mas vou fugir dessa nota e sair daqui *subsolo*, onde não queria ter chegado. (03/08/2022).

identidade canônica entre racismo-poder-capitalismo. O racismo se transformou, por uma *afinidade eletiva*, num modo de regulação do capitalismo.

Não é o poder nem o capitalismo, que produziram o racismo, mas certamente são eles que o regam, todos os dias pelas manhãs.

Algumas de suas caracterizações, como a *colonialidade*, referem-se a seus efeitos ideológicos. E mesmo no campo das suas manifestações ideológicas, há aquelas que têm lugar em contextos diferentes, como é o caso do *branqueamento*: a “solução” brasileira para o “problema” de existirem aqui em terras tupiniquins, **corpos negros** - antes **mercadorias** úteis – agora mercadorias descartáveis. A colonialidade é um exemplo da junção eletiva do racismo com o empreendimento do capitalismo, enraizado nos sabores dos poderes coloniais.

Deste modo o que parece variar no tempo são, o valor e “natureza” da mercadoria corpo negro. Pois como modo regulador, é principalmente o racismo quem instrui o processo de operação, tanto na produção de imperativos no comportamento das pessoas quanto da projeção do corpo negro como mercadoria da mercadoria, ajustando-os aos desejos do regime de acumulação.

Ainda ontem fui a um shopping e ainda ontem, entreguei as sacolas que carregava, no interior de uma loja, ao corpo branco que me acompanhava. Corpos negros têm modos específicos e espaços específicos de circulação. Há interdições de todos os lados. O adoecimento psíquico de corpos negros é uma “patologia capitalocêntrica”. Ela ajuda a selecionar os consumidores, e definir os seus Lugares de encenação. Por isso é necessário então que se construam Espaços de performances. Mas não em outras localizações geográficas, não se pode desejar o apartheid. Mas nos mesmos lugares geográficos que, sendo Lugares de poder, poder ceder a força mobilizadora do corpo negro que, em performance negra, podem gerar (ali mesmo) Espaços. Tarefa árdua!

Assim como as mercadorias *estrito senso*, pode-se pensar **que todo corpo**, está susceptível - ao longo do tempo e considerando-se a emergência e metamorfoses do Mercado capitalista - de se tornar mercadoria.

O mercado, como abstração, tornou-se um receptáculo, o olho do furacão que a tudo faz girar entorno de si, devorando. Há um texto de um autor, Raul-Mattedi,

intitulado, “*A construção sociológica do mercado...*” em que este autor discorre sobre Marx Weber e Émile Durkheim, no campo da sociologia econômica, e com foco em suas análises “*sobre o papel das instituições na orientação do comportamento do ator econômico e, portanto, na regulação do mercado*” (Raud Mattedi, 2005, p.128). Trata-se, especialmente em Weber de uma análise “inversa” (frequentemente mobilizada como contraposição) a produzida por Marx e que envolve o que talvez se possa traduzir como a validação de instâncias e instituições como a fé religiosa na produção e formatação das ações e comportamentos econômicos. Eu me pus a pensar e a procurar neste texto, as ocorrências da palavra troca (ou suas possíveis variações: substantivo (troca) – com trinta ocorrências; plural (trocas) – com quatro ocorrência; verbo (trocar) - com uma única ocorrência – (trocadas) também uma única vez.

Eu não me dispus a analisar e pensar cada uma destas ocorrências, não até aqui no acontecimento fluxo desta escrita. E por hora sou levado a dizer que, se são as relações mercantis aquelas que “obrigam” as pessoas a entrarem “*no mercado para trocar bens e serviços indispensáveis à sua sobrevivência*” (Cf. Raud-Mattedi). Isto vale par os bens materiais e vale para os mercados *Espaços* dos bens simbólicos. Mas aqui, elas não entram para “trocar bens indispensáveis ...” elas vivem e exploram suas potencias de vidas a partir e com as trocas e afetos que acumulam, ao mesmo tempo em que geram os *Espaços*.

Mas se pode pensar também sobre outros modos de se “produzir” e fazer circular mercadorias corpos e imagens negras. Creio poder (sentindo-me autorizado) dizer, que em minha trajetória como professor e corpo negro, a “sala de aula de matemática” constituiu-se em Lugares controlados ou *Espaços* de performances, e do corpo negro professor de matemática e de corpos, em sua maioria, negros, “estudantes pesquisadores na educação básica”.

Das três décadas como professor de matemática na rede pública em escolas periféricas em Juiz de Fora, na zona da mata mineira, pelo menos nos últimos 20 anos, produzi, experimentei o que hoje, enceno na escrita como *Espaço-rizoma*: o que nomeei a longo dos anos por Grupo de Pesquisas Sociais.

A comodificação parece valer para quase tudo quanto se pode imaginar, desde animais extraídos e contrabandeados furtivamente de nossas florestas, passando por órgãos humanos e as próprias pessoas (por uma predileção, misógina, pelo corpo mulher), até a fé. Mas é máquina de devorar corpos: negros, gays, mulher, LGBTQAP+.

Qualquer corpo fora da *forma dogma*. “Devorar” é ato ritualístico próprio do capitalismo, Lugar, onde este verbo experimenta dimensões antropofágicas diferentes. Todas referentes ao “Consumo”, ritual máximo do capitalismo.

Daí se pode “devorar” pela eliminação do corpo físico, por dispor dele como mercadoria descartável. Corpo negro e corpo mulher são as mercadorias mais devoradas, sendo, no entanto, o corpo mulher aquele que alcança os maiores índices de expropriação da vida. Elimina-se tanto incluindo o corpo quanto o arrastando pelas ruas no navio negreiro do estado, comumente conhecido por camburão. Revememoro assim o corpo negro ancestral de Cláudia. Teve seu corpo negro, depois de atingida por tiros da “polícia”, arrastado pelas ruas, no Rio de Janeiro, pendurado ao porta malas de uma viatura de polícia, que a levava para o hospital.

“No banco traseiro da viatura havia alguns armamentos. A população estava revoltada e tentou tomar para si as armas, bem como agredir os policiais. Como os agentes tinham que socorrer Claudia, não houve tempo hábil para retirar as armas do banco. Em razão disso, eles a colocaram dentro da caçapa da viatura”, afirmou em depoimento Wagner Cristiano Moretzsohn, comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar à época.”¹⁵

A justiça entendeu, como decisão proferida agora, em março de 2024, não só que “*não houve provas suficientes para conferir a autoria dos disparos*” e que “os acusados agiram em legítima defesa.”

Por vezes, perco as forças, e não quero mais continuar. Mas se está difícil ler, pior é ser negro num país racista e todos os dias ter que lhe dar com a violência do não ser. Mas ~~o consumo~~, a eliminação do corpo negro, se realiza também pela vida rebaixada, degradada, subsolar, periférica onde se experimenta uma espécie de morte em vida. Uma *sociedade incivil* (Cf. Sodré)

Para os corpos negros Mbembe, argumenta que “uma certa inteligência se esforçou em atribuir aos acontecimentos” do **racismo** (que é como traduzo os fenômenos de sua análise: **escravidão, colonização e apartheid**), em “significados canônicos” dos quais ele “evoca” três: *a separação de si mesmo*, a *desapropriação* e a *degradação*. (Cf. Mbembe, 2018, p.143).

Talvez esse último seja mesmo o ápice do poder da comodificação. Mas tenho dúvidas quanto a reconhecer onde reside ou em que se expressa como “melhor”

¹⁵ [Justiça absolve PMs envolvidos em caso de mulher arrastada por viatura | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](https://www.agencia.com.br/justica-absolve-pms-envolvidos-em-caso-de-mulher-arrastada-por-viatura) . Acesso em: 23/0420/24

exemplo da ganância da acumulação capitalista: na mercadorização dos corpos ou da fé?

Mas assim como as transformações do capitalismo, acompanhadas pelas transformações das mercadorias, num certo contexto era o corpo, negro escravizado, tomado como “*matéria energética*”, a primeira das formas, como Mbembe considerada se processar a entrada do corpo negro “*no processo de trocas*”. A segunda, seria por “*via de seu estatuto como objeto de uso*” (p.145).

Essa variação da natureza da mercadoria, corpo negro, se processou não só no tempo histórico, como resultado de uma “reestruturação produtiva” ainda que a expressão, sob a ótica das teorias de estudos sobre o capitalismo, talvez não seja adequada ao contexto da exploração mercantilista, mas também no interior de um mesmo processo de exploração, como no *plantation*, na análise de Mbembe, pois:

[...] uma vez desgastado, consumido ou exaurido por seu proprietário, o objeto retorna à natureza, estático e, dali em diante, inutilizável. No sistema mercantilista o negro é, portanto, esse corpo-objeto e essa mercadoria que passa de uma forma a outra e, quando chega à fase terminal, atingida a exaustão, sofre uma desvalorização universal. A morte do escravo assinala o fim do objeto e sua saída do estatuto de mercadoria.” (Mbembe,2019, p.146).

Mas há de se atualizar a nossa percepção sobre a mercadorização do corpo negro e provavelmente isto já tenha sido feito. Pois a variação do estatuto das mercadorias é um imperativo do capitalismo, o que não põe fim a mercadorização do corpo negro, nem com a morte do escravizado, nem com a eliminação, necropolítica como sabemos, dos corpos negros mercadorias contemporâneas.

Se “o corpo do colonizado deveria tornar-se seu túmulo”, aos olhos do colonizador, como argumenta Mbembe, vivemos a redenção do corpo negro em toda e qualquer área que se possa imaginar, tanto contemporaneamente, quanto no passado, omitido, pelos produtores da história. Desnecessário que este trabalho tão singelo se ocupe em desnudar a participação negra, africana e diaspórica, na produção do conhecimento. Talvez apenas considerar que isto, há muito, tem sido realizado desde Cheik Anta Diop (1923-1986), Joseph Ki-Zerbo (1922-2006) e tantos outros corpos negros africanos.

Este texto tese é *memória-desejo*, ainda que talvez seja mesmo difícil considerar estes fenômenos, de forma separada. Até porque, é mesmo na ligação com a sua ancestralidade que se encontra a potencialidade identitária, de todo corpo negro. Tendo a acreditar que não se pode mesmo, desvencilhar a memória, do desejo. Ao menos,

desvencilhar-se no sentido de não permitir qualquer tipo de afetação de um ao outro. São mesmo aqueles desejos inexprimíveis (algo como a parte que seria latente do sonho na percepção freudiana) na **memória**, que dão conta da relação imbrincada entre desejo e **memória**.

E, de algum modo, memória também mantém uma relação muito próxima com a verdade ou, com uma verdade que se quer, deseja, enunciar, anunciar

Creio que se pode (ou que alguém de poder quer) dizer da verdade sobre o passado, o ocorrido, o realizado o sonhado, ou sobre pessoas diversas ou ainda sobre nós mesmos. Talvez por isso, com alguma frequência nos deparemos com a enunciação: “o tempo dirá”. Mas o que ele nos diz? Do que se lembra o tempo? Que desejos lhe provocam lembranças? Que dores? Que feridas?

O **corpo imagem** é uma parte sempre presente, do **passado** porque ele traz as marcas do tempo. E, portanto, trata-se de uma **memória viva, perambulante**. Muitas vezes **sonâmbula**, como já considerei neste texto tese.

(O corpo **sonâmbulo** é um corpo descuidado. O corpo em transe é um corpo descuidado. Razão ela qual, é guiado por *Ìsan* e cuidado por uma Cota, no ritual dos *Èguns* na Umbanda. E a **memória viva** é aquela cuja performance do seu corpo imagem se dá no **descanso do corpo** (quando ele se põe em experimentação). E o **descanso do corpo em escuta**, por sua vez, é um tipo de descuido, mas performático, tanto no corpo sonâmbulo, quanto no corpo em transe.

É também pelo **descanso do corpo em escuta** que as imagens dos corpos, circulam de um lugar a outro. **Revememoração, griotagem**.

Foi uma imagem, corpos negros em escuta, de estudantes pesquisadores na educação básica, no GPS Sankofa, na Comunidade Quilombola Colônia do Paiol, próxima ao município de Bias Fortes-MG, que me provocou nesta escrita. Pensei (o acontecimento de espanto) em como aqueles corpos negros se postaram para escuta de outro corpo negro, da **Mãe Nivalda**, numa **performance revememorada**. Mas eu volto aos corpos em escuta, um pouco mais à frente.

A presença, ou entrada em cena, da imagem corpo, faz ativar a memória e o contrário também ocorre, embora o caminho que conduz da memória à imagem em cena, possa se dar tanto pela **especulação intencionada**, quanto pelo espanto, no **acontecimento** pelo descuido da forma dogma. Seja como for, “o mais importante na

memória, na lembrança ou no esquecimento não é, pois, tanto a verdade, mas o jogo de símbolos e a sua circulação...” (Mbembe, 2019, p.186). **(Meu grifo)**.

A **relembrança** é quem faz, no texto, circular os corpos e imagens – **simbólicos como mercadorias** - da memória, elaborando por suas performances¹⁶, e não mais apenas em encenações, o **mercado Espaço de bens e trocas simbólicas**.

Mas há de se considerar aqui uma operação secundária. A **relembrança** sendo sempre uma reelaboração de sentidos provocado por afetações primeiras, no tempo da memória, mas colorida por desejos acumulados pelo corpo da memória em sua trajetória.

De qualquer forma é neste *Espaço*, como *lugar praticado* da escrita enegrecida e relembrando, que se elaboram as práticas de produção, circulação e Eu deveria, se seguido um roteiro de espelho invertido do capitalismo, dizer “*consumo*”. *Consumo* de corpos e imagens, porque os processos capitalistas se compõem pela tríade, ou *troika*, **produção, circulação**¹⁷ e **consumo** de mercadorias. Mas consumo de corpos

¹⁶Se encenar pressupõem uma certa referência à representação e, portanto, carregue a ideia de desempenho de um certo e prévio papel social, talvez não se possa fugir do fato de que todo corpo, em alguma medida, esteja sempre em cena. Estamos, quase sempre, seguindo um roteiro *heidggeriano* que nos fora apresentado. Mas, por outro lado, a vida se desenrola também por roteiros, discricionariamente, abertos pelos acontecimentos e pelos sujeitos, cujos corpos vida pouco tem controle da cena, o que colocaria a maior parte de nossas ações no campo performático. Talvez seja isso: vivemos por encenações performáticas. (Julho/2022). (03/08/2022).

¹⁷Penso no que pode essa distensão da ideia, capitalista de circulação, associada a ideia de disformia da mercadoria, talvez disformia produtiva, do conceito de mercadoria. Que assim pode alcançar, comodificado (a), coisas inimagináveis talvez como o próprio amor. Bauman diria, na verdade diz, que o capitalismo é parasitário. Ele precisa circular por veias, como sangue que alimenta, evidentemente por uma metáfora, um corpo. Precisa irrigar porque se uma determinada parte do corpo deixa de ser nutrida ela pode necrosar e morrer. Matar o corpo que põe em movimento o sangue, vital para acumulação, o capital, é pôr em questão todo o sistema e o pior, a própria acumulação e daí o poder. Não se pode interromper o fluxo daí quando o coração de um corpo adoece é preciso um “*stent*” *financeiro*, que permite ao corpo, seguir vivendo porque permite, antes, a continuidade do fluxo a despeito da doença do corpo. Aquele corpo, no entanto, aos olhos do capital, apenas serve enquanto consome ou enquanto “*produz*”, proporciona a acumulação para o sistema. Assim, um “*empréstimo consignado*” seria uma espécie de *stent* financeiro.

Num certo contexto de capitalismo, pode se dizer que a produção era mesmo de mercadorias *stricto sensu*, mediadas por um circuito de produção: ***D – M – D'***. Noutros, e contemporâneos contexto, em que pese a financeirização, a ideia de mercadoria se distende a outros cenários. E até mesmo pôde desaparecer: ***D – D'***. Até mesmo o amor pode ser comodificado, tomado pelo fetichismo da mercadoria? Ainda assim seria amor? O que se dirá, sobre o Corpo?! Devo lembrar do cantado por Elza Soares que, o corpo negro “é a carne mais barata do mercado”.

Sobre o stent: (“*O stent coronário é uma prótese que auxilia em casos de angioplastias coronárias, das quais stents, pequenas molas capazes de desbloquear as placas de gorduras contidas na artéria coronária e permitindo a desobstrução arterial e permitir o livre fluxo para o funcionamento correto da estrutura.*” (<https://www.institutoreaction.com.br/artigos/stent-coronario>).



negros era processo próprio do mercado do capitalismo mercantil da empresa colonial, ainda que por reificação *necropolítica*, (Mbembe) os tempos presentes sejam ainda de eliminação de corpos negros mercadorias.

Quando penso na dimensão imagética do **corpo mercadoria**, mesmo a do corpo negro, acredito poder-se intuir que seu consumo equivaleria a ser visto, *visibilidade*: desocupar-se de seu Lugar habitual e periférico de inferioridade. Mas “equivalência” é uma propriedade matemática que, tomada no contexto da produção de imagens, aprisionaria toda imagem a uma imagem da forma dogma. ~~Eu creio que já pensei sobre este “problema” em outra parte deste texto tese. E não me ocorre qual foi a elaboração produzida a este respeito.~~ Mas devo lembrar que neste acontecimento do transbordo da escrita ela se produz, *não como código, mas como fluxo* (Deleuze, 2015, p. 15). Vou seguir...

O **consumo** de corpos e imagens, a **visibilidade**, e a **sua circulação**, (tanto dos corpos quanto das imagens) ocorrem também por uma **variação do valor da mercadoria, imagem do corpo**. Há processos pelos quais essa valorização se realiza - a circulação em si e a visibilidade - mas isto tudo envolve o que tenho chamado de revememoração. Mas ela me parece, agora, uma experimentação muito particular, sob certa ótica, quando penso, sobretudo, nas **imagens de minha ancestralidade próxima**, nesta *escrita* que é também autoetnobiográfica. Ainda que eu as compartilhe com os que me são próximos. Mas a revememoração não se aceita, acomodar-se como individualidade, visto que é mesmo o seu afeto de comunidade, comunhão e pertencimento, que a constitui como operação no MEBTS.

Devo compartilhar, no entanto, certa e aparente dificuldade em discorrer sobre o modo como penso esse experimento da revememoração e tudo o mais que tenho elaborado nesta escrita. Uma certa normatividade acadêmica, uma obrigada linearidade de pensamento e a imperativa categorização metodológica sobre as coisas do pensar, uma jaula aprisionante do pensamento, me impele a enxergar contradições no modo como tenho tentado organizar as ideias, sobre o MEBTS e todos os outros “Conceitos” (?) “Quase conceitos” (?).

Mas é isto!!! Esta escrita enegrecida, como a vida, é turbulência, uma antessala libertária e talvez não se possa notar pelas normas do jogo do sistema do qual o corpo da escrita, quer se desvencilhar. Tudo que dele foge parece ser contradição. Não se vê mesmo refletido no espelho do aparelho. A própria “necessidade” que gerou essa “justificativa” é sintoma desse conflito.

E assim voltando ao não fluxo de um fluxo Em suas dimensões, coletivas e pessoais, a revememoração, como processo de reverência à ancestralidade, não poderia mesmo ser normatizada, tão distintivamente em suas dimensões, simplesmente porque elas não existem, separadas. O que me pa rece insurgir como herança de um modo de pensar ou, de não reconhecer da ancestralidade. A separação ou a necessidade da organização do pensamento desse e não de outro modo, é uma artificialidade produzida pelo acontecimento do colonialismo (racismo), aos cuidados da fé de um ocidentalíssimo cristianizado.

Daí a importância de pensar sobre os sentidos e os afetos produzidos pelos alunos pesquisadores no seu encontro com a comunidade quilombola Colônia do Paiol.

“Eu pensava uma coisa da Colônia, achei que igual a África e quando eu cheguei lá eu calei até a minha boca, mudou completamente o que eu pensava.” (MM)-2017-2018

Constituiu-se num encontro de corpos, presentes e ancestrais, numa elaboração de memória e imaginário: visibilidade se dá na revememoração pela potencialidade de reelaboração de um imaginário racial, ancestral e presente sobre o negro. É, portanto, um **rizoma** que se constitui na experimentação do GPS Sankofa na Colônia do Paiol.

A ideia de Rizoma em Deleuze e Guattari (1995) envolve uma:

“... multiplicidade direcional – que cresce pelas bordas, se ramificando para todos os lados – parte de uma explicação da biologia, onde se polariza com o termo raiz, que cresce por bifurcação. Segundo os autores, o rizoma “se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”.

Trata-se de um “sistema a-centrado”, onde as intensidades circulam sempre em meio a constantes mudanças, diante da variação envolvente de afetos corpóreos.



Na **relembrança** há um estágio que algumas imagens, e seus corpos, alcançam a **emolduração** é um deles.

Emoldurar um corpo imagem ou uma imagem corpo, compreende um ritual de passagem, da mercadoria imagem e corpo da imagem, para a ancestralidade, relembrada. Mas é apenas uma marca além de um *Lugar* de visibilidade, visto que o sentir é mesmo a afetação que agrega valor ao corpo imagem, e que, portanto, lhe conferiria a moldura.

Sobre **Espelhos**, como **Aparelhos**, e **Imagens** como **Aparições**.

Um ensaio pedagógico?

A vida é pedagógica no sentido de ser uma mão que **conduz** pela incerteza dos *Lugares* da caminhada? Ou é o sujeito que caminha independente da mão, ou da incerta mão, que o conduz? A incerteza, nos dois casos, relativizaria a autonomia do sujeito que caminha?

É possível, assim, uma *pedagogia da autonomia*?

Como “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (Paulo Freire), o único modo, ou um bom modo, de prosseguir na vida é por meio dos encontros. Partilhar as caminhadas. Daí a importância das encruzilhadas e do papel, pedagógico, de Exú, na minha experimentação.

Mas talvez se deva dizer que a experimentação é também a trajetória profissional, a vida e sua travessia, ensaiadas, neste texto tese.

Pedagogia dos encontros pressupõe, então, uma aproximação ao Outro. Não há saída por rotas diversas que não considerem a autonomia em equivalência com as potencialidades de vidas, **nos encontros**.

É aqui que a filosofia e o pensar nagô nos oferecem, o que se pode chamar de uma *pedagogia dos encontros*, um “*pensar diferente*” (Deleuze) que permita incorporar à herança eurocentrada - e não a eliminar - um aporte, sobremaneira da “sensível do corpo”:

“O sentir é a comunicação **original com o mundo**, é o **ser no mundo como corpo vivo**. O sentir é o modo de presença na tonalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não é si mesmo por derivação ou, progressivamente, por etapas. Ele é de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outros, na atualidade do mundo. O sentir é a correspondência a essa presença[...]. Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. **Ele é o mundo**” (Boulaga, apud Sodré, 2021, p.106).

E ser no mundo como corpo negro, presente e ancestral.

Ato de Rebelião: pequenas fissuras, astúcias, ...



São corpos na escuta, na **escuta corpo** ou uma escuta com o corpo, ocupada, dedicada, atenta, entregue...Corpos que se ajustam para a escuta.


Exorcismo Parto

Extirpar o Mal

Expurgar a Dor

Ato de Rebelião: pequenas fissuras, astúcias, ...

Rizoma



Se não se pode pensar em *imagem do pensamento*, esta é *imagem do sentir com o corpo*.

Comunidade é amizade e cumplicidade. “*Nós somos descendentes deles como que a gente não é família?*” “*A comunidade é uma família*” (Mãe Nivalda)

Uma aula de economia e educação financeira:

Mãe Nivalda:

“Nunca assinei carteira na minha vida ...” “Vice-presidente da associação...”

“*A gente já é negro então não tem muito valor ...eu sou sozinha vai ver ali o que eu tô fazendo ...Deus multiplica meu dinheiro, juntei três anos...*”

Não se pode pensar no pedagógico por uma apatia ao mundo, e às coisas todas do mundo, pois não se pode apartar-se de si mesmo.

Mas não se pode toma-lo como “*jaula de ferro*” nem o aprisionar numa “gaiola epistemológica” (D’Ambrósio). São pedagógicas as suas dimensões tomadas assim apenas como narrativas, que mesmo sendo parte importante do viver, não se tomam em representação absoluta com o sentir do corpo. Em comunhão com o fora do corpo, mas que *É com o corpo*.

A quebra do Espelho: *alforria da Imagem, Ato de criação, ato revolucionário e de resistência.* Ou, sobre **como se produzem imagens e corpos negros.**

Obátàlá é orixá da criação. Foi Obátàlá, sobre as ordens de Olódùmarè o Ser supremo, quem criou os homens, que a certa altura se imaginavam “*com os poderes que eram próprios dos orixás [...] deixaram de alimentar as divindades [...] imortais que eram [...] pensavam em si mesmo como deuses. Não precisavam de outros deuses.*”.

Cansado, com a soberba humana, Obátàlá criou **Iku: a morte.** (Prandi, p.507).

Foi um escravo **Àtówódá**, comprado em um **mercado** por Obátàlá (que não lhe nutria bons sentimentos) que, “*subornado por invejosos, rolou uma imensa pedra sobre ele e o esmagou [...] e seu corpo foi feito em mil pedaços.*” (Idem, p.507)

Mas foi **Exú** (senhor do **mercado**, da encruzilhada, dos caminhos, aquele que permite a circulação) que encarregado por **Olorum** - “descontente” com o ocorrido com Obátàlá - quem recolheu “**os pedaços que encontrou**” de Obátàlá (mas não todos) entregando-os a **Olorum** que juntando tudo, “*de novo deu vida a Obátàlá*”. *Por isso dizem, Obátàlá está espalhado pelo mundo inteiro [...] está em todos os lugares.* (Prandi, 2001, p.508).

O que é uma proposta pedagógica? Pedagogia carrega o pressuposto de alguém de poder e de saber, a conduzir pela mão aquele ingênuo?

Conduzir pela mão é o mesmo que dar a mão para uma caminhada compartilhada?

O que é a pedagogia da criação, senão afetos que se espalham, em pedaços-corpos espelhados e refletidos em imagens diversas, por múltiplos desejos?

Não se pode ignorar a existência da **mão**, muitas vezes **invisível**, no empenho de controle e de desejo na produção de imagens e da vida, o que, no entanto, não se equivale a deixar-se levar por ela.

Pois que, se quebrem os espelhos pedagógicos!!!Ninguém mais se ocupará da *Imagem*. Ou da exclusividade na produção de imagens até que não seja mais necessário produzir imagens do pensamento e do conhecimento. (Assim falou Abana!)

Mas por que não, produzir imagens e corpos negros encenando-se em espaços propositivos, territórios rizomas de contestação, Espaços, não Lugares de aula de matemática? Porque não, fazer circular no ~~mercado~~ de bens e trocas simbólicas

imagens e corpos negros? Que não somente aquelas, elaboradas sobre a esteira colonial de produção?

Quebrem, quebrem o espelho a refletir o “*pretense espírito do mundo*” (Muniz Sodré), a “*forma absoluta*” hegeliana da imagem que, duplo aprisionamento, que só poderia ser germânica (a suposta excelência) e cristã.

Num *falseamento* sobre uma herança divina em que “*o espírito desvelou a sua existência e tem de completar o seu desenvolvimento... Pois os gregos passaram o cetro do domínio e da civilização (que receberam dos persas] aos romanos, e os romanos são subjugados pelos germânicos.*” (Sodré, 2021, p. 36).

Ou, num fórceps de narrativa histórica, ~~evidentemente~~ numa ação ideológica, que elaborou a ideia de que:

“*O Espírito germânico é o Espírito do Novo Mundo cujo fim é a realização da verdade absoluta como autodeterminação infinita da liberdade, que tem por conceito sua própria forma absoluta. O princípio do Império germânico deve ser ajustado ao modelo cristão. O destino dos povos germânicos é fornecer os portadores do Princípio cristão.*” (Hegel, apud Dussel, 1993, p.21).

Não se trata da elaboração de uma nova e arrogante verdade, mas de uma nova imagem do negro ou a sua “velha” imagem, vista sem o filtro do espelho do Aparelho. Que não querendo ser verdade absoluta, deseja apenas ser vista. O mundo é um mercado onde se compram homens e espíritos. Imperialismos!

“*Segundo a voz de quem manda, os países do sul do mundo devem acreditar na liberdade de comércio (embora não exista), em honrar a dívida (embora seja desonrosa), em atrair investimentos (embora sejam indignos) e em entrar no mundo (embora pela porta de serviço). Entrar no mundo: o mundo é o mercado. O mercado mundial, onde se compram países.*” (Galeano, 2014, p.05)

“*Nada de novo. A América Latina nasceu para obedecê-lo, quando o mercado mundial ainda não se chamava assim, e aos trancos e barrancos continuamos atados ao dever de obediência.*” (Eduardo Galeano)¹⁸

Vale para África, a mesma operação eurocentrada de produção de sua imagem refletida, que “*não é descoberta como algo que reside distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado o “si mesmo” [...] não é o “aparecimento do outro”, mas a “projeção do si mesmo”: encobrimento*” (Dussel, 1993, p.35).

¹⁸ Idem.

Assim como o **Aparelho** - que se reproduz pela *metodologia do espelho* e não menos pela *metodologia da esteira*, por onde tento capturar dois aspectos do MBTS, com os quais ensaio está escrita, quais sejam, o Racismo e o Capitalismo - também por herança a Escola, e talvez de modo especial a sala de aula de matemática, encarnou-se destas racionalidades metodológicas: a produção do “si mesmo euro centrado” o “encobrimento do Outro”.

O primeiro, principalmente pela *ação* irrefletida de *palavras de ordens*, travestidas em equações e procedimentos algorítmicos, o segundo pela *omissão* de uma contribuição negra africana para o desenvolvimento do pensamento matemático.

Mas há uma Aparição se encenando aqui, mas ainda como espectro. Hora o MBTS encena-se como redenção das imagens e corpos negros, hora se descreve por reprodução do espelho. Mas talvez isto se dê na escrita como na vida, e talvez eu deva considerar seus dois papéis pela mesma ótica da alteridade entre Lugar e Espaço em que o último é o primeiro praticado. A encenação da escrita, reverbera então a encenação do corpo enegrecido na prática profissional, entre *Lugares*, de alguém de poder, controlado, do currículo, e *Espaços*, ensaiados, subterfúgios, linhas de fuga.

Quando penso na *metodologia do espelho* estou no exame das práticas sociais e instituições que produzem a invisibilidade, negra, encobrimento.

E talvez alguém possa, neste exato momento, indagar sobre como se pode produzir o nada? Como se pode produzir imagens, não vistas?

Acredito que em outras partes deste texto tese, eu tenha me debruçado sobre esta questão, mas é sempre importante reforçar, insistir, aproximar-me de um sentido em elaboração. A produção do invisível, quando o tema é a visibilidade de imagens e corpos negros, se processa por intermédio da *metodologia do Espelho*, pela estratégia de “*ocultar mostrando*”. (Bourdieu)

Não há negros em postos representativos do poder político no Brasil, não há negros em postos chaves e de comando nas mais variadas práticas econômicas no Brasil. Assim, a invisibilidade, ou a impossibilidade de ser ver refletido no espelho, se realiza por dois procedimentos os quais sempre traduzo por intermédio da referida elaboração feita por Bourdieu, quando analisava o papel da imprensa jornalística:

Insisti no **mais visível**. Desejaria dirigir-me para coisa ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, **ocultar mostrando**, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se **torna insignificante**, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade. (BOURDIEU, 1997, p.24). (Grifo nosso).

Informar é fazer ver, permitir. E “*não corresponder absolutamente à realidade*”, aqui no trecho em exame, é um procedimento, quase cirúrgico de imprimir deformidades no que se permite ver refletido no Espelho.

Os Espelhos, do *Aparelho*, mostram poucos corpos negros e parecem ter uma patológica predileção por impor a estes corpos, papéis que lhes inscrevem a marca, produzida socialmente, da inferioridade. Esta é uma maneira ideológica de ocultar imagens e corpos negros, sendo *estratégia* (Cf. Michel Certeau) de operação, no que chamo de *metodologia do espelho*.

Por sua vez, quando trato da operação em curso pela *metodologia da esteira*, na produção de imagens e corpos negros, estou a considerar os processos e práticas sociais, econômicos e políticos, parametrizados por um viés étnico racial. Mas sobretudo, aqueles localizados no campo ou afeitos ao campo da educação formal.

Ou seja, a tudo que pesa sobre o *ser negro no Brasil*. Mas de um modo especial também me refiro a aqueles processos que estão relacionados a *manutenção econômica* da vida dos corpos de um modo geral e corpos negros, num olhar mais ocupado. Grande parte, a quase totalidade dos alunos com os quais encenei durante a trajetória profissional em Espaços de sala de aula de matemática eram autodeclarados pretos ou pardos.

Eu utilizo a metáfora da *metodologia da esteira* para pensar sobre os processos radicalizados e cristalizados nas salas de aula de matemática, que se afeiçoam a interesses de acumulação, pela produção da racionalidade que é peculiar ao regime de acumulação. Esta metáfora explica com razoável adequação o que acontece em nossas salas de aulas de matemática, capturadas (e reproduzida aqui) a partir das contribuições de dois importantes educadores matemáticos: Ole Skovsmose e Romulo Campos Lins

(*), que elaboraram respectivamente sobre a Educação Matemática Crítica e o Modelo dos Campos Semânticos.

Skovsmose descreve o que tomo como modo de operar pela *metodologia da esteira*, próprio das salas de aula de matemática, “tradicionalis”¹⁹, recorrendo a uma análise sobre o papel da **formalização da linguagem** (matemática) na formação, do que pode ser tomado por “*construção social da realidade*”²⁰. Considera Skovsmose (2001, p.81) que podemos nos referir a dois tipos de constructos, as **abstrações para pensar** e as **abstrações concretizadas**, e que dizem respeito a formatação da sociedade pelo conhecimento matemático, ao “*poder formatador da matemática.*” As primeiras podem ser traduzidas em “conceitos *matemáticos e modelos matemáticos [...] existem apenas como modelos mentais ou como imagens [...] maneiras de calcular impostos etc.*” (Idem).

As “concretizadas”, dirá Skovsmose, “*têm um estatuto ontológico diferente sendo “dadas por evidentes” e aceitas sem questionamento.* As abstrações concretizadas evidentemente “*não só criam modos de descrever e lidar em os problemas, como também se tornam a fonte principal de reconstrução da realidade*”. Eu diria, fonte de “**reprodução** da realidade”, ainda que seu caráter reformativo nunca possa ser ignorado. Elas são, o que noutra área de conhecimento, a linguística, pode ser tomado pelo papel dos discursos: a construção de *tipos de identidade*; as *relações entre as pessoas* e os próprios *sistemas de pensamento e crença*. (Cf. Fairclough, 2001)²¹. Ou mesmo pela noção de contextos linguísticos, que dizem como devemos ver e agir, numa determinada situação (Cf. Dijk, 2012)

Mas Skovsmose ressalta que “*a formalização da linguagem e a formalização das ações estão intimamente ligadas.*”, sendo a primeira, o “*primeiro passo para a adaptação da realidade à nossa imagem dela.*” Numa “*descrição que enfatiza certos aspectos ignorando outros*”. (p.83). E que estaríamos “testemunhando” “*uma transmutação da abstração para pensar em abstração concretizada*, ocasionada pela transmutação de uma linguagem formalizada na **formalização de rotinas** (p.83)

Citando Tony Cotton (1998) ,Skovsmose descreve que “a aula de matemática é dividida em duas partes: primeiro , o professor apresenta algumas **ideias e técnicas** matemáticas e , depois, os alunos trabalham com exercícios selecionados” havendo no

¹⁹ Há sempre uma tradição projetando-se sobre as práticas sociais que se rebete sobre as propostas curriculares. A grande questão, aprendi em Travessia é: que tipo de vida elas afirmam?

²⁰ Referência a um texto de Thomas Luckmann e Peter Berger,

²¹ *Discurso e Mudança Social*

entanto certa variação neste padrão ,para comportar “o tipo de aula em que o professor ocupa a maior parte do tempo com a exposição até aquela em que o aluno fica a maior parte do tempo envolvido com a resolução de exercícios” (Cotton, apud Skovsmose, 2008,p.15) . Um “*paradigma do exercício*” (Cf. Skovsmose, 2008).

Ocorre que não opera aqui apenas a perversa repetição acrítica de procedimentos automatizados da esteira - o que se *afina eletivamente* com o regime de acumulação - mas também a ocultação (invisibilidade) da contribuição negra africana para produção de parte considerável destas as *ideias e técnicas*, camufladas pelo aspecto dogmatizado desta **rotinização**.

E ao considerar o dogma com um dos aspectos relacionados a **rotinização** de processos e práticas, quero ressaltar o entendimento de que, nascida por deriva do método, ela provoca uma transformação no estatuto ontológico do próprio método.

É ela, o instrumento, não a racionalidade, que possibilita a *abstração para pensar* se realizar como *abstração concretizada*.

Mas se deve considerar a existência de uma variedade de “racionalizações”, e aqui eu talvez esteja utilizando a palavra “racionalização” para me referir aos diversos “sistemas de pensamento e crenças”. Que ainda, suspeito, podem ser interpretados como “modos de subjetivação”. Eles talvez não sejam “os modos”, mas sim “fontes de modos”. Nunca algo como uma prateleira que a pessoa vai e “pega” aquilo que lhe aprouver, pois a coisa se dá sempre na relação. Mas o termo racionalização sugere uma operação em desenvolvimento e, portanto, talvez não seja exatamente o “sistema de crenças”, se afeiçoando mais a um “modo de subjetivação”.

De qualquer forma parece bem assentado dizer que a representação toma de assalto a coisa representada, pela alienação provocada, primeiro pelo aporte ideológico da racionalidade do método, e em segundo lugar pela própria extensão rotinizada deste último.

Bem, a sala de aula de matemática, tem representado um *Lugar* em que se encontram conjugadas, as estratégias *metodológicas* da *esteira* e do *espelho*.

Num modo de produção capitalista, a **rotina** é aspecto fundamental da *metodologia da esteira* a inculcar uma racionalidade favorável ao regime de acumulação.

E mesmo de um modo aparentemente apartado desta racionalidade de produção, a **rotinização** produz a alienação “necessária”, não permitindo a experimentação com o **espanto**, tornando impermeável a nossa percepção sobre os problemas sociais,

econômicos e étnico-raciais que afetam as relações de poder no *Lugar* de aula, a Escola.

E em seu interior, a matemática, sob o viés de certas práticas enraizadas e cristalizadas, quase que se espelha à imagem e semelhança do *método disciplinar* de produção de corpos, pelo emprego das *metodologias da esteira* e do *espelho*.

A sala de aula de matemática tem se servido assim, a este propósito enquanto *Lugar* de produzir o fracasso, a baixa autoestima e a exclusão, sobremaneira, de corpos negros.

Mas em que também se vê experimentados movimentos

Também Rômulo Campos Lins, tem uma passagem muito forte relacionada às dicotomias entre a sala de aula de matemática e o mundo fora da escola, pelo distanciamento entre a “matemática da escola e a matemática da rua”. Mas é sobre o aspecto que diz respeito à *rotina* da sala de aula, evidenciada na análise de Lins (1994, p.94) que desejo considerar. Por “uma imagem simples”, a rotina da sala de aula de matemática implica em que:

“... o aluno chega à escola, tira das costas a mochila com as coisas que ele trouxe da rua e a deixa do lado de fora da sala de aula. Lá dentro ele pega a pastinha onde estão as coisas da Matemática da escola, e durante a aula são estas as coisas que ele usa e sobre as quais fala.”

“Ao final do dia escolar ele guarda a pastinha, sai da sala, coloca de volta a mochila da rua, e vai embora para casa. É bastante interessante considerar que na mochila da rua - assim como na vida cotidiana - as coisas estão organizadas (agrupadas, categorizadas) de maneira bastante diferente daquela das pastinhas disciplinares da escola.” (Lins, 2004, p.94)

O *Lugar* sala de aula de matemática materializa-se como *Lugar* de operação pedagógica pela *metodologia da esteira*. E isso se realiza pela educação dos corpos que vivem no espaço da aula. Uma sessão que se inicia ritualizada pelo **esquecimento da vida fora da sala ...**

O que opõe ou evidência mais uma vez o esquecimento – o “esvaziamento da memória – como uma estratégia de produção: vide a árvore do esquecimento e o processo, não menos rotinizado – de pôr corpos negros escravizados em voltas, ininterruptas, ao seu redor.

... (a mochila deixada de fora com as coisas do fora); pelo **anúncio da cisão** entre a sala de aula de matemática e, portanto, o que lá se “aprende” e a vida; e a rotina

espelhada nesta narrativa, que é o que na verdade garantirá a produção de um corpo trabalhador domesticado, mercadoria, produtor potencial de outras mercadorias.

Passar por este ritual é que lhe garante a entrada, como corpo modificado, no Mercado de trabalho. O sistema do Aparelho, quando se dá no Lugar da sala de aula de matemática, precisa criar uma ascese intramundana própria daquele lugar pois as coisas mundanas poderiam perverter as mentes em processo de comodificação. Talvez seja essa a razão de que a sala de aula e de modo especial a sala de aula de matemática, tenham se especializado em inculcar nas mentes processos rotinizados, que se apartam do mundo fora da escola. Na verdade, fazem acreditar ser a escola, algo separado, uma preparação para a vida...Eu vivi boa parte da trajetória, como professor de matemática, inquieto com a pretensão asséptica e eugênica daquele Lugar.

Na rotinização dos processos didáticos na sala de aula de matemática acontece algo similar ao que se processa em qualquer outro campo da produção que se oriente pelos rituais do MPC. Num recorte do que é este modelo, o capitalismo, pode-se dizer do desenvolvimento de uma prática **de produção**, em que cada pessoa está ocupada apenas com as ações que deve fazer, como numa linha de montagem das grandes engrenagens do fordismo. Mesmo com as mudanças no contexto das relações de trabalho, em que pese a *acumulação flexível* (Cf. Harvey), o “*trabalho imaterial*” (Cf. Gorz) ou mesmo a ideia de se deva dizer “*adeus ao trabalho*” (Cf. Antunes), o que recorto destas proposições acerca das transformações do trabalho e do mundo capitalista, talvez seja exatamente aquilo que permanece na variação. O tema sobre aquilo que permanece, a despeito destas mudanças: um dado *éthos* que em cada tempo histórico mantém como princípio vital o desejo de acumulação. A existência de um *ethos* que mantém alimentado o desejo de acumulação é a grande permanência.

Obatalá

Espaços

Lugares

Trocas simbólicas

E dessa forma, a Escola, e os processos habituais de uma sala de aula tradicional de matemática, de um modo geral algorítmicos e regidos por 'palavras de ordens, agenciamento coletivos de enunciação e ensinado por coordenadas do agir, apenas seguem sendo os ajustes necessários, ao comportamento das pessoas, para que os sistemas sigam operando. Isto potencializa a capacidade de produção uma vez que se está junto a outros autômatos, no esforço produtivo, apesar de separado de qualquer afeto que não se ocupe com a produção. Um, "estoicismo" econômico e de produção.

Além disso tal divisão social do trabalho, numa percepção marxista, acaba por impedir que o sujeito tenha uma visão completa do que seja o produto, vivendo uma experiência fragmentada sobre os processos de produção. Menor consciência sobre os processos de produção estimula comportamento acrítico sobre as relações de trabalho, potencializando a exploração da força de trabalho. E a quem serve a **metodologia da esteira** senão ao modo de produção de plantão?

Mas ~~é claro que~~ essa é uma leitura parcial, limitada, limitante talvez das potencialidades que também se fazem presentes, e rebeldias, ensaiadas como Espaços, no *Lugar* de aula de matemática. E aqui, pensando sobre as potencialidades esta discussão me remeteu, fez-me lembrar sugerindo-me certa proximidade, a ideia de uma

"solidariedade orgânica" (Cf. Durkheim) como um dos "resultados" da divisão social do trabalho, a despeito dos imperativos de acumulação.

Assim recortada, essa discussão , do contexto dos estudos do capitalismo e ajustada aos interesses de se pensar na produção de Espaços de Bens e trocas simbólicas , está presente aqui , não uma solidariedade orgânica que se instrui , naquele contexto, muito mais por um imperativo operatório da produção , mas uma solidariedade corporal em que pese , vou traduzir desta maneira para resumir, a aglutinação : **faraimará** que de acordo com Muniz Sodré , no pensamento nagô, sugerem *"intensidades individualmente apropriadas, embora sempre relativas a uma unidade ... faraimará, ou seja, "todos unidos num só corpo"*(Sodré , 2021).De uma solidariedade orgânica a um corpo solidário.

Certeza de que eu já me ocupei demais com a denúncia: uma espécie de luto ressentido e prolongado. Quando virá a primavera na escrita? O prolongado inverno, em que se ensaia e muitas vezes por um corpo a partir do subsolo, o que significa?

Nada disso!!! Não há primaveras apenas invenções

Quando eu imaginava que tinha me ocupado demais com a denúncia e desejava o acontecimento da escrita em anúncios, eram exatamente os momentos em que o *eu cartesiano*, tomava pra si todo poder sobre a percepção sobre o texto da escrita. E desse modo, esse (eu cartesiano) é também um duplo que me habita. Um outro *desejo da escrita*.

A primavera já se fez na escrita e foi preciso me afastar do texto uma, duas, três e tantas outras vezes em tantos outros recomeços, para me dar conta disto. Ou talvez, para que o tardo tempo em escrita, me convencesse disto.

Creio ser este o ponto: é no embate, no desejo da escrita sempre as voltas entre o *texto do desejo* e o *texto da escrita* que a criação se dá, se mostra, ou se elabora, como

o entorno de uma imagem, ou no entorno de um corpo em uma imagem. Também o corpo do subsolo, muito vem à superfície, afinal de contas o racismo diário quer mesmo que estejamos sempre num porão. E a grande anunciação não é mais o afastamento definitivo da dor ou da morte, mas o fato de que é nos percursos e movimentos de circulação, nas trajetórias, que se processam os encontros e as transformações são um sempre... Já não somos quem imaginávamos ser, nem éramos apenas o que acreditávamos ter sido. Tudo é movimento, circulação e transformação.

Muitas vezes foram os alunos que **sabotaram** o *Lugar*, além do próprio Sabotage, cujo corpo imagem veio-te comigo sobre “um bom lugar”. Mas eles os alunos, talvez assim como Sabotage, jogaram seus tamancos na esteira de produção.

Muito saboroso o atravessamento, *Aparição*, do corpo negro *Sabotage*, um rapper paulistano.

“Essas músicas minha, eu fiz naquele barraquinho ali ó... É legal que eu tiro atenção deles mano e é bom isso ...”

“Tirou atenção da molecada pra mim já dá pra entender que eles tão aprendendo alguma coisa ...”

O racismo não é um problema de classe. Ocorre que desde as leituras de Marx, desenvolveu-se uma tradição na esquerda revolucionária que implica numa certa miopia sobre as relações raciais, o que muitas vezes nos coloca na posição de termos de convencer nossos próprios aliados sobre a perversidade que esta proposição arraigada pela ideia da luta de classes, carrega.

Há um acontecimento histórico e uma análise importante sobre ele, o capitalismo (ou sobre ambos, além dele, o racismo) que reproduzo aqui, dentre muitas outras provavelmente, que demonstram o fenômeno do racismo a impactar a produção de diferenças econômicas. Conta David Harvey, aliás, um geógrafo marxista, que o episódio da crise mercado imobiliário norte americano, a crise imobiliária capitalista de 2008, na verdade começa bem antes, no final da década de 1990, ocasião em que as dificuldades de pagamentos das dívidas hipotecárias estavam restritas a população negra nos Estados Unidos. Lá:

“entre 1998 e 2006 , antes da crise imobiliária bater com seriedade²², estima-se que (os afro-americanos) perderam entre 71 bilhões e 93 bilhões de dólares em ativos ao se envolver com empréstimos conhecidos como supprime [...] Mais uma vez , como aconteceu durante a pandemia de HIV/ Aids, que aumentou durante a administração Reagan , o custo humano e financeiro final da sociedade por não dar atenção aos claros sinais de alerta, pela falta de interesse coletivo e pelo preconceito contra os primeiros na linha de fogo foi incalculável.[...] Em Cleveland , foi como se um “Katrina²³ Financeiro” atingisse a cidade . Casas abandonadas, com tábuas em janelas e portas , dominaram a paisagem nos bairros pobres, principalmente negros.” (Harvey 2011, pp.09-10).

Eu traduzo a forma talvez sutil de Harvey abordar um problema com contornos evidentemente raciais, substituindo a expressão **“contra os primeiros na linha de fogo”** por negros **“norte-americanos”**. Aliás, é interessante pensar, ou denunciante, como em muitos momentos históricos foram mesmo os negros, aqueles primeiros, enviados para as frentes de batalhas em momentos de guerras. Isto

²²E esta adjetivação já pode ser um descuido indicioso, denunciante do tratamento desigual dispensados a brancos e negros.

²³ O Katrina foi o nome de batismo dado a um furacão

foi ocorreu tanto na *Guerra de Secessão*²⁴(1861-1865) nos Estado Unidos, quanto no genocídio do povo paraguaio, promovido pelo Brasil, Argentina e Uruguai, não é claro, sem a bênção do imperialismo e dos bancos britânicos. “*O episódio chamou-se Guerra da Tríplíce Aliança*” e os países agressores:

“*encarregaram-se do genocídio. Não deixaram pedra sobre pedra e tampouco habitantes varões entre os escombros. Embora a Inglaterra não tenha participado diretamente da honrosa façanha, foram seus mercadores, seus banqueiros e seus industriais que resultaram beneficiados com o crime do Paraguai. A invasão foi financiada, do princípio ao fim, pelo Banco de Londres, pela casa Baring Brothers e pela banca Rothschild através de empréstimos a juros leoninos que hipotecaram o destino dos países vencedores.*” (Galeano, 2014, p.251)

Além da eliminação genocídica do povo paraguaio, protagonizada pelo Brasil e seus parceiros, por razões econômicas, financeiras e comerciais, Júlio Cesar Chiavenatto, num livro intitulado: *O Negro no Brasil, da Senzala à Guerra do Paraguai*, assevera que enquanto:

“... a população branca cresceu 1,7 vez, a negra diminuiu 60%, a contar-se dos quinze anos próximos à guerra (1860-1875). Foi a primeira vez na história do Brasil que o número de negros diminuiu não apenas proporcionalmente em relação à população branca, mas também em números absolutos, comparando-os com os anos anteriores à guerra. Em 1800, havia 1 milhão de negros no país; em 1860, 2,5 milhões; em 1872, apenas 1,5 milhão.” (Chiavenato, apud Domingues,2004, p.40)

O **Aparelho** é uma espécie de moinho de gentes cuja entrada se dá pelo *espelho*.

E talvez ele seja aqui nesta escrita mais uma **Aparição**. Ele se corporifica como uma instituição ideológica. O **Aparelho** é o Mercado? Ou o Mercado é uma das encarnações do **Aparelho**? Uma de suas encarnações.

A **Escola**, de um modo geral, quer seja como **Aparelho Ideológico de Estado** (Althusser), quer seja pela ótica da **Reprodução** (Bourdieu e Passeron), está sempre à espreita, de mãos dadas com o **Aparelho**, mas não se confunde a eles.

Nesta escrita, o **Aparelho**, na sua **Aparição** nasceu pelo pensar sobre o Espelho que transformado em **metodologia**, precisou de um nascimento, de uma mãe e /ou de um pai. Pois sendo um procedimento *metodológico imaginado*, carrega em parte o status de ideológico e, a despeito de não se bastar nele, necessitaria então de um **sistema**

²⁴ Guerra Civil nos Estados Unidos, entre o Sul e o Norte do país, que ocorreu entre os anos de 1861 e 1865,

de pensamento, pai e ou mãe de seu nascimento. Quem pariu o *Aparelho*? Foi um acontecimento?

Uma *afinidade eletiva* (Weber) entre o *Capitalismo* e o *Racismo*, da qual está escrita no registro de sua *Aparição* é sua certidão de nascimento?

Por hora, o *Aparelho* será ensaiado como uma conformação ideológica de produção de imagens e corpos, negros, entranhada aos processos capitalistas, sem se confundir a eles, e que se coloca em funcionamento pelas metodologias do *espelho* e da *esteira*. O Espelho é parte importante de sua estrutura.

O *Aparelho* pode na maioria das vezes ser tomado pelo *Ideológico de Estado*. Mas esta identidade seria problemática em alguns aspectos. O primeiro refere-se a natureza e concepção de ideologia que fundamentam a operação do *Aparelho Ideológico de Estado*.

Para Althusser a Ideologia é uma:

“representação do mundo determinada (religiosa, moral, etc.), cuja deformação imaginária depende da relação imaginária destes indivíduos com as suas condições de existência, isto é, em última instância, com as relações de produção e de classe (ideologia = relação imaginária com relações reais). Diremos que esta relação imaginária é em si mesma dotada de uma existência material.”

Mas não é por esta percepção sobre ideologia, que se constitui o *Aparelho* (o do espelho). Ele não se confunde com a *Ideologia*, com um conceito geral, não sendo um fenômeno “*sem história*” (Cf. Althusser, p.94), sendo na verdade profundamente marcado por duas produções, ideológicas, históricas: o *neoliberalismo* enquanto *modo de regulação* do capitalismo, e do *Aparelho*; e o *branqueamento*, para citar duas acepções *afinadas* ao *Aparelho do Espelho*. Além do mais não subsiste aqui uma dependência das produções imaginárias às condições materiais de existência dado que o *Aparelho* produz imagens de corpos negros, não apenas monetizados, mas mimetizados em mercadorias capitalistas.

Mais do que isso, pois esta concepção de *Ideologia*, relacionada ao crivo de classe social, colocaria a produção do Espelho, as imagens deformadas de corpos negros, circunstanciadas às assimetrias sociais e econômicas. Sendo mesmo a clivagem socioeconômica de corpos negros, sobremaneira, uma produção do racismo.

A escola tem servido a reprodução, da sociedade em termos de suas estruturais diferenças econômicas, raciais e sociais ao mesmo tempo em que, quando se faz porosa à experimentações rizomáticas, lhe produz fissuras, as *brechas*.

E, se a *Escola-Lugar* o faz (opera) disciplinando corpos, a *sala de aula de matemática lugar*, potencializa esse fazer, por contingências históricas, mas também por predileções de corpos a permitir circular ...

“*Mas você não é professor de matemática?*”

“*Porque então estamos discutindo o racismo?*”

Mas a suposta inferioridade negra foi uma produção ideológica e religiosa de tal sorte impregnada e alienada pelos processos próprios da *esteira de produção*, que não nos permitem e, para além das molduras do *Aparelho do espelho*. Mas aqui, estamos considerando uma moldura, *do Aparelho de refletir a forma dogma*. E apenas uma espiada ao lado de fora, da moldura epistêmica, pode permitir fugas de imagens do Espelho, nas sombras. Nas dobras ou no entre... nas desdobras. Ou ainda como “*astúcias*” me perdoe Michel Certeau, mas não dos “*mais fracos*”.

Neste contexto, o *esquecimento*, lembro aqui mais uma vez, é uma estratégia realizada nas entrelinhas dos processos *rotinizados* (consumados como caminho da verdade) e nos processos *higienizados* (pela omissão temática sobre o que acontece fora dos muros da escola) e *eugenizados* colonialmente (pela omissão - e rejeição - sobre a contribuição da produção, matemática e da Ciência, africanas). Este *esquecimento*, que tem lugar nas salas de aula também de matemática, pode ser tomado como *operação* da esteira de produção (a *metodologia da esteira*). Talvez como o fora no passado colonial, da *árvore do esquecimento*.

O *Baobá diaspórico* da minha ancestralidade recente, e nuclear, se é que há sentido em dizer dessa individualidade, é a *Pequizeira*. Tomada como experimento da escrita e do corpo em enegrecimento.

“*Jacques Le Goff, no texto “Documento/Monumento”, lembra que a palavra latina monumentum remete à memíní (memória) e monere (fazer/recordar). Assim, monumentum é um sinal do passado. É tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação: uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura, um*

monumento funerário ou um documento escrito. Trata-se de um legado à memória coletiva que detêm o poder de perpetuar a recordação do passado.”²⁵

Acaso pode-se arguir inferior alguém que educou por mais de vinte anos aos gregos “notáveis” como Pitágoras e Tales?

São os próprios gregos, ~~quase que num exercício de um paradoxo~~, que atestam, a importância da participação africana.

Segundo Muniz Sodré para *Porfírio de Tiro, que era discípulo de Plotino, um filósofo neoplatônico que influenciou o pensamento cristão*: “É um fato incontestado que Ciências matemáticas como Geometria, Aritmética e Astronomia chegaram tardiamente as helenos. Eram conhecidas por outros, mas os helenos delas não tinham conhecimento” (Sodré, 2021, p. 45).

É também Sodré que nos lembra de Aristóteles na *Metafísica* ao relacionar a “invenção das artes matemáticas” ao lazer e ao ócio desfrutado pela casta sacerdotal no Egito.” (Sodré, 2021, p.45)

Mas ainda talvez seja preciso lembrar, resgatando, que o Egito é África. Percepção talvez deturpada pelo inconformismo *hegeliano* com tão prodigiosa produção de saber, protagonizada por um povo que estava fora da linha evolutiva, na passagem da mente humana da Ásia (em sua infância) a Europa (seu auge e maioridade).

“Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela, não faz parte da história mundial; não tem movimento ou desenvolvimento para mostrar, e o que porventura tenha acontecido nela – melhor dizendo ao norte dela – pertence ao mundo asiático e ao europeu. Cartago foi um momento importante e passageiro, mas como colônia Fenícia, ela pertence à Ásia. **O Egito será considerado em referência à passagem da mente humana de sua fase Oriental para a fase Ocidental, porém este não pertence ao Espírito africano.** Na verdade, o que nós propriamente entendemos por África é algo fechado sem história, que ainda está envolto no espírito natural, e que teve que ser apresentado aqui somente como limiar da história universal.” (Hegel)

²⁵Trecho extraído de Em 02/08/2022: <https://www.geledes.org.br/11-lugares-de-memoria-da-escravidao-na-africa-e-no-caribe/>.

É só mesmo a **suspeita** sobre a crença na autossuficiência e exclusividade na explicação do mundo, que pode abrir as brechas para outras narrativas possam surgir e para que percepções sedimentadas continuem caminhando, sendo revistas e reelaboradas. Desdobra. É o *descuido* necessário, da **forma dogma**.

Uma suspeita **não inquisitória** mesmo que, ressentida, em muitos momentos assuma este primeiro caráter, mas **descuidada**, modo pelo qual pode abrir-se em afetações múltiplas.

Mas há que se fazer uma distinção indagante: existiriam, o **descuido alienante** e o **descuido metodológico**, todos a compor o Mercado (e o Espaço) de bens e trocas simbólicas?

Os dois, certamente, possuem algum grau de alienação como resultado. O primeiro, mais afeito ao esquecimento (no sentido coloquial) do que ao *esquecimento*, por exemplo, como *metodologia colonial de dominação*: a das voltas entorno da árvore do esquecimento.

O descuido que se defende neste texto tese, por hora, assemelha-se a ideia de que descuidar-se da ideia de uma imagem do pensamento por excelência, que em geral se equivale à branca eurocentrada, permite outros possíveis, se filiando ao devir do corpo negro.

Cuidar: “meditar com ponderação; cogitar, pensar, ponderar.”

Seria preciso esquecer para se lembra?

Se despír para compor com outras roupas?

É preciso tirar a atenção das crianças para que elas aprendam ...disse Sabotage

Pensar sobre o metodológico dominante é produzir a manjedoura das **Aparições**, que permitem o ver para além do visível. Ver o invisível ou o invisibilizado, que fora criado, assim, por uma produção particular, e de poder, de sentido, maquiada de coletiva.

Agência

Unatalá

Espaços

Lugares

Também os gregos que afirmam de onde se origina parte de seu esplendor e sua produção. Para **Heródoto** (apud Benedito, 2015, p.26):

“Foi, portanto, Melampo, quem instituiu a procissão do falo em honra a Baco e o primeiro a instruir os gregos sobre as cerimônias que ainda hoje se praticam. Melampo devia ter sido, na minha opinião, um sábio, hábil na arte da adivinhação. Instruído pelos egípcios sobre um grande número de cerimônias, inclusive a que se relacionava com o culto de Baco, introduziu as na Grécia com ligeiras modificações. Não atribuirei ao simples acaso a semelhança entre as cerimônias religiosas dos egípcios e dos gregos. Se essa semelhança não tivesse outras causas, as cerimônias não estariam tão afastadas dos usos e costumes dos gregos. [...] Quase todos os nomes dos deuses passaram do Egito para a Grécia. Não resta dúvida de que eles nos vieram dos bárbaros (HERÓDOTO, 2001 p. 217-218).”

Para **Aristóteles** (apud Benedito, 2015, p.26):

“De modo que, constituídas todas as ciências deste gênero, outras se descobriram que não visam nem ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde os homens viviam no ócio, É assim que, em várias partes do Egito, se organizaram pela primeira vez as artes matemáticas, porque aí se conseguiu que a casta sacerdotal vivesse no ócio (ARISTÓTELES, 1973 p. 212-13).”

Para **Jâmblico** (apud Benedito, 2015):

“E especialmente Tales, o saudou grato, ao admirar também a diferença que apresentava com respeito aos demais jovens, porque superava e muito a fama que o havia precedido. Ele participou de todos os conhecimentos que pode, e aduzindo como pretexto sua velhice e seus problemas de saúde, embarcou para o Egito e se relacionou especialmente com os sacerdotes de Menfis e Tebas. Com efeito, ele obteve deles aquilo pelo qual as pessoas o tomavam por sábio. Afirmava que ele não era dotado, nem por natureza nem pela prática, de tantas faculdades como observava em Pitágoras. Assim, por tudo isso, se difundiu a boa nova: se Pitágoras se relacionasse com os sacerdotes mencionados, seria ele mais divino e mais sábio que todos os homens (JÂMBLICO, 2003, p.33)”

Plutarco (apud Benedito, 2015) considerava que:

“Dão testemunho disto também os mais sábios dos gregos, Sólon, Tales, Platão, Eudoxo, Pitágoras e, segundo alguns dizem, também Licurgo, que chegaram ao Egito e tiveram relações com os sacerdotes. Assim, dizem que Eudoxo recebeu ensino de Conufis de Menfis, Sólon de Sonquis de Saís, Pitágoras de Enufis de Heliópolis (PLUTARCO, 1995, p.74-75).”

Estrabão, sobre a formação de Platão e Eudoxo (apud Benedito, 2015):

“Nós vimos lá [em Heliópolis] a sala sagrada que foi usada no passado como aposento dos sacerdotes; mas isto não é tudo, nós também mostramos a residência de Platão e Eudoxo, para que Eudoxo acompanhasse Platão lá; depois de chegarem a Heliópolis, eles ficaram por treze anos entre os sacerdotes. Este fato é afirmado por vários autores. Estes sacerdotes, tão profundamente instruídos sobre os fenômenos celestiais, eram ao mesmo tempo pessoas misteriosas, que não conversavam muito, e somente depois de um longo tempo e com habilidosas manobras que Platão e Eudoxo foram habilitados para ser iniciados em algumas de suas especulações teóricas. Mas estes bárbaros guardavam a melhor parte para eles. E se hoje o mundo lhes deve o conhecimento de que a fração de um dia (do dia todo) tem que ser adicionada aos 365 dias para termos um ano completo, os gregos não sabiam a real duração do ano e muitos outros fatos da mesma natureza até os tradutores dos textos dos sacerdotes egípcios na língua grega popularizassem estas noções entre os modernos astrônomos, que continuaram, até o presente momento, a extrair em grande quantidade da mesma fonte como se elas viessem dos escritos e observações dos caldeus (ESTRABÃO apud DIOP, 1991, p.345)

Não se deve considerar que a intenção aqui seja produzir prova de uma superioridade africana, nem realizar o que se poderia tomar por uma espécie de revanche. Cabendo apenas indagar: Porque estas contribuições foram silenciadas?

Não se trata de querer provar uma origem negra e absoluta do saber verdadeiro, *encobierta* por uma operação de sentido produzida pelo europeu: um roubo, mas sim de considerar a diversidade na prateleira da história do saber produzido pela humanidade. E se contrapor a insistência do europeu (vide Kant, Hegel, Hume e tantos outros) em caracterizar os não brancos, como inferiores... e talvez a nós mesmos, por acreditarmos (como sociedade) nesta falácia.

Assim desde que se opere performe (um aprender sentir com o corpo, mobilizando para isto aquilo que se traz como afetos potencializastes de vidas, quaisquer que sejam) sempre pelo *descuido necessário* da suposta **basteça**, da forma dogma, de qualquer forma dogma, sempre quebrando **Espelhos** e recompondo em pedaços: processo de produzir novas e diversas imagens, e mesmo deixar se refletir, por entre os pedaços.

Palavra de desordem: Que se quebrem os espelhos!

Que se quebrem os espelhos! Foi o **ato de rebeldia** do escravizado, ainda que provocado pela inveja ou pelo ressentimento (isto é habitual em seres humanos), quem propiciou não só a extensão do poder de criar a todas as partes do mundo, como também a própria reelaboração instrumento (Obátalá) e em novas possibilidades de criação uma vez que, recomposto, sempre lhe faltavam pedaços.

A **falta** aqui não é, portanto, negativa ou inferior pois é ela, como uma inconsciência sobre as potencialidades sempre presentes nos corpos, **quem põe em movimento a circulação de imagens** e as trocas, afirmando vidas para além daquelas únicas, refletidas no espelho.

Assim o “erro” na sala de aula de matemática, sempre me abriu possibilidades, e aos alunos, de falar sobre as coisas da matemática, mesmo a cartesiana. O acerto, a verdade, sempre colocava um fim a toda enunciação desejosa. Silêncio!

Des-Encobrimiento,

É a quebra do espelho em pedaços e a sua reelaboração em outras configurações, que põe a termo a **metodologia do espelho** na sua predileção em ver refletidas apenas imagens forma dogma. Rebelar-se é embeber-se em possibilidades de criação: produção de novas imagens.

As “**Aparições**” tem, então, um toque de **rebeldia** com a qual, ou sobre a qual, eu já experimentei ~~encenar-me~~ na escrita deste texto. Elas rasgam a cena e dessa forma também ao roteiro da escrita das encenações das cenas, no processo de revememoração.

Produzem brechas na escrita, buracos por onde o autor ou leitor podem espiar sua performance ou a performance das imagens que se insinuem nas *Aparições*. Ao mesmo tempo podem se expiar com as performances. Se despir é um ato revolucionário.

O que se vê na brecha ou nas bordas do texto? São as sombras, um duplo do corpo, Ojiji. Uma outra dimensão existencial da imagem do corpo em *Aparição*. Creio tê-las chamado de *Sobrimagem*.

E a **Escrita (uma Escrita)** como ato discricionário de alguém de *Saber* e por vezes de *Poder* hegemônico, e que sempre se insinua dominante, carrega a **função** que não lhe fora outorgada, mas incorporada à força, de produzir o Outro como forja segundo o seu próprio corpo e imagem. **À sua imagem e semelhança.**

Foi pela **metodologia do Espelho** que, primeiro a empresa colonial e mesmo antes dela, as teorias racistas do século XIX como aquelas produzidas Arthur Gobineau (1816-1882); depois o aparato pseudocientífico da *Eugenia* (uma teoria sobre o melhoramento da raça) no primeiro Congresso deste gênero no Brasil em 1929; e mais à frente um pouco, a “solução” brasileira para o “problema do negro”, o branqueamento, elaborado discursivamente nas três ou quatro décadas iniciais do século XX, produziram o ideal corpo e imagem a compor a nação brasileira do futuro: o corpo branco.

O que nomeio por **metodologia do espelho** configura-se assim no modo de produzir e permitir a circulação de imagens, veicular imagens refletidas no mercado simbólico por uma escala cromática valorativa, parametrizada por uma imagem forma dogma branca como padrão ideal de imagem do corpo, a ser refletida no espelho. Trata-

se da imagem por excelência, a representação do belo, a materialização corporificada do saber e da civilidade, a imagem e semelhança de Deus.

Ao menos se pode dizer que estas foram as produções difundidas no *colonialismo* e, depois dele, pela *colonialidade*, pelo *racismo* e, no caso brasileiro, pela *Ideologia do branqueamento*. Foram estas produções teóricas ideológicas, religiosas que ajudaram a difundir um conjunto de discursos valorativos do corpo branco e depreciativas do corpo negro.

~~Tenho experimentado diferenciar o ambiente ou palco onde se pode encenar corpo negro, considerando o *Lugar de Negros* e os Espaços de enegrecimento. Na sala de aula os lugares de negros e negras...~~

Apenas o corpo branco, segundo a *episteme* que produziu a *metodologia do espelho*, tem o direito a imagem, o **direito de imagem**. Por toda parte veem-se imagens suas, representadas de forma supervalorizadas: branquitude. Elas circulam, estão nos outdoors, nas revistas, nas produções literárias, nos palcos, nas telas da televisão, sobretudo no Brasil, quase que como a encenar-se num espaço - um Lugar - exclusivo, numa “*negação do Brasil*”, denunciava Joel Zito.

Exorcismo Parto

São as imagens quase que exclusivamente refletidas pelo *Aparelho do Espelho*. Outras imagens circulam em espaços reduzidos, atuando apenas em *Lugares* específicos “**ponha-se no seu lugar**” ...

“ele não pode entrar na festa” ...

“eu não quero sentar do lado dela porque ela é preta”

“o que você tá fazendo aí negão?”

Corpos e imagens fora do Lugar?

É apenas do **subsolo**, pelas frestas, que se lhe permitem ver-se refletida no *Espelho*, e mesmo assim encenadas pelas “deformidades” que lhe são “impressas” pela pouca luminosidade que atravessa senzala ou da Casa Grande e antes ainda o porão, tão harmoniosamente encenada em “encanto”, assim como a modernidade, dirá Marcelo Paixão. Técnica de apagamento de imagens pretas, do *Aparelho do Espelho*.

Lugares

É pedagógico, o processo do espelho, porque ele pretende conformar todas as imagens, hierarquizando-as a partir de sua comparação com o padrão, confundindo-se com o próprio processo de educar os corpos...

... revelados nos desejos:

“Como será o corpo do homem brasileiro, do futuro homem brasileiro, não do homem vulgar ou inferior, mas do melhor exemplar da raça? Qual será sua altura? O seu volume? A sua cor? Como será a sua cabeça? A forma do seu rosto? A sua fisionomia?”

Estas foram as preocupações que ocupavam o pensar da elite brasileira sobre o futuro da nação. Representava parte das preocupações do Estado brasileiro, materializadas nas palavras do, então, ministro da *Educação e Saúde* no governo Vargas em 1938, Gustavo Capanema. Elas são reveladoras de coisas ditas e não ditas sobre as relações raciais, coisas que nos parecem ainda presentes contemporaneamente, ainda que in-visibilizadas por um mito: O da **democracia racial brasileira**.

Discursos como estes fazem parte do conjunto de ações, preocupações e **aspirações** do Estado brasileiro, de modo explícito, durante os 40 ou 50 primeiros anos do período republicano: constituir uma nação e um povo a imagem e semelhança do “melhor exemplar da raça”: o branco europeu.

Nos conta Jerry D’Ávila, num livro intitulado ***Diploma de Brancura***, que este trecho fora parte de carta escrita por Capanema dirigida a “*um grupo de antropólogos e intelectuais nacionalistas*” que teriam a tarefa então de se debruçar sobre o que deveria ser a estátua do “**modelo ideal**” de homem a compor a nação brasileira do futuro. Na carta, Capanema, narra D’Ávila (2006, p.47), “*havia encomendado uma estátua do “Homem brasileiro”*” que deveria ser exposta, **ornamentando** a entrada do prédio do Ministério da Educação e Saúde. A tinha encomendado a um escultor, Celso Antônio.

Ocorre que, depois de pronta, a escultura pareceu representar tudo aquilo que o Estado brasileiro e Capanema como ministro da Educação e Saúde, queriam deixar para

trás, uma figura “racialmente degenerada em vez de viril e ariana, como ele imaginava que viriam a ser os brasileiros.” (D’Ávila, 2006, p. 47).

Estes discursos de Capanema não foram produções isoladas, compondo na verdade um fenômeno bem datado nos estudos historiográficos e denominado *Ideologia do branqueamento*, descrito pela tese “aceita pela maior parte da elite nacional entre 1889 e 1914 [...] se baseava no pressuposto da superioridade branca” (p.110-111). Celso Antônio teria produzido a figura de um caboclo, justificando que ao olhar para o Brasil, “era aquilo que ele via”.

O período Vargas foi um cenário de efervescência das questões raciais no Brasil e o processo de constituição da educação pública. Neste período se encontram dois esforços reunidos em ações comuns: estruturar um sistema de ensino como condição civilizatória e de progresso da nação e “produzir”, neste mesmo sentido, um povo com perfil europeu, espelhado como futuro da nação.

Mas assim como Celso Antônio o que ainda se vê ao olharmos para o Brasil, sabemos disso, é um país de maioria afrodescendente que a despeito de representar parte expressiva da população, ainda acumulam “um lugar de inferioridade social”. A produção deste lugar se dá, inicialmente, pelo processo de escravidão, mas se mantém, reproduz e se ramifica estruturalmente na sociedade brasileira, por um processo “secundário” - não menos perverso - e que pode ser descrito pelo que se convencionou chamar-se ideologia do branqueamento ou pelo que se pode aludir como colonialidade. O que de qualquer forma nos leva ao racismo.

A escola teve um importante papel na produção desse ideário branqueado. São nos espaços de aulas, eventualmente de matemática na trajetória em exame neste texto tese, que encena então as possibilidades performáticas, em novos papéis, imagens e corpos negros.

As imagens sempre refletidas no *Espelho*. O “dentro” branqueado.



Inauguração da Escola Municipal Uruguay, 1925. coleção Augusto Malta, MIS, Secretaria de Estado de Cultura e de Esporte do Rio de Janeiro, 127u/f009741

É assim que nasce a Escola brasileira, branqueada em seu interior, enegrecida em sua exclusão.

A *metodologia do espelho* é pedagogia do branqueamento em funcionamento.

O fora, enegrecido.



Um contingente do Morro do Pinto que não vai à escola? Comentário de Augusto Malta sobre a inauguração da Escola General Mitre. Coleção Augusto Malta, MIS, Secretaria de Estado de Cultura e de Esporte do Rio de Janeiro, 127u/f009742.

Se num contexto histórico a operação se dava pela expulsão dos corpos negros do interior da Escola, em tempos de modernidade encantada a inclusão dos corpos só pode mesmo ser autorizada pelo branqueamento de suas imagens.

Na *metodologia do espelho*, o único modo de ser imagem refletida é pelo branqueamento da imagem, o que equivale a produção de matização da imagem corpo negro, para que sua imagem possa ter acesso ao Espelho, alcançando o status de imagem refletida, mas apenas se branqueada.

Mas este foi exatamente o processo de inclusão, que abriu as portas das instituições escolares no Brasil, a povo preto. Um paradoxo?

Num contra sentido foi potente a escola de *Pretextato*, naquele contexto como única opção possível de enfrentamento ao poder do *Espelho de imagens* do *Aparelho colonial*. Uma metodologia da quebra do Espelho? Uma metodologia contrassignificante? O desejo de corpos negros terem suas imagens refletidas no espelho?

Ainda que “*espelhadas por um conjunto de valores e procedimentos de uma sociedade burguesa e capitalista*” lembra-nos Edmilson Pereira, isto constitui-se a despeito da “rota utópica” de produção da “nova imagem” do negro, uma opção.

Mas há um problema porque “*o horizonte burguês e capitalista vislumbrado como opção utópica é, em larga medida, horizonte que no passado e no presente ofereceu elementos para a marginalização dos negros*”. (Cf. Pereira,2001)²⁶ Uma questão relevante.

Mas na verdade não se pode conferir exclusivamente ao modelo econômico o poder definitivo de comodificar corpos negros, porque assim se estaria a confirmar a suspeita discursada por alguns (mesmo aqueles numa posição mais à esquerda do espectro político) de inaugurar uma natureza econômica do problema racial, transformando racismo num problema de classe.

E ao final foi pecado original da desumanização do corpo negro, posto em curso pela empresa colonial com a benção da Igreja católica, quem pôs em movimento o ambiente que permitiu, no modelo burguês e capitalista, que se estendessem a exploração, marginalização de corpos negros.

A desdobra ...

O corpo é o seio da imagem. E o seio da imagem é aquilo que a alimenta e pelo alimento que é produzido pela mãe, que lhe concebe a vida. Não há nada que se compare em potência de vida do que o leite materno e, portanto, o seio da imagem só pode mesmo significar, algo que lhe dá vida.

Todo corpo precisa ser visto, ter sua imagem refletida.

Nesta ~~pedagogia do~~ mercado de trocas e bens simbólicos (com a imagem) a mãe tem um papel importante, tanto a mãe como corpo biológico que abrigam a vida em gestação, quanto a mãe, ideia ancestral.

Talvez seja assim que ela vem ao texto ...

Pretextato

Pretextato dos Passos e Silva conhecido como professor Pretextato. Não sabemos se era filho de escravos ou libertos (nos conta Jerry D’Avila), mas em meados do século XX, surge nos registros enviando requerimentos para a Inspeção da Instrução Primária e Secundária da Corte, o órgão que regulava a educação na época.

²⁶ Os Ardis da Imagem.

Solicitava autorização para criar uma escola de primeiras letras como eram chamadas as escolas dos anos iniciais de educação. Pretextato já lecionava desde 1853, mas queria institucionalizar suas atividades como professor, seguindo o “Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário no município da corte”, uma legislação que passou a vigorar a partir de 17 de fevereiro de 1854. No entanto, para continuar no exercício do magistério, queria receber dispensa dos exames obrigatórios a que todos os professores deveriam se submeter. Fundou em 1853 uma escola primária “*destinada a atender meninos “pretos e pardos” – cuja maioria dos pais não possuía sobrenome e nem assinatura própria.*” (p.143). Professor Pretextado fora um quebrador de Espelhos do Aparelho.

As *Aparições* não precisam, necessariamente, nascer emanadas de uma **existência material** embora possam, e com alguma frequência isso ocorra, estar a ela referidas. E se realizam como *Aparição* tanto quando se encenam “**descuidadas**” da **forma dogma imagem** de vida, quanto quando se experimentam, subversivamente, provocadas por **ela**.

Pretextato subversivo, a despeito de utilizar-se das regras do jogo próprias do aparelho, ousou, sendo corpo preterido a ser corpo imagem autorizada, provocando com isso a movimentação, circulação de corpos negros em espaços... Assim é que Pretextato, se envolve numa segunda aparição; a primeira como corpo negro carnal que resistiu...e a segunda, como uma sequência de sua aparição na historiografia revisada, continuada aqui neste texto em revememoração como corpo negro ancestral.

Mas é preciso vê-la – a *Aparição* - enxerga-la se encenando, há sempre o **acontecimento** de sua entrada em cena: o *Espanto*. O *Espanto* talvez seja o ápice do **acontecimento** se for possível conceber que a ocorrência deste último, possa comportar mais do que um único instante. O ápice do acontecimento do início da performance da Aparição. O milésimo de segundo, em que a coisa é notada no campo visual ou da memória, principalmente.

Existem assim acontecimentos de suas aparições e desse modo se tem que

A Aparição é a entrada em cena da Imagem, mas o que marca a entrada em cena da imagem é o *espanto*, uma espécie de claquete da encenação. Em algum momento

desta escrita, no pensar sobre este trecho senti a ideia do espanto se aproximando à que tenho sobre Ifã.

Numa “aproximação” que me é cara, conquanto se relacionar ao pensamento ancestral deste corpo negro. De qualquer forma e guardando muito respeito , pedindo licença , vou compor a ideia de aparições e seus espantos por “revelações “ que se não divinatórias porque não se é corpo negro ancestral habilitado para interceder junto a Ifã, ao menos enseja mostrar o que se é, talvez olhando mais para o passado ... Mas aqui , em revememoração a “revelação” se dá pelo movimento duplo de alguém (como alguém que pergunta a Ifã) olha para o passado , ao mesmo tempo em que é ela imagem corpo negro revememorado , que tem, junto ao corpo que revememora uma segunda performance reveladora.

Exú acertou um pássaro no passado com a pedra que lançou hoje.

Assim, não se sente aqui o *espanto* (*thaumázein*, *admiração*), enquanto motor primeiro e originário da filosofia tal como o experimentou Aristóteles e, “movidos” pelo qual “os homens começam e começaram sempre a filosofar ...”. O “*espanto cheio de admiração.*” Ainda que “Admirar” seja “...mirar o olhar para contemplar[...] observar, examinar” (Cf. Chauí, 2002, p.328), pois aqui há algo que me parece carregar o pressuposto da anterioridade da intenção filosófica, antes do espanto. Esta percepção me parece projetiva, para uma ação futura, implicada, admirada.

Enquanto aparição, espanto diz mais do sentir com o corpo do que com o “mirar do olhar”.

Numa certa perspectiva, filosofar é “*ser capaz de se espantar com acontecimentos habituais e com coisas de todos os dias, de colocar como objeto de estudo o que há de mais geral e o de mais comum*” (Schopenhauer, apud Sodré, 2021, p.70).

Filosofar é criar conceitos (Cf. Deleuze). Mas não é sobre a capacidade do *espanto* de que trato, mas do espanto enquanto *acontecimento* que me inspira pensá-lo como *indagação* súbito questionamento ao hábito, ao dado, ao passado, sendo *antijetivo*, e que no acontecimento se faz “clarividente”. Assim, não tanto mais projetivo para uma mudança que se instiga provocada no *espanto*, mas muito mais revelador do não sabido, encoberto pelo habitual.

Adjetivar é fixar uma qualidade, projetivo tomo como projetá-la qualitativamente num tempo futuro e interjetivo é se dar conta, *Aparição*, da qualidade que já se carregava, encoberta. Revelação, suspeito por hora, ser a aparição algo permitido por Ifá (“o que é vasto”, “o que se alarga”)

O processo de invisibilidade-visibilidade de corpos negros tem, com frequência, se alimentado pelo *descuido* e pelo *espanto*. E o *espanto*, assim, compõe-se como mais um processo importante do *Mercado Espaço de Bens e Trocas Simbólicas*, assim como o *descuidar da forma imagem dogma*. Eles também põem em movimento as imagens corpos negros no MBTS, as fazem circular entre os Lugares, alternando em cada um deles, o seu valor: o valor da imagem e do corpo negro, ao mesmo tempo em que pela performance transformam o Lugar em Espaço.

Enquanto o racismo vem acompanhado junto a uma negação explícita da vida do corpo negro (fixação do corpo e imagem a um lugar de inferioridade impedindo o movimento): “*Negros fedidos*”, “*criolos fedorentos*”, “*raça impura*” [...] “*eles não podem estar no mesmo ambiente*” que a autora do ato de racismo em Belo horizonte MG, no vagão do metrô em 07 de junho de 2022, anunciava aos gritos.

Ou quando uma família negra em passeio a um Shopping tem a sua permanência, a presença da criança negra que brincava e da própria família, interdita em um playground: “*vamos embora que aqui está cheio de preto*”.

O *espanto* com qual experimento esta escrita tem a ver com a *produção*, *circulação* e *Aparições* de imagens e corpos negros, em suas performances em Espaços e Lugares, e aquelas em que aparentemente a sua encenação seria democraticamente franqueada ainda que isso também devesse ocorrer no vagão de metro ou num playground de Shopping. Tem relação com o espanto afirmativo de vidas e de suas potências.

O racismo enseja um *contra espanto*? Uma espécie em que o faz por uma insurreição ariana sobre o corpo provocador do espanto?

Assim o *Espanto* com a *Aparição* de corpos negros em cena em espaços diversos, muitos deles não autorizados por alguém de poder, numa sociedade

branqueada, podem ocorrer (não por motivação, porque esta estará sempre, em última instância, alicerçada no racismo) por *modus operandi* que variam.

O Espanto pode ocorrer embebido por um *alienado branqueamento* (*habitus* de conceber espaços assimétricos, sedimentados socialmente ainda que hierarquizados racialmente, à brancos e negros). Ou seja, as pessoas se acostumam a *viver*, corpo negro como afeito a algumas tarefas e determinadas funções, e a cumprir específicos papéis sociais, de modo que a sua encenação “fora do seu *Lugar*” causa o **Espanto**, e aquele corpo experimenta assim a *sua* (aquela interpelado pelo outro) *Aparição* na cena.

Há quem diga que ele é sutil, embora eu prefira sempre ressaltar a perversidade de sua “sutileza” o que por sua vez, muitas vezes é enunciado como resultante do mito da democracia racial brasileira.

Mas tenho que um mito me parece muito mais algo resultante de uma narrativa coletiva, desejosa, explicativa do mudo. Sempre o concebo como uma construção pactuada pelos participantes do mito. Não me parece então, que seja possível considerar que as relações raciais brasileiras fossem “harmoniosas”, em qualquer recorte do tempo histórico que esteja sob análise. Faltou combinar com o povo preto, que morre todos os dias, mesmo sob ação do Estado que, em tese, existe para proteger todo corpo.

A *despraração*, morte do corpo negro, se faz presente todos os dias, como a – anunciada- hoje (26/04/2024) em que mais um corpo negro afroamericano “não pode mais respirar”, pela mão do aparato legitimado e autorizado para o uso da força, a polícia.

Em que momento se supera o mito, para além das condições materiais que já há muito são evidentes?

Até quando será necessário recorrer a produção falaciosa de um mito que serve, historicamente, a espoliação e disposição das vidas de negros e negras no Brasil? Sim, no Brasil e de modo mais perverso porque despeito da morte anunciada do corpo negro afroamericano de Frank Tyson, aqui também pretos e pretas são assassinados, muitos pela ação ou omissão do “aparato” com o agravante de que aqui, de modo diferente dos EUA, o aparato jurídico muitas vezes não apenas inocenta os assassinos como também, em suas próprias sentenças faz circular enunciações racistas.



PODER JUDICIÁRIO
FORO CENTRAL DA COMARCA DA REGIÃO
METROPOLITANA DE CURITIBA-PR
1ª Vara Criminal

Autos nº: 002745-03/2018-115591
Autor: Justiça Pública
Réu: [REDACTED]

a) Primeira Fase: fixação da pena-base

A culpabilidade não extrapola aquela reprovabilidade normal do delito, pelo que não pode ser considerada de forma negativa.

Texto
Quanto aos antecedentes criminais (mov. 669.1), o réu é primário.

Sobre sua conduta social nada se sabe. Seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça, agiu de forma extremamente discreta os delitos e o seu comportamento, juntamente com os demais, causavam o desassossego e a desesperança da população, pelo que deve ser valorada negativamente.

O mito que a tudo faz suavizar a despeito da morte sempre anunciada. Uma percepção dessa natureza, docilizante das relações raciais brasileiras só pode mesmo originar-se de: uma convivência dolosa e perversa com uma sociedade que mais se assemelha a um moinho de matar gentes pretas, ou uma perversa convivência culposa como esta mesma sociedade. Mesmo assim há que cuidar da diferença fundamental, quando ocorre manifestado por um corpo negro, ocasião em que se experimenta como introjeção da inferioridade, não como racismo.

Na minha vida ~~trajetória de enegrecimento~~, (o enegrecimento é a própria vida do corpo negro) ~~na encenação da prática como professor de matemática~~(A trajetória profissional se constitui de um misto de papeis e rebeldias, encenações e performances) e eu provavelmente experimentei encontros com as *Aparições*, o *Espanto*(*com*) e o *descuido*(*da*)**forma imagem dogma**, nas *Aparições* de imagens e corpos negros, ~~quando em cena~~(e sobretudo quando em performances) nas “minhas” salas de aula, e em especial, nas ações do Grupo de Pesquisas Sociais.

Em 2016 eu fui até uma universidade (acho que não devo identifica-la), para ministrar um minicurso num evento da área de matemática e convidei um companheiro para participar comigo.

A questão da in-visibility negra, há muito está presente dentre as minhas inquietações, sejam aquelas localizadas ou relacionadas a prática como professor de matemática, sejam aquelas que cotidianamente atravessam todo corpo negro, numa sociedade racista e branqueada. Sejam aquelas que atravessam o contexto de nossas “tradicionais”²⁷ salas de aula de matemática.

Mas então eu fora até esta universidade acompanhado de um companheiro e quando de nossa chegada a universidade, no credenciamento, fomos acolhidos e encaminhados por uma estudante de graduação em matemática até a sala onde ocorreria o minicurso. Entramos, havia uma monitora que nos acompanharia ... e algum tempo depois, chega até a porta da sala, uma professora, uma das coordenadoras do evento que

²⁷ O Espaço da sala de aula de matemática, como de qualquer outra disciplina, sempre se recente curricularmente de um *continuum* de *Tradições* e *conTradições*.

checava, zelando pelo bom funcionamento das oficinas e minicursos, as condições em nossa sala. Na sala, à àquela altura, estavam apenas a monitora, eu e meu companheiro de curso. A coordenadora, ao chegar, não hesitou em momento algum, convencida, se dirigindo ao meu companheiro, cumprimentando-o pela oficina que seria realizada e dando-lhe as boas-vindas. Constrangido, olhou para ela ao mesmo tempo em que apontava para mim. O fato positivo devo dizer, foi que a oficina transcorreu saborosa em termos de nossas discussões e que os participantes, vou revelar que estamos num estado do sul do país, estavam todos interessados em “modos” “metodologia” como disse uma das participantes, professora na rede pública daquele estado e mulher negra, para lidar com o tema racial nas salas de aula de matemática. Espaços de aula de matemática, Espaços de bens e trocas simbólicas, enegrecimento de uma prática profissional.

De volta a Imagem, tema de onde, na verdade, nunca me desloquei ...a **imagem** é também uma espécie de **projeção** que se constrói **sobre o corpo**, uma inscrição, uma marca aural, muitas vezes, e dessa forma constitui-se também uma projeção sobre o Ser, do corpo. Ela termina por ser uma espécie **de dimensão vivente do corpo**.

O **Espelho, sempre o espelho e mais uma vez**, é o Aparelho de reproduzir Imagens que supostamente reproduz em equivalência apenas o que se vê, alegando que o faz com imparcialidade. Mas o problema, ou um problema, é que o que se vê, com a lente que se vê, já fôra antes elaborado, precificado no mercado das imagens, rotulado e alocado, na prateleira dos bens simbólicos. Foi isso que “autorizou” a coordenadora a preteri-me?

Tem assim, a Imagem, uma vida “própria *fora do corpo*”, no *Mercado*, ao mesmo tempo encarnada e separada (desencarnada) do corpo.

Sobretudo aos corpos e imagens negras, aos quais tentam se impor o hábito de viver no subsolo é importante instruir-se, inspirar-se pelo que pode o **descuido**: cuidar-se como corpo negro. Eu creio que algo parecido com isso, que pode ser uma fabulação ou melhor, uma **fabulação** (*Travessia Maria Paula*), eu já tenha experimentado na escrita deste texto tese quando ~~enunciava~~ com o *esquecimento*, a *árvore do esquecimento* como instrumento ou parte do processo da empresa colonial escravista, de produzir corpos negros mercadorias, escravizados. Mas como não sou filósofo talvez porque “*filósofos pensem a partir de teorias científicas*” (Rubem Alves), não vou me

preocupar em “organizar” o que alguém poderia chamar de conceitos sobre os quais (eu me lembro agora) também em algum lugar deste texto tese, eu ~~ensaiava~~ com a ideia do “*quase conceito*” (Derrida). Quero apenas por em movimento o pensamento, provocar descuidos, ~~enear~~ diferenças, *residir* Espaços, *farburlar* maquinarias...e tanto outros afetos e atravessamentos.

As aparentes contradições ou as fabulações de contradições entre corpos, imagens corpo imagem, corpo carnal, imagem encarnada, têm nascimento num modo habitual de conceber a vida, pela ótica (uma ótica) acadêmica, como que regulada por dimensões existenciais apartadas umas das outras: a grande mentira.

O *descuido* é tanto ato de um corpo carnal, quanto obra de **Obátalá**, o criador que, *distraído*, acaba por inculcar modelações de corpos diferentes e inaugurar a diferença como um próprio do viver. Por um lado, as diferenças pressupõem *Espaços*, não lugares.

“[...] *uma menina negra, mas que é bonitinha*”

(no **Lugar**: Conselho de Classe de uma escola na trajetória profissional)

Se por um lado, é principalmente na sua vida **descarnada** que a **Imagem corponegro** se elabora, projetada por um *significante branqueado*, é também por essa dimensão, retomada ao dominador colonial ou mesmo à decolonialidade, que ela se pode ~~enear~~ no palco fora das **Sombras** (ou mesmo nas Sombras de sentidos reelaboradas por afetos: Ojiji).

Há uma engrenagem que também opera no MBTS, ou que nele produz importantes impactos. Esta engrenagem é como uma *esteira de produção* de mercadorias *imagens e corpos negros, disformes*. E não se pode confundir a *disformia* inculcada de produção de corpos negros, mercadorias, com as do *descuido* de Obátalá, que implica não na produção, mas na *Aparição*, no *reconhecimento*²⁸ das diferenças e principalmente sobre o valor das diferenças. Talvez algo como reconhecer o valor de troca ao invés do valor de uso, das mercadorias corpo negro.

Ou mesmo conforme, afeita, a uma lógica de produção capitalista. Assim como o movimento do capital se dá também de forma especulativa, de forma transnacional, não se pode ignorar a sua presença a instruir modos de vida, o MBTS, não se pode

²⁸ O que não ocorre se não se desvencilha do aprisionamento a um modo único e habitual do conhecer.

produzir sem certa porosidade à aquilo que o nega por princípio: o racismo e o capitalismo, sobretudo, este último em sua forma financeirizada.

Não há padrão, não poderia, a menos da cor do corpo da imagem.

Até porque é mesmo por ordem de Olódùmarè, que:

“Orisańla (o deus ioruba da criação), que foi encarregado [...] de moldar os seres humanos com barro [nos primórdios da criação], sendo também responsável por moldar a beleza e a feiura, a perfeição e a deficiência [de tudo que é gerado e vem a dar nascimento].” (Abimbola, 2011, p.05)

Muitas vezes ela (a imagem) o antecede, dado que é sua remissão que o elabora (o corpo). Muitas vezes ela o precede. A visibilidade então é questão existencial da imagem e do corpo negro. É de sua natureza, querer ser vista. Não há outro sentido à imagem, portanto não há outros sentidos à vida do corpo da imagem, ao corpo negro da imagem, ao corpo negro (não mais) mercadoria. Ser visto, equivale ao reconhecimento do seu Ser. Equivale a poder circular, ~~ser “consumido” no mercado de bens e trocas simbólicas,~~ poder estabelecer comunidade, compartilhar.

Mas o que são as imagens, se não talvez principalmente, aquilo que se vê ao olhar no espelho?

Mamãe, olhe...!!! Um negro! Que lindo!!!!

A morte, que me espreitava com a amargura do racismo, da dor, do sofrimento era simbólica e estava mesmo programada para ocorrer, como uma espécie de ~~eneenação~~ final, no enegrecimento: uma morte como transformação de ~~ara-ayé~~ à ~~ara-orun~~, para assumir assim uma “segunda pessoa”, um corpo espiritual *enekeji*, com o qual se deve desvencilhar do corpo negro ~~mercadoria~~,É isto que, afinal, põe em circulação as imagens de corpos e os corpos, e as imagens de negros nas cenas, não mais em sombras ... Tomar de volta um corpo em sentido.

O caminho, por ter sido trilhado pelo ex-sempre colonizador não se vê autorizado ao ex-colonizado. É como se nos dissessem: “Olha!!!! Não siga por aí, esse não é um bom caminho pois te levará à maldade, tal como eu a criei. Se seguires serás mal também.

São as árvores:

Exorcismo Parto

Extirpar o Mal

Expurgar a Dor

A do esquecimento em que a circulação era um ritual de passagem para marcar a morte do corpo ancestral, e sua entrada no mercado capitalista, antes mesmo dele ser assim nomeado;

Apequizeria, para revemorar com a ancestralidade próxima no enegrecimento do sujeito da escrita;

O jequitibá do quilombo da Serra, para marcar o caminho e a trajetória do corpo negro da escrita, sujeito, e do corpo negra da escrita professor de matemática, pois questões são duas, não sendo uma a segunda pessoa do outro, sendo mesmo duas de muitas de nossas encenações.

Platô: O Palco



O que o palco dá a ver ? Que conexões ele estabelece com o tempo?

Ecce palco de minhas aparências idealzidas!!! Com as memórias do tempo revememorado. Quanta coisa se produz com a memória e quanto dela escapa?

Memória como um palco dá a ver, encena mas não resiste às performances fugidias. É porque sendo palco significa-se em cadfalso, palanque, teatral, pelourinho,..., mas também encruzilhada. Ela é, como a memória é *“lugar radical de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência [...] Operadora de linguagens performaticas [...]”*(Martins,2021, p.51).

Em *Revememorar*, *“o prefixo re nos remete à necessidade de uma volta , de um fazer-se de novo, de uma retrospecção, de uma retroação, mas também nos aponta para uma repetição a vir, produzir-se à frente, como uma memória do futuro. [...] anelam-se, o retornar, tornar-se e volver no passad, assim como o reatar , resintaurar , reativar o porvir.”* (Martins, 2014 ,p. 205).

Hoje são 27/12/2022 *kujichagulia* (autodeterminação), ontem 26/12 foi *Umojá*, (unidade) e o primeiro dia do *Kwanzaa*, um festival de celebração da vida e da cultura africana que na língua swahili deriva de “*matunda kwanza*” (primeiros frutos).

Existe um modo de tornar-se negro?

O enegrecimento de um corpo não pode ser tomado por um *topos* ou um *troup*. É nômade, não se aprisiona aos sabores de um Lugar (dispositivo, panóptico) ou por um espelho de um Aparelho. Performa sempre entre *Espaços*.

Abana (19/12/2022)

Todo corpo enegrecido quer apenas ser imagem refletida em Espelhos e não, ter um destes, para tomar por seu. Deve-se preferir performar em *Espaços*, a encenar (encerrado) em *Lugares*, embora com muita frequência o faça. O enegrecimento tem o mesmo estatuto da “*negrura*” que se constituiu num “*conceito semiótico, definido por uma rede de relações*” (Martins, 2009, p.26) e, dessa forma, são os encontros ao longo da caminhada do corpo quem produzirá junto a ele o seu enegrecimento. Mais do que isso, sendo um corpo negro vida em trajetória, não se pode reduzir a arquétipos quaisquer que sejam eles.

Já vivemos muito tempo sobre o manto da forma *dogma* hegeliana que nos retirava da história e da humanidade. Deixem-nos ser quem queremos e acreditamos ser. Deixe-nos lidar com a “*impossibilidade de fazer comunidade*”¹, substituindo-a pela possibilidade de compartilhar, um “*não parar de escrever*” justamente para *aparecer*². Corpos negros querem ser vistos.

Esta tese tem um experimento (ou uma experimentação³), anterior, existencial, que lhe dá fertilidade: trata-se de minha trajetória, meu enegrecimento, do corpo e da

¹ A referência aqui é a um trecho do *Sair da Grande Noite*, de Achille Mbembe, mas por uma substituição da *impossibilidade de comunidade*, pela *possibilidade de compartilhar*, que experimento nesta escrita.

² Aqui é menção a Foucault para o qual “*sujeito que escreve não para de desaparecer*” (Foucault, 2006, p. 268).

³ Eu pensava enquanto escrevia, que a expressão: “*uma experimentação*” talvez fosse mais adequada. Mas ao mesmo momento sentia que o advérbio de tempo que a segue, pudesse coloca-la sob suspeita. Ora, uma experimentação sugere algo do momento, instante, em acontecimento e por isso mesmo, aberto ao por vir. Localizada no passado poderia abrir brechas para interpretações, retirando-lhe o status de acontecimento. Mas há outra questão, porque “*experimento*” parece me indicar algo fechado, completo, dado. E também sugere algo que já aconteceu. Por outro lado, uma experimentação está sempre em andamento assim como a vida, ao menos até a morte. Mas mesmo depois dela. Na verdade, foi Tarcísio, o

prática profissional nos *Espaços* de aula de matemática e outros espaços existenciais. Ou mesmo, da trajetória e enegrecimento de Abana que já nasceu negro depois de seu nascimento.

É encenado, pois o texto é uma representação sua e a escrita, uma performance junto aos desejos do seu corpo negro. O corpo negro de Abana, o meu corpo negro.

Sobre o corpo negro:

[...] formado por **vários corpos** que se chocam dentro de um mesmo corpo - de um lado, o corpo do ódio, um fardo abominável, um falso corpo de abjeção sobrecarregado de indignidade, e, de outro, o corpo original, mas arrebatado por outrem, depois desfigurado e abominado, e que é preciso literalmente **ressuscitar, num ato de verdadeira gênese**. (Mbembe,2017) (Grifo meu)

Esta escrita envolve-se a estes (por estes e outros) vários corpos, num só corpo negro. *Faraimará*. Corpo negro em *diáspora*, corpo negro *professor*, corpo negro *homem cis gênero*, etc. Corpos com os quais experimento a escrita desta tese: a **relembrança** como um processo de volta ao começo, à origem imaterial que alimenta, sustenta e qualifica o meu corpo negro.

Simbólico, o retorno se realiza numa espécie de estudo *autoetnobiográfico*, centrado e ocupado pela produção, e circulação das imagens e corpos negros de minhas trajetórias: profissional e ancestral. Performa em palcos.

Num palco.

Um estudo que considera, o papel preponderante das instituições: *Escola*, *Exército* na produção desse corpo negro; compreende a in-dissociabilidade entre o capitalismo (neoliberalismo) na produção de corpos negros-mercadorias e o racismo como um verdadeiro *modo de regulação* capitalista: uma máquina de triturar corpos negros.

Num palco.

Elabora, relembrando e performando com a escrita desejo: os *Espaços* de imagens, corpos negros, bens e trocas simbólicas nestas caminhadas.

Esquizado, quem me provocou a tomar o “encenado” por “performance”. E daí, de experimento ou experiência, para experimentação, foi uma consequência quase imediata.

“Ó meu corpo, faz sempre de mim um ~~homem~~ (um corpo) que questiona”

(Mbembe⁴)

Num palco.

Revememorar, eu pensava até este momento da escrita, seria um processo que agregaria à trajetória afetos aos desejos no presente (12/12/2022). As *Aparições* de imagens e corpos negros sobretudo, são o *sopro de vida (Émi)* em minha memória.

Num palco. Elas (as imagens) funcionam para a minha escrita, mais ou menos como o vento para minha vida. E o **dispositivo**, o **mecanismo**, ou mesmo a **obra de arte** que veiculam as imagens e os corpos negros, para além da performance sempre permitida a este último, fora do enquadramento deste dispositivo, traduz-se pela **fotografia**.

Num palco.

Na verdade, a obra de arte se estende, ainda que acompanhada pelo, para além, do dispositivo. Precisa alcançar um lugar de revememoração, merecer uma moldura.

Num palco.

A elaboração das imagens e corpos negros em obras de arte ~~encena-se~~ pela revememoração no *Espaço* de bens e trocas simbólicas. Encenar-se equivale a um processo de produção de imagens e corpos negros, mas é a performance que potencializa esta produção em devires do corpo negro, até mesmo aquele pretensiosamente encenado.

Num palco.

Revememorar é processo principal de produção, neste antes *Mercado de Bens e Trocas simbólicas* e agora, *Espaço de Bens Imagens e corpos negros*. Mas esta frase anterior marca uma transição e que, como devir, os Espaços não podem encerrar em seu interior um modo de ser, talvez devamos mesmo ao final dizer apenas de vida do corpo negro. Nem *Mercados*, nem *Espaços*.

Mas há um motor, que provoca as movimentações, valorização das imagens e corpos negros e suas trocas de afetos: É Exú, “*mensageiro, dono das encruzilhadas e*

⁴ Alterada segundo meus afetos, em que pese tomar aqui a palavra “corpo” como significante mais amplo e poroso à diversidade de gentes em que se podem visualizar o que subsume-se como comportamento crítico.

guardião da porta de entrada da casa...” (Prandi, 2001, p.565). Ele vem para a escrita para quebrar com um modo encarnado, permiti-la disruptiva.

A casa é também a memória. A memória é também a casa. Ela guarda e dá abrigo às imagens, alimenta ao corpo meu e de Abana.

E Éxù nos diz muito, pois ao “atrapalhar-se com as palavras...” (Prandi, 2001, p.56), algo como gaguejar na própria língua (Deleuze), inspira a Abana o estranhamento do que lhe é familiar, o descuidar da forma dogma.

É Éxù quem nos traz um importante ensinamento pedagógico (conduzido mesmo pela mão, não a invisível) da mudança e da transformação, portanto, do enegrecimento do corpo negro desta escrita.

Ele fora condenado a “...viver fora e não dentro de casa...”⁵ é exatamente este fora que lhe permite movimentar-se livre, o que, ao fazer, cria os caminhos possíveis aos corpos negros e seus desejos.

Como um dos “*três elementos que constituem a personalidade humana*” na concepção iorubá (Cf. Abimbola, 2011, p.6-7), *Èmì* talvez seja aquele que mais me fale ao coração. Até porque, coração é mesmo uma de suas transmutações, mas principalmente porque a ideia de *Èmì* passa pelo lugar de muitas aflições que me são caras desde o nascimento: com muita frequência eu sentia falta de ar na infância, e com similar intensidade, eu sentia...ressentia...de muitas das reações, falas e ações dos outros com quem convivia, a maioria corpos brancos. Assim pois é *Èmí*, sopro de vida inflado por *Olódùmarè*, princípio vital da vida, coração (*Ókan*) ou respiração, por onde desejo operar, revememorando, os caminhos de minha trajetória.

As imagens de corpos negros são *autoreverses* dos afetos produzidos na trajetória do corpo negro.

O vento há muito é um provocador dos meus desejos. Em muitas ocasiões ele me recompõe, me traz paz e felicidade. E isto ocorre de maneiras tão repentinas quanto rápidas, intensas e breves no tempo cronológico de um *espanto*, como um *acontecimento*. Há muito que provocar minha memória, em suspeitas sobre os afetos dos ventos, de *Yánsàn*, em minha caminhada.

Eu quase “*embrionei-me*” ao vento, no momento exato em que o caixão com o corpo de uma de minhas tias era lacrado no interior do jazigo da família, há alguns anos atrás. Uma ventania chuvosa teve *aparição* (como qualquer outra) tão repentina,

⁵ Idem

provocante e arrebatadora e, por muito pouco, mas por muito pouco mesmo, eu não fui com ela. Não tenho dúvidas sobre ter sido um encontro com a minha religiosidade ancestral (talvez adormecida) naquele momento. Uma manifestação do sagrado. Mas não é exatamente este acontecimento que provocou a escrita deste texto (12/12/2022), além o fato de eu estar **performando** no *Espaço* de um texto de doutoramento. A este acontecimento, vêm se juntar as *aparições* dos corpos negros e as imagens e em particular a que segue (Fig.01).



Figura 1: Palco, no pátio da, então, Escola Estadual Prof. Silvério São João/Bauru-SP.

O que é um palco senão um Lugar de mostrar?

A “imagem” que provoca o *texto desejo*, quase sempre se constitui em duas partes: uma delas diz do que é visível, digitalmente, física ou “materialmente”. Pode-se considerar até mesmo como o seu “conteúdo”. Aquilo que se vê. Embora “aquilo de se vê” não possa ser definitivamente separado daquilo que se afeta ao ver.

Mas o que é que se vê ao olhar para uma foto?

O olhar da memória puxa fios das imagens do passado em direção ao futuro destecendo a imagem para recosturá-la com novas texturas ...Cada corpo que olha, puxa seus fios, escolhe as pontas a partir das quais tece ...uma imagem, da foto e da memória provocada. Assim, a outra parte deriva da memória estimulada pelo que “veicula” (a fotografia) desde que foi capturada por um dispositivo. Há assim uma segunda captura, desta vez, afetiva.

Não há futuro, passado e presente como coisas distintas. Talvez, num limite, haja apenas o presente e o passado, visto que o futuro é idealidade pura. O passado,

idealidade destruída e no presente ela se encontra disfarçada, plasmada a ações que não sabem que a carregam ao colo.

Os **afetos** da imagem são provocados, mas também não apenas pelo que supostamente é veiculado pelo dispositivo fotográfico em seus vários suportes tecnológicos possíveis hoje. Mas não se prendem, os afetos, aos **supostos conteúdos** das **imagens**. Eles e (ela) emitem, ou mesmo são, singelas fagulhas. Os “conteúdos” das fotos, sendo mais afeitos a *espectros*, são *rastros*. São indícios, não índices.

O suporte mecânico-tecnológico da imagem, o dispositivo, opera por um enquadramento, um **Lugar** por um lado, mas que é indissociável da possibilidade de elaborações de **Espaços** performáticos da memória e de *processos desejanτες*, por outro.

É aqui neste palco, no entre *Lugar-Espaço* que elaboro com os afetos da revememoração junto ao corpo negro de Abana.

Se por um lado segue, o dispositivo, a especialidade técnica colonial de primeiro aprisionar corpos, depois suas almas e mais a frente, suas imagens. Por outro, fissura-se em performances não autorizadas.

Mesmo os dispositivos mais refinados tecnologicamente, de produção de imagens como por exemplo a Inteligência Artificial cujo funcionamento:

se fundamenta nas redes neurais, as quais são inspiradas no funcionamento dos neurônios humanos. As redes neurais têm a capacidade de se treinarem para gerar resultados em diversos formatos, como textos, áudios, vídeos e imagens. No entanto, em vez de compreender o significado das imagens, essas redes neurais procuram criar padrões com base nos conjuntos de dados com os quais foram treinadas. (Cf. Andres,2024)

O que significa dizer que a despeito da técnica, há sempre os afetos e sentidos e interesses humanos: socialmente, culturalmente, economicamente, ideologicamente e, ao que nos interessa, racialmente produzidos. No final das contas, quaisquer que sejam os dispositivos, o que os alimenta como que a criar-lhes um imaginário de referências, é a inteligência humana.

A própria produção fotográfica de imagens, se vê aprisionada pela força gravitacional econômica e financeira do modo de produção do capitalista, contexto em que é denunciada, ou pode ser visualizada, pela questão da reprodutibilidade técnica. (Cf. Benjamin.)⁶. Como na passagem do “*tecelão*” à “*máquina industrial de fiar*

⁶“A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, escrito em 1955.

tecidos”, ou dos “*produtos artesanalmente produzidos*” à “*esteira de produção*”, o advento da fotografia e o seu desenvolvimento técnico ou tecnológico, se vê capturado pelo aspecto primordialmente fundante destas transformações: a acumulação. Quem problematiza estes aspectos é Walter Benjamin descrevendo um contexto de transformações técnicas na reprodução de obras de arte, num deslocamento da litografia, à xilografia até a esteira de produção das fotografias. Advoga sobre a ideia da “perda da aura” da obra de arte que é o que “*se atrofia com a reprodutibilidade técnica [...] na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial.*” (Benjamin, 2021. p. 57)

Que a despeito do imperativo de estender, democratizando, o acesso a “todos”, se vê também, como quase tudo, atraída ao buraco gravitacional capitalístico do excedente de produção.

Uma captura segunda, pela memória, que se faz escorregadia, rebelde, performática e que não se pode enredar-se pela técnica. Algo como uma *tática*, como sugere Michel Certeau, ou um movimento *nômade* (Cf. Deleuze) sendo mesmo seduzida pela *relembrança* (Cf. Abana).

A fotografia é capturada pelas fagulhas que emite, mas não consegue prender a memória. Mas esta possibilidade de rebeldia da memória que, não se pode negar deriva da imagem enquadrada, só pode mesmo operar por um “fora” da imagem, mas que não se dissocia da imagem, sendo mesmo parte dela.

Há algumas analogias que podem ser produtivas para se pensar sobre estas relações.

Talvez se possa traduzir esse processo, pelo mesmo procedimento que produz a escrita desta tese, pelo embate entre o *texto da escrita e o texto desejan*te. O primeiro que poderia corresponder ao “*enquadramento*” (inclusive técnico, pelas normas), ao *dispositivo fotográfico* ou a uma ideia da existência de um “*conteúdo em si*”. O segundo, o *desejan*te: a afetação da memória provocada pela imagem, que se desprende em performance para além do que, aparentemente, sugere o dispositivo. Um além, tanto em termos de tempo quanto de, sobretudo, da ideia de que existe mesmo um “conteúdo” da fotografia ou da imagem. O primeiro é *Lugar controlado* e o segundo o Espaço performando.

Uma segunda maneira de compreender essas relações, numa espécie de repertório sobre como relembrar minhas imagens (sempre importante lembrar) ancestrais (*òkú-òrun*) e da trajetória profissional, é por uma aproximação à

religiosidade ioruba, com a qual venho ~~ensaiando~~ flertando desde o início desta tese, em seus platôs. E na verdade peço licença a quem veio antes, ao mais velhos, para fazer tais considerações e especulações.

Na constituição da personalidade humana na acepção iorubá, (Cf. Abimbola, 2011), no trânsito da pessoa entre níveis existenciais quando morre, entre *ayé* e *òrun*, há uma variação, uma transmutação do corpo que de *ara-ayé* se transforma em *ara-òrun* e passa a compor-se por uma “segunda pessoa”. Na verdade, devo reconsiderar o que acabo de dizer para creditar esta informação ao tradutor do texto de Abimbola, ao considerar que “[...] quando o *ara-òrun* vem para o *ayé*, e torna-se um *ara-ayé*, este passa a ter um *enikeji* (corpo espiritual de um ser humano. Lit. “segunda pessoa”, que não é uma outra consciência fora dele, ao contrário, é ele mesmo, está junto com ele).”⁷

É por este sentir com o corpo que performo com os espaços revememorados afetos ao corpo, ou aos corpos. Assim, as imagens ~~são sempre~~ relacionadas a um corpo, ao meu corpo negro neste ~~experimento~~ ou nesta experimentação, mantém uma relação de afeto ao corpo (que revememora) mesmo na sua “ausência” no registro do dispositivo fotográfico. Mesmo na “ausência” dos corpos rememorados. Não existe um corpo específico para o qual a revememoração se orienta, nem tão pouco algo que se possa presumir como uma “orientação”. Revememoração se faz por encruzilhadas. Em meu percurso ela se faz por fluxos e interrupções de fluxos; por espantos e Aparições; caminhos, descaminhos, vales, ruas, estradas, matas, casas, escolas, quarteis; pelo vento e pelos sonhos; pelas árvores e eemí. Afetações pelas quais se inspira minha segunda pessoa sendo o mesmo deste corpo negro em suas aspirações múltiplas: Abana.

E com isso eu ensaio uma volta ao palco da imagem. (Fig.01), ou à imagem do palco deste Platô.

É interessante elaborar sobre a potencialidade dessa volta em recordação (autoreverses) que pretende confabular ~~reformular~~, fabular, residir, macumbizar, codar experimentando com a ignorância de uma inteligência natural, inSurgir cortejando, os

⁷ Nota original do tradutor Luiz L. Martins, in: *A concepção ioruba da personalidade humana* - Wande Abimbola. Pag.06, nota nº20. ABIMBOLA, Wande. *A concepção iorubá da personalidade humana*. MARINS, L. (trad.). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.(2011).

sentidos, *desencobrendo*⁸ o corpo da imagem por um outro eu, arrancando a máscara branca que me atribuíram.

Por afetos num novo lugar ou um Lugar, agora praticado segundo um olhar que lhe quer restituir, reelaborar, reverter os efeitos do processo colonial de coisificação.

É assim que, finalmente, chego ao palco e ensaio, performo, minha **segunda participação**, uma *aparição* para usar um termo do presente estudo. Uma segunda entrada em cena, mas desta vez fora das sombras. A primeira, se deu em algum momento entre 1978 e 1980, numa peça teatral escolar, que reconstituía o episódio “histórico” da *Inconfidência Mineira*. Eu fora escolhido – me foi prescrito o papel – como o corpo ideal a representar Joaquim Silvério dos Reis, na encenação. Não me lembro mais das falas, cenas ou caminhos percorridos pelo palco, restando apenas uma impressão, um incomodo, uma coisa residual mal resolvida, que nunca soube de fato o que era e apenas sentida aqui dentro. Como essa foto experimentou sua *aparição* por estes dias, quando eu estava às voltas com o texto da tese, e em *relembrança* da minha trajetória, eu ainda que soubesse quem foi este personagem e o seu papel na história, fui ter com sua biografia (ao menos aquela oficial).

Antes de qualquer coisa talvez se deva dizer que Joaquim Silvério dos Reis (um branco português), foi um personagem que acumulou “prestígio”:

Ao ingressar no círculo de amizades do governador Luís da Cunha Meneses (governador da capitania de Minas Gerais entre 1783 e 1786), e, sobretudo em função dos “bons serviços prestados a este”, foi autorizado a montar seu próprio Regimento de Cavalaria Auxiliar, companhia militar que lhe assegurou a patente de Tenente Coronel. (AZEVEDO,2009, p.02)

Eu fiquei interessado em pensar sobre o porquê de minha escolha para representar um homem, branco, prestigiado comerciante ligado a coroa portuguesa, com alta patente militar, alguém que “*sentia-se verdadeiramente prestigiado e honrado com essa patente. Percebia-se, a partir da construção de uma imagem de si próprio, súdito de primeira grandeza [...] se sentia como se estivesse numa corte, cuja função era o de conselheiro do rei.*”⁹

⁸Uma alusão ao texto de Enrique Dussel,1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt/Enrique Dussel; tradução Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

⁹ Idem

É certo que a mudança repentina de seu status, provocado pela perda do seu regimento de cavalaria e seu endividamento com a coroa portuguesa, explicam em parte (Cf. Azevedo) sua entrada para aquele movimento “revolucionário”. E também nos leva a pensar sobre o que o teria levado a delatar a insurreição. Mas não se tem aqui interesse na figura de Silvério dos Reis e sim apenas, uma ocupação no pensar sobre o porquê um corpo negro adolescente fora, certa vez, o escolhido interprete do papel desse “nobre” senhor, branco português, numa peça teatral escolar?

E talvez esteja aqui, neste último trecho, uma chave para compreender o porquê de minha escolha a o papel. Conhecendo do olhar que fora construído sobre o corpo negro no Brasil (e no mundo) acerca não apenas de suas “*monstruosas características físicas*”, segunda uma certa e abjeta percepção, mas também sobre seu (suposto) caráter degenerado e indolência, não foi difícil associar e, portanto, “justificar” (o que significa: compreender como funciona a cabeça do racista) as razões da escolha por esse viés racializado: Ora!!! O delator tinha mesmo que ser o único corpo preto da classe!

Trama maquinica de minha escrita desejante, contra o branco? Uma vingança, à moda da peça acusatória de Lobato?

[...] dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde.¹⁰

Nada que nos surpreenda, com este importante autor de literatura infantil cujos livros inundaram nossas escolas e imaginário. Lobato é mais um, como muitos outros, estrategema da “[...]intensificação do corpo negro como portador do mal [...]” (Cf. Sueli Carneiro, 2015, p.125).

Mas alguém pode dizer que tudo isso pode não corresponder à verdade e que eu na verdade era um aluno desinibido, decorava com facilidade as falas e por isso fora escolhido; talvez pelo fato de eu pertencer a uma família militar, se bem me lembro o único da escola, além de meus irmão e irmãs, e dessa forma, sob essa consciência vigilante de ajuste moral branqueada, que a tudo quer acomodar nas narrativas para não

¹⁰ Cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, in: A Barca de Gleire.

admitir o seu pecado, eu representasse o “melhor” corpo para cumprir o papel, não do branco europeu, português, endinheirado, talvez o de um militar, mas certamente o papel do corpo traiçoeiro em que não se pode confiar, delator daquele movimento “revolucionário”: o meu corpo preto. Eu devo dizer que de modo planejado eu forcei o pensar aqui, para que ele se transbordasse, pelas beiradas do texto e elas são muitas. E é cada um leitor que produzirá o seu julgamento. Escaldado pelo modo como corpos negros ainda são tratados, fico com a narrativa da perversão que enxerga em todo corpo negro um ator potencial a representar qualquer papel que lhe ensaboe inferioridade.

Lugares de suplício do corpo negro: palco pelourinho, palco cadafalso, palco da escola, apenas palco: o lugar de morte do corpo negro. Morte física, carnal, morte simbólica, branqueada.

A velha estratégia de *mostrar ocultando* (Cf. Bourdieu) ou de fato não mostrar. Deturpar a imagem ou no máximo permitir o ver, mas sob certos e controlados lugares.

Pois então foi lá, no palco escolar, em que meu corpo negro se emprestou a figura de um delator, branco. Peles negras, máscaras brancas. Não foi preciso que eu fizesse um *White face*, pois o que se interessava era mesmo num tipo “descartável” para cumprir o papel de um traidor da liberdade. A imagem do palco não me trouxe mais do que isso, não me inspirou saudade, nem trouxe ar aos meus pulmões.

Também me lembro de ter sido eleito mais uma vez, no passado, para a representação, desta vez, de um corpo indígena: sob a ótica cuidada da forma dogma, branca, o preto ou o indígena, se confundem representando um mesmo e inferior tipo de mercadoria, e daí tanto faz. Talvez, sob esta mesma *intelligencia*, na falta de um corpo indígena, o corpo negro fosse o que “melhor” representasse a sua baixa hierárquica.

Foi assim no início do processo colonial da escravidão em terras de Santa Cruz: eles nos experimentaram mercadorias, peças.

As Imagens, são o mote principal das provocações, dos processos desejantes e dos afetos nesta tese, mas também das dores, principalmente porque ela se dedica ao revememorar: fazer ver, possibilitar a circulação no espaço de bens, imagens e corpos negros, as trocas simbólicas tão necessárias a todo corpo vida. Mas, recentes, as dores ainda nos prendem ao processo de escravidão. Um dia não será mais preciso lembra-lo? Quando poderemos soltar a mão do carrasco?

Mas se é de Mbembe a ideia de que a primeira entrada no mercado, do corpo negro, tenha sido experimentada como mercadoria, essa forma ainda não se transmutou totalmente. Basta ver que a força física era a primeira qualidade expropriada, do corpo

negro, pelo modo de produção colonial e mesmo hoje, ela continua sendo valorizada e destacada como um ativo.

A impressão de que os modos de circulação de corpos negros e suas imagens, tenham se democratizado racialmente, é em parte apenas aparente, pois o que muda são mesmo os *modos de regulação*, o tipo de espoliação que varia de um contexto de *mais valia absoluta* para outro em que predomina uma exploração por *mais valia relativa*, e também a natureza do que se pode commodificar (transformar em mercadoria).

É Mbembe, mais uma vez, cujo olhar me ajuda a pensar. No terceiro capítulo do livro *Crítica da Razão Negra*, inicia dizendo que em qualquer lugar que o discurso negro tenha se desenvolvido, na “*literatura, filosofia, artes ou política*” ele fora “*dominado por três acontecimentos: a escravidão, o apartheid e o plantation*” (Mbembe,2018,p.143). Eu irei reconhecendo o potencial de análise deste importante filósofo africano, reduzir estes três acontecimentos, na verdade, à um fenômeno: o racismo, que é quem de fato provocou estes acontecimentos e é o fenômeno que a estes processos sucedeu. Há sempre uma ideia a ele associada e, portanto, talvez eu deva dizer indissociável desses fenômenos, que diz respeito a dominação, o poder e a exploração. Ou seja, o capitalismo. O que ocorre, no entanto, diz Mbembe é que “*uma certa inteligência*” teria se apressado e esforçado em atribuir a estes acontecimentos, “*significados canônicos*” dos quais ele ressalta três: “*a separação de si*” a “*desapropriação*” e a “*degradação*”. (p.144).

A desapropriação,

“[...] remeteria por um lado, a procedimentos de ordem jurídico econômica que teriam acarretado expropriação e desposseção material e, por outro, a uma singular experiência de sujeição, caracterizada pela falsificação de si pelo outro e em seguida o máximo estado de exterioridade e empobrecimento ontológico que daí decorreria” (Mbembe,2019,p.144)

Mas chega, vou sair do subsolo ou do porão do navio para anunciar que este texto poderia ser nomeado de **Ójó Awo**, um dos dias da semana iorubá, que significa “*sabedoria*”. Mas liberdade, é sempre um desejo forte em todo corpo negro e assim, um título mais apropriado talvez fosse: **Ójó Ògún**, “*luta pela sobrevivência*”, resistir. Para isso é preciso inventividade, Criação:

Ójó Obátàlá. E juntas, liberdade, sobrevivência e criação não têm melhor tradução do que justiça:

Ójó Jàkutá.

Quem pode ser negro?

O que é tornar-se negro (a), para além do: ser um corpo negro, diaspórico, que se põe e se mantém, a partir de um dado momento de sua trajetória, consciente e em permanente pensamento reflexivo sobre todos os males, interdições, violências e enquadramentos físicos e epistêmicos que incidem e interpelam o ser negro e mais do que isso, ao mesmo tempo, constrói estratégias de enfrentamento a estas violências, aproximando-se neste processo de resistência, daquilo que é “próprio” de sua cultura ancestral? Então é preciso ser um Super ~~homem~~? Um super humano? Para efetivamente então poder ser negro?

Não se pode criar uma escala de enquadramento do enegrecimento a partir da qual alguém de poder, sobretudo acadêmico, pode julgar o estágio em que se encontra um corpo negro em seu processo. Ou mesmo se existe essa tal coisa de processo de enegrecimento. Na verdade, há a vida vivida do corpo negro, pensada, refletida, sentida, ...

Ora, pensar pela ideia de um processo, sob uma ótica evolutiva, não se aproxima da ideia, hegeliana e kantiana, de uma ordem evolucionista do pensamento? Aquela, de uma menoridade, própria do oriente e da África, para uma maioria europeia, grega, romana e, finalmente, alemã (ariana) de qualquer sorte branqueada.

Como se desvencilhar totalmente de um modo, mais do que isso, de um modo de se constituir em vida tão entranhadamente impregnado pelo *Lugar* produzido pelo outro, europeu?

A própria língua, pela qual escrevo esta tese seria um “mau” exemplo disso?

Um elemento importante do empreendimento colonial foi a inferiorização do outro e difundir o que lhe faltaria a alguém então é uma prática colonial de dominação e espoliação, inclusive das vidas. Ora, então, não se pode de modo algum flertar com um modelo de escola, o que vale para a academia, que legitime um modo de ver pela falta ou pela interdição, o castigo, a menoridade e disseminação da culpa. Eu sinto culpa às vezes, por ser branqueado.

Disso, (da violência) já se ocuparam por demais ilustres senhores como Kant, Hegel, Hume, Voltaire, Montesquieu, Francis Galton, Gobineau, Batista Lacerda, e tantos outros.

Idealidade do tornar-se negro?

Não creio que seja necessário responder pois apenas ~~ensaie~~ o meu modo de tornar-me negro, como *acontecimento*.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. **A concepção iorubá da personalidade humana**. Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra. Paris, 1971. Publicado pelo Centre National de la Recherche Scientifique. Ed. N° 544. Paris, 1981. Tradução, notas e comentários: Luiz L. Marins, 2011

ALRØ, H; Skovsmose, (2004) O. ***Dialogue and Learning in Mathematics Education: Intention, Reflection, Critique***. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

ALVES, Luciana Pires; PÉREZ, Carmen Lucia Vidal. Linhas erráticas: cartografias de um outro modo de existir na (vida e) escola. **Childhood & Philosophy**, v. 14, n. 31, p. 575-594, 2018.

ANTUNES, Henrique Fernandes. Dos Censos à literatura acadêmica: os “sem religião” e o campo religioso brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 110, p. e3711006, 2022.

APPIAH, Kwame Anthony; RIBEIRO, Vera. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Contraponto Editora, 2020.

APPLE, M. W. **Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

ASANTE, M. KETI. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: Afrocentricidade: **Uma abordagem epistemológica inovadora**/ Elisa Larkin Nascimento(org.). São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4)

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-161243/>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. Editora Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. Editora Bertrand Brasil, 2020.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2021.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado. São Paulo: Paulus, 2012b.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade**, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. A Salvação dos endividados: Literatura de autoajuda financeira e subjetividade na hipermodernidade. 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Fenomenologia da literatura de auto-ajuda financeira e subjetividade. **Anais de Trabalhos Completos-XV Encontro Nacional da ABRAPSO**, 2009.

BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**; tradução, Maria Lúcia Machado- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. (1997).

BRAGA, Liliane Pereira et al. De Oyó-Ilé a Ilé-Yo: Xangô e o patrimônio civilizatório nagô na identidade de um rapper afrodescendente. 2007.

BRITTO, R. R. (2013). **Educação matemática & democracia: mídia e racismo**. *Actas del VII CIBEM* ISSN 2301-0797, p.3355-3362, Montevideo, Uruguai.

BRITTO, R. R., & Kistemann, M. A. (2014). **Sobre um processo de legitimação da educação financeira**: Desdobramentos de uma pesquisa documental. *Anais do IV EIEMAT*. Santa Maria. Disponível em: [CC-Britto_Reginaldo.pdf \(ufsm.br\)](https://www.ufsm.br/CC-Britto_Reginaldo.pdf) Acesso em : 23/10/2023.

BRITTO, R. R.; Kistemann, Marco Aurélio; (2013). **Educação financeira & financeirização do capital**. En SEMUR, Sociedad de Educación Matemática Uruguay (Ed.), **VII Congreso Iberoamericano de Educación Matemática** (pp. 7246-7253). Montevideo, Uruguay: SEMUR Disponível em: [Britto2013Educação.pdf \(uniandes.edu.co\)](https://www.uniandes.edu.co/Britto2013Educação.pdf) Acesso em : 23/10/2023

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, 296p.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do outro como não-Ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO NETO, José Pedro de; FERREIRA, Élide Paulina. Tradução, promessa e dívida com Jacques Derrida. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 62, p. 363-375, 2023.

CHENIAUX, Elie **Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica**. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* [online]. 2006, v. 28, n. 2 [Acessado 6 Setembro 2022], pp. 169-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200009>>.Epub 16 Nov. 2006. ISSN 0101-8108. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200009>.

CHIAVENATO, Julio José. **O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai.** (2ª ed. São Paulo: 1989), p.194.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula / Mia Couto.* — 1a ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica. (2001).

DA FONSECA, Márcio Alves. O “dito” E o “escrito”. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 21, n. 28, p. 73-77, 2009.

DALE ROGER . GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: DEMONSTRANDO A EXISTÊNCIA DE UMA "CULTURA EDUCACIONAL MUNDIAL COMUM" OU LOCALIZANDO UMA "AGENDA GLOBALMENTE ESTRUTURADA PARA A EDUCAÇÃO"?. *Educação & Sociedade* [en línea]. 2004, 25(87), 423-460[fecha de Consulta 23 de Diciembre de 2024]. ISSN: 0101-7330. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314215007>

DARDEAU, Denise. Jaques Derrida: da linguagem à escritura, da escritura como transbordamento. *Revista Ensaios Filosóficos*, v.3, p.52-64,2011.

DE AZEVEDO, Edeílson Matias. Joaquim Silvério dos Reis: subjetividades e sentimentos na conspiração. Disponível em : https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_b4082521bf25f84fef8d49fb14488af9.pdf Acesso em 18/12/2022.

de Oliveira, Bruna Tostes. **Residir escola, nomadizar arte** / Bruna Tostes de Oliveira. -- 2022. 153 f. : il. Orientador: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142> Acesso em 26/12/2024

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.* V. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS);

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs.v.2. - capitalismo e esquizofrenia* / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.* V.5. Ed. 34, São Paulo, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Posições.** Autêntica Editora, 2001.

DIJK, **Discurso e contexto**: uma abordagem sócio cognitiva. Teun A. van Dijk; tradutor Rodolfo Ilari. – 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

DIJK, T. A. Van. **Discurso e Poder**. Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. -São Paulo: Contexto. (2008)

DIWAN, Pietra (2007): **Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto.

DOMINGUES, P. J. **Uma História Não Contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac São Paulo. (2004).

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt /Enrique Dussel; tradução Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008,194p.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado. **Das Questões**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2016. DOI: 10.26512/dasquestoes.v4i1.16208. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/16208>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. **Ditos e Escritos III**: Estética, Literatura e Pintura. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.264-298

FRANKENSTEIN, M., Powell, A. B. (1997). **Ethnomathematics: challenging eurocentrismo in mathematics education**/ edited by Arthur B. Powell and Marilyn Frankenstein.

FREIRE, P.; Guimarães, S. (2011) **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra.

FRIAS, Rodrigo Ribeiro. Metamorfoses identitárias de lideranças religiosas não iorubás inspiradas no convívio com lideranças religiosas iorubás. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.47.2019.tde-19072019-153237. Acesso em: 10/09/2024. Disponível em: [Metamorfoses identitárias de lideranças religiosas não iorubás inspiradas no convívio... \(usp.br\)](#)

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços 9. ed. **Porto Alegre: L&PM**, 2002.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L&PM Editores, 2010.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2012 (2ª Edição). 432 p.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

GUTSTEIN, E. (2006). **Reading and writing the world with mathematics: toward a pedagogy for a social justice**. New York: Routledge.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. / David Harvey; tradução de João Alexandre Peschanski. – São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

IAZZETTA, Osvaldo. Liberdade e regulação em uma sociedade de mercado: semelhanças de família em Durkheim e Polanyi. In: **Intelectuais do antiliberalismo: alternativas à modernidade capitalista**. / p.148 Flávio Limonic e Francisco Carlos Palomanes Martinho, organizadores. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2010.

JÚNIOR, Henrique Costa. **Afroetnomatemática**, África e Afrodescendência. **Revista Temas em Educação. João Pessoa, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba**, v. 13, n. 01, p. 83-95, 2004.

KANT, Emmanuel. Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: São Paulo: Papirus, 1993

LINS, Romulo Campos. Matemática, monstros, significados e educação matemática. **Educação matemática: pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez**, p. 92-120, 2004.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. Editora Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela/ Leda Maria Martins. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.; 21 cm (Encruzilhada).

Marx, Karl, 1818-1883. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte** / Karl Marx; [tradução e notas Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse]. - São Paulo: Boitempo, 2011. (Coleção Marx-Engels). Disponível em: [O 18 de brumário de Luís Bonaparte \(usp.br\)](http://www.usp.br/~o18debrumario/). Acesso em: 17/09/2024

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**/ Achille Mbembe; traduzido por Sebastião Nascimento. – São Paulo: n-1 edições, 2018. 320p.; 14cm x 21 cm

_____. **Políticas da Inimizade**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017, 250p.

_____. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Editora Vozes, 2019.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Como alguém se torna o que é; Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 2ª ed.; 3ª reimpressão.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou zarathustra**: um livro para todos e para ninguém / Friedrich Nietzsche; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Humano, Demasiado Humano. Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000 (Vol. I) e 2008 (Vol. II).

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. / Renato Nogueira. – Rio de Janeiro :Haper Collins Brasil, 2020. 208 p.:il.

NORMAN, FAIRCLOUGH. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

BENTHAM, J. O panóptico / Jeremy Bentham... [et al.]; organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. -- 2. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade**. Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. Fortaleza: Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. UFC. 2005.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil**: Elementos para uma filosofia afro descente. 3 ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, M. E. de. Palavra de Ordem em Aula de Matemática: o erro e a besteira. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, [s.l.], v. 31, n. 58, p.629-641, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO).

Pensamento social no Brasil, por Giralda Seyferth: notas de aula. / Organização: Joana Bahia, Renata Menasche e Maria Catarina Chitolina Zanini. – Porto Alegre: Letra&Vida, 2015.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. / Edimilson de Almeida Pereira, Núbia Pereira de magalhães Gomes. - Belo Horizonte:Mazza Edições, Editora PucMinas,2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Reencantamento e dessecularização**: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 49, p. 99-119, nov. 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 13, p. 43-73, 1998.

PIKETTY, Thomas O capital no século XXI / Thomas Piketty; tradução Monica Baumgarten de Bolle. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Elsevier Brasil , 2013.

POWELL, Arthur B.; FRANKENSTEIN, Marilyn (Ed.). **Ethnomathematics: Challenging Eurocentrism in mathematics education**. Suny Press, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. Companhia das Letras, 2020.

PURIFICAÇÃO, T. T. da; **Educação Financeira numa perspectiva antirracista: interpelando projetos hegemônicos de poder a partir de movimentos de auto-organização financeira negra.** Tese de mestrado. Educação Matemática. UFRJ. Rio de Janeiro. 2022.

RIBEIRO, Ronilda Yakemi. **Alma Africana no Brasil: os Iorubás.** São Paulo: Oduduwa, 1996.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista.** Psicologia & Sociedade [online]. 2014, v. 26, n. 1 [Acessado 7 Setembro 2022], pp. 44-52. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>>. Epub 06 Maio 2014. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Mórula editorial, 2019.

SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva. Lira dissonante: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa. 2009.

SEYFERTH, G. (1995). **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos.** *Anuário antropológico*, 18(1), 175-203.

SILVA, Denise Ferreira da. **A Dívida impagável: Uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo/Denise Ferreira da Silva.** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária / Paul Singer** – 1ª ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SKIDMORE, T.E. (2012). **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930).** São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.

SKOVSMOSE, O. (2000). **Cenários para investigação.** Bolema, Rio Claro, v.13, n. 14., p. 66-91.

_____. **Desafio da reflexão em educação matemática crítica.** Tradução: Orlando Andrade Figueiredo, Jonei Cerqueira Barbosa – Campinas, SP: Papirus. (2008).

_____. **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia.** Campinas/SP: Papirus. (2001).

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Discriminação de gênero e de raça no mercado de trabalho.** 2000. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5729/1/bmt_n.13_discrimina%C3%A7%C3%A3o_de_g%C3%A9nero_e_de_ra%C3%A7a_no_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em 18/05/2022.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô.** Editora Vozes Limitada, 2017.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro.** 2008.

VERGER, P. F. **Noção de pessoa e linhagem familiar entre os iorubás**. In: Moura, C. E. M. (Org.). Saída de Iaô. Cinco ensaios sobre a religião dos orixás. Pierre Verger. Salvador: Fundação Pierre Verger, Axis Mundi, 2002. Disponível em: [Nocao de Pessoa e Linhagem Familiar entre os Iorubas](#) Acesso em : 27/12/2024.

WEBER, Max. 1864-1920. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** / Max Weber; tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZASLOVSKY, Claudia. **“HowAfricancount” in: Africancounts, numbers and patterns in Africa culture**. S.l.: Prindle Weber and Smith, 1973. p. 39-51.